

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**ELIANA GASPARINI XERRI**

**DA UNIVERSIDADE DA SERRA À UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL/RS  
(1950 - 2002)  
O PENSAR E O CONSTRUIR DA UNIVERSIDADE NA SERRA GAÚCHA**

**Porto Alegre**

**2012**

**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-Graduação em Educação**

**Eliana Gasparini Xerri**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora Orientadora Profa. Dra. Maria Helena Câmara Bastos.

Porto Alegre  
Janeiro de 2012

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

X6d Xerri, Eliana Gasparini

Da Universidade da Serra à Universidade de Caxias do Sul/RS  
(1955 – 2002) : o Pensar e o Construir da Universidade na Serra  
Gaúcha / Eliana Gasparini Xerri. - 2012.  
312 f.: il.; 30 cm.

Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012.

Apresenta bibliografia.

“Orientação: Profa. Dra. Maria Helena Câmara Bastos.”

## Índice para o catálogo sistemático:

- |  |                   |
|--|-------------------|
| 1. Ensino superior - História - Serra Gaúcha | 378.4(816.5)(091) |
| 2. Universidade de Caxias do Sul - História  | 378.4(816.5)UCS   |
| 3. Universidade - Regionalização             | 378.4(816.5)UCS   |

**Catálogo na fonte elaborada pelo bibliotecário**

**Marcos Leandro Freitas Hübner – CRB 10/ 1253**

**ELIANA GASPARINI XERRI**

**Banca Examinadora da Tese**

Profa. Dra. Maria Helena Câmara Bastos  
Orientadora – PUCRS

Profa. Dra. Miriam Pires Correa Lacerda  
PUCRS

Prof. Dr. Norberto Dallabrida  
UDESC

Profa. Dra. Nilva Lúcia Rech Stedile  
UCS

Profa. Dra. Solange Maria Longhi  
UPF

*"O conhecimento por amor ao conhecimento."*  
F. Nietzsche

*Aos que significam meu viver: Paulo, Salvatore, Bibiana.*

## **Agradeço...**

... aos meus pais, Azenor (em memória) e Ighes, com os quais aprendi a ser persistente, a valorizar a família, a amar.

... ao meu companheiro Paulo, pela paciência e carinho em me ouvir, solidarizar-se e estimular nesta caminhada. A sabedoria em compreender as angústias e o carinho sem o qual não teria sido possível a realização desse trabalho.

... ao Salvatore, meu filho, amigo e ajudante nesta jornada, o carinho e a juventude me fizeram continuar sempre.

... à Bibiana, minha filha, com sabedoria adolescente foi capaz de mostrar a serenidade necessária para perseverar. O amor presente mostrou o desprendimento necessário para compreender minha ausência.

... a minha irmã do cotidiano, Luciane Ferreira, que com sua sabedoria de educadora, leu pacientemente esse trabalho. Foi mais do que uma colega, uma verdadeira amiga.

... aos alunos e colegas que compreenderam a importância dessa etapa e representam estímulo para estudar sempre.

... à minha orientadora Maria Helena Câmara Bastos que foi muito mais do que orientadora. Pelas conversas sobre o estudo e a vida, pela paciência e consideração nos momentos mais difíceis, pelo empenho em ler, apontar, instigar novos estudos. Pelo incentivo dado sem o qual nada disso seria possível. Pela amizade que desenvolveu e pelo olhar compreensivo e ao mesmo tempo severo, de quem possui responsabilidade, ética e comprometimento com a educação.

... à CAPES, pela bolsa parcial que possibilitou os estudos.

... à Universidade de Caxias do Sul pela disponibilização dos documentos. Em especial à Ângela do CEDOC que atenciosamente disponibilizava os documentos, e, à Pró – Reitoria Acadêmica ao disponibilizar os dados recentes da Universidade.

... aos professores Jayme Paviani e José Clemente Pozenato pelas entrevistas concedidas e o conhecimento socializado.

... às professoras Nilva Stedile e Solange Longhi por terem aceito participar da banca de qualificação e da banca de defesa. Seus apontamentos, leituras

críticas, conhecimento sobre a universidade comunitária e suas práticas como educadoras e pesquisadoras, serviram de inspiração.

...à professora Miriam Pires Correa Lacerda e ao professor Norberto Dallabrida por terem aceitado participar da banca de defesa.

... à PUCRS, seus professores e funcionários que com presteza e desprendimento significaram esta etapa de formação.

## RESUMO

O estudo analisa a história da Universidade de Caxias do Sul, localizada no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1950, década de criação dos primeiros cursos superiores na cidade de Caxias do Sul, e 2002, final da gestão que marcou a regionalização da Universidade. A história da Universidade de Caxias do Sul, associada a do ensino superior no Brasil, aqui construída, foi possível através da coleta, seleção e análise de documentos, de relatos orais, de periódicos que guardam aspectos da memória e da história da Instituição, da região e do País. Os documentos depositados no CEDOC/UCS e os disponibilizados pela Pró-Reitoria Acadêmica são utilizados como fonte de pesquisa, assim como a bibliografia concernente ao ensino superior no Brasil, à cidade de Caxias do Sul e à região. As entrevistas com os professores Jayme Paviani e José Clemente Pozenato, como representantes do grupo de professores que, desde a criação da Universidade, em 1967, ajudaram a elaborar e construir a mesma; significaram a memória da Universidade a partir de suas percepções pessoais sobre o tema. Através da pesquisa em periódicos da região foi possível estabelecer diálogos com a sociedade e perceber aspectos da política, economia e cultura. A Revista CHRONOS foi utilizada como fonte interpretativa do pensar a Universidade de Caxias do Sul, no período de 1967 e 2007, anos de publicação do primeiro e último volume, acompanhando o contexto de criação, consolidação e crises da universidade. O estudo reflete sobre a universidade comunitária e regional, no interior do Estado do Rio Grande do Sul, tendo sido a primeira universidade na região serrana, cujo modelo retoma a necessidade de refletir sobre as diversas modalidades do ensino superior brasileiro e sua importância nos variados contextos. O trabalho se insere nos estudos da História Cultural dialogando com a História da Educação, relacionado à micro-história, quando considera uma instituição e, ao mesmo tempo, da macro-história quando relacionado ao ensino superior presente no Brasil e no mundo. O referencial teórico da pesquisa qualitativa e a possibilidade de maior flexibilidade do estudo interdisciplinar onde história e educação, ensino superior e sociedade regional, se entrecruzam, constituíram o trabalho. A pesquisa apontou que a história da Universidade de Caxias do Sul está inserida no contexto econômico, social, cultural do país e da

região serrana do Rio Grande do Sul, cujas características regional e comunitária permitiram e permitem que a Instituição desenvolva atividades de ensino, pesquisa e extensão com o olhar globalizado e com raízes regionais. O trabalho não traz uma verdade inequívoca, mas problematiza o presente e o futuro da Universidade de Caxias do Sul na região, como Instituição de Ensino Superior, que estabelece com a comunidade diálogos permanentes em um contexto de formas diversas de IES e que contou, desde o início, com coletivos da comunidade interna, professores do grupo pensante, e externa: Igreja Católica, Grupo Hospital Nossa Senhora de Fátima, Irmãs da Ordem de São José, Prefeitura de Caxias do Sul, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Governo Federal, empresários em seu processo de consolidação e que permitiram a sua configuração como uma das maiores IES do Estado.

**Palavras-chave:** Universidade de Caxias do Sul, regionalização, comunitária, ensino superior, universidade, educação superior.

## ABSTRACT

This study analyzes the history of Universidade de Caxias do Sul, located at Rio Grande do Sul, between the years of 1950, decade of the creation of the first higher education classes on the city of Caxias do Sul, and 2002, end of the management characterized by the regionalization of the university. The history of the Universidade de Caxias do Sul associate at the higher education in the Brazil, here constructed, was possible through of search, selection and analysis of documents, oral speaks, periodic that saves aspects of memory and the history of Institution, of region, and country. The documents stored at CEDOC/UCS and those given by the Pró-Reitoria Acadêmica are used as source of research, as well as the bibliography relative to the high education in Brazil, in Caxias do Sul and in the region. The study used interviews with professors Jayme Paviani and José Clemente Pozenato, as representatives of the researchers group that, since the university creation, in 1967, helped to think and build it. Using the newspapers, it was possible to establish dialogues with the regional society and understand aspects of the politics, economy and culture. The Revista CHRONOS, used as interpretative source of the thinking and building of the Universidade de Caxias do Sul, between 1967, when the first edition was published and 2007, when the last one was, following the context of creation, consolidation and crisis of the university. The study reflects over the community and regional university, in the interior of Rio Grande do Sul, having been the first university in the mountains region, with a pattern reminds of the need of reflect over the many kinds of the high education in Brazil and its importance on the many contexts and scenarios. The work is part of Cultural History in studies in dialogue with the History of Education, related to micro-history, when one considers the institution and at the same time, the macro-history as it relates to higher education presence in Brazil and worldwide. The theoretical framework of qualitative research and the possibility of greater flexibility of the interdisciplinary study where history and education, higher education and regional society, intersect, constituted the work. The research pointes that the history of the University of Caxias do Sul is inserted on the economic, social, cultural context of the country and mountain region of Rio Grande do Sul, whose characteristics allow regional and community and allow the

institution to develop teaching, research and extension with the look globalized and regional roots. The work does not provide an unequivocal truth, but problematizes the present and the future of the University of Caxias do Sul in the region, as an Institution of Higher Education, establishing permanent dialogue with the community in a context of different forms of IES and has, since the beginning with the internal community's collective, teachers of core thinking, and external: the Catholic Church, Group Our Lady of Fatima Hospital, Sisters of the order of St. Joseph, city of Caxias do Sul, State Government of Rio Grande do Sul, Federal Government, entrepreneurs in the process of consolidation and that allowed its configuration as one of largest IES in the State.

Key-words: Universidade de Caxias do Sul, regional, community, high education, education

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - IES nas cidades onde há Núcleos e Campi da UCS .....	25
Quadro 2 - Composição Conselho Diretor FUCS/2011 .....	45
Quadro 3 - Unidades Universitárias/UCS .....	47
Quadro 4 - Quantidade e NPs/NIDs da UCS no 1º semestre de 2011 .....	50
Quadro 5 - Universidades Brasileiras (1945–1964) .....	63
Quadro 6 - Expansão do Ensino Superior (1889-1964) .....	64
Quadro 7 - Número e porcentual de estabelecimentos de ensino superior privado e matrículas no período .....	68
Quadro 8 - Matrículas no Ensino Superior Privado (1964-1984) .....	81
Quadro 9 - Universidades no Rio Grande do Sul até 1970 .....	86
Quadro 10 - Ano e local de instalação de cursos de graduação/UCS (1960-1986) .....	90
Quadro 11 - Ensino Superior Rio Grande do Sul (1994–2004) .....	91
Quadro 12 - Número de escolas e categorias na Diocese de Caxias do Sul/1959 .....	99
Quadro 13 - Número de escolas, categoria e cursos em Caxias do Sul/1959 .....	99
Quadro 14 - PIB Caxias do Sul (1999–2008) .....	103
Quadro 15 - Aulas e Escolas particulares em Caxias do Sul até 1950 .....	109
Quadro 16 - Instrução Pública em Caxias do Sul (1910–1954) .....	119
Quadro 17- Curso com o ano de criação e número de matrículas no primeiro semestre dos anos indicados .....	128
Quadro 18 - Cursos atuais originários da Escola de Belas Artes .....	130
Quadro 19 - Matrículas no curso de Enfermagem .....	138
Quadro 20 - Cursos, data de criação e matrículas nos primeiros semestres (1962–1996) .....	146
Quadro 21 - Matrículas 2010/Cursos oriundos das Faculdades de Economia e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras .....	147
Quadro 22 - Matriculados e concluintes no período de 1960 a 1970. Matriculados no primeiro semestre dos anos: 1972-1996 .....	152
Quadro 23 - Matrículas no Curso de Direito (2010) .....	154
Quadro 24 - Membros do Conselho Pró-Faculdades de Caxias do Sul .....	157

Quadro 25 - Dados Estatísticos/Caxias do Sul (1960) .....	162
Quadro 26 - Faculdades e Institutos da UCS (1966 – 1973) .....	165
Quadro 27 - UCS: desenvolvimento (1967-1971) .....	167
Quadro 28 - Centros, Departamentos, Chefias e Sub Chefias da UCS/1978	183
Quadro 29 - Administração Acadêmica (1980) .....	190
Quadro 30 - Administração Acadêmica (1982–1986) .....	190
Quadro 31 - Ano e local de instalação de cursos/UCS (1960-1986) .....	192
Quadro 32 - Cursos EAD/UCS – Terra de Areia .....	205
Quadro 33 - Cursos EAD/UCS – São Marcos .....	205
Quadro 34 - Cursos EAD/UCS – Montenegro .....	205
Quadro 35 - Cursos EAD/UCS – Antônio Prado .....	205
Quadro 36 - Cursos EAD/UCS – Porto Alegre ..	206
Quadro 37 - Alunos matriculados de outros municípios e Estados .....	210
Quadro 38 - Matrículas nos Campi e Núcleos da UCS (2010) .....	214
Quadro 39 - Municípios e população nas cidades onde há Campi e Núcleos da UCS .....	215
Quadro 40 – Instituições de Ensino Superior Comunitárias/Brasil .....	221
Quadro 41 – Universidades Comunitárias do RS (2011) .....	222
Quadro 42 - Professores Jayme Paviani e José Clemente Pozenato na Revista CHRONOS (1967–2007) .....	234
Quadro 43 – Revista CHRONOS: volumes, ano, filiação .....	238

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da área de abrangência da UCS .....	24
Figura 2 - Mapa RS: cidades com universidades/RS até 1970 .....	85
Figura 3 - Área de atuação da Diocese de Caxias do Sul .....	117
Figura 4 - Antigo prédio onde funcionou a Escola Municipal de Belas Artes, em seu lugar foi construída a Casa de Cultura .....	125
Figura 5 - Prédio em que funcionou a Escola de Enfermagem .....	133
Figura 6 - Hospital Escola .....	135
Figura 7 - Sala de aula prática .....	135
Figura 8 - Biblioteca utilizada pelas alunas .....	136
Figura 9 - Sala de aula prática .....	137
Figura 10 - Monumento na Cidade Universitária .....	155
Figura 11 - Solenidade de instalação da UCS ocorrida na Casa Canônica em 10.02.1967 .....	161
Figura 12 - Panfleto dos Estudantes/Greve 1986 .....	196
Figura 13 - Mapa das interfaces da UCS com a região da área de abrangência .....	208
Figura 14 - Apresentação da capa e contracapa do Volume 1/Revista CHRONOS .....	244

**LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Variação Demográfica de Caxias do Sul (1970-2010) .....	102
---	-----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ABRUC** - Associação Brasileira das Universidades Comunitárias  
**ADEP** - Ação Democrática Popular  
**ADUCS** - Associação dos Docentes da Universidade de Caxias do Sul  
**AFUCS** - Associação dos Funcionários da Universidade de Caxias do Sul  
**BICE** - Biblioteca Central  
**CAMVA** - Campus de Vacaria  
**CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior  
**CARVI** - Campus Universitário da Região dos Vinhedos  
**CASTELLI ESH** - Castelli Escola Superior de Hotelaria  
**CCBS** - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde  
**CCET** - Centro de Ciências Exatas e Tecnologia  
**CCHA** - Centro de Ciências Humanas e Artes  
**CCSA** - Centro de Ciências Sociais Aplicadas  
**CEDOC/UCS** - Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul  
**CEFE** - Centro de Filosofia e da Educação  
**CESF** - Centro de Ensino Superior Cenequista de Farroupilha  
**CETEC** - Centro Tecnológico Universidade de Caxias do Sul  
**CETEL** - Centro de Teledifusão Educativa de Caxias do Sul  
**CFE** - Conselho Federal de Educação  
**CIC** - Câmara da Indústria e Comércio  
**COMUG** - Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúcha  
**CNPq** - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
**CONSUNI** - Conselho Universitário  
**CPC** - Centro Popular de Cultura  
**CTI** - Comando dos Trabalhadores Intelectuais  
**DCE** - Diretório Central dos Estudantes  
**EAD** - Ensino à Distância  
**EAPS** - Equipe de Assessoria ao Planejamento do Ensino Superior  
**ESG** - Escola Superior de Guerra  
**FAACS** - Faculdade Anglo-Americano de Caxias do Sul  
**Faculdade IEN** - Faculdade do Instituto de Educação de Negócios

**Faculdade Fátima** – Faculdade Nossa Senhora de Fátima  
**FACEB** - Faculdade Cenecista de Bento Gonçalves  
**FACS** - Faculdade Anhanguera de Caxias do Sul  
**FAI** - Faculdade dos Imigrantes  
**FINEP** - Financiadora de Estudos e Projetos  
**FSG** - Faculdade da Serra Gaúcha  
**FTC** - Faculdade de Tecnologia de Caxias do Sul  
**FETEC/ Bento** - Faculdade de Tecnologia TecBrasil/Unidade Bento Gonçalves  
**FIES** - Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino superior  
**FTEC Brasil** - Faculdade de Tecnologia TEC Brasil  
**FTSG** - Faculdade de Tecnologia da Serra Gaúcha/ Caxias do Sul  
**FUCS** - Fundação Universidade de Caxias do Sul  
**IAM** - Instituto de Administração Municipal  
**IBAD** - Instituto Brasileiro de Ação Democrática  
**IES** - Instituições de Ensino Superior  
**IFRS** - Instituto Federal de Educação, ciência e Tecnologia do rio Grande do Sul  
**IPEA** - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada  
**IPES** - Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais  
**ISEB** - Instituto Superior de Estudos Brasileiros  
**LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação  
**MBA** - Master of Business Administration  
**MEC** - Ministério da Educação e Cultura  
**MEC-USAID** - Ministério da Educação e Cultura - Agência Norte Americana para o Desenvolvimento Internacional  
**NEAD** - Núcleo de educação à Distância  
**NID** - Núcleo de Inovação e Desenvolvimento  
**NP** - Núcleo de Pesquisa  
**NUCAN** - Núcleo Universitário de Canela  
**NUFAR** - Núcleo Universitário de Farroupilha  
**NUGUA** - Núcleo Universitário de Guaporé  
**NUPRA** - Núcleo Universitário de Nova Prata  
**NVALE** - Núcleo Universitário do Vale do Caí  
**NUVER** - Núcleo Universitário de Veranópolis

**PAC** - Programa de Aceleração do Crescimento  
**PAEG** - Plano de Ação Econômica do Governo  
**PFL** - Partido da Frente Liberal  
**PMDB** - Partido do Movimento Democrático Brasileiro  
**PROUNI** - Programa Universidade para Todos  
**PUCRS** - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
**RCI** - Região de Colonização Italiana  
**REGESD** - Rede Gaúcha de Ensino à Distância  
**REUNI** - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais  
**SENAI** - Serviço Nacional da Indústria  
**UB** - Universidade do Brasil  
**UCS** - Universidade de Caxias do Sul  
**UFPEL** - Universidade Federal de Pelotas  
**UFRGS** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
**UFSM** - Universidade Federal de Santa Maria  
**UnB** - Universidade de Brasília  
**UNE** - União Nacional de Estudantes  
**UNISINOS** - Universidade do Rio dos Sinos  
**UPF** - Universidade de Passo Fundo  
**URCAMP** - Universidade da Região da Campanha

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>21</b>
Contextualizando o Objeto de Estudo .....	21
Aportes Teóricos e Metodológicos .....	33
<b>CAPÍTULO 1 – CAMINHOS DA UNIVERSIDADE NO BRASIL .....</b>	<b>53</b>
1.1 Percursos da Universidade Brasileira (1930-1964) .....	58
1.2 Educação Superior Brasileira no período de 1964-2002 .....	71
<b>CAPÍTULO 2 – A SERRA GAÚCHA E A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL .....</b>	<b>96</b>
2.1 Cidade e Educação .....	101
2.1.2 Igreja Católica e Educação .....	105
2.1.2 Estado e Educação .....	119
2.2 Uma incursão aos primeiros cursos de Ensino Superior de Caxias do Sul .....	124
2.2.1 Escola de Belas Artes de Caxias do Sul (1949) – Prefeitura Municipal de Caxias do Sul .....	124
2.2.2 Escola de Enfermagem Madre Justina Inês (1957) – Sociedade Caritativo Literária de São José .....	132
2.2.3 Faculdade de Ciências Econômicas (1959) e a Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul (1960) – Mitra Diocesana de Caxias do Sul ..	140
2.2.4 Faculdade de Direito (1960) – Sociedade Hospitalar Nossa Senhora de Fátima .....	149
<b>CAPÍTULO 3 – “Pés na região e olhos no mundo” – A UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL/RS .....</b>	<b>156</b>
3.1 Fundação Universidade de Caxias do Sul e o novo perfil da UCS .	197
3.2 A paralisação de 1986 e a UCS nas décadas posteriores .....	194
3.3 Regional e Comunitária .....	206
<b>CAPÍTULO 4 – Revista CHRONOS – EXPRESSÃO DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DOM SUL .....</b>	<b>230</b>
4.1 A Universidade nas páginas da CHRONOS (1967-2002), olhares que se complementam .....	250
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>273</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>280</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>292</b>

## INTRODUÇÃO

### Contextualizando o Objeto de Estudo

Nesta introdução, tenho como objetivo, num primeiro momento, definir o objeto de estudo desta tese, demonstrando como foi concebido, através de considerações sobre o ensino superior brasileiro, sobretudo das universidades e, neste estudo, a Universidade de Caxias do Sul, por ser a primeira da Serra Gaúcha que se configura como comunitária e regional. Num segundo momento, tratarei das questões teóricas e metodológicas da realização do trabalho, o qual se insere na revisão bibliográfica, entrevistas semi-estruturadas, análise documental, incluindo periódicos. A seguir, apresentarei dados recentes sobre a Universidade de Caxias do Sul (UCS), viabilizando entendimento sobre o objeto em estudo.

Minha inserção neste contexto se dá através de caminhos percorridos pela região, seja como professora da UCS, seja como nascida em um pequeno município da Região. Tomo a imagem de caminhos, pois esses possuem significados vários, dentre os quais: estradas propriamente ditas, desvios que encurtam ou prolongam o percurso, caminhos subjetivos, imaginários percorridos por ideais, fisicamente caminhados, atingidos ou por se constituírem. Assim como a Educação.

Retomo os caminhos da infância em uma pequena cidade da Serra Gaúcha, Nova Prata, em uma região marcada pela influência da imigração europeia, sobretudo a italiana; infância acentuada pela simplicidade da vida familiar e pela escuta constante das frases repetidas inúmeras vezes por meus pais (nem detentores de tradição familiar, através do sobrenome; nem de bens materiais) de que legariam a mim e minha irmã a maior das riquezas, a educação. Logo, a perspectiva da Educação e a marca da região são paisagens permanentes destes caminhos.

Iniciada em escola particular de Irmãs da Ordem do Sagrado Coração de Maria, Colégio Nossa Senhora Aparecida, o ambiente escolar, ora apaixonante e ora monótono, levou à conclusão da oitava série que foi marcada pela dúvida: o

que farei agora? Sem muitas alternativas, fui enviada ao Magistério, sob protestos inicialmente, pois não desejava ser professora. Concluída mais essa etapa, após a realização do estágio em uma escolinha estadual do interior do município, e já cursando o primeiro semestre do curso de História na UCS, a opção em poder continuar estudando pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), morar na Casa do Estudante, participar da militância estudantil, permitiu novos olhares sobre a importância da educação, principalmente da História.

A vida estudantil, associada a esses olhares e outras perspectivas, levou-me ao caminho das leis, cursando paralelamente Direito, o qual logo foi abandonado, pois percebi que a História é que me seduzia, principalmente quando passei a ser bolsista no projeto de pesquisa da professora Beatriz Ana Loner sobre a História da Universidade Federal de Pelotas, estrada que se tornou caminho para outros, com a minha conclusão da graduação e transferência para Cascavel/PR.

Outros caminhos, novas curvas, e a atuação como professora de quinta série do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio me fizeram perceber que isso não bastava. Decisão tomada, 13 horas de ônibus entre Cascavel e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), permitiram-me o mestrado em História do Brasil, com um tema que me aproximou da raiz operária de meu pai e dos desejos libertários do início do século. Com a dissertação “Uma Incursão ao Movimento Operário de Rio Grande no início do Século XX” sob a orientação do Professor Doutor René Ernaini Gertz; tornei-me mestre em janeiro de 1996.

Mestre e retornando para Nova Prata, o nascimento dos filhos, a atuação como professora na Escola Nossa Senhora Aparecida, levaram a outras paisagens, agora também na Universidade de Caxias do Sul.

As viagens entre Nova Prata e alguns municípios da região, para poder atuar como professora regional da UCS (Veranópolis, Bento Gonçalves, Farroupilha, Caxias do Sul, Vacaria) levou-me a optar por ser apenas professora desta Instituição e não mais do ensino fundamental e médio. Desde 1996, muitos quilômetros foram rodados e nestas longas jornadas, nas conversas com alunos e com colegas, fortaleceu-se a necessidade de buscar mais, de percorrer mais quilômetros, de sentir novas curvas e de relaxar satisfatoriamente nas retas, daí a

busca pelo doutoramento, não mais em História, mas em Educação. A PUCRS me possibilita a busca de novos caminhos na História da Educação.

Ser historiadora, trabalhar com as disciplinas: Estágios em História, Universidade e Sociedade, e, principalmente, com a disciplina de História do Brasil II (Império e Primeira República) e História do Brasil III, que corresponde ao Brasil recente (1930 até os dias atuais), permite refletir, sobretudo com os alunos do curso de História, sobre temas do tempo presente, ou sobre os quais os alunos possuem pouca afinidade. Assim, debates instigantes sobre política, economia, sociedade, cultura e educação, se instauram, uma vez que o curso é de licenciatura.

A associação entre a educação, sobretudo como educadora, a região e a busca por maior compreensão sobre a Universidade em que trabalho e que atende a uma comunidade regional significativa, tendo alunos que percorrem diariamente mais de 120 km para poder estudar, são paisagens permanentes e me levam a percorrer este estudo.

Muitos são os caminhos que interligam os Núcleos Universitários, os Campi e a Cidade Universitária em Caxias do Sul. Percorrê-los pode simbolizar apenas caminhar por estradas, mas percorrer caminhos significa, neste momento, refletir sobre o percurso até então desenvolvido e que leva a busca de outros entendimentos sobre o ensino superior brasileiro.

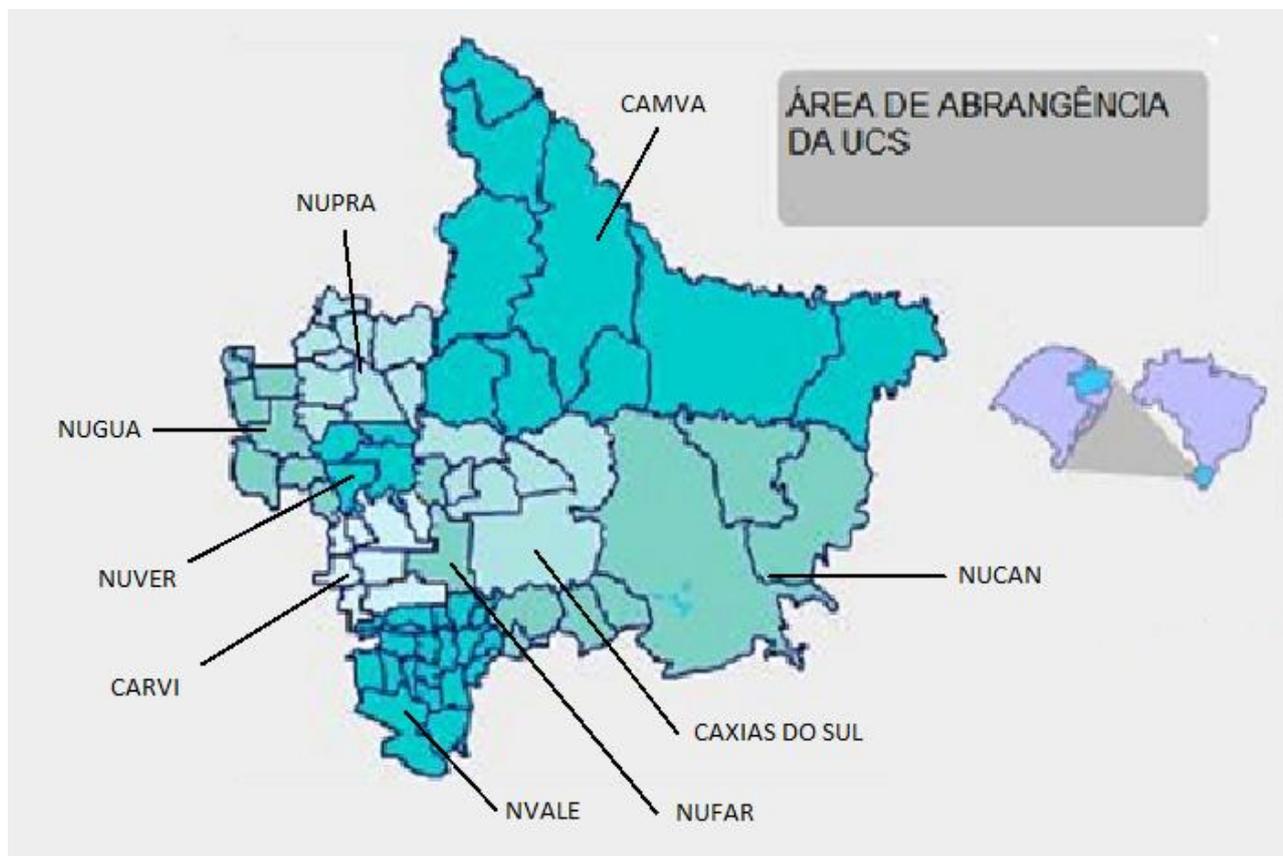
O tema ensino superior no Brasil está permeado por desafios a serem desbravados e por caminhos marcados pela dificuldade de acesso a este nível de ensino. Está relacionado, também, à realidade histórica de constituição destas instituições e vinculado diretamente ao processo de formação política, econômica, cultural e social do País. Se, por um lado, é um tema sobre o qual muito se tem a desvendar, também é importante salientar que a realidade do ensino superior brasileiro não obedece a uma formatação única, e que, portanto, não é coerente tratar o ensino superior brasileiro e as universidades como uma única formatação. O Instituto Nacional Estudos e Pesquisas (INEP) categoriza as Instituições de Ensino Superior (IES) segundo a sua organização acadêmica em: faculdades, centros universitários e universidades. Como categoria administrativa, as IES podem ser: públicas: federal, estadual, municipal; ou privadas: particular, comunitária/confessional/filantrópica. Logo, refletir sobre o ensino superior

brasileiro é ter presente a diversidade destas instituições relacionadas com o tempo histórico e o espaço de atuação.

Os anos de 1950 e 1960 marcaram a expansão do ensino superior brasileiro, sobretudo das instituições privadas. O presente estudo debruça-se sobre uma delas. A Universidade de Caxias do Sul (UCS), localizada na cidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, com Núcleos e Campi em cidades da região, foi a primeira universidade da Serra Gaúcha e que, desde sua fundação em 1967, representou, para milhares de estudantes, a possibilidade de frequentar a graduação. Sua área de atuação atende a 69 municípios, ou seja, a mais de um milhão de habitantes. Está situada em uma região próspera economicamente, considerada importante pólo industrial do Estado do Rio Grande do Sul, que encontra na Universidade amparo às mais diversas áreas e necessidades.

Com sede em Caxias do Sul, na Cidade Universitária, onde além da oferta de graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão, está a área administrativa da universidade e o Campus 8, denominado Cidade das Artes. A UCS conta ainda com Campus em Bento Gonçalves (CARVI), que devido a sua área de abrangência passou a ter um sub-reitor, e Campus em Vacaria (CAMVA). Por fim, os Núcleos Universitários foram criados a partir do processo de regionalização e estão localizados em: Farroupilha (NUFAR), Canela (NUCAN), Veranópolis (NUVER), Nova Prata (NUPRA), Guaporé (NUGUA), São Sebastião do Caí (NVALE). A Instituição possui também atividades de ensino à distância (EAD) em outras cidades regionais.

Figura 1 – Mapa da área de abrangência da UCS



Fonte: [www.ucs.br](http://www.ucs.br)

Por sua constituição, por sua abrangência e por sua representatividade junto a diferentes e vários setores da sociedade<sup>1</sup>, a UCS é uma Instituição comunitária que conta com aproximadamente 32.800 alunos.

Como decorrência da expansão das instituições de ensino superior, a UCS, nos anos recentes, deixou de ser a única Instituição de Ensino Superior (IES) na região. O quadro abaixo apresenta o contexto do ensino superior nas cidades onde estão instalados campi e núcleos da UCS.

<sup>1</sup> Os conceitos de regional e comunitária serão melhor expressos no capítulo sobre a UCS.

Quadro 1 - IES nas cidades onde há Núcleos e Campi da UCS<sup>2</sup>

Cidade	Instituição	Organização Acadêmica	Categoria	Situação
Caxias do Sul	FACULDADE AMÉRICA LATINA	Faculdade	Privada	Ativa
Caxias do Sul	FACULDADE ANGLO-AMERICANO DE CAXIAS DO SUL (FAACS)	Faculdade	Privada	Ativa
Caxias do Sul	FACULDADE ANHANGUERA DE CAXIAS DO SUL (FACS)	Faculdade	Privada	Ativa
Caxias do Sul	FACULDADE DA SERRA GAÚCHA (FSG)	Faculdade	Privada	Ativa
Caxias do Sul	FACULDADE DE TECNOLOGIA DE CAXIAS DO SUL (FTC)	Faculdade	Privada	Ativa
Caxias do Sul	FACULDADE DE TECNOLOGIA TECBRASIL (FTECBRASIL)	Faculdade	Privada	Ativa
Caxias do Sul	FACULDADE DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO EM NEGÓCIOS (FACULDADE IEN)	Faculdade	Privada	Ativa
Caxias do Sul	FACULDADE DOS IMIGRANTES - FAI (FAI)	Faculdade	Privada	Ativa
Caxias do Sul	FACULDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA (FACULDADE FÁTIMA)	Faculdade	Privada	Ativa
Caxias do Sul	FACULDADE DE TECNOLOGIA DA SERRA GAÚCHA - CAXIAS DO SUL (FTSG)	Faculdade	Privada	Ativa
Caxias do Sul	UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL (UCS)	Universidade	Privada	Ativa
Bento Gonçalves	FACULDADE CENECISTA DE BENTO GONÇALVES (FACEBG)	Faculdade	Privada	Ativa
Bento Gonçalves	FACULDADE DE TECNOLOGIA TECBRASIL - UNIDADE BENTO GONÇALVES (FTEC-BENTO)	Faculdade	Privada	Ativa
Bento Gonçalves	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL (IFRS)	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia	Pública	Ativa
Farroupilha	CENTRO DE ENSINO SUPERIOR CENECISTA DE FARROUPILHA (CESF)	Faculdade	Privada	Ativa
Canela	CASTELLI ESCOLA SUPERIOR DE HOTELARIA (CASTELLI ESH)	Faculdade	Privada	Ativa

Fonte: Ministério da Educação – Sistema e-MEC, 2011

A criação e instalação de IES no Brasil tiveram maior expansão a partir da década de 1990, quando ocorrem transformações sociais interligadas, como: a necessidade de mão de obra mais qualificada; a crescente mobilidade social que leva a busca por novas oportunidades na sociedade atual, também denominada “ sociedade do conhecimento”; o crescimento da demanda e a impossibilidade de oferta de vagas no ensino superior público que favoreceu o crescimento das IES privadas. Processo ocorrido nas décadas de 1960/70, quando houve a primeira expansão do ensino superior privado no Brasil.

<sup>2</sup> As instituições relacionadas estão ativas, outras são relacionadas, mas não na mesma condição.

A relação da universidade como centro de conhecimento se insere, nos dizeres de Burke (2003, p. 53):

Assim, a história social do conhecimento, como a história social da religião, é a história do deslocamento de seitas espontâneas para igrejas estabelecidas, deslocamento muitas vezes repetido. É uma história da interação entre *outsiders* e *establishments*, entre amadores e profissionais, empresários e assalariados intelectuais. Há também um jogo entre inovação e rotina, fluidez e fixidez, “tendências ao degelo e ao congelamento”, conhecimento oficial e não oficial. De um lado, vemos círculos ou redes abertas, do outro, instituições com corpos fixos de participantes e esferas oficialmente definidas de competências, que constroem e mantêm barreiras que as separam dos rivais e também dos leigos. [...]

Associando essas reflexões ao pensamento de Peter Burke, a fundação de uma universidade traz consigo as experiências e necessidades do local onde se insere. O estudo acerca das universidades no Brasil, neste particular da UCS, permite o reconhecimento da sua necessidade e sua importância, bem como o entendimento dos contextos que envolveram sua criação e sua existência para daí compreenderem sua inserção ou não no social.

O presente estudo colabora para maior compreensão sobre a criação e instalação da UCS, como a primeira universidade na Serra Gaúcha. Insere-se nos estudos sobre o ensino superior brasileiro e, mais especificamente, sobre as universidades, possibilitando outros olhares acerca da história das instituições que se situam no sul do Brasil, onde há o predomínio das universidades comunitárias/regionais.

A delimitação temporal escolhida, 1950–2002, obedece ao critério de estabelecer como marcos para o estudo a existência de cursos isolados ainda na década de 1950, que integraram a UCS a partir de 1967: Escola de Enfermagem Madre Justina Inês - que teve início de suas atividades em 1957; Escola de Belas Artes de Caxias do Sul - que informalmente funcionava desde 1950 e de forma legal a partir de 1959; Faculdade de Ciências Econômicas de Caxias do Sul - teve início informal em 1950 e formal em 1959; Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul - iniciou suas atividades em 1960; Faculdade de Direito de Caxias do Sul também com início em 1960. A escolha pelo período final em 2002 obedece à opção de estabelecer como marco o final da administração do Professor Ruy

Pauletti, gestão de 1990 a 2002, em cujo período ocorreu a efetivação do projeto de regionalização da Universidade; dando desta forma, significado ao termo regional.

Significando a UCS num contexto em que a universidade se constitui em espaço relacionado ao saber e é possibilitadora de interpretações sobre as necessidades humanas de convívio, de construção do conhecimento, de buscas em torno de entendimentos e soluções acerca dos novos tempos, através do ensino, pesquisa, extensão, portanto, possui significados e funções sociais, Lamarra (2009, p.11) afirma

La universidad y la educación deberían formar ciudadanos con criterio innovador que posibiliten que nuestras sociedades evolucionem en forma permanente, respondiendo a nuevas exigencias y desafíos, tanto en términos político-éticos de democratización y justicia social como en cuanto al avance del conocimiento y de la tecnología y de su pleno aprovechamiento para mejorar las condiciones sociales de vida de toda la población.<sup>3</sup>

A relação da universidade com a sociedade nem sempre expressa aproximação, isto é, embora a tensão seja permanente entre estes centros de saber e a sociedade, a universidade tem se mantido, especialmente no caso brasileiro, distante das comunidades onde está inserida, sendo, muitas vezes, entendida pelos grupos sociais, em geral, como um espaço de poucos, e que pouco se reflete no todo. Além disso, a “inovação e a rotina, a fluidez e a fixidez” se fazem presentes na universidade. Por isso, é necessário refletir sobre a mesma.

Sendo a filosofia a mais antiga e respeitada ciência, é dela que extraio subsídios para, inicialmente, refletir acerca da Educação, sobretudo sobre a universidade no Brasil, no que diz respeito ao restrito acesso à mesma e, conseqüentemente ao impedimento de que o conhecimento maior do homem sobre si mesmo se estenda.

---

<sup>3</sup> A universidade e a educação deveriam formar cidadãos com critério inovador que possibilitem que nossas sociedades evoluam de forma permanente, respondendo a novas exigências e desafios, tanto em termos político-éticos de democratização e justiça social como enquanto alavanca do conhecimento e da tecnologia e seu pleno aproveitamento para melhorar as condições sociais de vida de toda a população. (Tradução livre da autora)

Considerando tempos distintos e relacionando com realidades também distintas daquelas em que os filósofos produziram o seu pensar, é importante não esquecer que, embora as territorialidades, regionalidades e tempos díspares, isso não impossibilita reflexões comuns, uma vez que as ciências dialogam e, neste particular, a História, parafraseando Lucien Febre, que é uma tentativa de explicar o mundo ao mundo, servirá de amparo contextual para este trabalho.

Resgatar alguns princípios presentes em nossa sociedade, tal como a idéia de que a Educação possibilita mudanças importantes e que também representa uma forma de ascender socialmente, é necessário refletir sobre significados assumidos pela sociedade a respeito da educação. Como possibilitar, através da Educação, transformações significativas tendo tantos entendimentos sobre a mesma? A filosofia reflete sobre a educação, desta forma Kant afirma (2004, p. 444)

O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz. Note-se que ele só pode receber tal educação de outros homens, os quais a receberam de outros. Portanto, a falta de disciplina e de instrução em certos homens os torna mestres muito ruins de seus educandos.

Neste sentido, a educação dá a base para o sujeito racional, e a razão é o guia de nossas ações. Portanto, a educação humaniza o homem, separando o animal de sua constituição. Kant preza pela razão, a qual fundamenta a moral, logo a educação está baseada na ciência e possui como princípios: a disciplina que visa impedir a animalidade; o culto do conhecimento, que desenvolve as habilidades e as competências; a prudência que normatiza a boa conduta; a moralização, uma vez que educação sem moral, não é educação. O rigor presente no pensamento de Kant necessita ser compreendido em seu tempo, que foi caracterizado por importantes estudos que se contrapuseram ao pensamento teológico reinante por séculos. Suas reflexões sobre a sociedade marcaram e marcam ainda a forma de compreendê-la, separando a razão do sentimento e influenciando, durante décadas, a ideia de que a Ciência bem como a Educação deveria prezar por uma racionalidade quase que extremada.

Análises feitas ao seu pensamento levaram a outras interpretações sobre a ação humana e, neste particular, sobre a educação. Nietzsche se destaca ao

tecer críticas fundamentadas no pensamento de Kant, como as que estabeleceram sobre a moral autônoma, buscando a gênese da moralidade e permitindo perceber que a moral é constituída, é fruto de um tempo histórico, não um valor permanente.

Para Nietzsche, a vontade de potência é o homem se fundamentando, e a educação colabora para esta fundamentação. O filósofo lembra que devemos nos questionar sobre o valor dos valores para podermos pensar sobre a constituição da moral, da ética, da educação, uma vez que critica toda a moral, pois, para ele, ela traz o peso da tradição a qual busca negar todos os que ousam experimentar para além da moral, ou seja, aqueles que desejam não seguir o rebanho.

Neste momento, a educação é vista como a moral do rebanho uma vez que submete, domestica, aprisiona. Ao criticar o império da razão, propõe que o homem liberte-se dos outros homens e de si mesmo, seria este um exercício permanente em busca da autenticidade. Segundo Nietzsche (2007, p. 66)

Difícilmente alguém tomará por verdadeira uma doutrina apenas porque ela torna, felizes e virtuosos os homens. Com exceção dos amáveis “idealistas”, que se entusiasmam pelo Bom, pelo Verdadeiro, pelo Belo e fazem nadar, no seu charco, toda espécie de variegadas, pesadonas e bonacheironas idealidades. A felicidade e a virtude não são argumentos. Porém o bom grado se esquece, mesmo os espíritos ponderados, que tornar infeliz e tornar mau não são contra-argumentos. Uma coisa deveria ser certa, conquanto fosse muitíssimo prejudicial e perigosa: seria até possível fazer parte da estrutura básica da existência o percermos por causa do nosso conhecimento total, de forma que a força de um espírito se mediria justamente pela quantidade de “verdade” que fosse capaz de suportar.

O pensamento ora posto, associado aos modelos educacionais existentes, possibilita questionar: como a verdade é colocada, de quem é esta verdade e qual o uso da mesma? Transpondo para o cenário do ensino superior no Brasil, o questionamento abarca questões pertinentes, pois, desde o princípio, mesmo que tardio, porque apenas na década de 1920 é criada a primeira universidade. Verdades são impostas através da educação e, em particular, a partir do ensino superior, uma vez que, muitos que possuem a graduação se colocam com arrogância sobre os demais. Sendo a universidade restrita, quanto ao acesso, o questionamento às verdades torna-se reduzido. Quando o conhecimento sobre a universidade brasileira é posto a partir da realidade da educação superior pública,

ignorando a realidade das instituições particulares e comunitárias, a relação entre universidade e sociedade também é restrita. Busco, também, compreender e empreender significados para a universidade na Serra Gaúcha do Rio Grande do Sul.

Quando o ensino é restrito, principalmente o de nível superior, significa que os critérios a seu acesso é também seletivo, Oliven (1990, p. 29) diz que “Em suma, o critério seletivo não teria por base os privilégios de berço, mas a competência individual traduzida pelo nível de escolaridade.” Pensamento presente ao longo da história do País e intensificado ao longo do século XX, sobretudo com os processos de industrialização a partir da década de 1930, reitera-se a idéia advinda desde a antiguidade de que a educação é a busca pela perfeição do bem, “eles [os antigos] se concentravam na idéia do sumo bem como um ideal atrativo, como a busca razoável de nossa verdadeira felicidade” (RAWLS, 2005, p. 7).

Colaborando com a idéia de que o indivíduo é o responsável pelo seu sucesso ou fracasso, depreende-se que a classe média, ao longo do processo histórico brasileiro, deve esforçar-se para se diferenciar do restante da população, sobretudo dos menos privilegiados economicamente, e o ensino superior representa uma das possibilidades. Sendo esta postura contrária às reflexões de Hume e Kant, que ao tratar da ordem moral, afirmam, segundo Rawls (2005, p. 14)

Isto é, acreditam que a ordem moral se origina de alguma maneira da própria natureza humana e das exigências da nossa vida conjunta em sociedade. Acreditam também que o conhecimento ou a consciência de como devemos agir é diretamente acessível a toda a pessoa que seja normalmente razoável e conscienciosa. E acreditam, por fim, que somos constituídos de tal modo que temos em nossa natureza motivos suficientes que nos compelem a agir como devemos sem a necessidade de sanções externas, ao menos sob a forma de concessão de recompensas e imposição de punições por Deus ou pelo Estado.

Em contextos marcados por paradigmas, como os mencionados por Lindo (2010, p.96): globalização e regionalização; virtualização de métodos de ensinar; economia do pensamento com a disseminação das inovações tecnológicas; identidades individuais e coletivas; crise ecológica e climática; dessocialização, desintegração social, exclusão, migrações; explosão do conhecimento,

cientificização da sociedade; é necessária, segundo o pensamento de Nietzsche, uma educação que faça confrontar-se consigo mesmo, que cultive a formação de si. Para que isso aconteça é necessário ser forte, com o espírito livre, o qual começa admitindo sua debilidade e a necessidade de criar valores, para então libertar-se do nivelamento empobrecido e da massificação; isso significa responsabilizar-se pelo rumo da própria existência, pela própria criação de si.

Na busca destas mudanças, é importante romper com o ethos, compreendido como costume, hábito, como permanência habitual. Cabe novamente trazer a tona o tema norteador desta reflexão, ou seja, de que forma possibilitar essas alterações em um contexto onde o acesso ao conhecimento ainda é restrito e os valores, a moral de uns acabam se sobrepondo, pois, a maioria não se possibilita à reflexão em torno de temas tão presentes em nosso cotidiano. Hermann (2001, p.19) afirma que

a liberdade não é um fato da natureza, não existiu desde tempos imemoriais e está relacionada com uma construção penosa, uma luta contra as paixões mais impulsivas. O homem dá a si mesmo a liberdade, através de um longo processo de formação, que instaura limite, moderação.

Rompendo também com o ethos que iguala todas as universidades, refletir sobre a educação e, sobretudo, sobre o ensino superior brasileiro a partir de considerações filosóficas e históricas, como a afirmação de Kant (1974, p. 110)

Um homem sem dúvida pode, no que respeita à sua pessoa, e mesmo assim só por algum tempo, na parte que lhe incumbe, adiar o esclarecimento [“Aufklärung”]. Mas renunciar a ele quer para si mesmo quer ainda mais para sua descendência, significa ferir e calcar aos pés os sagrados direitos da humanidade.

Essa fala remete a olhares que buscam repensar e pensar permanentemente a educação, suas formações e funções. Desta forma, pensar sobre qual é o significado e a função da Universidade, e a partir de qual conceito ela pode ser expressa, é de fundamental importância para evitar apologismos e confusões com o tempo ao qual ela pertence. Não se trata de ignorar os contextos históricos, mas de buscar conceber um significado maior para a universidade, deixando para momentos seguintes sua configuração histórica.

Nesta tarefa, Franklin Leopoldo e Silva (2006, p. 285) tece uma série de considerações sobre a Universidade:

Se não compreendemos a experiência real pela qual a Universidade se constitui, não compreenderemos a nossa experiência de Universidade. Não se trata de explicar uma coisa, mas de compreender uma história. Há, portanto, um dinamismo intrínseco na “ideia” de Universidade, que não pode ser confundido com um ideal ou uma essência mais ou menos realizada na efetividade histórica. A ideia de Universidade se constrói através daquilo que nela se conserva e daquilo que nela se transforma.

Tendo ciência de que a universidade se constitui permanentemente permeada pelos contextos históricos, políticos, econômicos, sociais, culturais em que está envolvida, é necessário configurá-la nestas realidades sem negligenciar os contextos mais abrangentes.

### **Aportes Teóricos e Metodológicos**

O desenvolvimento do estudo está baseado no diálogo entre Educação e História, considerando os contextos, os atores envolvidos nos processos e os resultados, portanto para a caracterização do estudo, bem como o formato que assume, é importante considerar as afirmações de Deslauriers e Kérisit (2010, p.131)

O pesquisador localiza no tempo e no espaço os momentos em que as estratégias dos atores se evidenciam conjuntamente, e também reúne as perspectivas até então manifestadas enquanto intenções individuais. Desde então, não são mais apenas as regularidades que retêm a atenção, mas as crises que se estabelecem como indícios reveladores do momento em que a ordem social antiga não existe mais, e em que se opera a mudança social.(...) Daí a importância de três elementos que surgem constantemente nos estudos qualitativos: o contexto, a história (ou a diacronia) e a mudança social.

Seu enquadramento conceitual é o da história cultural dialogando com a história da educação, relacionado à micro história, considerando a perspectiva de uma instituição e, ao mesmo tempo, da macro-história quando relacionado ao ensino superior presente no mundo todo. A perspectiva da história cultural insere a cultura e a história, tendo presente as dificuldades em restringir seu conceito. Falcon (2002, p. 64) alerta:

Cabe então ao historiador não ignorar que o campo cultural não lhe pertence com exclusividade e que tampouco é possível considerá-lo como território situado fora da sociedade como um todo. Existe, ou pelo menos é possível uma abordagem historiográfica desse campo, mas não é nem poderá jamais ser a única. Daí a importância crucial que possui a perspectiva interdisciplinar para o conhecimento cultural.

A História é uma ciência e como tal está em constante transformação, em que se verifica a aproximação com outros campos do conhecimento. A Educação representa, neste estudo, o objeto a ser tratado pela História, particularmente o ensino superior. Estabelecendo a relação entre História e Educação, Nóvoa (2004, p. 9) afirma

O mínimo que se espera de um historiador é que seja capaz de pensar a história, interrogando os problemas do presente através das ferramentas próprias de seu ofício. O mínimo que se exige de um educador é que seja capaz de pensar a sua ação nas continuidades e mudanças do tempo, participando criticamente na renovação da escola e da pedagogia. Ao historiador da educação pede-se que junte os dois termos desta equação.

Auxiliam na interpretação dos acontecimentos o uso dos documentos, pois “o objeto da pesquisa qualitativa se constrói progressivamente, em ligação com o campo, a partir da interação dos dados coletados com a análise que deles é extraída” (Deslauriers e Kérisit, 2010, p.134). Documentos sob a guarda do Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul (CEDOC/UCS)<sup>4</sup> e também documentos cedidos pelas Pró-Reitorias e pela Diretoria Administrativa e Financeira/FUCS, além da bibliografia relacionada ao tema, do jornal de maior circulação no período atingido pela pesquisa – Pioneiro<sup>5</sup> e a Revista CHRONOS apoiada em entrevistas compõem o conjunto de documentos utilizados neste estudo.

---

4 O Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul - CEDOC/UCS integra o Instituto de Memória Histórica e Cultural - IMHC, tendo como finalidade: "Preservar o acervo histórico documental da Instituição e de suas atividades acadêmicas, bem como da Cultura Regional e outros considerados de relevante importância histórica, disponibilizando-o como suporte informacional no fomento a pesquisa do conhecimento". Desta forma, atua como um laboratório de aprendizagem dos alunos, professores e a comunidade em geral, objetivando a familiarização com o cotidiano da pesquisa documental. As atividades desenvolvidas são: pesquisa, aula no CEDOC, visitas orientadas e realização de oficinas.

<sup>5</sup> Fundado em 4 de novembro de 1948, teve circulação semanal até 1981 quando passou a ser diária. Foi adquirido pelo Grupo RBS, em 1993. Em 1998 passou a ser editado também online. Sua cobertura atinge cobertura que chega a 64 municípios da região da Serra.

Considerando a possibilidade de maior flexibilidade proporcionada pela pesquisa qualitativa, e não esquecendo que a opção do objeto de pesquisa se dá em torno da instituição de um caráter pessoal, faço uso das palavras de Deslauriers e Kérisit (2010, p. 135), para reafirmar a opção desta metodologia

Em primeiro lugar, a maioria deles faz uma revisão da literatura científica pertinente: é preciso ler o que se escreveu sobre o tema e sondar os domínios teóricos que podem esclarecer a questão. Em seguida, eles se empenham em adquirir os conhecimentos topológicos; conhecer a história do meio social pesquisado, sua estrutura, sua ideologia. Por fim, eles realizam algumas entrevistas com os informantes a par da questão; ir a campo possibilita ao pesquisador adquirir um conhecimento mais próximo sobre seu tema e também dar uma orientação mais precisa à sua pesquisa.

Foram utilizadas as publicações da Revista CHRONOS (1967–2007), pois representam espaço de elaboração do conceito de universidade e de reflexão sobre qual universidade os seus colaboradores preconizavam. Como instrumento de análise a Revista CHRONOS é uma publicação de professores da UCS, voltada ao público interno e externo da instituição que permite acompanhar a concepção de universidade e de educação do grupo de professores aqui denominados como “grupo pensante” da universidade.

Sendo um periódico publicado no período de 1967 à 2007, sua publicação se insere nos dizeres de BASTOS, 1997, p. 173

A imprensa pedagógica – instrumento privilegiado para a construção do conhecimento constitui-se em um guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou grupo social, a partir da análise do discurso veiculado e a ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar. Prescrevendo determinadas práticas, valores e normas de conduta, construindo e elaborando representações do social, a imprensa pedagógica afigura-se como fonte privilegiada de estudo: jornais, boletins, revistas, magazines; feitas por professores para professores, feita para alunos por seus pares ou professores, feita pelo Estado ou outras instituições como sindicatos, partido, associações e Igreja. Sua análise possibilita avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e as filiações ideológicas, as práticas educativas e escolares.

Como pesquisa qualitativa, o trabalho “se refere aos processos organizacionais, suas ligações informais e não-estruturadas” (DESLAURIERS e KÉRISIT, 2010, p.130), que circunscrevem a universidade. Os processos

organizacionais estão associados às ordens legais e também à estrutura administrativa da UCS, respaldadas pelos documentos e pelas entrevistas não dirigidas, pois conforme Deslauriers e Kérisit (2010, p.225)

Se o questionário pode contribuir para o aporte de novos conhecimentos, estes necessariamente gravitam em torno das dimensões já incluídas no questionário, enquanto a entrevista não-dirigida favorece, graças à abertura do método, o afluxo de informações novas, que podem ser determinantes para a compreensão de universo do entrevistado e do objeto pesquisado.

As entrevistas foram realizadas com dois professores da Universidade, o Professor José Clemente Pozenato, aposentado em 2010 e, portanto distante da instituição desde então, e o Professor Jayme Paviani, ainda atuante na instituição. Esta opção levou em consideração o fato de que ambos faziam parte do grupo pensante<sup>6</sup> da Universidade, tendo sido produtores de artigos e livros sobre o tema, além de participarem de debates a respeito das universidades, sobretudo no que se refere à perspectiva regional e comunitária. Também exerceram funções administrativas, além de pesquisa e ensino.

Jayme Paviani possui graduação em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (1964), graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade de Caxias do Sul (1969), mestrado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1976) e doutorado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1987). Atualmente é doutor adjunto III da Universidade de Caxias do Sul, onde atua desde 1965.

José Clemente Pozenato possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição (1960), mestrado em Estudos em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de São Carlos (1995) e doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2005). Foi professor titular da Universidade de Caxias do Sul no período de 1966 até 2010<sup>7</sup>. Autor do projeto de regionalização da Universidade.

---

<sup>6</sup> Conjunto de professores que mesmo antes da criação da universidade, pensavam sobre como esta deveria se configurar em termos acadêmicos e qual poderiam ser a sua estrutura.

<sup>7</sup> Dados retirados do currículo na plataforma Lattes/CNPq em 07/09/2011.

A permanência dos dois professores na publicação da CHRONOS estabelece vínculo com a Instituição de formas diversas, seja como editores, colaboradores ou membros de comissões. Seu pensar a Universidade atravessou quatro décadas e acompanhou as mudanças ocorridas na sociedade e na instituição.

Outros professores e professoras<sup>8</sup> colaboraram com a Revista CHRONOS<sup>9</sup>, porém a intensa participação dos dois professores levou a opção por ambos, os quais acabam por referendar os aspectos abordados no presente trabalho: cursos preexistentes, fundação da UCS, grupo pensante da Universidade, além de terem acompanhado a trajetória histórica com os momentos de crise institucional quando o professor Jayme Paviani foi indicado reitor em substituição ao reitor Vazatta na greve de 1986.

Desta forma, através de estudo interdisciplinar, em que se entrelaçam a história, a educação, o ensino superior e a sociedade regional, os períodos de criação e expansão fazem parte deste estudo, sendo que o momento presente é abordado de forma informativa por não estar incluído na temporalidade escolhida pela autora deste trabalho. Logo, a historicidade auxilia na contextualização da Universidade no Brasil e na Serra Gaúcha.

Normalmente, as universidades e suas criações fazem parte de escritos sobre os cursos, sobre análises a respeito da autonomia ou outros temas relacionados à universidade, neste sentido, este trabalho busca um perfil diferente, a criação dos cursos superiores isolados; o pensar e a fundação da UCS, sua caracterização como regional e comunitária.

Como exemplo destas produções, é importante mencionar dissertações e teses de doutoramento sobre cursos de universidades, abordagens e análises de grades curriculares e outros temas, bem como trabalhos sobre universidades gaúchas, em especial relacionadas ao tema comunitárias. Solange Maria Longhi defendeu, em 1998, a tese “A Face Comunitária da Universidade”, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a qual se refere à constituição do

---

<sup>8</sup> Os professores Isidoro Zorzi e José Köche também foram colaboradores da revista e fizeram parte do grupo inicial. Hoje atuam como gestores sendo o primeiro reitor e o segundo o vice-reitor. Esta situação foi considerada para não entrevistá-los, evitando uma relação possível entre o tema abordado e suas funções atuais. Outros professores não atuam mais na instituição.

<sup>9</sup> Revista da UCS publicada entre 1967 e 2007.

modelo das universidades comunitárias, no Brasil, com contextualização das universidades, conceitos de comunitário e outros que, relacionados à trajetória das instituições comunitárias, estabelece os debates que acompanham estas universidades.

Sob o título “Instituições Comunitárias: Instituições Públicas Não-Estatais”, organizada por João Pedro Schmit e Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas (COMUNG), publicada em 2009, o livro reúne textos explicativos a respeito das Universidades Comunitárias, breves históricos, contextualizações, experiências e necessidades que revelam dados das instituições comunitárias do Rio Grande do Sul (RS). Em 2010, o mesmo autor publicou o artigo “O comunitário em tempos de público não estatal”, no qual discute o significado do público não estatal através das experiências universitárias. “O Ensino Superior Privado no Brasil e a Formação do segmento das Universidades Comunitárias”, de Mariluce Bittar<sup>10</sup>. Outro estudo que reflete sobre a diversidade do ensino superior brasileiro e, principalmente sobre as comunitárias. Sua tese de doutoramento (1999), intitulada “Universidade Comunitária: uma identidade em construção” refletiu sobre a identidade destas instituições de ensino superior, seu “objetivo consistiu em analisar a concepção de universidade comunitária, baseada na percepção de reitores e professores dessas instituições, com vistas a verificar até que ponto essa identidade está realmente construída”.

O artigo de Oscar Miguel Lehmann e Joviles Vitorio Trevisol (2010), intitulado “As raízes religiosas da escola comunitária no sul do Brasil”, apresenta concepções acerca da dimensão comunitária na Rede Sinodal de Educação no Ensino Superior. Relacionado ao tema comunitário e, especificamente, estudando a presença da igreja luterana. Joni Roloff Schneider defendeu a dissertação de mestrado em 2008, sob o título “Escola comunitária: trama entre sujeitos e instituição”. O artigo “Instituições de Educação Superior e Entidades Mantenedoras: a Universidade do Contestado”, de Ludimar Pegoraro, aborda através de um estudo de caso, as instituições públicas não estatais através da legislação e de estudos preexistentes.

---

<sup>10</sup> Postado no site do COMUNG.

A Revista Textual, de agosto de 2003, analisou historicamente e relacionou o tema das universidades comunitárias ao governo do presidente Luiz Inácio da Silva, sob o título “Universidade Comunitária: uma proposta para o Brasil”. Em 2010, Neiva Cristina de Araujo defendeu a dissertação de Mestrado, intitulada “Instituições de Ensino Superior Comunitárias: a (DES)necessidade da Construção do Marco Legal das: o embasamento constitucional e legal do setor público não estatal no Brasil”, em que busca demarcar a necessidade de um marco regulatório próprio que assegure legalmente estas instituições e suas atividades.

Essa breve relação de publicações relaciona-se a uma das discussões presentes na Universidade de Caxias do Sul (UCS) desde a década de 1980, quando o tema comunitário passa a ser debatido no ensino superior. Objeto de estudo deste trabalho, a UCS é abordada em estudos como o do professor José Clemente Pozenato, que defendeu a dissertação de mestrado com o título “Universidade e Região: estratégias de acesso ao conhecimento”, em 1995, que constitui importante análise sobre a regionalização da Universidade de Caxias do Sul. Em 2008, tem-se a tese de Maria Clara Mocellin, com o título “Trajetórias em Rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul”, que busca incorporar a UCS como um dos espaços da formação desta rede. Também de 2008, a tese de Maria Gorete Rodrigues da Silva, denominada “Labirintos de Espaços e Tempos no Cotidiano Universitário: o Acadêmico Universitário da Universidade de Caxias do Sul/Canela” permite conhecer alguns aspectos da UCS e, sobretudo a respeito do perfil dos acadêmicos<sup>11</sup>.

A tese de Terciane Ângela Luchese, 2008, sobre “O processo escolar entre imigrantes da região colonial italiana do RS - 1875 a 1930” possibilita maior compreensão sobre os sentidos da educação na região, aspectos de sua constituição histórica no ambiente público e privado.

Compreender a criação de Universidades brasileiras e de Instituições de Ensino Superior ao longo da segunda metade do século XX, muitas delas

---

<sup>11</sup> A maioria dos acadêmicos da UCS faz seus cursos no período noturno, pois são trabalhadores, Segundo dados do questionário do ENADE/2009, são oriundos da classe média, tendo renda familiar de 3 a 10 salários mínimos, seus pais, na maioria possuem ensino médio completo. A maioria dos concluintes se dizem brancos.

particulares e instaladas em regiões interioranas do país, permite não apenas contextualizar a fundação da UCS, mas se inserir na reflexão a respeito do que e como foi seu processo de instalação e criação. Cunha (1999, p. 40) afirma:

Durante toda a década de 50, faculdades estaduais e privadas foram federalizadas e reunidas; formando universidades mantidas e controladas pela União, empreendimentos esses determinados por leis, no que se empenharam diversos protagonistas, inclusive as elites locais e os mantenedores privados, devidamente compensados na transferência do patrimônio e na incorporação de seu papel nos quadros do funcionalismo federal. As instituições privadas foram beneficiadas por dispositivos da Constituição de 1934 e das que se lhe seguiram, inclusive na de 1988, em vigor, isentando-as de todos os impostos (federais, estaduais e municipais) sobre o patrimônio, a renda e os serviços prestados.

A existência destas instituições é determinada pela demanda, por isso é importante considerar o perfil do estudante universitário, o qual passa a refletir o crescimento da chamada classe média e os anseios deste grupo com relação ao mundo do trabalho e seu espaço na sociedade. Segundo Rossato (1998, p. 148):

Esse fenômeno ocorre especialmente nos países atualmente desenvolvidos onde a classe média, com o desenvolvimento econômico, tornou-se mais numerosa e vê na universidade um meio de garantir essa posição ou de ascender a novos papéis e funções criadas pela sociedade moderna. O progresso permite a numerosas famílias oferecerem a seus filhos estudos universitários, privilégio antes assegurado somente à classe alta. Nos países subdesenvolvidos, somente parte da classe média tem acesso à universidade e, onde não há instituições públicas, poucos podem pagar os seus custos, de forma que a universidade continua elitista e fechada à grande maioria da população. Por outro lado, a expansão do setor terciário, especialmente dos serviços, e o surgimento de novas profissões obrigaram a universidade a expandir vagas.

A presença da educação no Brasil está vinculada à ação de iniciativas particulares e à ação do Estado, principalmente a partir da Constituição de 1934. Porém, suas ações não foram suficientes para garantir o acesso e a permanência de crescente número de alunos<sup>12</sup>.

No contexto do autoritarismo, durante o regime militar, o Estado procurou atender a algumas necessidades da classe média brasileira, conforme afirma Oliven (1990, p. 50):

---

<sup>12</sup> O crescimento gradativo estava relacionado ao processo de urbanização e à necessidade de criar novos espaços educativos.

Os governos autoritários do período pós-64, favorecendo os processos de acumulação, centralização e internacionalização da economia, estimularam a burocratização das empresas, a tecnocratização do Estado e a concentração de renda. Tais fatores contribuíram fortemente para aumentar a pressão da classe média sobre o ensino superior no Brasil. Isto se deve ao fato de que, com a monopolização da economia, a classe média ficou mais dependente do diploma para se reproduzir.

As formas encontradas pelo Estado na busca de soluções para o crescimento da demanda e a carência de oferta, fazem parte da LDB de 1961. Segundo Cunha (2000, p. 171), três foram as formas encontradas:

Em primeiro lugar, a criação de novas faculdades onde não as havia ou onde só havia instituições privadas de ensino superior. Em segundo lugar, pela gratuidade de fato dos cursos superiores das instituições federais, ainda que a legislação continuasse determinando a cobrança de taxas nos cursos públicos. Em terceiro lugar, a “federalização” de faculdades federais e privadas, reunindo-as, em seguida, em universidades.

Ao abordar temas referentes à Lei nº 4.024/61, Saviani sinaliza que embora tenha em seu texto uma preocupação com a educação nacional, a lei limitou-se à organização escolar. A respeito da situação das universidades, afirma que:

Em outras palavras, a modernização da economia fazia da escolarização, senão a única, pelo menos a principal via de ascensão social. Daí a forte pressão das classes médias no sentido da “democratização” do ensino superior. O impasse da Universidade vem, pois, numa linha de continuidade com o processo sócio-econômico. Mas as manifestações dos estudantes tinham por base uma continuidade também no plano político, razão pela qual se orientavam, ainda, pela ideologia nacional-desenvolvimentista. (SAVIANI, 1996, p. 159)

Sobre os ajustes feitos pelo regime militar à LDB de 1961, Saviani salienta as relações desenvolvidas entre o público e o privado através do Conselho Federal de Educação

Esses novos dispositivos legais reforçaram o papel dos Conselhos de Educação, em especial do Conselho Federal de Educação, que passou a desempenhar função central na elaboração e no direcionamento da política educacional. Como sua composição previa a representação das escolas particulares, esses órgãos passaram a ser alvos de poderosos *lobbys* visando influenciar as decisões no sentido de favorecimento de seus interesses. (SAVIANI, 2010, p.38)

A afirmação acima retoma a discussão presente nas relações entre educação e Estado na sociedade brasileira, presente também no contexto local e regional.

As ações repressivas do governo atingiram os direitos civis, sociais e políticos destituindo-os do caráter democrático. A censura foi um dos elementos utilizados e se fez presente em todas as instâncias da sociedade, como nas universidades. Ao tratar dessas ações, Germano (1993, p. 68) afirma

A escalada repressiva do governo, por sua vez, disseminava-se por toda a sociedade, feria de morte a liberdade de expressão ao instituir a censura prévia e ao ampliar o controle político-ideológico das universidades e demais instituições educativas, mediante a edição do Decreto-Lei 477 de fevereiro de 1969.

Relacionando as interpretações sobre economia, sociedade, legislação, em Caxias do Sul, a demanda por ensino superior e a ausência de universidade na região foram determinantes para a criação da Universidade. Muito embora sua fundação tenha se dado nos primeiros anos do Regime Militar, em 1967, portanto entre a LDB de 1961 e as reformas na educação ocorridas em 1968, ela nasce da junção de cursos superiores isolados que atendiam ao perfil e às necessidades do estudante da região.

O desejo de criação da universidade foi expresso no dia oito de maio de 1956, quando foi empossado o Grande Conselho Pro-Faculdades de Caxias do Sul, na sessão de fundação da Faculdade de Ciências Econômicas. O pronunciamento de Dom Benedito Zorzi, expressa os anseios regionais pela criação da Universidade da Serra “a criação de três faculdades que por sua vez preparariam a criação da Universidade da Serra”<sup>13</sup>.

A criação da Universidade de Caxias do Sul se insere no contexto brasileiro, estadual e regional da época e obedece também ao critério de regionalidade. Por isso, é premente lançar ideias sobre o que é o regional, a regionalização. Pois, mesmo que as interfaces do ambiente político, social, cultural tenham tido características que se articulam em âmbito maior, as especificidades locais determinam e justificam muitas das ações, como as que se

---

<sup>13</sup> CEDOC/UCS Fundo Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul/Série: Organização e Funcionamento/Subsérie: Planejamento e Organização Ano 1959/estante: 07/Caixa: 23.

desenrolam em torno da educação. Auxilia, nesta perspectiva, Pierre Bourdieu (1983, p.159): “Compreender não é reconhecer um sentido invariante, mas apreender a singularidade de uma forma que só existe num contexto particular”.

A região atenta para características bem específicas como o espaço, a oralidade, traços linguísticos, aspectos culinários, formas de se vestir e de se portar, aspectos que, além de especificarem-na, acabam por diferenciá-la e ao mesmo tempo incluí-la. Para Bourdieu, a fronteira é “produto de um acto jurídico de delimitação, produz a diferença cultural do mesmo modo que é produto desta” (2003, p. 115). Logo, mesmo com as especificidades, a UCS não se manteve isolada, pois suas fronteiras legais não a impediram de estar inserida nos debates e realidades nacionais e externas, como atesta a produção da Revista CHRONOS.

Associando essas análises com a educação, é importante considerar, conforme Bastos (2009, p.2), em artigo intitulado “Pense globalmente, pesquise localmente”, que:

Para a História da Educação, os estudos na perspectiva de uma história local intentam pontuar a diversidade de apropriações dos discursos e das práticas educativas e escolares de acordo com as particularidades de tempo e espaço e suas implicações econômico-sócio culturais de cada lócus pesquisado.

A partir dessas breves considerações, pensar o local dentro do global e de seus traços específicos permite inserir a educação regional em um contexto pautado pelas características históricas que estavam alicerçadas por ideologias presentes, ou seja, novos postulados em seu contorno macro que alteram a situação local. Pozenato (1992, p. 10) afirma que:

Uma outra aproximação a ser feita, para compreender-se o conceito de universidade regional é a seguinte: toda a sociedade humana, além de ter um espaço, uma história, tem também um projeto que a impulsiona para o futuro. Não cabe aqui examinar o conteúdo desse projeto, para saber o quanto existe nele de ideologia ou de racionalidade. O fato é que toda a sociedade mantém-se viva enquanto é capaz de perseguir um projeto coletivo. Isto significa que ao se relacionar com a sociedade, especificamente com uma sociedade regional, a universidade estará se relacionando, e também se comprometendo, com um determinado projeto de sociedade.

No que se refere à Universidade de Caxias do Sul, a expressão universidade regional é adjetivo, “a regionalidade deverá ser entendida como uma qualificação possível da universidade, e nunca a sua essencialidade enquanto instituição. Dito de outro modo, uma universidade regional nunca deixará de ser, substancialmente, universidade” (Pozenato, 1995, p. 34).

Universidade de Caxias do Sul foi autorizada pelo Decreto Nº 60.200, de 10 de fevereiro de 1967, é usualmente conhecida por Universidade Comunitária da Serra, denominação que a caracteriza como uma fundação de direito privado, reconhecida de utilidade pública pelo Município de Caxias do Sul (Lei 2.219/75), pelo Estado do Rio Grande do Sul (Decreto Estadual 23.463/74) e pelo Governo Federal (Processo MJ 9.791/96-14).

A existência de cursos isolados foram determinantes para sua criação, como atesta o Relatório de Auto-Avaliação Institucional/SINAES de 2009 (2010, p. 13):

O Ensino Superior foi criado em Caxias do Sul, no início da década de 50 do século passado. Nessa época surgiram as primeiras faculdades da Serra: Escola Superior de Belas Artes, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Economia, Faculdade de Direito e o Curso de Enfermagem. A escolha desses cursos fornece o perfil das necessidades da cidade e da região na metade do século XX. Todavia era necessário atender a outras demandas igualmente prementes: Engenharias, Medicina, Administração de Empresas. Concluiu-se, então, que se fazia necessária a criação de uma Universidade. A solução veio pela conjugação de forças da comunidade, responsável pelos passos iniciais de criação da Universidade de Caxias do Sul, (...).

A Universidade de Caxias do Sul congrega várias instituições e isso a aproxima do significado, ainda em construção, da idéia comunitária. Na Ata nº 2, de 22 de setembro de 1966 e na Ata nº 3, de 03 de outubro de 1966, constam os fundadores como Pessoa Jurídica: Mitra Diocesana de Caxias do Sul; Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima; Prefeitura Municipal de Caxias do Sul; Vicariato Geral da Diocese de Caxias do Sul. Sócios fundadores como Pessoa Física: Sérgio Felix Leonardelli, Clélia Spinatto Manfro, Hermes João Webber, Dom Candido Bampi

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, n 1, da Constituição Federal e de acordo com o disposto no artigo 81, “in fine”, da Lei n 4024, de 20 de dezembro de 1961, decreta:

Art. 1 – Fica autorizada a constituição da Universidade de Caxias do sul, no Estado do rio Grande do Sul, a qual será mantida pela “Associação Universidade de Caxias do Sul.”

Art. 2 – Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de fevereiro de 1967; 146 da Independência e 79 da República.

H. Castelo Branco  
Raymundo Moniz de Aragão

No momento de sua fundação, a Associação Universidade de Caxias do Sul tinha como patrimônio constituído: terreno doado pela Prefeitura Municipal de Caxias do Sul; bens móveis doados pela Mitra Diocesana de Caxias do Sul; bens móveis doados pela Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima; bens móveis doados pela Prefeitura Municipal de Caxias do Sul; bens móveis doados pela Sociedade Caritativo-Literária São José; doação de 4.000 volumes de livros pelas entidades fundadoras; quantia em dinheiro doado pelo Banco do Estado do Rio Grande do Sul.

Após uma crise interna, administrativa e financeira, em 1973, a Associação foi transformada em Fundação<sup>14</sup>. Zorzi (2009, p. 245) considera:

Foram instituidoras da Fundação Universidade de Caxias do Sul as três entidades que formavam a Associação: Mitra diocesana de Caxias do Sul, Sociedade Hospitalar Nossa Senhora de Fátima e Município de Caxias do Sul, e mais o Estado do Rio Grande do Sul, a Câmara de Indústria e Comércio e Serviços de Caxias do Sul e a União, pelo Ministério da Educação, que aportaram recursos, sob várias formas, para sanar as finanças da instituição e apoiar a melhoria da sua infra-estrutura com vistas à expansão e consolidação da Universidade.

A composição do Conselho Diretor da Universidade<sup>15</sup> caracteriza a presença da comunidade, ou setores da mesma, na instituição. Mocellin (2008, p. 180) considera que “a composição do Conselho Diretor demonstra uma rede de influências de campos distintos. Resulta de alianças entre o poder público e organizações da sociedade civil. Dentre estas últimas, estão os empresários, representados por dois membros da Câmara da Indústria e Comércio - CIC”.

---

<sup>14</sup> As fundações diferem das associações na forma de sua criação: “as fundações somente podem existir e registrar seu estatuto – constituindo-se como pessoa jurídica – se a elas for destinado um recurso específico para a realização de um fim”. Em oposição, para a constituição de uma associação civil, basta que duas ou mais pessoas registrem um estatuto no cartório, não havendo exigências para que comprovem recursos destinados à entidade (Dutra, 1997).

<sup>15</sup> O Conselho Diretor é o representante da Fundação Universidade de Caxias do Sul, sendo que do Conselho Diretor e do Conselho Curador participam representantes dos municípios que fazem parte da área de abrangência da UCS.

Atualmente, a composição do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Caxias do Sul<sup>16</sup> está constituída:

Quadro 2 - Composição Conselho Diretor FUCS/2011

<b>Nome</b>	<b>Cargo</b>	<b>Entidade</b>
Roque Maria Bocchese Grazziotin	Presidente	Ministério da Educação e Cultura
Orlando Antonio Marin	Vice-presidente	Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul
Isidoro Zorzi José Carlos Köche	Conselheiro e vice	Universidade de Caxias do Sul
Roque Maria Bocchese Grazziotin e Jayme Paviani	Conselheiro e vice	Ministério da Educação
Ildoino Pauletto e Sérgio Luiz de Oliveira Freitas	Conselheiro e vice	Governo do Estado do RS
José Ivo Sartori	Conselheiro e vice	Prefeitura Municipal de Caxias do Sul
Dirceu Luiz Manfro Ramos e Rodrigo Ramos	Conselheiro e vice	Associação Cultural e Científica Nossa Senhora de Fátima
Dom Alessandro Ruffinoni	Conselheiro e vice	Mitra Diocesana de Caxias do Sul
Milton Corlatti e Fúlvia Stedile Angeli Gazola	Conselheiro e vice	Câmara da Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul
Orlando Antonio Marin e Carlos Heinen	Conselheiro e vice	Câmara da Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul

Fonte: www.ucs.br

Essa composição demonstra a presença de alguns setores da comunidade externa e interna e leva à ressignificação do que é comunitário. Ressignificação pois é recorrente na comunidade acadêmica, debates sobre a mudança na composição do Conselho Diretor, reivindicando assento de representantes dos docentes, discentes e funcionários, bem dos municípios da região.

Atendendo a uma região que abrange 69 municípios, a regionalização da UCS pode ser apontada como tendo início ainda na década de 60 quando criou os campi de Bento Gonçalves, Vacaria e Lajeado. Legalmente, o projeto de regionalização remonta ao ano de 1992 e atingiria os municípios de: Caxias do Sul, Vacaria, Bento Gonçalves, Farroupilha, Canela, Guaporé, Nova Prata. O

<sup>16</sup> São mantidas pela FUCS: UCS, Hospital Geral, Centro Tecnológico Universidade de Caxias do Sul (CETEC), Centro de Teledifusão Educativa de Caxias do Sul (CETEL).

documento “A Regionalização da Universidade - Conceitos e Perspectivas” define o conceito de Universidade Regional, conforme Pozenato (1992, p. 9):

A questão da regionalidade situa-se, é evidente, no eixo de forças Saber-Sociedade. A região é um determinado espaço geográfico no qual habita uma sociedade que tem sua história. Quando uma universidade se qualifica como regional, isso significa que ela optou prioritariamente por se relacionar com uma dimensão delimitada da sociedade, deixando em segundo plano, outras dimensões dessa sociedade (como seriam, por exemplo, a dimensão nacional e a dimensão planetária) e também fazendo convergir o saber sobre o Homem, e sobre suas relações com a natureza, para o espaço e o tempo específicos de uma região.

Estabelecer o vínculo universidade e sociedade é não esquecer que “a universidade não tem um projeto próprio. Quem tem projeto é a sociedade, e inclusive a universidade faz parte desse projeto social” (idem, p.10). Ou seja, o projeto de regionalização tem presente a necessidade de compreensão da sociedade, da universidade e do papel que cabe a cada uma desempenhar na regionalização. Sobre a universidade, a sociedade e o conhecimento, Trindade (2000, p.18) entende que

A complexa problemática - universidade, sociedade, conhecimento e poder - tem seu ponto crítico nas novas relações entre ciência e poder. Tanto mudaram os paradigmas científicos como suas relações com o Estado e a sociedade, a partir de sua eficácia em termos econômicos e militares. Da mesma forma, as universidades, inseridas na produção científica e tecnológica para o mercado ou para o Estado, tanto nas economias capitalistas como socialistas, ficaram submetidas a lógicas que afetaram substantivamente sua autonomia acadêmico-científica tradicional.

Logo não é suficiente compreender a universidade, mas também é necessário estabelecer um novo diálogo entre universidade, sociedade, conhecimento e poder. Por isso, é importante reconhecer aspectos sobre o contexto onde se insere a Universidade de Caxias do Sul.

A atuação da UCS abrange municípios da região e de outras áreas do Estado<sup>17</sup>, com os quais estabelece relações e presta atendimentos, seja no que

---

<sup>17</sup> Municípios da Regionalização: Alto Feliz, André da Rocha, Anta Gorda, Antônio Prado, Barão, Bento Gonçalves, Boa Vista do Sul, Bom Jesus, Bom Princípio, Brochier, Cambará do Sul, Campestre da Serra, Canela, Capela de Santana, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Coronel Pilar, Cotiporã, Dois Lajeados, Esmeralda, Fagundes Varela, Farroupilha, Feliz, Flores da Cunha, Garibaldi, Gramado, Guabiju, Guaporé, Harmonia, Ipê, Jaquirana, Linha Nova, Marata, Montauri, Monte Alegre dos Campos, Monte Belo do Sul, Montenegro, Muitos Capões, Nova Araçá, Nova

diz respeito ao ensino, à pesquisa ou à extensão. O Instituto de Administração Municipal (IAM)<sup>18</sup>, é um órgão que “apresenta-se como porta de entrada dos municípios na Universidade, articulando o atendimento de suas demandas no âmbito da Instituição” (ZORZI, 2009, p.2). As unidades que constituem a universidade são:

Quadro 3 - Unidades Universitárias/UCS

<b>CENTROS</b>	
CECS	Centro de Ciências da Saúde
CCAB	Centro de Ciências Agrárias e Biológicas
CCET	Centro de Ciências Exatas e Tecnologia
CCTI	Centro de Computação e Tecnologia da Informação
CECC	Centro de Ciências da Comunicação
CECH	Centro de Ciências Humanas
CCAD	Centro de Ciências da Administração
CECI	Centro de Ciências Econômicas, Contábeis e Comércio Internacional
CCJU	Centro de Ciências Jurídicas
CEFE	Centro de Filosofia e Educação
CEAA	Centro de Artes e Arquitetura
HG	Hospital Geral
CARVI	Campus Universitário da Região dos Vinhedos (Bento Gonçalves)
CENT	Centro de Ciências Exatas, da Natureza e de Tecnologia
CCSA	Centro de Ciências Sociais Aplicadas
CCHE	Centro de Ciências Humanas e da Educação
CAMVA	Campus Universitário de Vacaria
<b>NÚCLEOS</b>	
NUCAN	Núcleo Universitário de Canela
NUFAR	Núcleo Universitário de Farroupilha
NUGUA	Núcleo Universitário de Guaporé
NUPRA	Núcleo Universitário de Nova Prata
NUVALE	Núcleo Universitário Vale do Caí
NUVER	Núcleo Universitário de Veranópolis

Fonte: Diretoria Administrativa e Financeira/FUCS, 2010.

---

Bassano, Nova Pádua, Nova Petrópolis, Nova Prata, Nova Roma do Sul, Parai, Pereci Novo, Picada Café, Pinhal da Serra, Protásio Alves, Salvador do Sul, Santa Tereza, São Francisco de Paula, São Jorge, São José do Hortêncio, São José do Sul, São José os Ausentes, São Marcos, São Pedro da Serra, São Sebastião do Caí, São Valentim do Sul, São Vendelino, Serafina Corrêa, Tupandi, União da Serra, Vacaria, Vale Real, Veranópolis, Vila Flores, Vista Alegre do Prata.

<sup>18</sup> Fazem parte das ações do IAM: municípios da área de regionalização da Universidade, associação de municípios, Conselho Regionais de Desenvolvimento (COREDE), municípios da aglomeração urbana do Nordeste do RS, administradores do executivo e legislativo municipais da área de abrangência da UCS.

Como instituição de ensino superior inserida em seu tempo, a Instituição mantém pólos de Educação a Distância (EAD) nos municípios de: Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Vacaria, Canela, Guaporé, São Sebastião do Caí, Nova Prata, Veranópolis, Antônio Prado, Montenegro, São Marcos, Terra de Areia e Porto Alegre. O Núcleo de Educação a Distância (NEAD) desenvolve também trabalho de qualificação do corpo docente da instituição<sup>19</sup>. A Escola de Gastronomia da UCS é mantida na cidade de Flores da Cunha.

A Instituição tem sua estrutura e organização assim composta: Reitoria e Vice-Reitoria; Órgãos de Deliberação Superior: Conselho Universitário, Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão; Órgãos de Administração Superior: Pró-Reitoria Acadêmica, Coordenadoria de Cursos de Diplomação e Coordenadoria de Cursos de Certificação; Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Desenvolvimento Tecnológico, Coordenadoria de Pesquisa e Pós-Graduação *Stricto Sensu* e Coordenadoria de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico; Chefe de Gabinete; Diretoria Administrativa e Financeira, Gerência de Infraestrutura e Logística, Gerência Financeira, Gerência de Contabilidade, Gerência de Relações com o Mercado, Gerência de Serviços; Órgãos Suplementares: Biblioteca Central, Editora da Universidade, Ambulatório Central, Vila Olímpica.

A UCS é uma instituição comunitária e regional que busca desempenhar papel central no desenvolvimento de sua área de abrangência, através de desenvolvimento humano, técnico e científico. Possui como missão “produzir, sistematizar e socializar o conhecimento com qualidade e relevância para o desenvolvimento sustentável”. Tem como visão “ser indispensável para o desenvolvimento sustentado no conhecimento”. Esta visão e missão fazem parte dos princípios norteadores da UCS para os próximos dez anos: respeito à pessoa, responsabilidade social, qualificação institucional, prevalência do interesse

---

<sup>19</sup> Entre os programas desenvolvidos estão Seminário para Formação docente no Ensino Superior; Seminário Docência e Tecnologias; Seminário para Formação EAD; Mini-curso: Processos Cognitivos: aplicação em sala de aula; workshop: Linguagens e Tecnologias – Produção de vídeos-aula; comunicação em ambientes digitais: escrita de textos didáticos; acompanhamento de estágios, atendimento individual ao docente; demandas didático-pedagógicas; atendimento aos coordenadores de curso; demanda individual; pós-graduação para ensino superior; teoria e prática no ensino superior; avaliação na universidade, seminários, workshop; capacitações do Núcleo Comum (Universidade e Sociedade; Leitura e Escrita; Ética; Epistemologia; Prática de Pesquisa).

institucional, inovação, inserção local e global, gestão democrática, compromisso com o meio ambiente, autonomia, sustentabilidade.

Atualmente são, aproximadamente, 32.800 alunos em cursos de graduação e cursos sequenciais, incluindo EAD; o quadro docente é formado por: 34 pós-doutores, 254 doutores, 533 mestres, 47 professores com mestrado profissional, 15 especialista residentes, 146 especialistas, 5 graduados, totalizando 1034 docentes. O Ensino Médio através do Centro Tecnológico (CETEC)<sup>20</sup> possui unidades em Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Veranópolis.

A UCS oferece 76 cursos de graduação em diferentes áreas do conhecimento, 94 habilitações e 211 opções de ingresso. Sendo 13 na modalidade à distância. Os cursos de tecnologia são em número de 23. A pós-graduação oferece 11 mestrados e 4 doutorados e mais de 70 cursos de especialização e MBA. A extensão oportuniza cursos presenciais, na modalidade EAD e *in company*. A pesquisa está associada aos programas de pós-graduação e busca ser fonte de inovação permanente junto aos programas de graduação e extensão. Segundo a Coordenadoria de Pesquisa da UCS

A institucionalização da pesquisa na UCS remonta a 1976 com a criação da Coordenadoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Com o aumento do número de projetos, foi criada, no ano de 1978, a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, composta pela Coordenadoria dos Cursos de Pós-Graduação e pela Coordenadoria de Pesquisa. No período de 1974-1987, a Universidade orientou sua pesquisa para as questões da região e, ainda neste período foram constituídos o Instituto de Administração e Tecnologia e o Instituto de Biotecnologia. (Coordenadoria de Pesquisa, 2011).

A UCS possui Núcleos de Pesquisa (NP)<sup>21</sup> e Núcleos de Inovação e Desenvolvimento (NID)<sup>22</sup>. No quadro, a seguir, é mostrada uma síntese com o número de projetos, grupos de pesquisa do CNPq, NP e NID, conforme dados registrados no segundo semestre de 2010.

---

<sup>20</sup> Criado em 1995, o CETEC é escola de ensino profissionalizante mantido pela Fundação Universidade de Caxias do Sul.

<sup>21</sup> São compostos por um grupo de pesquisadores com proposta de investigação conjunta, com linhas de pesquisa estabelecidas e enquadradas em áreas de concentração da CAPES, e visam, fundamentalmente, criar as condições necessárias para a instalação de programas de pós-graduação *Stricto Sensu*. Vinte NPs se encontram em funcionamento no momento.

<sup>22</sup> Caracterizam-se como um grupo de pesquisadores com proposta de investigação conjunta de natureza tecnológica, cultural ou social, visando à geração de novos processos ou produtos intelectuais, novas metodologias ou adaptação de ferramentas científicas para novas aplicações,

Quadro 4 - Quantidade e NPs/NIDs da UCS no 1º semestre de 2011

Descrição	Quantidade
Projetos de Pesquisas	288
Grupos de Pesquisa (CNPq)	102
Núcleos de Pesquisa	21
Núcleos de Inovação e Desenvolvimento	16

Fonte: Coordenadoria de Pesquisa

A apresentação da UCS atual possibilita o entendimento do processo de criação da instituição a partir dos cursos isolados preexistentes, bem como o DNA conceitual e estruturante da universidade, demarcando a criação e fundação. O termo DNA não será empregado como um conceito biológico, mas faço uso da sigla para significar o núcleo, não molecular da célula, mas o grupo pensante da Universidade que estava sendo criada. Como elemento fundante está a Revista CHRONOS que com seus colaboradores, principalmente os professores Jayme Paviani e José Clemente Pozenato, ajudaram a pensar, elaborar e construir a Universidade.

O primeiro capítulo “Caminhos da Universidade no Brasil” se caracteriza por breve exposição sobre a universidade brasileira a partir de revisão bibliográfica e objetiva estabelecer o reconhecimento do contexto histórico-nacional e, brevemente, internacional em que estavam inseridas essas instituições, para posicionar a criação da Universidade de Caxias do Sul no contexto. Significando a criação da universidade no Brasil, o processo de interiorização, principalmente durante os governos militares, relacionando com a expansão do ensino privado neste cenário, o capítulo permite situar o leitor no contexto maior para compreender o principal objeto de estudo – a Universidade de Caxias do Sul.

“A Serra Gaúcha e a Criação de sua Universidade” é o título do segundo capítulo, que apresenta a região em suas características educacionais relacionando-o com a presença das instituições que fundam a UCS. Os cursos isolados que contribuíram para a composição da Universidade.

O terceiro capítulo, “Pés na região, olhos no mundo” – a Universidade de Caxias do Sul/RS, se constitui da fundação e consolidação da UCS no período compreendido entre 1967 – 2002, tendo como referência o uso de periódicos, entrevistas e publicações relacionadas ao tema, os quais tratam dos momentos de crise institucional que demarcaram novos rumos para a instituição, assim como a sua configuração como universidade regional e comunitária.

O quarto capítulo apresenta o pensar e o construir a Universidade de Caxias do Sul através da Revista CHRONOS, 1967 à 2007, e de seu “grupo pensante”. Apresenta e analisa as discussões sobre o que se concebia como universidade, além de acompanhar as transformações internas obedecendo às determinações legais e às demandas da própria instituição e região.

Por fim, são traçadas as considerações finais que permitem relacionar: a universidade no Brasil, a região e a UCS desde os cursos isolados, passando pelo “grupo pensante” e as transformações ocorridas no período em estudo. Além disso, procura problematizar o presente e o futuro da UCS no contexto do Ensino Superior no Brasil no século XXI quando se estabelecem debates a cerca das IES e suas funções sociais e acadêmicas. No período em estudo, ocorreram transformações de ordem administrativa categorizando as instituições de ensino superior, definindo formas de gestão econômica e administrativa, no entanto, permanece o debate sobre a filosofia e a definição do que é uma universidade comunitária, ou seja, essas indefinições permitem a ausência de um marco legal que possibilite organização própria destas instituições. Presente esse debate na UCS, ela se insere também no contexto de discussão sobre a ampliação do acesso ao ensino superior a partir das ações governamentais federais, ao mesmo tempo em que debate internamente questões relativas à democratização e à qualidade de ensino.

O estudo propõe novos olhares, novas interrogações, como contributo ao pensar e repensar continuamente o ensino superior brasileiro com suas especificidades locais e inserido no contexto nacional e mundial.

## CAPÍTULO 1

### CAMINHOS DA UNIVERSIDADE NO BRASIL

O objetivo, neste capítulo, é historiar o ensino superior brasileiro, tomando como referência o século XX, quando foi criada a primeira universidade do País. Ao historiar a universidade em relação a acontecimentos macro e micro-históricos, isto é, ao contexto mundial e nacional, busco melhor compreender os caminhos que contribuíram para a fundação da UCS. É importante fazer uma breve leitura sobre a presença da universidade no Brasil para compreender que é um processo recente, em constante construção e que representa uma das formas de aperfeiçoamento individual e de consequente melhoria para a sociedade.

Inicialmente, faço reflexões sobre o contexto da chamada República Velha e encaminho para aspectos relacionados ao período de 1930, com os debates sobre a educação e, sobretudo, a educação superior. A seguir, abordo para os períodos que mais significam para este estudo, ou seja, as décadas de 1950, 1960, 1970, com as leis que regulamentam a criação do ensino superior e de cursos isolados, como os que, ao serem incorporados levaram à criação da UCS, num cenário pautado também pela interiorização e privatização do ensino superior.

Resgatando aspectos da educação brasileira, é necessário lembrar que o longo período colonial brasileiro determinou não apenas dependência nos campos políticos e econômicos, mas também a mudança de valores culturais, sendo alguns mimetizados às novas normas culturais que se constituíam na Colônia e outros desvalorizados. Quando buscamos referências na área educacional, elas remetem à elitização da educação e a algumas ações de cunho religioso. Falar sobre o ensino superior, neste longo período, nos permite constatar a quase ausência do mesmo. Cunha (1997, p. 39) afirma que:

Na Colônia, o ensino superior era ministrado em colégios jesuítas (cursos de Filosofia e de Teologia) e, depois da expulsão dessa ordem religiosa do reino português em 1759, os conventos franciscanos substituíram-nos no Rio de Janeiro e em São Paulo. A Igreja Católica era, então, uma instituição privada que se mesclava ao Estado pelo regime de patronato.

Também contribui com a análise, o pensamento e a reflexão de Trindade (1999, p. 28):

Enquanto os conquistadores foram implantando universidades, desde o Caribe (Santo Domingo) até países do Cone Sul (Córdoba) em meados do século XVIII, o Brasil optou pelo ensino superior profissional a partir do século XIX, com as pioneiras: Escola de Minas de Ouro Preto, Medicina de Salvador, mas, sobretudo através das Faculdades de Direito e, mais tarde, das Politécnicas. Preferimos cultivar em Coimbra o gosto pelo bacharelismo de nossas elites imperiais e apenas na década de 30 instituiu-se a Universidade de São Paulo. Esta, ao estabelecer um compromisso institucional entre a tradição das Escolas ou Faculdades profissionais e o embrião da universidade nascente que foi a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, tornou-se a matriz da primeira geração de instituições públicas e federais e confessionais católicas.

Para o período imperial, Cunha (1997, p. 39) considera que esse cenário educacional se mantém “após a Independência. O Império reforçou e multiplicou esse modelo, de modo que, em 1889, quando da Proclamação da República, o ensino superior no País era estatal, centralmente mantido e controlado. A necessidade de manter o controle sobre a sociedade brasileira, evitando movimentos autônomos, preservava a ideia de que os brasileiros, principalmente da elite, deveriam estudar na Europa, sobretudo em Portugal. Mesmo após o Ato Adicional de 1834, o controle permaneceu, pois, conforme Carvalho (1996, p. 64)

A educação superior se tornou responsabilidade tanto do governo geral como dos governos provinciais, mas nenhuma escola superior foi criada pelas províncias durante o império, reproduzindo-se internamente efeito semelhante ao buscado pela política colonial na centralização e homogeneização da formação das elites.

A escolarização, ao longo do século XIX, contribuiu para a unificação do poder através da elite. Para o autor (1996, p. 55):

Um elemento poderoso de unificação ideológica da política imperial foi a educação superior. E isto por três razões. Em primeiro lugar, porque quase toda a elite possuía estudos superiores, o que acontecia com pouca gente fora dela: a elite era uma ilha de letrados num mar de analfabetos. Em segundo lugar, porque a educação superior se concentrava na formação jurídica e fornecia, em consequência, um núcleo homogêneo de conhecimentos e habilidades. Em terceiro lugar, porque se concentrava, até a Independência, na Universidade de Coimbra e, após a independência, em quatro capitais provinciais, ou duas se considerarmos apenas a formação jurídica. (Carvalho, 1996, p. 55)

A não criação de universidades não significou a ausência de debates em torno de sua necessidade e nem a inexistência de cursos e academias de ensino superior. Rossato (1998, p.111) salienta:

Quanto à criação de uma universidade propriamente dita, o debate se estendeu durante todo o Império. Durante a Constituinte de 1823, o visconde de São Leopoldo propunha a criação de uma universidade, e o projeto de Constituição de 1 de setembro de 1823, apresentado por José Bonifácio, Antônio Carlos e outros, respaldava a medida determinando, no art. 250, a criação de universidades nos locais mais apropriados.

O debate e as proposições de criação de universidade eram acompanhados pela criação de cursos e de cadeiras avulsas<sup>23</sup>.

Sobre o perfil do aluno do ensino superior do século XIX, José Murilo de Carvalho(1996) diz que o estudante optava principalmente por cursos relacionados à área do Direito, assim como o fato de que muitos passavam por cursos de preparação ao ingresso no ensino superior. Salienta a presença de ordens religiosas na formação educacional, seja no ensino secundário ou superior, assim como a existência de uma formação específica voltada aos militares, a qual chegou a fomentar descontentamentos através do seu viés ideológico. Lembra ainda a formação científica que objetivava a instalação e qualificação de grupos de funcionários públicos. Essas representam as principais opções à formação intelectual das elites no século XIX.

A formação em cursos de ensino superior era possível, sobretudo, para os filhos da elite econômica nacional, visando a continuidade de seus postulados econômicos e sua presença nas esferas governamentais. Assim, quando um estudante de nível econômico mais baixo conseguia chegar ao círculo da “academia brasileira” era alvo de preconceitos. A manutenção do poder, em suas

---

<sup>23</sup> No período de 1808 a 1884 foram criadas oito cadeiras voltadas à área de saúde. Entre 1810 e 1875 foram criadas quatro escolas relacionadas à Engenharia. Em 1827 foram criados os cursos de Direito em São Paulo e Olinda, sendo que em 1854 os cursos de Direito foram transformados em faculdades e o de Olinda foi transferido para Recife. A área da agricultura foi, no período de 1808 até 1883, beneficiada com a criação de hortos, jardins botânicos, escolas de agronomia. Em 1816 foi criada a Escola Real de Ciência, Artes e Ofícios que foi reativada em 1820, como Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil, em 1824 se transformou em Academia de Belas Artes. Economia Política teve criação de cadeira avulsa em 1808; Matemática superior, em 1889, cadeira avulsa; Química também cadeira avulsa em 1817; assim como História, Desenho em 1817 e 1818; Música em 1818, cadeira avulsa e em 1841 o Conservatório de Música no Rio de Janeiro. (Rossato, 1998 p. 110/111)

mais diferentes esferas, a um grupo reduzido, permitia a sustentação de suas formas e escolhas, muito embora a influência para além dos pensamentos lusos tenha gerado algumas peculiaridades na forma de ser da elite intelectual brasileira, a partir da influência francesa. Esta elite permaneceu restrita e restringiu o acesso ao saber mais elaborado. Necessário não esquecer que as relações de amizade e familiares se perpetuavam nas escolas secundárias e de ensino superior.

O período compreendido entre os anos de 1889 a 1930 é conhecido por Primeira República, República Velha, entre outros nomes, neste momento se fez presente a política de favorecimento a alguns Estados brasileiros, sobretudo São Paulo (produtor de café) e Minas Gerais (produtor de leite), legando o termo de política café-com-leite para a prática política que era marcada pela fraude eleitoral. Foi um período de manifestações sociais no campo e na cidade.<sup>24</sup> A ausência de legislação específica para o ensino superior permanecia. Sobre o ensino superior na República Velha, Gomes (2003, p. 407) considera que:

Até a República todo o ensino superior era de responsabilidade do poder central, mas isso mudou com o advento de iniciativas de governos estaduais e de particulares, facilitadas pelo federalismo e pela defesa do “ensino livre”- ou seja, não monopolizado pela autoridade pública. No ensino superior não havia ainda nenhuma universidade, pois a primeira a ter essa designação foi criada em Manaus em 1909, com recursos que a iniciativa privada tirou da borracha em seu momento de glória.

Em 1920, foi criada a primeira Universidade no País denominada Universidade do Rio de Janeiro; “instituída por decreto, que apenas estabelecia vínculos administrativos entre três faculdades isoladas preexistentes” (Oliven, 1990, p.60). A respeito das normas legais para a criação de novas universidades no País, Fávero (1980, p. 36) explica que

No mesmo decreto (nº 16.782-A/25), através de seu artigo 260, é também autorizada a criação de outras instituições universitárias, sendo determinados os Estados que poderiam gozar da prerrogativa de ter universidades: Pernambuco, Bahia, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Para que fossem organizadas tais instituições, eram feitas as seguintes exigências: ser pautada no modelo do Rio de Janeiro

---

<sup>24</sup> Os movimentos sociais ocorreram em vários Estados brasileiros tanto no campo como na cidade, são exemplos: movimento operário, Canudos, Revolta contra a Vacina obrigatória, Revolução Federalista, Contestado.

e possuir um patrimônio em edifícios e instalações das faculdades, não inferior a três contos de réis. A criação dessas instituições dependia ainda de acordo com o governo dos Estados, a fim de que estes concorressem com patrimônio de títulos de dívida pública, cuja renda, destinada ao custeio de diferentes faculdades, dispensasse a subvenção da União para estabelecimentos superiores então existentes e não-oficiais.

Em 1928, é fundada a Universidade de Minas Gerais; em 1934, a Universidade de São Paulo e, também em 1934, a Universidade de Porto Alegre<sup>25</sup>. Além do aspecto tardio, as universidades são reflexos do pensamento que ficou mais presente após 1930, de que a educação deveria ser expandida em benefício do desenvolvimento do País, além de auxiliar na incorporação das massas e da formação da nação. Nessa linha, Cunha (2000, p. 157) considera que:

As transformações do ensino superior nas primeiras décadas da República foram marcadas pela facilitação do acesso ao ensino superior, resultando, por sua vez, das mudanças nas condições de admissão e da multiplicação das faculdades. Essas mudanças e essa multiplicação foram determinadas por dois fatores. Um fator foi o aumento da procura de ensino superior produzidos pelas transformações econômicas e institucionais. Outro fator, este de caráter ideológico, foi a luta de liberais e positivistas pelo “ensino livre”, e destes últimos contra os privilégios ocupacionais conferidos pelos diplomas escolares.

Porém, nem todos os setores sociais apoiavam o aumento no acesso ao ensino superior, procurando evitar a constituição de uma sociedade em que deixaria de existir a distinção por ser portador de diploma de ensino superior, o que remete à mentalidade colonial com seus estamentos, que previa que para poder ascender socialmente um dos critérios era ser portador de diploma universitário. Além disso, esses setores se preocupavam com a extensão de um grupo pensante, o qual poderia questionar e participar das decisões na sociedade. Para isso, os exames de ingresso foram introduzidos em 1911, modificados em 1915 e em 1925, pelo Decreto-Lei nº 16.782-A, que determinou:

O caráter seletivo\discriminatório dos exames vestibulares foi intensificado, mediante a adoção do critério de *numerus clausus*. [...] A reforma de 1925 estabelecia o dever do diretor de cada faculdade de fixar o número de vagas a cada ano. Em consequência, os estudantes

---

<sup>25</sup> Sobre, ver: ROSSATO, Ricardo. **Universidade nove séculos de História**. Passo Fundo: EDIPUF, 1998.

aprovados eram matriculados por ordem de classificação, até estarem completas as vagas.[...] O objetivo manifesto dessa medida era dar maior eficiência ao ensino pela diminuição do número de estudantes em certos cursos e conduzir os estudantes para cursos menos procurados, em que havia vagas não preenchidas. (Cunha, 2000, p.161)

Outros decretos e determinações foram criados no período, como Decreto Nº 5.616, de 1928, que estabeleceu as condições para a criação de novas universidades pelos Estados e determinou que o ingresso obedeceria aos mesmos critérios das universidades federais, também vetou a criação de universidades privadas. Eram tentativas de organizar o ensino superior brasileiro, o qual buscava nova formatação frente às necessidades.

### **1.1 Percursos da Universidade Brasileira (1930 – 1964)**

O governo de Getúlio Vargas, que assumiu o poder em 1930, através de um processo que impediu a continuidade da chamada República Café com Leite, buscou alterar aspectos da educação nacional, aproximando-a de seus interesses e da sua forma de governar. O Ministro da Educação Francisco Campos, embora tivesse especial atenção ao ensino secundário, decretou em 11 de abril de 1931 o Estatuto das Universidades Brasileiras<sup>26</sup>, o qual vigorou até 1961. Sobre ele, Oliven (1990, p. 61) diz:

De acordo com o Estatuto, a universidade poderia ser oficial (mantida pelo governo federal, estadual ou municipal) ou livre (mantida por fundações ou associações particulares). Para a criação de uma universidade, seriam necessárias, pelo mínimo, três faculdades dentre as seguintes: direito; medicina; engenharia; educação, ciências e letras. Essas faculdades seriam ligadas por vínculos administrativos, embora pudessem manter sua autonomia jurídica.

O Estatuto das Universidades foi o primeiro documento normativo, sua elaboração se deu a partir dos problemas e das necessidades em torno das universidades brasileiras. No entanto, manteve situações que impediram maior

---

<sup>26</sup> O debate sobre autonomia também estava presente desde a Reforma Francisco Campos, porém o governo Vargas determinou uma “autonomia relativa” e apenas a Lei nº 452, de 5 de julho de 1973, determinou a autonomia administrativa, financeira, didática e disciplinar. Porém, a não concretização dos recursos e as características do Estado centralizador não contribuíram para a concretização da autonomia nos termos da lei.

desenvolvimento na estrutura universitária, como a questão da cátedra que, conforme Fávero (1980, p. 51):

Mantendo a cátedra, o Estatuto dificultou a criação da carreira docente e, conseqüentemente, do quadro do magistério. O problema tornava-se realmente sério, porque a escolha dos assistentes, monitores, etc. dependiam exclusivamente do arbítrio dos catedráticos, em decisões muitas vezes tendenciosas e evados de autoritarismo.

O Decreto nº 20.179, de 6 de junho de 1931, ao expressar a presença do Estado através da centralização, determinando que os institutos de ensino superior deveriam seguir as exigências federais<sup>27</sup>, obteve críticas por parte de setores da sociedade, como a de Alceu Amoroso Lima que, ao representar o pensamento católico, ressaltou a necessidade de uma intervenção da Igreja. Fávero (1980, p. 40) afirma:

Numa posição bastante ortodoxa e autoritária, o ilustre pensador, analisando as posições do ministro, assume uma postura que reflete as tendências da Igreja Católica nos anos 30 em matéria de educação, onde o inimigo principal era o "laicisismo pedagógico". Esta posição apresenta certa identidade com os princípios educacionais expressos na Encíclica Divini Illius Magistri, de Pio XI (1929). Nesse documento pontifício, dirigido ao mundo católico, a obra da educação se confunde com a educação católica. É defendida, de um lado, a prioridade da igreja e da família no processo educacional e, de outro, a função supletiva do Estado, bem como o direito e a necessidade de escolas católicas para os católicos.

Desde o período colonial, a Igreja Católica foi presente na educação, setores da sociedade defendiam seus preceitos e entendiam que a educação seria um instrumento da propagação de seus ideais.

Nesse período ocorreu o primeiro debate significativo sobre a educação nacional que resultou em documento que permitiu reflexões sobre o ensino. A conferência da qual resultou o "Manifesto dos Pioneiros da Educação", do ano de 1932, defendia que a República deveria garantir o acesso à educação, uma vez que, em seus preceitos estava a ideia de que a república é o governo do público

---

<sup>27</sup> Segundo FÁVERO (1980, p. 39) as exigências eram: organizar os cursos e os períodos de modo que sejam, pelo menos, iguais aos federais; observar regime didático e escolar idêntico ao de instituto congênere.

e, portanto, a escola pública teria que ser disseminada<sup>28</sup>. Nesse sentido, surgem reações de grupos sociais defendendo que o Estado não deveria se constituir na única forma de gerenciamento da educação.

Em 1934, Gustavo Capanema assume o Ministério da Educação e Saúde e estabelece o Plano Nacional de Educação, que obteve apoio de um lado e desconfiança por parte de alguns segmentos sociais<sup>29</sup>. Gomes afirma que:

Os planos para a Universidade do Brasil (UB) eram ambiciosos e previam a construção de um *campus* grandioso. Essa era uma das ideias do ministro Capanema: a de que o ponto de partida de um sistema universitário deveria ser a construção física de suas instalações. [...] O projeto de reforma de Capanema para o ensino superior adotava um padrão comum para todo o País, com a definição legal de currículos dos cursos, que corresponderiam às profissões regulamentadas por lei, cabendo ao ministério a fiscalização geral. Pode-se considerar que, a despeito da distância evidente entre o grande sonho de Capanema e sua realização efetiva, o sistema universitário público no Brasil foi marcado por seu projeto, altamente centralizador e burocratizado. Mesmo a redemocratização de 1945 e as transformações então ocorridas no sistema educacional não alteraram algumas das características originais e básicas de sua concepção. (Gomes, 2003, p.420-421).

Há que se considerar o caráter não-democrático do ensino superior brasileiro, atendendo por um lado a necessidade de desenvolver economicamente o País, e, por outro, evitando a presença, a construção e organização de um novo grupo intelectualizado capaz de questionar e contestar. É o antagonismo reinante ainda hoje.

A presença de um Estado autoritário, que se moldava desde 1935 e que assume forma em 1937, fez-se sentir em todos os setores da sociedade. Nesse sentido, Fávero (1980, p. 93) considera que:

Nesse período, tanto a educação como as instituições escolares se tornam vítimas de uma organização monolítica do Estado, sem nenhuma autonomia. Há uma exacerbada centralização de todos os serviços do Estado, decorrendo daí a concepção errônea que o processo educativo poderia ser objeto de estrito controle legal. Assim sendo, todo o ensino é organizado, centralizado e fiscalizado como qualquer serviço público. E a administração, tanto nas escolas secundárias como nos

---

<sup>28</sup> A defesa da escola pública estava associada à idéia de que a república deveria tornar-se verdadeiramente pública, inclusive através de seus serviços, como a educação. Desta forma, o acesso a todos os grupos sociais seria garantido. Além de ter sido inspirada nos ideais positivistas de August Comte que defendia o saber.

<sup>29</sup> Sobre, ver SCHARTZMAN, 2000.

estabelecimentos de ensino superior, em pouco ou quase nada diferia da administração de outros órgãos do governo.

A Educação, no período do Estado Novo, era mais um dos instrumentos utilizados pelo governo para se afirmar no poder; utilizada pelo mesmo, representou significativo método ideológico propulsor dos interesses governamentais. A política de nacionalização estabeleceu a ação governamental na construção de uma nação que, inclusive, foi proibida de falar em italiano, alemão, polonês e outros idiomas e dialetos. Giron (1994) afirma que o nacionalismo foi uma aceitação dos imigrantes frente às suas necessidades e não necessariamente um ato voluntário, dando conta de que este modelo representava mais uma face do autoritarismo. É sabido que, nas zonas de imigração europeia, seus moradores passaram por uma espécie de silenciamento coletivo, expresso pela dificuldade de muitos em se manifestar oralmente<sup>30</sup>.

Também as universidades eram tidas como centros importantes para a consolidação dos objetivos do Estado. Neste sentido, ocorreram modificações em sua estrutura através de decretos e leis, como a que criou a Universidade do Brasil em substituição à Universidade do Distrito Federal. A nova instituição fora moldada pelo Estado autoritário e todas as demais universidades passaram a tê-la como exemplo. Para a abertura de novas instituições, além dos critérios estabelecidos por lei, era necessário o parecer do Conselho Nacional de Educação.

Findo o regime autoritário varguista, dentro de um contexto marcado pelo término da Segunda Guerra Mundial, outros são os anseios da sociedade brasileira. Populismo e democracia são termos que permeiam o momento compreendido entre 1945-1964. Sobre a democracia, Pécaut (1990, p. 99) considera a fragilidade da mesma e a identidade do povo é tida como elemento político na construção de uma nação marcada pelo nacionalismo, o qual é questionado por intelectuais, justamente num contexto mundial pautado pela Guerra Fria e pela associação a um dos modelos econômicos vigentes: o capitalismo ou o socialismo.

---

<sup>30</sup> Sobre, ver GIRON, Loraine S. **As Sombras do litório**: o fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parlandia, 1994.

Estudar esse período é, necessariamente, inserir-se em um cenário politicamente marcado por tensões ideológicas, engajamentos políticos, ações de aproximação junto ao povo<sup>31</sup>. Ao escrever sobre o período, Eric Hobsbawm (1995, p. 261) nos permite melhor compreender estas relações, sem deixar de lembrar as diferenças econômicas entre os povos:

Quanto mais complexa a tecnologia envolvida, mais complexa a estrada que ia da descoberta ou invenção até a produção, e mais elaborado e dispendioso o processo de percorrê-la, Pesquisa e Desenvolvimento (R&D em inglês) tornaram-se fundamentais para o crescimento econômico e, por esse motivo, reforçou-se a já enorme vantagem das economias de mercado desenvolvidas sobre as demais.

No Brasil, este processo é acompanhado por movimentos de intelectuais junto à sociedade e/ou em instituições presentes na mesma, como: Escola Superior de Guerra (ESG) que, além da associação à Lei de Segurança Nacional, defendia um programa da industrialização para o País; o Clube Militar, o qual se revelou um espaço de debate político sobre o nacionalismo, e não apenas um lugar para a recreação; a criação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB); Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD); Ação Democrática Popular (ADEP); os Centros Populares de Cultura (CPC); a Ação Popular, a partir e para além da Igreja Católica; o Partido Comunista; Comando dos Trabalhadores Intelectuais (CTI) são exemplos de movimentos que contaram com a ação e atuação de intelectuais na busca de “rupturas”, novas “racionalidades”, ações em torno do povo e do entendimento e da construção da nação brasileira.<sup>32</sup>

Sobre a educação no texto da Constituição de 1946, Gomes (2003, p. 425) revela que:

Embora se reconheça que a nova Carta não fez alterações substantivas na estrutura de nosso sistema nacional de ensino, seu espírito era conforme aos novos tempos da República, o que significava descentralização e autonomia para os agentes da educação. A

---

<sup>31</sup> Como componente de um contexto macro, o período teve importantes inovações: produtos melhorados, outros desenvolvidos que tornaram a vida, de alguns grupos nas sociedades contemporâneas, mais veloz, mais comunicativo, mais confortável. Entre os materiais desenvolvidos, alguns transformaram significativamente a vida de famílias que possuíam condições de adquiri-los como: a geladeira, a televisão, o disco de vinil, etc. Estes produtos exigiram o desenvolvimento de novos saberes.

<sup>32</sup> Sobre, ver PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.

Constituição manteve a obrigatoriedade do ensino primário (de quatro anos) e trouxe de volta o preceito de que a União e os Estados deveriam aplicar um percentual de seus recursos em educação, o que havia sido suprimido pela Constituição outorgada em 1937. [...]

Na medida em que há a possibilidade de descentralização e autonomia, percebe-se a abertura para outras formas de organização administrativa do ensino superior, a privada, a qual será presente nas décadas seguintes.

O contexto da década de 1950 foi marcado pelo crescimento do ensino superior, devido à expansão do ensino secundário e à equivalência deste com o ensino profissionalizante, possibilitando aos egressos deste sistema a entrada no ensino superior. Gomes (2003, p. 426) explica que:

Foram criadas novas faculdades pelo governo federal, e houve também uma 'federalização' de instituições estaduais e particulares. [...] Finalmente, ainda no terreno do ensino superior, Anísio Teixeira, que já projetara uma universidade nos anos 1930, a UDF, foi um dos principais responsáveis por outro projeto inovador: o da criação da Universidade de Brasília (UnB), inaugurada em 1961.

Ao mesmo tempo, o campo da educação sofreu com as modificações em curso e sobre a participação e os debates nesta área, Bomeny (2001, p. 57) afirma:

A atmosfera da qual se impregnou a cultura contagiou a educação. O Movimento de Educação de Base (MEB), por exemplo, já no início dos anos 60, dirigia-se às classes trabalhadoras, com o objetivo de ampliar o universo cultural e educacional de amplos setores da população. A esquerda participou mais ativamente desse movimento, e a União Nacional dos Estudantes (UNE) liderava grande parte do programa. Um programa pedagógico cultural de conscientização política e mobilização social. Também os Centros Populares de Cultura (CPC) nasceram em 1961, através da UNE, e funcionavam com o intuito de levar teatro, cinema, artes práticas, literatura e outros bens culturais ao povo. [...]

É mister salientar que o período compreende também a ação de intelectuais junto ao debate nacional sobre educação. Neste contexto, está o “Manifesto dos Educadores Mais uma Vez Convocados”, de 1959, assinado por 189 pessoas, que se refere ao Manifesto de 1932 como sendo o embrião das discussões e necessárias mudanças na educação brasileira. Proclamava a ação do Estado em defesa da escola pública, apontando lacunas governamentais na educação e denunciando que a república não era tão pública. Marcos Cezar de Freitas (2005, p. 178) assinala que:

Os dois *Manifestos*, ainda que abrigassem uma retórica constitutiva de um grupo que não era grupo e de “*técnicos*” que se apropriavam da técnica para fazer política, em seus “subtextos” revelavam a vulnerabilidade com a qual o tema escola pública estava posicionado nas rubricas orçamentárias, nos parágrafos jurídicos normativos, nos púlpitos e palanques e nos “chamamentos à nação”.

Reafirma, o manifesto, a necessidade de ações efetivas do Estado e da sociedade no sentido de promover uma educação mais democrática, autônoma e condizente com a realidade desenvolvimentista e industrializante da época, sem perder a preocupação com o conhecimento e uma formação humanista.

No período de 1945 até 1964, foram fundadas 32 universidades, atendendo o crescimento das demandas sociais, conforme quadro abaixo:

Quadro 5 - Universidades Brasileiras (1945–1964)

Universidade	Ano de fundação	Federal	Estadual	Particular
Universidade Federal Bahia	1946	X		
Universidade Federal de Pernambuco	1946	X		
Universidade Federal Rural de Pernambuco	1947	X		
Universidade Federal do Paraná	1948	X		
Universidade Federal do Ceará	1954	X		
Universidade Federal do Pará	1957	X		
Universidade Federal de Goiás	1960	X		
Universidade Federal de Santa Maria	1960	X		
Universidade Federal de Juiz de Fora	1960	X		
Universidade Federal da Paraíba	1960	X		
Universidade Federal Fluminense	1960	X		
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	1960	X		
Universidade Federal de Santa Catarina	1960	X		
Universidade Federal de Alagoas	1961	X		
Universidade Federal do Espírito Santo	1961	X		
Universidade Federal do Amazonas	1962	X		
Universidade de Brasília	1962	X		
Universidade Federal do Rio de Janeiro	1950		X	
Universidade Regional do Cariri	1960		X	
Universidade Estadual de Montes Claros	1964			
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	1946			X
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	1948			X
Pontifícia Universidade Católica do Paraná	1950			X
Universidade Católica de Pernambuco	1951			X
Universidade Presbiteriana Mackenzie	1952			X
Universidade Católica de Petrópolis	1953			X
Universidade Sagrado Coração	1953			X
Pontifícia Universidade Católica de Campinas	1955/1972			X
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	1958			X
Universidade Católica de Goiás	1959			X
PUC	2009			
Universidade Católica de Pelotas	1960			X
Universidade Católica de Salvador	1961			X

Fonte: Rossato, 1998, p. 197/198.

Verifica-se, no período que se estendeu entre a renúncia de Getúlio Vargas até a implantação do Regime Militar, um modelo voltado à expansão do ensino superior, conforme salienta Rossato (1998, p. 118):

No período que se estende de 1945 a 1964, observa-se um crescimento significativo do número de instituições. A partir de 1946, começaram a surgir as universidades particulares, com especial destaque para a atuação da Igreja Católica. [...] Entre os anos de 1950 e 1960, foram criadas mais quatro universidades federais, seis particulares e 28 IES particulares (faculdades, federações ou escolas isoladas). No final da década de 1950 o Brasil contava, pois, com 21 universidades e mais de cem instituições de ensino superior.

O quadro abaixo permite visualizar o processo de expansão do ensino superior desde o início da república (1889) até a instalação do regime militar (1964), demonstrando o crescimento numérico das instituições e das matrículas. BARROS (2007. p.13) apresenta<sup>33</sup>:

Quadro 6 - Expansão do Ensino Superior (1889 – 1964)

Ano	Eventos Históricos	Nº Instituições	Nº Matrículas
1889	Proclamação da República	14	Não informado
1889 – 1945	Primeira República e Governo Vargas	86	13.239(1929)
1945 - 1964	Período Democrático e Populista	181	37.548(1949)
1964 - 1984	Regime Militar	404(1960)	142.386

Fonte: (CATANI, 2009, p.122) – Quadro adaptado pela autora.

A criação de IES saltou de 14 para 86 em 56 anos, já no período de 19, entre os anos de 1945 e 1964, o aumento foi de 95 instituições, significando os aspectos econômicos envolvidos no período e a conseqüente urbanização e aumento de determinados setores sociais, principalmente da classe média. Por outro lado, durante os últimos anos citados, o aumento foi de 223, devido a presença gradual das IES particulares. Até a década de 1960 as matrículas se deram, principalmente, no setor público, uma vez que, apenas com a LDB de 1961 é que se estendeu a participação privada. Como afirma Amaral (2009, p. 122)

<sup>33</sup> Foi mantida a forma apresentada no livro citado, para eventos históricos. A autora usaria: Estado novo compreendido entre 1937-1945, e período de 1945-1964 denominaria de democrático-populista e não apenas populista uma vez que esta prática política é anterior a 1945.

A grande expansão ocorrida de 1945 a 1964, mais de 120% no número de instituições e quase 280% no número de matrículas, ocorreu basicamente no setor público, uma vez que cada capital do País passou a contar com uma universidade federal.

As manifestações acerca da educação e o debate sobre os recursos financeiros também estiveram presentes e permitiram ações de financiamento público na esfera da educação privada, em todos os níveis. Segundo Bomeny (2001, p.56) “O governo à época não dispôs de recursos para estender sua rede oficial de ensino, marginalizando quase 50% da população em idade escolar. Deliberaria pela expansão da rede privada”.

Atendendo à necessidade da educação nacional e no que se refere ao ensino superior, foi promulgada, a 20 de dezembro de 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 4024, que conforme observa Oliven (1990, p. 69):

[...] apesar de possibilitar certa flexibilidade na sua implantação, consolidou o modelo tradicional para as instituições de ensino superior no Brasil, mantendo a cátedra vitalícia, as escolas isoladas, as universidades compostas pela simples justaposição de escolas profissionais, sem maior preocupação com a pesquisa. Foi aumentado o controle do Conselho Federal de Educação. A lei assegurou, também, a representação estudantil, sem que ficasse especificada a proporção de representantes.

O ano de 1961 foi o da posse e da renúncia do presidente Jânio Quadros; da tomada de posse, com poderes limitados, do presidente João Goulart; da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Segundo Gomes (2003, p. 430):

A Lei de Diretrizes e Bases só foi votada após o fim da crise gerada pela renúncia do presidente Jânio Quadros. Em fins de 1961, o Congresso compôs um texto que procurou conciliar as tendências em disputa, e a lei foi sancionada pelo presidente João Goulart. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação introduziu uma orientação descentralizadora em nosso sistema de ensino, criando também o Conselho Federal de Educação, um órgão colegiado que passou, ao lado do Ministério da Educação, a ter funções normativas que alcançavam todo o território nacional. A escola pública não perdeu sua posição política central, mas abriram-se canais para que o Estado pudesse subsidiar com recursos públicos a iniciativa privada.

O subsídio público para a iniciativa privada possibilitou a abertura de universidades em cidades onde não existiam, como em Caxias do Sul. A questão

da escola privada, na LDB de 1961<sup>34</sup>, fez parte dos debates uma vez que havia defensores da aplicação dos recursos públicos na rede privada e defensores da idéia de que o público deveria ser aplicado no público e em sua expansão. Conforme Cunha (1983, p. 132):

A lei sancionada pelo Presidente da República João Goulart, seu primeiro-ministro Tancredo Neves e todo o ministério legitimava as principais reivindicações dos interesses privatistas, denominados interesses da "liberdade do ensino", objeto, aliás, de todo um título do texto legal. Apesar de determinar a obrigatoriedade do ensino primário, ficando os pais sujeitos a sanções legais se não matriculassem os filhos nas escolas, dizia ser da família o direito de escolher o gênero de educação que deve dar aos filhos. Ao Estado caberia o dever de fornecer à família os recursos indispensáveis para que ela pudesse se desobrigar dos encargos da educação, quando deles tivesse carência.

Em um país historicamente marcado por desigualdades sociais, o texto sugere que os pais tenham o direito de escolher o gênero de educação para seus filhos, no entanto, aos setores economicamente menos favorecidos a escola pública representa a opção. Sobre o debate em torno do poder público investir no ensino particular, Saviani (2010, p.37) coloca:

Nesse quadro de resistência do Poder Público em investir na educação, dá-se o conflito entre os defensores da escola pública e os defensores da escola particular que buscavam fazer prevalecer seus interesses na aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, cujo projeto estava tramitando no Congresso Nacional. Enquanto os defensores da escola pública entendiam que os recursos públicos deveriam ser destinados exclusivamente às instituições públicas, os defensores da escola particular argumentavam com o direito da família escolher o gênero de educação que desejava ministrar a seus filhos para reivindicar a transferência de recursos também para as escolas particulares.

A LDB descentralizou o controle do ensino particular, assim como propiciou maior autonomia aos sistemas estaduais. Ao tratar do ensino particular, a interpretação se dá para todos os níveis educacionais. Cunha (idem, p. 134) considera que:

O governo federal teria a competência de reconhecer e inspecionar os estabelecimentos de ensino superior e registrar os diplomas dos técnicos do grau médio. Os governos estaduais autorizariam, reconheceriam e

---

<sup>34</sup> O Conselho Federal de Educação tinha como funções: decidir sobre a abertura de cursos e de estabelecimentos privados, decidir sobre o funcionamento dos estabelecimentos isolados de ensino superior públicos e particulares e decidir sobre o reconhecimento das universidades.

inspecionariam os estabelecimentos de ensino médio apenas comunicando ao MEC suas atividades, de modo que este pudesse garantir o registro dos certificados.

Como resultado da aprovação da LDB de 1961, Saviani afirma que o texto “acabou por equiparar escolas públicas e particulares admitindo não apenas a concessão de estudos, mas também as subvenções públicas aos estabelecimentos de ensino particular” (2010, p.37). A impossibilidade de o poder público absorver a demanda existente levou à estratégia de subvencionar e de certa forma favorecer o privatismo educacional.

Quanto ao ensino superior, esse passaria a ser “ministrado em escolas isoladas ou em universidades; integrada cada uma destas por cinco ou mais IES, sem especificação [...]” (CUNHA, idem, p. 135). Ou seja, o projeto de 1948 determinava três escolas, sendo uma de filosofia. A partir da nova LDB, não mais existia este critério, pois, segundo o Presidente da República, João Goulart, já havia universidades suficientes com esta configuração, bem como escolas de ensino superior voltadas à formação de professores.

Outro tema polêmico envolveu a LDB, a participação dos estudantes nas universidades, os quais debatiam, inclusive: grades curriculares, o financiamento da educação, a participação da comunidade universitária, a autonomia, a expansão do ensino superior e sua qualidade. O movimento estudantil teve participação significativa nestes debates, sobretudo no que dizia respeito à defesa do ensino público. Sampaio (2000, p.43) afirma

Uma das características fundamentais desse movimento residiu na defesa do ensino público, com a reivindicação de eliminar, por absorção pública, todo o setor privado. Defendia, ainda, o modelo de universidade em oposição às escolas isoladas autônomas.

Além dos estudantes, também intelectuais brasileiros expressavam suas preocupações e ideias a respeito dos caminhos da educação brasileira. Entre eles estava Newton Sucupira, integrante do Conselho Federal de Educação (CFE) e participante da Reforma Universitária, tido como um homem preocupado, sobretudo, com o ensino superior. Bomeny (2001, p. 62) ao estudar este intelectual e o contexto de suas ações e pensamentos, afirma:

Ao refletir sobre a universidade brasileira, Sucupira insistia sempre no argumento de que era algo que estava por ser feito, algo para se construir. Certamente, essa ideia encontrava respaldo em uma convicção filosófica mais geral de que a universidade não poderia ser tomada como algo definitivo e acabado. Este é e sempre será um projeto histórico. Em suas palavras, “diríamos que o ser da universidade é o seu dever ser, a partir de um estrato factual em mudança.” Mas, a universidade brasileira estaria ainda por se transformar em universidade, deixando para trás o conjunto de faculdades isoladas, ligadas apenas formalmente pela sobreposição de uma reitoria.

O período de 1930 a 1964 pode ser considerado como o da consolidação de uma nova forma de universidade no Brasil, a qual foi pautada por debates entre público e privado. Sua organização obedeceu às categorias públicas federais, públicas estaduais e privadas, e, mesmo que este modelo não tenha atingido o maior percentual de matrículas, é necessário ressaltar que seu crescimento foi significativo, conforme atestam os dados sobre os estabelecimentos e matrículas do ensino superior privado no período de 1933 à 1960:

Quadro 7 - Número e percentual de estabelecimentos de ensino superior privado e matrículas no período 1933–1960

Ano	Número de estabelecimentos	Percentual sobre o total de estabelecimentos	Número de Matrículas	Percentual sobre o total de matrículas
1933	265	64,4	14.737	43,7
1935	259	61,7	16.590	48,5
1940	293	62,5	12.485	45,1
1945	391	63,1	19.668	48,0
1950	-	-	-	-
1955	-	-	72.652	42,3
1960	-	-	93.202	41,2

Fonte: Sampaio, 2000, p. 46.

A participação das instituições privadas era crescente, porém sua participação não foi maior devido ao processo de criação de universidades estaduais e federalização de instituições já existentes. Conforme MATTOS (1993, apud SAMPAIO 2000, p. 47)

De 1945 a 1955, ao mesmo tempo em que triplicou o número de matrículas totais, a participação relativa das matrículas privadas

diminuiu: passou de 48%, em 1945 para 42,3% em 1955. Essa redução está associada a dois processos quase simultâneos. O primeiro, de criação de universidades estaduais, reunindo institutos estaduais, federais e particulares – as universidades da Bahia e de Recife, criadas em 1946, são exemplos desse fenômeno; o segundo, de federalização das instituições de ensino superior. Só no ano de 1950, por exemplo, foram federalizadas, além das universidades estaduais da Bahia, de Recife, Porto Alegre e Paraná, mais 24 faculdades isoladas, muitas delas privadas.

A criação das instituições de ensino superior privadas foi favorecida pela Portaria Nº 4/63, que determinou quais as prerrogativas do CFE para a autorização e o reconhecimento destas instituições:

Condição jurídica da mantenedora; condições fiscais e materiais, capacidade financeira; recursos docentes, comprovantes das condições materiais e culturais do meio; comprovante da real necessidade do curso para a região; apresentação de regimento contendo currículo e normas acadêmicas de funcionamento da escola. (Sampaio, 2000, p.57).

Estas determinações eram de cunho administrativo e, portanto, facilitavam a criação das IES, uma vez que eram exigências burocráticas e que nem sempre demonstravam preocupação maior com as questões de ensino.

Outro aspecto a ser considerado é a criação das Pontifícias Universidades Católicas e das Universidades Católicas, demonstrando a presença da Igreja Católica em várias cidades, estendendo seu modelo confessional em demonstração dos interesses de extensão de seus valores. Entre as confessionais também esteve presente a participação de outras religiões como a luterana, anglicana, presbiteriana, protestante. Muitas destas instituições não deixaram de contar com o apoio financeiro governamental, sendo muitas caracterizadas como comunitárias, ou, nos dizeres de Sampaio, um setor semigovernamental.

É importante assinalar, ainda, que o fato de a Igreja ter buscado seus próprios caminhos na década de 1940 não significou um rompimento total com o Estado. No Brasil, as universidades católicas criadas depois de 1946 estabeleceram-se antes como um setor semigovernamental do que estritamente privado, tendo dependido, em maior ou menor grau, de financiamento estatal. (2000, p.48)

O período em reflexão também marca a criação de instituições de ensino superior no interior do País, como ocorreu em Caxias do Sul, com as Faculdades

Isoladas de Ensino Superior: Enfermagem, Belas Artes, Economia, Ciências e Letras, Direito, cursos que originaram a UCS.

As modificações em curso, no campo das participações e escolhas de governantes, nos debates sobre mobilidade e exclusão social, financiamento e expansão do ensino, liberdade e outros temas que envolviam amplos setores da sociedade, esbarraram na reação contrária que levou ao poder, por mais de duas décadas, o regime militar. Oliven (1990, p. 70)

São exemplos dessa nova fase o Plano Acton de 1965, os Acordos Mec-Usaid no período 1965/67, o Relatório Meira Mattos de 1968. Tais estudos tratavam, em geral, de aspectos isolados da problemática universitária como a expansão e reestruturação do ensino superior, as atividades estudantis, a produtividade, reduzindo a questão da reforma universitária aos seus aspectos meramente institucionais.

O autoritarismo expresso pelo Estado brasileiro, a partir de 1964, fez uso de poderes rígidos e coercitivos em todos os campos da sociedade, atingindo de forma desarticuladora os movimentos sociais e de forma específica a educação. Até então, os Centros Populares de Cultura, o Movimento de Cultura Popular e os Movimentos de Educação de Base que, salvo críticas que até podem ser procedentes sobre o assistencialismo de algumas ações, eram movimentos que buscavam estender a educação e a cultura para um segmento social excluído educacional e culturalmente, foram gradativamente desarticulados e preenchem a imagem do que ocorreu a partir de 1964 na educação e na cultura.

## **1.2 A Educação Superior Brasileira no período de 1964–2002**

O período de 1964 até 2002 foi marcado por transformações significativas no cenário político, econômico e social brasileiro. A imposição do autoritarismo através dos governos militares durou de 1964 até 1985, sendo o período seguinte marcado pela redemocratização do País. Refletir sobre a década de 1960 remete aos estudantes de Paris e de várias partes do mundo que, com seus ideais, acabaram por definir novas ações que representavam a razão de ser das universidades. Eric Hobsbawm (1995, p. 318) faz importante afirmação sobre um dos significados dos movimentos de 1968:

A nova 'autonomia' da juventude como uma camada social separada foi simbolizada por um fenômeno que, nessa escala, provavelmente não teve paralelo desde a era romântica do início do século XIX: o herói cuja vida e juventude acabaram juntas. Essa figura, antecipada na década de 50 pelo astro de cinema James Dean, foi comum, talvez mesmo um ideal típico, no que se tornou a expressão cultural característica da juventude - o *rock*.

Mesmo que para alguns estudiosos seus atos não tenham tido o significado que é dado por outros, maio de 1968 acabou por se transformar em uma espécie de marco da juventude e do final daquela década. Logo, a juventude, os estudantes, a sociedade eram expressos por antagonismos, por dúvidas. Segundo Eric Hobsbawm (1995, p. 322):

Como rapazes e moças criados numa era de pleno emprego podiam compreender a experiência da década de 1930, ou, ao contrário, uma geração mais velha entender jovens para os quais um emprego não era um porto seguro após mares tempestuosos [...] Essa versão do abismo de gerações não se restringiu aos países industrializados, pois o impressionante declínio do campesinato criou um abismo semelhante entre gerações rurais e ex-rurais, braçais e mecanizadas. [...] E o que é mais, esse abismo de gerações afetava mesmo aqueles - a maioria dos habitantes do mundo - para os quais os grandes acontecimentos políticos do século haviam passado ao largo ou que não tinham opiniões sobre eles, a não ser na medida em que afetavam suas vidas privadas.

Para estas populações, vivenciando as mudanças, inclusive de perspectivas do público e do privado também na educação, maio de 1968 e os outros movimentos sociais, políticos representavam uma espécie de rebeldia, de vanguarda que acabou por marcar efetivamente sua forma de ser e pensar. Maria Helena Simões Paes (2001, p.20) auxilia a compreender o contexto de jovens dos anos 1960:

Duas outras palavras revelam também o espírito dessa década: *contestação e rebeldia*. Os inconformados com o mundo em que viviam estiveram em todos os segmentos sociais e em todos os cantos do planeta, não só na Ásia e na África ou na América Latina. Mas, talvez, nenhuma contestação tenha sido tão extraordinária como aquela realizada pela juventude. Ao lado dos *hippies* e dos jovens envolvidos em outras manifestações da chamada contracultura, explodia a rebelião dos "enragés", os universitários engajados nos movimentos estudantis. Pacíficos ou violentos, os jovens contestaram todas as estruturas: a capitalista e a socialista. O *não* unia todos eles.

Os acontecimentos iniciados na Universidade de Nantere, em Paris, que se estenderam à Sorbonne, ao Quartier Latin e acabaram por refletir em várias outras universidades europeias e no mundo todo, tiveram como argumento a expansão da população estudantil universitária e a sua relação com o mercado de trabalho, assim como a presença de um sentimento antiautoritário que acabou por se estender aos demais níveis da sociedade, bem como a forma diferente, mais profunda de análise, que marcará as décadas seguintes. Temas que eram discutidos também na sociedade brasileira, sobretudo pelo movimento estudantil<sup>35</sup>.

Os estudantes também debatiam e se manifestavam quanto ao excedente de candidatos ao ensino superior brasileiro e a diminuta quantidade de vagas nas instituições públicas. Oliven (1990, p. 70) lembra

Em 1968, as mobilizações estudantis se acirravam com a questão dos excedentes: estudantes aprovados no vestibular exigiam vagas, tomavam a universidade e criavam cursos paralelos. O movimento dos excedentes canalizou em parte o desencantamento da classe média para com os rumos da política econômica adotada pelo governo.

Luiz Roberto Lopez (2003, p.99), ao escrever sobre os jovens e suas lutas em 1968, afirma que:

Em cada país, assumiu características próprias. Nos Estados Unidos, foi forte o protesto contra a participação americana na “guerra suja” do Vietnã. Na França a juventude se ergueu contra a repressão “burguesa” e o arcaico sistema estudantil. Na Tchecoslováquia, a contestação se dirigiu contra a União Soviética, que encerrava violentamente a experiência da Primavera de Praga. Inspirados nas ideias de Marcuse, os movimentos de 1968 pretenderam fortalecer as causas dos segmentos marginalizados pela repressiva e massificante sociedade industrial, o que veio projetar, em momento posterior, as lutas direcionadas em prol da ecologia e dos direitos das minorias e/ou setores historicamente silenciados pela civilização do poder e do controle, como os negros, as mulheres e os homossexuais. [...]

A afirmação e a relação estabelecida norteiam mais um significado possível sobre aqueles acontecimentos, o que os precedeu e a contemporaneidade dos mesmos. A contemporaneidade dos mesmos e até a sua não presença pode ser

---

<sup>35</sup> Também outros acontecimentos marcaram o período: Primavera de Praga, maio de 1968, Guerra do Vietnã, Guerra Fria são alguns exemplos que levaram a manifestações em várias partes do mundo.

entendida através do pensamento de Zygmunt Bauman (2007, p. 32), ao refletir sobre os 'tempos líquidos' em que vivemos marcados pelas incertezas:

O medo é reconhecidamente o mais sinistro dos demônios que se aninham nas sociedades abertas de nossa época. Mas é a insegurança do presente e a incerteza do futuro que produzem e alimentam o medo mais apavorante e menos tolerável. Essa insegurança e essa incerteza, por sua vez, nascem de um sentimento de impotência: parecemos não estar mais no controle, seja individual, separada ou coletivamente, e, para piorar ainda mais as coisas, faltam-nos as ferramentas que possibilitariam alçar a política a um nível em que o poder já se estabeleceu, capacitando-nos assim a recuperar e rever o controle sobre as forças que dão forma à condição que compartilhamos, enquanto estabelecem o âmbito de nossas possibilidades e os limites de nossa liberdade de escolha: um controle que agora escapou ou foi arrancado de nossas mãos.

As incertezas de nossa época traduzem significados hoje menos presentes, mas que, para os anos 1960, eram repletos de sentido e capazes de produzir contestações firmes, sólidas que resultaram nas manifestações já expressas.

Por conseguinte, faz-se importante não distanciar as afirmações de Bauman (2007) do conceito de globalização, uma vez que fazem parte da mesma contemporaneidade, mesmo que com olhares diferenciados. Ao tomar o tema da globalização, Octavio Ianni (1997, p.25) o analisa sobre vários aspectos. Peça emprestada sua reflexão sobre a cultura, por compreender que ela se estende aos demais setores:

O planeta terra está tecido por muitas malhas visíveis e invisíveis, consistentes e esgarçadas, regionais e universais. São principalmente sociais, econômicas, políticas e culturais, tornando-se às vezes ecológicas, demográficas, étnicas, religiosas, linguísticas. O que era local e nacional pode tornar-se também mundial. O que era antigo pode revelar-se novo, renovado, moderno, contemporâneo. Formas de vida e trabalho, imaginários e visões de mundo diferentes, às vezes radicalmente diversos, encontram-se, tencionam-se, subordinam-se, recriam-se. [...]

Essas realidades imprecisas que compõem nosso cotidiano levam novos olhares sobre os tempos de incertezas, resta questionar: qual é o papel da educação, do ensino superior em cada local, será o campo educacional capaz de atenuar essas incertezas e será que desejamos que sejam atenuadas? Em um

campo macro e ao mesmo tempo micro, qual ou quais significados assumem a universidade brasileira?

Quase cinco décadas depois da implantação dos governos militares no Brasil, ainda há receios e dúvidas sobre o que ocorreu no País e nos países latino-americanos governados por estes regimes<sup>36</sup>. Para além do já descrito sobre ações dos governos militares, como as alterações na constituição de 1946, o conjunto de leis do regime (Atos Institucionais), constituição, as perseguições, as violações aos direitos humanos através de torturas físicas e psicológicas, as mortes e desaparecimentos, a censura, os suicídios, a propaganda, os dados econômicos, as informações sobre o regime, e também as publicações feitas sobre os movimentos de resistência, o campo educacional também sofreu as consequências do regime militar.

Alunos, apresentam, enquanto acadêmicos recém-egressos do ensino médio, dificuldades em refletir e relacionar conhecimentos, consequências estas também de um modelo educacional que, segundo Romanelli (1984, p. 203):

É sintomática a supervalorização das áreas tecnológicas com predominância do treinamento específico sobre a formação geral e a gradativa perda de *status* das humanidades e ciências sociais, de modo geral, nas reformas do ensino desencadeadas por atuação desse tipo de ajuda internacional para a educação.

Através dessas colocações, fica presente que o modelo educacional, a partir dos governos militares, contribuiu para, além de diminuir a presença das disciplinas da área de humanas, estabelecerem processos que ainda hoje acabam por dificultar uma visão de sociedade contextualizada política, econômica, social e culturalmente, por parte de número significativo de educandos.

A produção de estudos acerca das relações estabelecidas entre os projetos educacionais do regime militar, seus efeitos sobre os novos pensares e a

---

<sup>36</sup> Sobre, ver REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **O golpe e a ditadura militar**: quarenta anos depois (1964-2004). Bauru: EDUSC, 2004; DELGADO, (2007); DELGADO, Lucília de A. N.; FERREIRA, Jorge (org.). **O Brasil Republicano**: o tempo da ditadura - regime militar e movimentos sociais em fins de século XX. RJ: Civilização Brasileira, 2007. GASPARI, Elio. **A ditadura derrotada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. GASPARI, Elio. **A ditadura encurralada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004; GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

“desarticulação”, assim como análises sobre outros temas relativos à educação nacional, no período, ainda merecem atenção dos pesquisadores. Sobre a universidade, Franklin Leopoldo e Silva (2006, p. 285) afirma:

Não podemos fazê-lo, mas é lícito afirmar, a partir de análises que já foram efetuadas, que as ditaduras prepararam o caminho para o neoliberalismo e suas conseqüências, notadamente no campo social. Essa preparação ocorreu através da desarticulação da esfera pública, da restrição de direitos e da despolitização. [...]

A despolitização e desarticulação da sociedade se fez presente também nos círculos acadêmicos, pois era no momento, um dos espaços de debates políticos e de articulações. O que ocorre nas instituições de ensino superior, no Brasil e na América Latina, no sentido de despolitizar, através dos mecanismos de poder, atingiu, e atinge ainda hoje, o pensamento e a ação na sociedade.

Bomeny (2001,p.61), ao refletir sobre as opções do modelo educacional da época para a educação nacional, afirma:

Sob os 21 anos de ditadura militar, de 1964 a 1985, vimos uma vez a definição de investimentos em educação desconsiderando a educação básica. Ampliou-se o número de vagas nas universidades, além de crescer consideravelmente a participação da rede privada na oferta de ensino superior.

De um lado assistiu-se a ampliação do ensino superior brasileiro, com maior participação do setor privado, de outro os níveis educacionais fundamentais, responsáveis pela capacitação de leitura, escrita, interpretação fundamentais para os níveis posteriores, ficou em plano secundário.

Sobre os dois projetos educacionais mais pontuais do regime militar, estão a Reforma Universitária de 1968 (Lei nº 5.540\68) e a criação legal do ensino profissionalizante no segundo grau sob a Lei nº 5.692\71. Ambos com efeitos importantes sobre a formação do estudante brasileiro, uma vez que a profissionalização não resultava necessariamente em qualificação profissional. Em muitas escolas, os laboratórios, que seriam o espaço para a prática técnica, eram inexistentes ou precários. Para entendimento sobre a política educacional desse período, Sanfelice (2010, p.336), caracterizou

A política educacional dos governos militares pode, então, ser definida como a política da modernização conservadora e que expressou: o *autoritarismo dos mandatários* (os docentes, as resistências das universidades, o movimento estudantil foram calados); a *subordinação a um modelo econômico excludente* e, portanto, elitista, de privilegiamento do grande capital; o *tecnicismo burocrático* (as medidas em geral não contaram com a participação dos educadores); a *mentalidade empresarial no campo da educação* assaltada por princípios de eficiência, produtividade, racionalidade e economia de recursos.

Sobre a universidade brasileira, a partir da reforma, Germano (1993, p.123)

afirma:

A reforma universitária do regime Militar representa, sobretudo, uma incorporação desfigurada de experiências e demandas anteriores, acrescida das recomendações privatistas de Atcon, dos assessores da Usaid e de outras comissões - como a comissão Meira Mattos - criada para analisar e propor modificações do ensino superior brasileiro. Conceitualmente, ela tomou por base a "teoria do capital humano" - que estabelece um vínculo direto entre educação e mercado de trabalho, educação e produção - e a Ideologia da Segurança Nacional. Tratava-se de reformar para desmobilizar os estudantes.

As ações governamentais se estenderam a todos os níveis da educação nacional. Várias foram as iniciativas do Estado para o ensino superior, entre as quais Germano (idem, p. 123-124) considera:

- a) O relatório encomendado pelo MEC ao professor norte-americano Rudolph Atcon, concluído em 1966. A principal contribuição de Atcon diz respeito ao aspecto privatizante da política universitária do regime. Em seu relatório ele afirma explicitamente: 'Um planejamento dirigido à reforma administrativa da universidade brasileira, no meu entender, tem que implantar um sistema administrativo tipo empresa privada e não de serviço público. Porque é um fato inegável que uma universidade autônoma é uma grande empresa e não uma repartição pública.'
- b) Na esteira dos Acordos MEC-Usaid foi constituído um grupo de trabalho denominado Equipe de Assessoria ao Planejamento do Ensino Superior (Eapes). Tal equipe também produziu um documento, concluído em 1968, que continha análises sobre a educação brasileira e proposições acerca da reforma universitária. O Relatório partia do pressuposto de que a educação era essencial ao desenvolvimento econômico da sociedade e sugeria a adoção de medidas já comentadas anteriormente, como: sistema de créditos, organização departamental, ciclo básico e ciclo profissional etc. Ao lado disso, concedia também grande ênfase à privatização do ensino. Esta seria uma forma de expandir oportunidades educacionais, à medida que as escolas privadas complementassem a ação do Estado no campo educacional. Dessa maneira, constava do relatório da Eapes a defesa da gratuidade do ensino público apenas no tocante ao primário, conforme explicitava a constituição de 1967. Nos níveis secundário e superior, o ensino público apenas para aqueles que provassem falta de recursos.

Para poder caracterizar a educação nacional conforme os objetivos do regime militar, alterações foram feitas na LDB nº 4.024\61, que havia sido fruto de amplo debate na sociedade brasileira e, cujo aspecto democrático não mais combina com o governo autoritário que impõe à sociedade as leis nº 5.540\68 e nº 5.692\71. Além disso, o Ministério da Educação e Cultura passou a receber “assistência técnica e cooperação financeira” da *United States Agency for International Development*, através dos acordos MEC-Usaid, que objetivava implantar um modelo de educação para o Brasil e a América Latina, assentado em três pilares: Educação e Desenvolvimento, Educação e Segurança, Educação e Comunidade. A comunidade passaria a ser centro da atenção da educação, que a ela desenvolveria ações destinadas a suprir algumas de suas demandas, sendo necessária a percepção dos contextos. Neste momento a análise contextual social, política, econômica e cultural, ao menos em tese, deveria ser considerada para as ações educacionais, além disso, a comunidade poderia fazer parte de associações representativas dentro da escola, auxiliando na tomada de decisões. Ao tratar sobre as reformas, Dermeval Saviani (1996, p. 159) afirma:

Em outras palavras, a modernização da economia fazia da escolarização, senão a única, pelo menos a principal via de ascensão social. Daí a forte pressão das classes médias no sentido da “democratização” do ensino superior. O impasse da Universidade vem, pois, numa linha de continuidade com o processo sócio-econômico. Mas as manifestações dos estudantes tinham por base uma continuidade também no plano político, razão pela qual se orientavam, ainda, pela ideologia nacional-desenvolvimentista. Entretanto, do mesmo modo que em termos gerais, também no plano educacional era necessária uma ruptura política para manter a continuidade social. Nesse sentido, foram tomadas várias medidas, tais como a Lei 4464/65 que regulamentava a organização e funcionamento dos órgãos de representação estudantil e as gestões em torno dos chamados 'acordos MEC-USAID'. Medidas como essas, contudo, entravam em conflito com a orientação seguida pelas reivindicações estudantis, transformando as Universidades no único foco de resistência manifesta ao regime [...].

A década de 1960 e, sobretudo 1968, permite, mais de 40 anos depois, muitas leituras e interpretações, algumas que tentam transformá-la em sinônimo de passado e outras que buscam, numa espécie de nostalgia, traços que são ainda presentes. Interessa, neste aspecto, a relação com a educação, principalmente para com o ensino superior. No livro “1968 contestação e utopia”,

Enrique Serra Padrós ao estabelecer alguns significados para o período também escreve sobre o ensino:

A crítica ao sistema de ensino esteve presente em toda a parte. A insuficiência dos programas, o conservadorismo, o rigor das estruturas burocráticas secundaristas e acadêmicas, a alienação de seu tempo presente, a ausência de criticidade e de democracia nas relações internas representou uma primeira base de tomada de consciência dos estudantes que, evidentemente, vinha enviesada com conotações sociais, ideológicas e políticas. [...] (2003, p. 10).

No ensino superior, como medidas próprias do regime militar, foi criado o sistema de créditos, seguindo o modelo de universidades norte-americanas, acabando com o sistema seriado. Bomeny (2001, p. 62) atesta um dos efeitos dessa organização:

A decisão pela flexibilização do regime de créditos teve o efeito político desmobilizador, muito ao gosto do regime autoritário, com o efeito social perverso de afetar profundamente as relações entre estudantes, abortando qualquer projeto de interação mais duradoura. O grupo antes identificado por uma determinada turma pulveriza-se, no tempo e lugar, de acordo com a conveniência de cada um no arranjo de disciplinas oferecidas[...] o ascetismo burocrático do autoritarismo corroeu o espaço de convivência dos jovens estudantes universitários.

Importante não esquecer que, neste contexto, o campo econômico esteve em crescimento, inclusive com a instalação, em maior número, de indústrias estrangeiras no País, as quais necessitavam de mão-de-obra mais qualificada. Se por um lado havia essa necessidade, por outro lado, as universidades não tinham condições de atender a esta demanda. A solução encontrada pelo governo da época, para resolver a questão dos excedentes, foi a criação do Decreto nº 68.908\71 que adota o vestibular classificatório.

A respeito destas mudanças, Cunha (2000, p. 192) considera que:

A grande expansão do ensino superior no período imediatamente posterior ao golpe militar de 1964 resultou da substituição do regime de cátedras pelo regime departamental nas universidades públicas, e do incentivo governamental à criação de faculdades privadas. Tal expansão implicou a mudança da composição social do alunado quanto do professorado. Aumentou significativamente o contingente de alunos com idade mais elevada, de trabalhadores de tempo parcial ou integral. Entre os docentes, aumentou o número dos muito jovens.

Através da Reforma Universitária foram implementadas medidas modernizantes e também ações conservadoras. Para Martins (2009, p. 16), a reforma:

Por um lado, modernizou uma parte significativa das universidades federais e determinadas instituições estaduais e confessionais, que incorporaram gradualmente as modificações acadêmicas propostas pela Reforma. Criaram-se condições propícias para que determinadas instituições passassem a articular as atividades de ensino e de pesquisa, que até então - salvo raras exceções - estavam relativamente desconectadas. Aboliram-se as cátedras vitalícias, introduziu-se o regime departamental, institucionalizou-se a carreira acadêmica, a legislação pertinente acoplou o ingresso e a progressão docente à titulação acadêmica. Para atender a esse dispositivo, criou-se uma política nacional de pós-graduação, expressa nos planos nacionais de pós-graduação e conduzida de forma eficiente pelas agências de fomento do governo federal.

Também para Trindade (1999, p. 29):

[...] a reforma de 68 e os substanciais recursos oferecidos pelas agências de financiamento da pós-graduação e pesquisa (CAPES, CNPq e FINEP) dentro de sucessivos Planos de Desenvolvimento Científicos e Tecnológico, profissionalizaram o sistema universitário, com a implantação de regimes de tempo integral e dedicação exclusiva e, sobretudo, implementaram uma consistente política de pós-graduação, com avaliação periódica pelos pares sob a coordenação da CAPES [...].

Sobre o conteúdo da reforma educacional, Germano (1993, p. 105) sintetiza:

[...] a política educacional se desenvolveu em torno dos seguintes eixos:

- 1) Controle político e ideológico da educação escolar, em todos os níveis. Tal controle, no entanto, não ocorre de forma linear, porém, é estabelecido conforme a correlação de forças existentes nas diferentes conjunturas históricas da época. Em decorrência, o Estado militar e ditatorial não consegue exercer o controle total e completo da educação. A perda de controle acontece, sobretudo, em conjunturas em que as forças oposicionistas conseguem ampliar o seu espaço de atuação política. Daí os elementos de 'restauração' e de 'renovação' contidos nas reformas educacionais; a passagem da centralização das decisões e do planejamento, com base no saber da tecnocracia, aos apelos 'participacionistas' das classes subalternas.
- 2) Estabelecimento de uma relação direta e imediata, segundo a 'teoria do capital humano', entre educação e produção capitalista e que aparece de forma mais evidente na reforma do ensino de 2º grau, através da pretensão de profissionalização.
- 3) Incentivo à pesquisa vinculada à acumulação de capital.
- 4) Descomprometimento com o financiamento da educação pública e gratuita, negando, na prática, o discurso de valorização da educação escolar e concorrendo decisivamente para a corrupção e privatização do ensino, transformando em negócio rendoso e subsidiado pelo Estado.

A reforma possui parâmetros condizentes com os preceitos do governo da época, ou seja, estabelece mecanismos de controle, através do Estado, sobre as ações desempenhadas na educação nacional. Assim como o interesse em desenvolver o capital humano para as necessidades postas pelo mundo do mercado e do trabalho, característicos da Guerra Fria.

Acrescente-se a este cenário, os espaços físicos que foram criados com os campi. Uma mesma instituição distribuída em vários campi distantes uns dos outros e, mesmo prédios que dificultavam a comunicação entre os estudantes, justamente em um período de efervescências culturais e de manifestações estudantis. Ainda em 1967, as organizações estudantis sofreram perseguições e foram consideradas subversivas. Na ação mais imediata, a União Nacional de Estudantes (UNE) foi extinta, considerada ilegal, tendo sua sede sido tomada pela polícia e suas atividades restringidas pela lei nº 4.464/64, conhecida como “Lei Suplicy de Lacerda”. Em contrapartida, foi permitida a organização através dos Diretórios Acadêmicos como representação dos cursos e o Diretório Central dos Estudantes para representar os estudantes de cada universidade.

Ações desencadeadas pela reforma criavam uma sociedade tutelada pelo governo central, o qual estabelecia mecanismos opressores visíveis e outros mais sutis. Ao avaliar a reforma, afirma Oliven (1990, p.71):

A reforma universitária não teve como objetivo a real democratização do ensino superior. Imposta autoritariamente, ela restringiu-se a um processo de racionalização de recursos na forma de modernização conservadora. Embora o texto legal considerasse que o estabelecimento isolado devesse ser uma exceção, sabe-se que logo após a reforma o número desses estabelecimentos se expandiu vertiginosamente. Para se ter uma ideia da situação, no ano de 1981 havia, em todo o País, 65 universidades das quais sete tinham mais de 20.000 alunos. Nesse mesmo ano, o número de estabelecimentos isolados de ensino superior excedia 800, dos quais 250 tinham menos de 300 alunos.

A tabela abaixo sinaliza a diferença das matrículas entre os setores públicos e privados, sendo que, no segundo, a expansão foi de 1.413%, enquanto que no público foi de 552%.

Quadro 8 - Matrículas no Ensino Superior Privado (1964-1984)

Ano	Nº total de matrículas	Matrículas Públicas		Matrículas Privadas	
		Número	%	Número	%
1964	142.386	87.665	61,6	54.721	38,4
1974	937.593	341.928	36,4	596.565	63,5
1984	1.399.539	571.879	40,9	827.660	59,1
%(1964-1984)	883%	552%		1.413%	

Fonte: Brasil (1990), In: CATANI,2009, p.124.

Restabelecendo o diálogo sobre o ensino superior privado e ao tratar especificamente da sua expansão no Brasil, Martins (2009) lembra a organização das instituições a partir da fusão de cursos isolados:

O ensino superior privado que surgiu após a Reforma de 1968 tende a ser qualitativamente distinto, em termos de natureza e objetivos, do que existia no período precedente. Trata-se de outro sistema, estruturado nos moldes de empresas educacionais voltadas para a obtenção de lucro econômico e para o rápido atendimento de demandas do mercado educacional. Martins (2009, p. 17).

O ensino superior privado foi estimulado pelos acordos estabelecidos entre o governo brasileiro e os grupos de assessoria internacional. Germano (1993, p. 124) considera que a decisão foi:

Deve ser estimulada a criação de universidades particulares, prestando-lhes o governo auxílios, a fim de assegurar nelas vagas para os alunos pobres. Mas somente em casos extremos deverá o governo encampá-las assumindo os seus encargos financeiros. Os recursos governamentais disponíveis devem ser empregados, sobretudo no alargamento das universidades oficiais existentes. Em vez de fundar novas escolas ou encampar as particulares deve o governo aumentar a lotação de suas escolas superiores tradicionais. As escolas particulares devem lutar pela própria sobrevivência, mobilizando recursos e fontes não-governamentais, entre as quais as anuidades dos alunos.

A expansão do ensino superior privado obedeceu, também, à necessidade de atender a um número maior de egressos do ensino secundário que almejaram estudar na universidade uma vez que esta representava ascensão social. Freitag (1987, p. 35) afirma que:

A relação entre escola pública e privada, neste nível de ensino, se alterou em favor do ensino público na década de 60, momento em que a universidade passa a ser a grande barreira à ascensão social. Os

egressos de cursos secundários (de várias áreas de especialização, como contabilidade, técnico-industrial, colegial e de cursos diurnos e noturnos) pressionavam o ingresso às universidades. Com a equiparação desses cursos pela LDB, em 1961, a pressão sobre as universidades aumentou de forma insuportável, impondo uma solução além do vestibular.

Uma das soluções encontradas foi a possibilidade de estender o ensino superior à rede privada, mesmo que invertendo a lógica, com o passar dos anos, de que os menos favorecidos deveriam cursar em universidades públicas e os mais favorecidos economicamente em escolas de ensino superior privadas. O período anterior foi o de consolidação do ensino privado; já dos anos 1960 a 1980, ocorreu a expansão deste setor, fato demonstrado pelo crescimento de matrículas

O setor público ainda que houvesse crescido no período, não o fez no mesmo ritmo do setor privado. No período 1960-1970, enquanto as matrículas públicas registravam crescimento da ordem de 260%, as matrículas do setor particular cresciam mais de 500%. Na década seguinte – 1970-1980 - o crescimento do setor privado foi de 311,9% e o do setor público, de 143,6%. (SAMPAIO, 2000 p. 57)

Foram criadas instituições de pequeno porte, assim como cursos voltados a novas carreiras para atender a demanda crescente no período pelo ensino superior, principalmente no turno noturno. Descentralizando o ensino superior das capitais, criando IES no interior e com cursos noturnos, ocorreu o acesso, mesmo que restrito, de parcelas populacionais que possuíam dificuldades em se deslocar para as capitais e também de estudantes trabalhadores diurnos que viam nestas instituições a possibilidade de estudar. Relativo aos cursos criados, Sampaio (2000, p. 62) afirma

Cursos noturnos de Direito, administração, de formação de professores para o segundo grau, oferecidos por escolas isoladas, nas pequenas cidades do interior, tinham clientela certa: jovens recém-egressos do curso secundário – cuja rede pública tinha se ampliado na década anterior – sem condições financeiras e/ou domésticas para prosseguir estudos em centros urbanos maiores; pessoas mais velhas, já empregadas, que não tinham tido oportunidade de estudar e que viam no diploma de ensino superior oportunidade de melhoria no mercado ocupacional ou, simplesmente, de adquirir novo *status* na comunidade local; jovens mulheres que já passavam a aspirar a uma formação de nível superior, mas sem que isso implicasse o rompimento com a família de origem e/ou com planos matrimônios etc. Nesse sentido, é difícil discernir até que ponto a criação desses estabelecimentos no interior

não se deu em virtude da facilidade com que passavam a oferecer formação superior.

O ensino superior, com a instalação de IES em cidades interioranas, proporcionou maior acesso aos alunos oriundos do ensino médio, bem como à classe média, e esteve voltado às necessidades locais, que encontravam no setor privado o que não era ofertado pelo público. Portanto, o acesso era limitado pelas condições financeiras, mesmo assim representava possibilidades de ensino no interior no Brasil. Mas as IES privadas também se instalaram nos centros maiores e nas capitais, sendo que:

Nos centros urbanos maiores ou nas capitais dos Estados, os estabelecimentos de ensino superior que estavam abrindo cursos, seguiam três tendências. A primeira, continuando a tradição de escolas voltadas para a formação em profissões liberais, sobretudo nas áreas da saúde, como Odontologia e Medicina, para os quais, por insuficiência da rede pública, e por sua tradição de prestígio social, sempre houve grande demanda. A segunda, ampliando o leque de cursos, pelas instituições já reconhecidas, com a finalidade de cobrir todas as áreas do conhecimento, ainda que fosse por meio de cursos de Licenciatura. A terceira, quase sempre associada e simultânea à segunda, visa a atingir segmentos mais jovens e de maior poder aquisitivo, por meio da criação de cursos diurnos de Comunicação Social, Turismo, Engenharias com novas especializações, Arquitetura e Urbanismo, Agronomia, Veterinária, entre outros. (SAMPAIO, 2000, p.63)

Ao mesmo tempo em que o governo militar buscava legitimação e a educação representava um dos caminhos possíveis para isso, havia a carência de recursos financeiros, desta forma a iniciativa privada representava importante alternativa neste propósito. Germano (1993, p. 128) considera:

O Estado está comprometido com a expansão da infra-estrutura e com a concessão de subsídios ao capital. A saída é apelar para a “justiça social”: quem puder pagar deve pagar, para que os “desfavorecidos” tenham acesso à educação. No ensino superior, no entanto, a adoção dessa prática pela política educacional provocou um efeito inverso: coube aos “desfavorecidos” pagar para a obtenção de um diploma - em geral de 2ª categoria - e sustentar os grupos empresariais privados que atuam no campo educacional.

As necessidades de consolidar o regime, de dar apoio ao desejado desenvolvimento econômico do País e de fazer uso de mecanismos como a

educação sinalizava para as alternativas tomadas e para a expansão do ensino superior privado. Segundo Sanfelice (2010, p.339)

O ensino superior, considerado estrategicamente prioritário para o desenvolvimento, na ótica da ditadura, contava, em 1980, com apenas 1,5 milhão de matriculados, com 755 mil deles em faculdades privadas e, muitas, de baixíssimo nível. Foram vários os mecanismos utilizados para beneficiar a privatização ostensiva do ensino superior.

A expansão de universidades, no período em que o País esteve sob o poder militar, é explicada por Rossato (1998, p.119):

Com a expressiva expansão do ensino de 1º e 2º graus, aumentou rapidamente o número dos potenciais candidatos à universidade. Por outro lado, o modelo concentracionista de renda levou muitas empresas de médio porte à falência. Atingindo diretamente a classe média urbana, que buscou na universidade, através do diploma, uma forma de manter o seu *status* social ou de disputar um lugar mais qualificado no mercado de trabalho. A universidade revelou, então, como um dos caminhos de saída da crise para a classe média, duramente atingida pelo arrocho e pela concentração de renda.

Deve-se acrescentar ainda que, nesse momento, foi muito difundida a teoria de capital humano, que defende a tese de que o maior investimento que alguém pode realizar é na própria capacitação ou qualificação [...].

Para a classe média, grupo em busca de ascensão e de afirmação no contexto nacional, o diploma do ensino superior significava a possibilidade de ter condições melhores de vida, principalmente se comparadas ao histórico familiar, pois significativo era o número de famílias oriundas do campo e pouco alfabetizadas que buscaram dar condições aos seus filhos para que melhorassem de vida através da formação superior. Neste sentido, Oliven (1990, p.19) afirma:

Na medida em que cresce o número de empregados nas esferas do comércio, das finanças e dos serviços em geral, há uma tendência a rotular esse fenômeno como resultado do desenvolvimento social. O aumento do setor terciário da economia tende a ser visto como uma forma de intelectualização: “os homens de ontem produziam com suas mãos, hoje eles produzem com seus cérebros”.

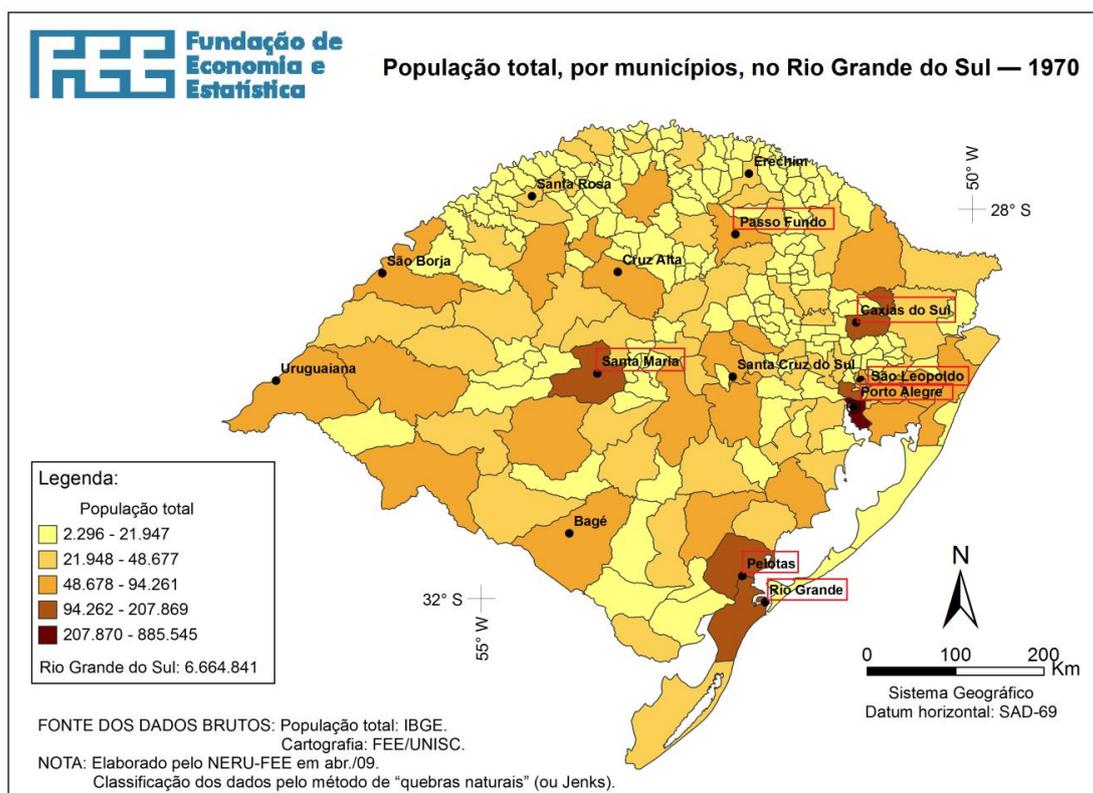
Refletindo sobre a classe média como um grupo que busca sua afirmação através da diferenciação com os menos favorecidos economicamente e que também se distingue dos mais ricos, lembrando que é um grupo intermediário e

que teme a proletarização, faço uso de argumentos de Oliven (1990, p. 21) para caracterizar o grupo:

A nova classe média é de fato beneficiária direta da crescente dissociação entre o trabalho manual e intelectual. Por outro lado, a nova classe média se distingue, também, da burguesia capitalista por não contratar trabalhadores e nem ter voz de comando no processo de acumulação.

Ao caracterizar a presença da classe média na busca pelo ensino superior, a autora relaciona com a urbanização no RS é intensa nas décadas de 1960/70. “Nesse período, o ensino superior se encontrava presente nos municípios de maior concentração urbana da população (83% nos municípios com universidades e 55% naqueles com escolas isoladas” (Longhi, 1998, p. 190).

Figura 2 - Mapa RS: cidades com universidades/RS até 1970



Fonte: [www.rs.gov.br](http://www.rs.gov.br), acesso em 8/10/2011. Adaptado por Salvatore Gasparini Xerri.

O mapa acima demonstra a localização de cidades onde havia universidades no RS, até 1970, ou seja, no contexto de criação da UCS e também

de interiorização destas instituições de ensino superior. As cidades e as respectivas instituições eram: Porto Alegre, Pelotas, Santa Maria, Caxias do Sul, Passo Fundo, São Leopoldo, Rio Grande.

Quadro 9 - Universidades no Rio Grande do Sul até 1970

Cidade	Instituição	Data Fundação	Categoria
Porto Alegre	Universidade de Porto Alegre	1934	Pública
	Universidade do Rio Grande do Sul	1947	Privada
	Pontifícia Universidade Católica do RS	1948	
Pelotas	Universidade Católica de Pelotas	1960	Privada
	Universidade Federal de Pelotas	1969	Pública
Santa Maria	Universidade Federal de Santa Maria	1961	Pública
Caxias do Sul	Universidade de Caxias do Sul	1967	Privada
Passo Fundo	Universidade de Passo Fundo	1968	Privada
Rio Grande	Fundação Universidade de Rio Grande	1969	Pública
São Leopoldo	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	1969	Privada

Fonte: [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)

A possibilidade de criação de Instituições de Ensino Superior, através da Reforma 5540/68, em cidades que justificassem sua criação, elevou consideravelmente o número de instituições, segundo dados apontados por Rossato (1998, p.120)<sup>37</sup>

O ritmo de crescimento das IES foi proporcional ao crescimento das matrículas: passou-se de 260 instituições de ensino superior em 1960 para 441 em 1968; para 756 em 1972 e 843 em 1974. Em 1974, havia apenas 57 universidades. O crescimento se deu, portanto, via instituições particulares e, sobretudo, através de estabelecimentos isolados.

Quanto ao financiamento da educação, principalmente ao do ensino superior, a análise de Germano confirma outras reflexões sobre a diminuição de verbas para o setor e o aumento da possibilidade da iniciativa privada participar de forma mais atuante da educação:

É importante assinalar que o regime não se restringiu a diminuir as verbas para a educação escolar pública e gratuita. Tratou também de transferir recursos para a rede privada, concorrendo, entre outras coisas, para que a corrupção invadisse também a área de ensino (GERMANO, 1993, p. 202).

<sup>37</sup> Rossato (1998, p. 187-235) apresenta através de quadro, didaticamente construídos, os nove séculos de Universidade, inclusive as Universidades Brasileiras, com nome e data de fundação.

O mesmo autor escreve sobre a presença da iniciativa privada no ensino superior:

No tocante ao ensino superior, o que se verifica, apesar de tudo, é uma redução drástica dos recursos ocorrida durante o período ditatorial e mesmo sob a “Nova República”, pondo em risco a sobrevivência das universidades públicas, sobretudo as federais. Aliás, o princípio estabelecido na lei 5.540/68, que determinava a organização do ensino superior sob a forma prioritária de universidade, foi violado, na prática, pela política educacional do Regime Militar que incentivou, com o beneplácito do conselho Federal de educação, a proliferação de escolas superiores isoladas de qualidade duvidosa, em suas maiorias exploradas pela iniciativa privada (GERMANO, 1993, p. 206).

Também sobre a propagação de instituições de ensino superior privado, Martins (2009, p. 22), considera:

Entre as condições que tornaram possível a emergência do novo ensino privado, a existência do Conselho Federal de Educação (CFE) desempenhou um papel relevante. O CFE foi fortalecido pela aprovação da LDB, em 1961, quando deixou de ser um órgão de assessoramento sobre questões educacionais e passou a deliberar sobre abertura e funcionamento de instituições de ensino superior. Era composto majoritariamente por personalidades ligadas ao ensino privado, com disposição favorável para acolher os pedidos de abertura de novas instituições particulares. Entre 1968 e 1972, foram encaminhados ao CFE 938 pedidos de abertura de novos cursos, dos quais 759 obtiveram respostas positivas. A grande maioria dessas solicitações emanava da iniciativa privada não-confessional, que vinha atuando nos ensino primário e secundário e fora comprimida, no final dos anos de 1960, em função do crescimento da rede pública.

É importante salientar que, embora muitas sejam as análises feitas sobre o processo de privatização do ensino superior e que apontam para a duvidosa qualidade de ensino dessas instituições, bem como para o caráter de mercantilização, a tendência destas observações é feita de forma a generalizar. No entanto, é carente a análise sobre todas as instituições, o que sinaliza que nem todas tivessem uma duvidosa qualidade de ensino.

Neste contexto de efervescência é que é fundada a Universidade de Caxias do Sul, passando por períodos de reorganização interna como a que levou à criação da Fundação Universidade de Caxias do Sul (FUCS), em 1973. Sua criação, numa das regiões mais prósperas economicamente do Rio Grande do Sul, permitiu e permite acessibilidade e desenvolvimento de conhecimento,

capaz de contribuir com a qualificação profissional na região, dentro de sua configuração comunitária.

O ensino superior privado teve expansão significativa nas décadas de 1960 a 1980. Contemplando a afirmação, Sampaio, 2000, p. 53 aponta que enquanto as matrículas no ensino superior cresceram 480,3%, no período, as matrículas no setor privado cresceram 843,7%. Esse crescimento está associado a fatores como: desenvolvimento industrial, maior urbanização, necessidade de qualificação da mão de obra, o diploma no ensino superior significava melhores oportunidades. Havia 463 estabelecimentos de ensino superior privado no Brasil em 1970, 645 em 1975 e 682 em 1980, o que denota o processo de expansão destas instituições. A respeito da expansão do ensino superior no RS e de sua interiorização, Ristoff e Giolo, (2006 p. 26), afirmam:

O ensino superior se expandiu no Rio Grande do Sul independentemente de qualquer política educacional, como resultado da capacidade de articulação dos grupos locais ou de relações pessoais que determinavam a abertura de uma IES, neste ou naquele município. (...) Na década de 1970, já sob os efeitos da Lei Nº 5.540/68, o Estado registrou o mesmo fenômeno que ocorreu em nível nacional: “a paroquialização” do ensino superior. Assim como a paróquia representa a célula mínima na estrutura eclesiástica, o município tem o mesmo papel na estrutura administrativa do Estado.

Tanto a intervenção de setores da sociedade local e regional, quanto a idéia de paroquialização do ensino superior, num contexto marcado pela dificuldade do poder público em atender os anseios da classe média, principalmente, se entrelaçam na criação da UCS. Nesse momento, é importante evocar a criação da universidade numa região interiorana do RS, sob a ação de mantenedoras representativas do poder público municipal, de ordem religiosa católica, da Mitra Diocesana e do Grupo Hospital Nossa Senhora de Fátima; entrelaçando com a paroquialização na medida em que estas micro-células compõem um organismo maior, a UCS.

A idéia de paroquialização é pedida emprestada de Oliven (1990, p.115) “paroquialização é aqui entendido como qualidade daquilo que é paroquial, ou seja, limitado em pensamento, interesses e objetivos ao âmbito local.” Associando ao momento de criação tanto dos cursos superiores isolados que gerou a UCS,

quanto com a sua própria fundação e com a clientela que será atendida, é possível fazer uso deste termo

Do ponto de vista da clientela, constituída principalmente por elementos da classe média baixa, ou seja, elementos que não possuíam recursos suficientes nem disponibilidade de deslocamento para os centros maiores, a demanda por diplomas de curso superior encontrava-se reprimida. Também um grupo grande de mulheres que, há algum tempo atrás, dedicara-se inteiramente aos afazeres domésticos ou ao magistério do 1º grau, passou a ver nesses cursos uma possibilidade de obter uma qualificação que melhorasse suas chances no mercado de trabalho. (Oliveira, 1990 p.98)

Ainda hoje, no perfil apresentado no Programa Político Pedagógico dos cursos da Universidade de Caxias do Sul, o aluno trabalhador representa a maioria, razão que explica também a oferta de maior quantidade de cursos no período noturno.

Se, por um lado, o termo paróquialização pode ser empregado como limitador à expansão de novos olhares através do poder articulado entre as mantenedoras dos cursos isolados, e, dentre elas, a Mitra Diocesana, bem como através da busca de legitimação do Estado da época, ao possibilitar a expansão do ensino superior privado; por outro lado, é necessário frisar que buscava também uma aproximação junto aos grupos destas localidades, portanto, a UCS, através, sobretudo, dos anos 1990 e do propósito de expansão, regionalização e integração internacional, rompeu, se não com todo o caráter paróquial, com boa parte dele.

Aproximando os dados com o período final contemplado por este estudo, 2002, é necessário mencionar que este é antecedido pela promulgação da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Após a LDB, ocorreu nova expansão de IES no Brasil, no período anterior de 1991–1996, houve uma pequena expansão (3,2%), mas, com a promulgação da lei, a expansão foi de 118,3%, segundo Ristoff e Giolo ( 2006, p. 31),

Após a LDB o número de IES cresce 118,3% no Brasil. A expansão é maior na região sul 174,6%. O Estado do rio Grande do sul apresenta níveis menores (93%) do que o Brasil e do que a região sul. Tal dado nos possibilita levantar a hipótese de que o rio Grande do sul, por ter uma estrutura universitária bem consolidada e bem distribuída geograficamente, tornou-se, num primeiro momento, menos atrativo para investimentos em novas instituições. É preciso levar em conta que a forte

expansão institucional depois da LDB se deu, fundamentalmente, por meio da iniciativa privada (...).

Em 2002 havia 1.637 IES, ou seja: Universidades, Centros Universitários, Faculdades Integradas, Faculdades, Escolas, Institutos, Centros de Educação Tecnológica<sup>38</sup>. Esta era composição por categoria administrativa, em 2002.

Quadro 10 - Número de Instituições de Ensino Superior no Brasil – 2002

<b>Categoria Administrativa</b>	<b>Federal</b>	<b>Estadual</b>	<b>Municipal</b>	<b>Pública</b>	<b>Privada</b>	<b>Total</b>
Universidade	43	31	4	78	84	162
Centros Universitários	1	-	2	3	74	77
Faculdades Integradas	-	-	3	3	102	105
Faculdades, Escolas, Institutos	7	25	48	80	1.160	1240
Centros de Educação Tecnológica	22	9	0	31	22	53
Total	73	65	57	195	1.442	1.637

Fonte: MHORTHY, 2004

O ensino superior no Rio Grande do Sul, no período (1994–2004), estava constituído por:

<sup>38</sup> Universidades são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano, que se caracterizam por: produção intelectual institucionalizada; (...), gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecem ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Centros Universitários são instituições de ensino superior pluricurriculares, que se caracterizam pela excelência do ensino oferecido, comprovada pelo desempenho de seus cursos nas avaliações coordenadas pelo MEC, pela qualificação do seu corpo docente e pelas condições de trabalho oferecidas à comunidade escolar.

Faculdades Integradas são instituições de ensino superior com propostas curriculares em mais de uma área de conhecimento, organizadas para atuar com regimento comum e comando unificado.

Faculdades, Escolas, Institutos são uma alternativa institucional para a formação de professores para a Educação Básica.

Centros de Educação Tecnológica e Faculdade de Tecnologia são autarquias federais destinadas a oferecer cursos de nível básico e tecnológico de ensino médio e formação pedagógica em nível superior para professores e especialistas. IN: INEP Educação superior Brasileira 1991 – 2004. Brasília, 2006.

Quadro 11 - Ensino Superior Rio Grande do Sul (1994–2004)

ANO	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Universidades Públicas	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	5
Universidades Privadas	11	11	11	11	11	11	11	11	11	11	11
Centros Universitários Públicos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Centros Universitários Privados	-	-	-	-	-	4	4	4	5	5	6
Faculdades Integradas Públicas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Faculdades Integradas Privadas	4	3	6	4	4	1	1	2	1	1	1
Faculdades, Escolas e Institutos Públicos	1	2	2	2	2	1	1	1	1	1	1
Faculdades, escolas e Institutos Privados	23	24	20	20	23	22	25	27	36	47	51
Centro de Educação Tecnológica e Faculdade de Tecnologia Públicos	-	-	-	-	-	1	1	1	1	1	1
Centro de Educação tecnológica e Faculdades de Tecnologia Privados	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	5

Fonte: INEP, 2006.

A diversidade de IES no RS, assim como a propagação do ensino privado, obedece ao cenário nacional e permite a percepção das transformações ocorridas no ensino superior brasileiro. Se nas primeiras décadas, do século XX, houve o predomínio de instituições públicas, ao longo das últimas quatro décadas, incluindo a primeira do século XXI, o predomínio passou a ser das IES privadas. MORTHY, (2004, p. 57) afirma

No balanço, certamente devido à sua grande e rápida expansão, o quantitativo predomina sobre o qualitativo. Há dificuldades operacionais de rotina devidas, por um lado, à instabilidade de conduta do governo e ao peso de uma burocracia agigantada e, por outro, a freqüentes

paralisações promovidas por movimentos grevistas, principalmente por razões salarial.

É interessante relacionar os períodos em estudo com o contexto atual, em que recentemente novas formas de acesso ao ensino superior foram criadas, como sistema de cotas para determinadas categorias sociais, o Programa Universidade para Todos (PROUNI), possibilidade de financiamento a custos menos elevados. Algumas medidas são criticadas pelo seu caráter eleitoreiro e outras por serem associadas ao mercantilismo da educação superior. No entanto, é mister salientar que o acesso e a permanência dos estudantes brasileiros no ensino superior, é ainda bastante comprometida. O PROUNI é um programa do governo federal que, segundo o MEC (2011),

tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. Criado pelo Governo Federal em 2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005, oferece, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas instituições de ensino que aderem ao Programa. Dirigido aos estudantes egressos do ensino médio da rede pública ou da rede particular na condição de bolsistas integrais, com renda per capita familiar máxima de três salários mínimos, o Prouni conta com um sistema de seleção informatizado e impessoal, que confere transparência e segurança ao processo. Os candidatos são selecionados pelas notas obtidas no Enem - Exame Nacional do Ensino Médio conjugando-se, desse modo, inclusão à qualidade e mérito dos estudantes com melhores desempenhos acadêmicos. O Prouni possui também ações conjuntas de incentivo à permanência dos estudantes nas instituições, como a Bolsa Permanência, os convênios de estágio MEC/CAIXA e MEC/FEBRABAN e ainda o FIES - Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior, que possibilita ao bolsista parcial financiar até 100% da mensalidade não coberta pela bolsa do programa. O Prouni já atendeu, desde sua criação até o processo seletivo do primeiro semestre de 2011, 919 mil estudantes, sendo 67% com bolsas integrais. Em 2007, o Prouni - e sua articulação com o FIES - é uma das ações integrantes do Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE. Assim, o Programa Universidade para Todos, somado ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a expansão da rede federal de educação profissional e tecnológica ampliam significativamente o número de vagas na educação superior, contribuindo para um maior acesso dos jovens à educação superior.

Ações desencadeadas pelo governo federal têm permitido acesso maior ao ensino superior; ações como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), criado em 2007, que prevê que,

em 2012 o total de vagas oferecidas por essas instituições chegue a 234 mil. Outra ação positiva é a reestruturação do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES)<sup>39</sup> que diminuiu os juros anuais para 3,4%, desde 2010, permitindo ao aluno solicitar o financiamento em qualquer período do ano. Atualmente, em 2011, a Universidade de Caxias do Sul acompanha a expansão do acesso ao ensino superior, contando, atualmente, com 3.752 alunos bolsistas do PROUNI e 2.088 bolsistas da FUCS<sup>40</sup>.

O crescimento de matrículas no ensino superior brasileiro foi de 3%, entre os anos de 2008 e 2009. Em 2009 dos 5,95 milhões de alunos das instituições de ensino superior, 4,43 milhões estavam na rede privada e 1,52 milhões nas públicas. Os números incluem estudantes de cursos presenciais e à distância. Os dados mostram que houve uma pequena queda no número de alunos da rede pública - cerca de 30 mil a menos, devido a mudanças em IES estaduais e municipais. Em 2008, 1,55 milhões estavam matriculados. Por outro lado, na rede federal, houve um acréscimo de 141 mil novos estudantes no período de um ano (em cursos presenciais e a distância).

No período de 2003 a 2009, segundo o MEC, houve um aumento de quase 60% no número de vagas oferecidas nas universidades federais. Entre 2005 e 2010, 748.788 alunos de escolas públicas receberam bolsa do PROUNI e quase 47% dos bolsistas eram afrodescendentes. As cotas criadas no Brasil visavam à inclusão de grupos historicamente excluídos do ensino superior brasileiro, o que tem gerado debates favoráveis e contrários. A sociedade brasileira tem assistido a um processo gradual, embora lento, de ascensão ao ensino superior.

Como as metas de ampliação do ensino superior, em todo o País, visam reparar problemas históricos que não permitiram o acesso de parcela significativa da população a este nível de ensino, o governo da presidente Dilma Rousseff propõe

---

<sup>39</sup> Permite ao estudante financiar até 100% do curso superior presencial, pagando, no máximo, R\$ 50 por trimestre. Os juros são de 3,4% ao ano e o período de pagamento é de até três vezes o período do curso a ser financiado. Há, ainda, um período de carência de um ano e meio, o que possibilita o início do pagamento só depois do término do curso, segundo a Caixa Econômica Federal.

<sup>40</sup> Fonte: Pró-Reitoria Acadêmica, 2011.

A terceira etapa da expansão da educação superior compreende a criação de quatro universidades federais que serão instaladas no Pará, no Ceará e na Bahia e a abertura de 47 campi universitários. Desses campi, 20 serão instalados até 2012 e os outros 27, até 2014. Já a expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica terá 208 novas unidades, distribuídas em municípios dos 26 Estados e no Distrito Federal. (MEC, 2011)

Ao buscar a ampliação da rede de ensino público federal, o programa atende a demandas antigas de acesso e também à necessidade de qualificação profissional no mundo do trabalho do século XXI, envolvido no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) I e II.

Os diálogos estabelecidos entre o local, através de aspectos econômicos, sociais e culturais da região da serra gaúcha, com o ensino superior brasileiro desde sua criação até os dias atuais, remetem a necessária aproximação com a Universidade de Caxias do Sul, objeto de estudo deste trabalho. No capítulo 2 serão abordados aspectos referentes à região e a UCS a partir dos cursos isolados, criados desde o final da década de 1940, que levaram à fundação da universidade.

## **CAPÍTULO 2**

### **A SERRA GAÚCHA E A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

A presença de uma universidade caracteriza o local onde ela está inserida como um espaço privilegiado de saber formal, pois carrega, no imaginário coletivo, o conhecimento que deve estar ligado a uma função social.

Neste capítulo, tenho como propósito investigar aspectos sobre a região e a inserção da UCS no contexto de regionalização, apresentando aspectos sobre a cidade, a região, a educação. A partir de dados apresentados inseriremos os cursos de ensino superior isolado e suas mantenedoras, que a partir de sua união, levaram à criação da Universidade.

Para tanto as fontes utilizadas são os documentos disponibilizados pelo CEDOC/UCS, pelas Pró-Reitorias da Universidade de Caxias do Sul, referendando através dos periódicos a inserção comunitária e regional, no espaço temporal até 1967, quando ocorreu a fundação da UCS.

A Universidade de Caxias do Sul nasceu em um contexto em que não havia na região, universidade, apenas cursos superiores isolados: Faculdade de Belas Artes; Faculdade de Enfermagem; Faculdade de Ciências Econômicas, Filosofia, Ciências e Letras; Faculdade de Direito. Foi resultado, portanto, da iniciativa de setores da comunidade que compreenderam a necessidade de uma instituição de ensino superior. Essas forças levaram adiante a criação da instituição, com o objetivo de “[...] difundir o ensino, a cultura e instalar a Universidade de Caxias do Sul, tudo dentro da ordem legal e dos princípios cristãos que refletem o pensamento da maioria populacional desta comunidade” (Ata nº 1, 16 de agosto de 1967).

A comunidade regional pode acompanhar o processo de instalação dos cursos e das ações desenvolvidas no sentido de criar a universidade, através dos meios de comunicação como o Jornal Pioneiro, de 3 de março de 1956, 11 anos antes da fundação da UCS que publicou, em sua primeira página, notícia anunciando os preparativos para a instalação da Faculdade de Ciências Econômicas

Por deliberação da Comissão Especial pró Faculdade de Economia, estiveram na última segunda-feira em Porto Alegre o sr. Prof. Nestor José Gollo e Reverendo Pe. Ernesto Mânica, mantendo contacto com o Sr. Dr. Elyseu Pagliosi(?), Reitor Magnífico da Universidade do Rio Grande do Sul, referentemente à instalação da Faculdade de Ciências Econômicas em nossa cidade.

A reunião cercou-se de pleno êxito, tendo o Reitor convidado o Dr. Petry Diniz, Diretor da Faculdade de Economia de Porto Alegre, para as instruções gerais e orientação normal de instalação do curso de ensino superior. (Pioneiro, 03/03/1956)

A atuação da Mitra Diocesana se fez presente desde o primeiro momento em que se ventilou a instalação da Faculdade, e ao organizar uma “comissão de amparo”, que teve a colaboração da mesma no sentido de assumir a responsabilidade moral e material do ensino superior em Caxias do Sul.

No que tange à parte técnica da Faculdade – prédio, corpo docente, administração e instalação – já está sendo objeto de estudos por parte da comissão especial, presidida pelo Exmo. Sr. Bispo diocesano que nas próximas semanas convocará a Comissão Geral, constituída das representações de entidades de classe da cidade e mesmo dos municípios limítrofes para a organização definitiva do que a faculdade exigir. (Pioneiro, 03/03/1956)

No mês seguinte, em 21 de abril, 1956, o jornal continuou divulgando os preparativos que cercavam a instalação da faculdade, expressando o anseio da sociedade em torno do ensino superior.

Uma alvissareira notícia podemos hoje adiantar aos nossos leitores: está definitivamente marcada a data de instalação da Faculdade Caxiense de Economia, cujos trabalhos de estruturação vêm se desenvolvendo ativamente desde novembro do ano passado, quando foi lançada pública e oficialmente a iniciativa, através da Câmara Municipal de Vereadores, em indicação de autoria do Prof. Nestor José Gollo.

As sucessivas reuniões realizadas determinaram a constituição de comissões especiais para estudo e planificação da Faculdade, bem como a composição de uma grande comissão central de amparo à iniciativa, agora acompanhada pela Mitra Diocesana. (Pioneiro, 21/04/1956)

Quando da instalação da Faculdade de Ciências Econômicas, em 1956, é expresso o desejo da comunidade, no sentido de instalar uma Universidade<sup>41</sup>:

---

<sup>41</sup> CEDOC - Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul/Série: Organização e Planejamento/ Subsérie: Planejamento e Organização/Ano: 195/Estante 07/Cx 23.

A esta data hodierna precederam semanas e meses de intenso trabalho no sentido de estudar as possibilidades, coordenar os planos, unificar as forças para o ideal comum, a criação de três Faculdades que por sua vez preparariam a criação da Universidade da Serra.

Podemos dizer hoje que a primeira etapa deste árduo caminho está vencida. Chegamos ao ponto em que nos encontramos. Nasce hoje como criança pequena e fraca, a primeira da série de Faculdades de Caxias, a de Ciências Econômicas. Ela deverá crescer, para ter vida; deverá ter o reconhecimento oficial para poder funcionar com utilidade de seus alunos; deverá agigantar-se bem depressa, [...]. (idem)

Finalizando o ano de 1956, no dia 29 de dezembro, o editorial do Jornal Pioneiro sob o título “Faculdade – Ciências Econômicas”, estabelece relação entre a cidade, a economia e o ensino superior

A posição econômica de Caxias do sul, no cenário estadual e nacional é invejável, segundo o frio testemunho das estatísticas. Encontramos aqui, como decorrência de sua situação geográfica. Um povo de responsabilidade que, lutando contra inúmeras dificuldades, ergueu um conjunto industrial vitorioso e impressionante. Daí, em vista das poliformas atividades desenvolvidas, deduziu que há um material humano em potencial, verdadeiramente digno de ser utilizado em bem do Estado e do País.

Caxias, realmente, beneficiou-se e beneficiará o Estado e o País com o régio presente de sua Faculdade de Ciências Econômicas. O convívio com nossas fábricas, com nossos problemas financeiros e administrativos, com a variada gama de necessidades duma indústria moderna e sólida, cria um campo excepcional para a formação de economistas. Em outras palavras, possuímos gangas excepcionais de diamantes, que, para serem lançados ao mercado do trabalho de direção, necessitam apenas o abrilhantamento de mais cultura e de familiarização com a ciência da economia.

Este lapso, que tanto falta nos faz no âmbito cultural da cidade, vem agora de ser suprido com a oportuniíssima iniciativa da Faculdade de Ciências Econômicas. Colaborar, incentivar e impulsionar esse elevado ideal, não constitui já obrigação dos caxienses: é necessidade vital e imperativo de sobrevivência. Caxias, dia a dia, que passa, necessita de enfrentar os complicados problemas da produção, e distribuição, uma vez que jamais poderemos admitir que, a par do progresso nacional, nós estacionemos na marcha da ascensão.

O texto demonstra o apoio da comunidade à iniciativa e, ao mesmo tempo, estabelece dados sobre o desenvolvimento industrial local, e, desta forma, a associação entre o ensino superior e a economia de Caxias do Sul.

Os textos extraídos do Jornal Pioneiro demonstram o interesse da sociedade a respeito da criação da faculdade. O período é anterior à LDB de 1961, quando a presença do Estado na gestão do ensino superior é maior do que a da iniciativa privada. Ao mesmo tempo, a demanda crescente e a ausência do

Estado no estabelecimento de faculdades na região abriram espaço para que setores da sociedade se empenhassem em criá-las. Como já foi demonstrado, a Igreja Católica assume papel de liderança nesta situação.

A criação da Faculdade, como expressão dos desejos comunitários, foi atestada também pela Rádio Caxias do Sul em 5 de julho de 1959:

[...] Com isto, a cidade de Caxias do Sul e toda a região Nordeste do Estado sente satisfeita mais uma verdadeira necessidade. Muitos estudantes estão em possibilidades muito mais propícias e mais favoráveis para aprimorar seus conhecimentos. Numa cidade onde existem tantas escolas de ensino médio, com tão elevado número de alunos, uma Faculdade de filosofia se torna mais que conveniente: torna-se uma imperiosa necessidade. (CEDOC/UCS)

Desta forma, é possível perceber a necessidade da educação superior na região e associar com a possibilidade de acesso a este nível educacional aos que de outra forma não poderiam estudar. Os primeiros cursos foram sendo criados. Em 8 de maio de 1956, na mesma cerimônia de fundação da Faculdade de Ciências de Caxias do Sul, foi empossado o Grande Conselho pro Faculdades de Caxias, que na ocasião apresentou os resultados dos estudos realizados, os quais encaminhavam para um projeto de criação de uma universidade

- a) Criação imediata de uma faculdade de Ciências Econômicas;
- b) Criação em segundo tempo de uma Faculdade de Filosofia;
- c) Criação de outras Faculdades de acordo com as necessidades da região nordeste do Rio Grande;
- d) Com a criação de Faculdades em número suficiente pleitear a criação da Universidade da Serra;
- e) Entregar à Mitra Diocesana de Caxias, como Entidade Mantenedora as diversas faculdades, de vez que tem personalidade jurídica, como as demais Dioceses do Brasil; capacidade moral, por se tratar de uma Diocese sob cuja orientação quase todos os estabelecimentos de ensino secundário da zona; e capacidade financeira, pois tem sob sua jurisdição mais de 50 paróquias, todas com grande capacidade neste particular;
- f) Finalmente formar um Conselho que reúna todas as forças vitais e interessadas para amparo e colaboração moral e material do grande empreendimento, chamando-se: "Grande Conselho pro Faculdades de Caxias", de nomeação responsável pela manutenção das Faculdades". (Tópico do discurso de Dom Benedito Zorzi, Bispo de Caxias, pronunciado na Assembléia Magna de 8 de maio de 1956).

Ao mesmo tempo em que ocorre a criação da Faculdade de Ciências Econômicas, é estabelecido o propósito de ampliação do ensino superior, atendendo a outras demandas locais, como Filosofia, Ciências e Letras para

qualificar o corpo docente da região. Tendo a Mitra como importante partícipe, os dados educacionais abrangidos pela Diocese de Caxias do Sul, ganham importância na configuração do cenário<sup>42</sup>.

Quadro 12 – Número de escolas e categorias na Diocese de Caxias do Sul/1959

<b>Escolas – categorias</b>	<b>Nº de alunos</b>
14 ginásios	1.880
1 curso básico	94
5 cursos técnicos de comércio	300
2 cursos de formação de professores	200
2 seminários	256
22 escolas de ensino médio	

Fonte: Relatório de Instalação da Faculdade de Filosofia, 1959

O número de estudantes, sobretudo de ensino médio, foram utilizados como justificativa para a criação da Faculdade e são condizentes com o período de crescimento da população urbana e do aumento da demanda pelo ensino superior, em todo o País.

Caxias do Sul apresentava o seguinte quadro educacional, segundo Relatório de Instalação da Faculdade de Filosofia, em 1959.

Quadro 13 – Número de escolas, categoria e cursos em Caxias do Sul/1959

<b>Escola</b>	<b>Nº de escolas</b>	<b>Categoria/Cursos</b>	<b>Nº de alunos</b>
Primária	235		16.272
Ensino Médio	3	Curso Científico	269
Ensino Médio	1	Curso Básico	192
Ensino Médio	2	Técnico de Comércio	327
Ginásios	12		2.322
Ensino Médio	1	Curso Clássico	39
Ensino Médio	3	Formação de Professores	288
Ensino Superior	1		48

Fonte: Relatório de Instalação da Faculdade de Filosofia, 1959

<sup>42</sup> O item do relatório foi o inspirador do título desse estudo.

Os números apresentados demonstram a demanda existente e futura para o ensino superior, bem como permitem a observação de um processo de crescimento populacional associado ao desenvolvimento.

## 2.1 Cidade e Educação

Em uma região marcada pelo trabalho, traço oriundo do processo imigratório, o mesmo além de permitir a sobrevivência, uma vez que as dificuldades eram muitas, também acabou por gerar o desenvolvimento da região, que tem no seu contexto econômico, a presença de grupos sociais que passaram a valorizar o ensino superior. Herédia (1997, p.67) considera aspectos relevantes sobre a economia de Caxias do Sul:

Em 1882, a vila possuía “uma fábrica de cerveja, uma de sabão, várias oficinas de ferreiro, coureiro, latoeiro, relojoeiro, carpinteiro, barbeiro, sapateiro, já se ensaiava a cultura da vinha, da amoreira e cereais. Havia 73 moinhos e uma população de 7.259 habitantes”.

Dez anos mais tarde, o Município de Caxias possuía 10.591 habitantes e contava com estabelecimentos comerciais e industriais [...] As atividades artesanais e industriais principais eram dirigidas para a indústria de alimentos, bebidas, madeiras e metalurgia. Encontram-se o registro de atividades artesanais, como alfaiataria, sapataria, mercearia, selaria, etc..

E 1902, a produção agrícola e industrial se sustentava “no vinho, banha de porco, erva-mate, salame, presunto, centeio, cevada, trigo, milho, feijão, aguardente de cana-de-açúcar, mesas serradas. Cerveja, linho, sedas e legumes.”

Os primeiros dados dão conta da rápida prosperidade econômica sendo que, segundo a mesma autora, em 1910, Caxias possuía 235 indústrias e 186 casas comerciais e, na década seguinte a cidade era considerada uma das principais economias do Estado, e, em 1930 apresentava “um total de 325 estabelecimentos comerciais” e que em 1932 havia crescido para 450 estabelecimentos. No que concerne à indústria, Herédia (1997, p.70) afirma que “nas indústrias, o número de estabelecimentos era de 190 em 1930 e 280 em 1932”. Ao revisitar a produção industrial no período, de 1930 a 1945, afirma que:

A cidade crescia, porém havia uma sensível redução nas terras dedicadas à produção agrícola. Convém salientar que durante os 15 anos de gestão de Vargas, ou seja, de 1930-1945, prevaleceu todo um discurso da importância da indústria e do modelo de substituição das

importações, principalmente no setor de bens de consumo não-duráveis, como alimentos e tecidos. Por outro lado, com o conflito mundial, várias empresas da região haviam sido declaradas de interesse militar, o que levou a um ritmo acelerado de produção, usando toda a capacidade instalada. Conseqüentemente, em 1945, a produção industrial estava dividida entre seus 420 estabelecimentos de ordem industrial, 350 de ordem comercial [...] (HERÉDIA, 1997, p. 72).

Logo, a economia determinou um novo perfil sociocultural para a cidade e região, que crescia em dinamismo econômico e em população. Ainda sobre a economia, Herédia aponta que:

Junto às indústrias de perfil tradicional, começaram a aparecer as indústrias mais dinâmicas, que se fortaleceram a partir dos anos 60-70. O setor de bens intermediários (metalurgia e siderurgia) foi um dos setores que se desenvolveu durante o Estado Novo de Vargas (1997, p. 73).

Também o número de estabelecimentos comerciais cresceu significativamente no período de 1948 a 1952. Nos anos 1950, como resultado decorrente da política econômica do governo federal, voltada para o desenvolvimentismo e associação ao capital estrangeiro, foi favorável a ampliação e intensificação da indústria na região e, principalmente, em Caxias do Sul<sup>43</sup>. Assim sendo, em “1975, Caxias já apresentava definido parque industrial, onde predominavam as indústrias metalmeccânicas [...], A indústria alimentícia se modernizou e a indústria têxtil sofreu um período de recuo, não perdendo seu papel importante na indústria gaúcha” (Herédia, 1997 p. 74).

A forte presença da indústria em Caxias do Sul transformou o perfil urbano e rural, pois, desde a década de 1940, a população urbana suplantara a rural. Associado a este dado está o desenvolvimentismo propagado e implementado pelos governos populistas. Também o perfil do trabalhador caxiense sofreu transformações, inclusive quanto a sua formação educacional, uma vez que, conforme esclarece Herédia (1998, p. 76):

De 1910 a 1980, existiram 33 escolas profissionalizantes em Caxias do Sul, sendo que, dentro do referido número, estão as escolas de ensino profissionalizante do sistema regular de ensino anterior à Lei nº 5692/71.

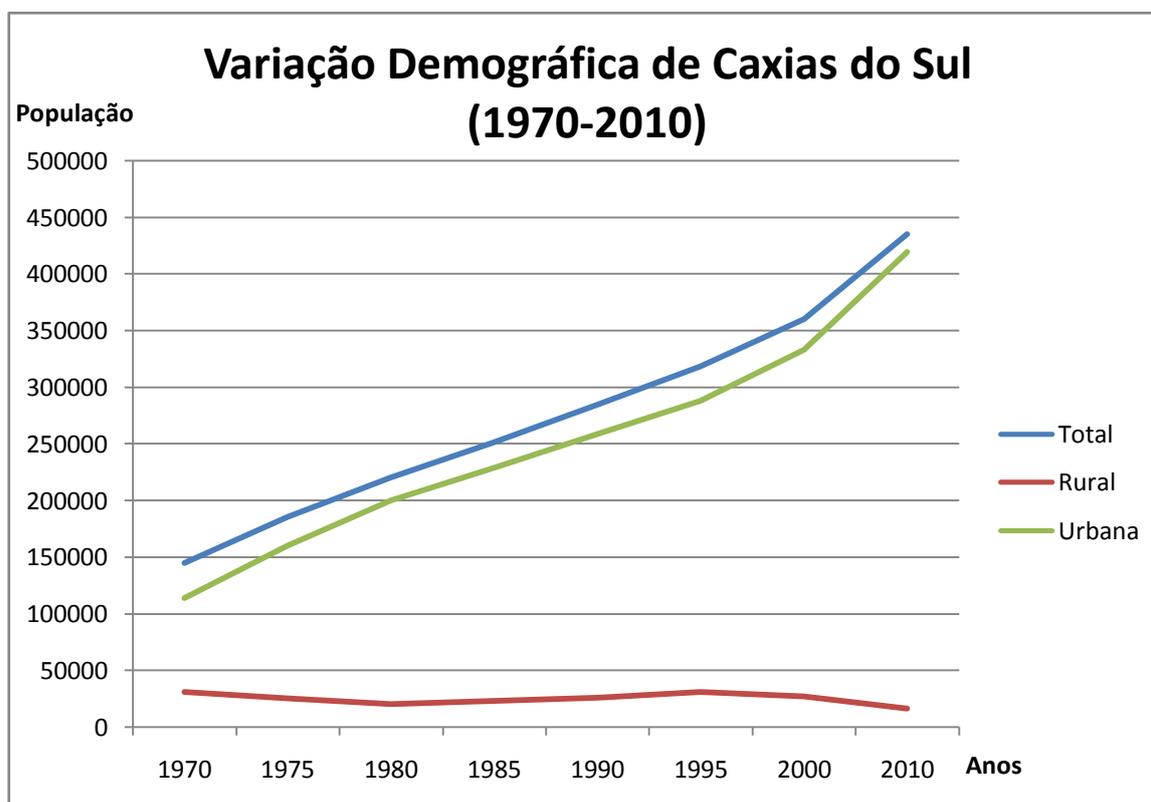
---

<sup>43</sup> Sobre, ver: VECCHIA, Marisa Formolo Dalla; HERÉDIA, Vânia B.M.; RAMOS, Felisberta. **Retratos de um saber - 100 anos de História da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul**. Porto Alegre: EST São Lourenço de Brindes, 1998.

É interessante observar que, destas, 27 eram ligadas à rede particular, 03 eram estaduais, 02 federais e apenas 01 municipal [...]. Das escolas que formaram mão-de-obra para a indústria de transformação, a participação do SENAI é a mais significativa. De 1940 até 1980, mais ou menos 21% da mão-de-obra da indústria de transformação fez algum curso no SENAI [...].

A população urbana de Caxias do Sul cresceu de forma significativa acompanhando o processo demográfico nacional, no período de 1970–2010, esse crescimento demográfico está associado ao desenvolvimento econômico, sobretudo industrial da cidade. O gráfico abaixo demonstra a variação demográfica entre a população do campo e a população urbana.

Gráfico 1 – Variação Demográfica de Caxias do Sul (1970-2010)



Fonte:www.fee.tche.br, 2011.

O processo de desenvolvimento econômico da região abrangida pela UCS nas últimas décadas permite perceber uma estreita relação entre a existência da universidade e, mais recentemente, de outras IES. Ao apresentar crescimento do PIB, a região tornou-se atrativo econômico para empreendedores e trabalhadores

de diversas localidades. O quadro sobre o PIB de Caxias do Sul valida a afirmação.

Quadro 14 - PIB Caxias do Sul (1999–2008)

	<b>PIB (R\$ mil)</b>	<b>PIB per capita (R\$)</b>
1999	3.729.786	10.492
2000	4.342.501	11.899
2001	4.801.302	12.884
2002	5.466.216	14.366
2003	6.328.377	16.295
2004	7.481.649	18.881
2005	8.294.152	20.521
2006	8.607.676	20.890
2007	9.789.217	24.532
2008	11.716.487	28.868

Fonte: [www.fee.tche.br](http://www.fee.tche.br), 2011.

Com crescimento do PIB superior a 3.000% em nove anos, Caxias do Sul tornou-se atrativa também para investimentos na área da educação superior. Interligando os dados com o crescimento populacional, ao mesmo tempo em que houve desenvolvimento na área econômica e cultural, cresceram os problemas comuns à sociedade brasileira. Entre os setores sociais que passam a buscar o ensino superior como forma de ascender está a classe média, que tem mantido o comportamento descrito por Oliven (1990, p. 65)

É importante salientar o grande prestígio atribuído às profissões liberais na sociedade brasileira. A esperança de ter um filho “Doutor”, ou seja, um profissional liberal esteve e está profundamente enraizada nas famílias da elite ou que aspirem pertencer a ela. Esse traço da nossa sociedade condicionou o desenvolvimento do sistema de ensino superior, desde sua origem aos dias atuais, e exerceu uma enorme influência em termos da demanda por educação superior.

Traçados aspectos significativos referentes ao cenário econômico de Caxias do Sul, se faz necessário acrescer dados a respeito do ambiente educacional no período anterior à fundação da UCS, pois tais informações

dialogando com a economia permitem relacionar a fundação da universidade com a sociedade.

### 2.1.2 Igreja Católica e Educação

Identificar aspectos da educação no município de Caxias do Sul permite melhor compreender a fundação da universidade e suas especificidades, que se relacionam às questões de ordem econômica e à presença da Mitra Diocesana. Nesse processo, a religiosidade associada à necessidade de trabalho para garantir a sobrevivência dos imigrantes e de seus descendentes, são características marcantes e fundantes da identidade regional, desde o processo imigratório no século XIX.

Apontar aspectos sobre o contexto educacional de uma cidade ou região é uma tarefa complexa e ao mesmo tempo ousada. Consciente das limitações do estudo assinalo alguns dados acerca do assunto, desde o processo imigratório houve a preocupação em instalar escolas na Região de Colonização Italiana (RCI) inclusive nas áreas rurais, onde a presença do poder público era ínfima. Contribui para este entendimento, Ribeiro (2004, p. 149):

A falta de um sistema escolar capaz de prover as áreas rurais que estavam sendo colonizadas obrigou os colonos a tomar outras iniciativas na criação de escolas.

Em muitas localidades da RCI, a escolarização inicia com escolas particulares isoladas, sob a regência de um colono mais instruído ou que tivesse tido alguma experiência escolar na Itália. [...] O local de funcionamento das escolas isoladas italianas era, geralmente, a própria casa do professor.<sup>44</sup>

As escolas eram originariamente particulares, pagos os honorários do professor com moedas ou mantimentos. A organização dos colonos, associada ao crescimento da população, levou-os a reivindicar junto, aos poderes públicos, a instalação de escolas. Sobre a organização das escolas entre imigrantes, Kreutz, (2000 p.160), afirma:

---

<sup>44</sup> Sobre, ver XERRI, Eliana Gasparini; BASTOS, Maria Helena Camara. **Docência**: uma tradição familiar. In: **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 66-81, ago./dez. 2009.

Entre outros grupos de imigrantes ocorreram igualmente algumas iniciativas quanto a escolas étnicas, porém em menor número. Não houve proporção alguma entre o número de escolas étnicas e o total de imigrantes por etnia. Os alemães, primeiro grupo a imigrar a partir de 1824, formaram um total de 253.846 imigrantes até 1947. É um número pouco expressivo se comparado com o dos italianos, num total de 1.513.151 imigrantes, a partir de 1875. No mesmo período vieram para o Brasil 1.462.117 imigrantes portugueses, 598.802 espanhóis, 188.622 japoneses (a partir de 1908), 123.724 russos, 94.453 austríacos, 79.509 sírio-libaneses, 50.010 poloneses e 349.354 de diversas nacionalidades (Carneiro, 1950).

Entre os motivos que efetivaram o número de escolas em maior ou menor grau entre as etnias está a questão cultural, religiosa e econômica. Sobre as escolas entre os imigrantes italianos, Dal Moro (1987) explica que nos primórdios da imigração, os imigrantes estavam mais voltados à preservação de seus laços culturais, “a gênese da escola teve como base mais sólida o empenho dos colonos em preservar seu patrimônio cultural”, o qual era marcado pela igreja católica e também pelo fato de que estes imigrantes vieram para o País em circunstâncias diferentes, por exemplo, dos imigrantes alemães<sup>45</sup>.

Tendo presente a valorização de traços culturais através da educação e da igreja, e também as dificuldades encontradas entre os imigrantes, sobretudo os italianos que chegaram ao Brasil após a Lei de Terras de 1850<sup>46</sup>, é pertinente a avaliação de Dal Moro (1987) que afirma que, no Rio Grande do Sul, entre os imigrantes alemães havia 788 escolas, em 1920; já entre os italianos só haviam 60 escolas particulares no mesmo ano.

Quanto ao ensino particular, Giron (1977, p. 82) aponta que, em Caxias do Sul, em 1900, havia duas escolas particulares que ensinavam em língua italiana. Em 1904, foi fundada a Escola Rio Grandense, atendendo a ambos os sexos. Sete escolas paroquiais funcionavam em Caxias do Sul, em 1926 a autora considera que:

O primeiro colégio particular a ser fundado em Caxias do Sul foi o São Carlos, pelas irmãs da congregação do mesmo nome, em 11 de fevereiro de 1901 [...].

---

<sup>45</sup> Os alemães vieram para o Brasil antes da Lei de Terras de 1850, tiveram o ganho da terra e o direito de escolher a área. Os imigrantes italianos vieram depois, tiveram que pagar pela terra e foram destinados aos locais determinados pelo Império.

<sup>46</sup> A partir da vigência da Lei de Terras, 1850, a terra deveria ser resultado da compra, não mais da posse ou do ganho. Assim, se apresentou aos imigrantes italianos também a necessidade de pagar pela terra.

O primeiro colégio particular a ser organizado no município foi o de Nossa Senhora do Carmo, em 1908, pelos irmãos lassalistas [....].

Em 1928 foi fundado o Orfanato Santa Teresinha, com a finalidade de abrigar e educar meninas pobres, órfãs e desvalidas. Em 1955 passa a Ginásio, perdendo seu caráter assistencial. É dirigido pelas irmãs do Imaculado Coração de Maria.

Em 1937 foi criado o ginásio La Salle, pela congregação homônima, destinado ao ensino das classes pobres, visto que o Carmo destinava-se à elite.

Na década de sessenta foram fundados outros colégios, como o Sacré Coeur de Marie o Cabrini, porém, por pouco, e sem êxito.

A rede escolar do município de Caxias do Sul e da região contribuiu para ampliação do ensino, visando a melhor qualificação da região, que apresentava um cenário educacional e cultural de relevância e marcado pelo crescimento econômico. Os dados apresentados no Relatório de Instalação da Faculdade de Ciências Econômicas, em 1956, atestam que:

A cidade está atualmente com uma população de cerca de 55.000 habitantes. O município, de uma área de 1960 km<sup>2</sup>, tem uma população de 95.000 habitantes. Existem 11.500 operários e 1.000 comerciantes e bancários. No município de Caxias do Sul existem 235 escolas primárias; número de alunos: 16.272; na esfera do ensino médio: 3 cursos científicos com 269 alunos; 1 curso básico com 192 alunos; 2 cursos técnicos de comércio com 327 alunos; 12 ginásio com 2.322 alunos; 1 curso clássico com 39 alunos; 3 escolas de formação de professores com 288 alunos. Uma escola superior com 48 alunos.

No interior da Diocese, não contando Caxias do Sul, existem 14 cursos de ginásio com 1.880 alunos; 1 curso básico com 94 alunos; 5 cursos técnicos de comércio com 300 alunos; 2 cursos de formação de professores com 200 alunos; 1 seminário onde há o curso de Filosofia e um seminário menor com 256 alunos. A estes dados acrescenta-se as escolas de ensino médio da região circunvizinha, inclusive seminários menores, num total de 22. (08/05/1956).

A presença das escolas confessionais na região colonial italiana do RS obedeceu a uma prática institucionalizada pela Igreja Católica, que visava à expansão de seus dogmas através, inclusive, da educação. No período de 1870 a 1904, chegaram ao Rio Grande do Sul, segundo Grazziotin (2010), as ordens e congregações europeias: Jesuítas, a partir de 1848; Irmãs do Imaculado Coração de Maria – 1856; Franciscanos da Caridade em 1872; Palotinos alemães em 1886; Irmãs de São José de Moûtiers em 1898; Maristas franceses em 1900; Irmãs de Santa Catarina em 1900; Salesianos italianos: 1901; Lassalistas franceses: 1907; Padres diocesanos a partir de 1890.

As ordens religiosas estabelecidas na região, no período de 1875 até 1930, eram, conforme Luchese (2008, p. 216):

a) **Freis Capuchinhos:** em 18 de janeiro de 1896 chegaram a Conde d'Eu (Garibaldi) vindos da França (Lyon) e foram a primeira congregação (houve atendimentos religiosos feitos por jesuítas) a estabelecer-se na Região Colonial Italiana. Enviados como missionários 'civilizadores e portadores da cristandade e da cultura', foram vistos com certa desconfiança por alguns padres seculares italianos que já realizavam atendimento religioso nos núcleos coloniais. Fundaram um Seminário Seráfico em Garibaldi e iniciaram inúmeras missões e atendimentos religiosos;

b) **Irmãs de São José de Moûtiers:** chegaram a Garibaldi por convite do Bispo Monsenhor Dom Cláudio e por meio do Frei Capuchinho, Bruno Gillonay, em 23 de dezembro de 1898. Em 13 de junho de 1899, fundaram o colégio feminino de Garibaldi. Como algumas alunas expressaram o desejo de viver como freiras, tiveram início o noviciado. As Irmãs de São José tiveram sua origem na França, na cidade de Le Puy, no século XVII, em 1646. Instalaram Colégio feminino e noviciado em Caxias do Sul, Flores da Cunha, Antônio Prado, Carlos Barbosa, Bento Gonçalves (Pinto Bandeira);

c) **Irmãs do Puríssimo Coração de Maria** chegaram em 1899, instalaram Colégio nos municípios de Garibaldi, Veranópolis e Antônio Prado. Mantinham, em 1925, oito institutos ou fundações. A primeira escola - Vale Vêneto - foi fundada em 25 de julho de 1892, sendo denominada Nossa Senhora de Lourdes. Havia se instalado a convite dos padres Palotinos, e a família Bortoluzzi oferecera o edifício para o funcionamento da escola;

d) **Irmãos Maristas:** instalaram-se em 1 de junho de 1904, em Garibaldi, com o Colégio Santo Antônio Essa congregação francesa oferecia internato e externato. Criaram colégios nas cidades de Garibaldi, Veranópolis e Antônio Prado;

e) **Irmãos da Doutrina Cristã:** chegaram em 1907 em Caxias do Sul onde criaram o Colégio Nossa Senhora do Carmo, para atender ao público masculino, a convite do Vigário Padre Carmine Fasulo. Congregação lassalista;

f) **Padres Passionistas:** estabeleceram-se em Pinto Bandeira, interior de Bento Gonçalves, por intermédio do Padre Luigi Segale. O padre Passionista

Damaso Trani estabeleceu residência permanente a partir de abril de 1915, passando a administrar a Paróquia de Nossa Senhora Pompéia. Estabelecidos, em 1920, iniciaram o convento e a Escola Apostólica, com um pequeno noviciado;

g) **Irmãos de São Carlos:** vieram ao Brasil a convite de Dom João Becker, por meio de Padre Henrique Poggi. Estabeleceram-se, inicialmente, cinco irmãos na Vila de Bento Gonçalves, em 1915. Em uma casa particular, iniciaram o Colégio São Carlos. No mesmo ano, instalaram colégio feminino e misto em Farroupilha;

h) **Josefinos:** instalaram-se em 1928, em Caxias do Sul, com o lema 'Agir e Calar' e pouco depois abriram o Colégio Murialdo.

Além das escolas confessionais, foram criadas escolas paroquiais que “eram iniciativas lideradas pelo vigário que, juntamente com o fabricante da comunidade, empenhavam-se em constituir um espaço educativo para atender às crianças da comunidade” (LUCHESE, 2008, p. 243).

Nas décadas de 1920 e 1930, o Movimento de Restauração Católica foi importante para assentar uma nova postura da Igreja Católica, inclusive na educação através da implementação de ginásios e colégios. Segundo Grazziotin (2010, p.32)

O movimento de Restauração Católica no Brasil é um programa de ação elaborado e conduzido pela hierarquia eclesiástica. À sua frente, nas décadas de 1920 e 1930, destaca-se Dom Sebastião Leme, arcebispo e cardeal do Rio de Janeiro. Ao seu lado, merecem destaque os arcebispos de Belo Horizonte, Dom Antonio Cabral; de Porto Alegre, Dom João Becker; e de Cuiabá, Dom Aquino Correa (...). Para implantar esse movimento, os bispos contaram com a colaboração de institutos femininos e masculinos espalhados pelo País.

O quadro abaixo sinaliza a presença da Igreja Católica na educação em Caxias do Sul:

Quadro 15 – Aulas e Escolas particulares em Caxias do Sul até 1950

<b>Aulas Particulares</b>	<b>Professor(a)</b>	<b>Local</b>	<b>Característica</b>	<b>Observação</b>
1877	Luiza Morelli Marchioro	7ª Léguas	Mista	
1878	Francesco Zanoni	7ª Léguas 5ª Léguas	54 alunos 42 alunos	
Escolas Particulares				
1878	Deolinda Martins da Silva	1ª Léguas	Feminina	
1901	Colégio São José	Caxias do Sul	Escola Confessional feminina	Ordem das Irmãs de São José de Chambéry
1908	Colégio Nossa Senhora do Carmo	Caxias do Sul	Escola Confessional	Ordem dos Irmãos Lassalistas
1910 a 1920	Escola Metodista e Escola Espírita	Caxias do Sul	Escola Confessional	
1921 a 1934	Escolas Paroquiais	Caxias do Sul	Confessionais	Fechadas em 1934. Criadas para fazerem frente à Escola Metodista e à Escola Espírita
1928	Orfanato Santa Terezinha	Caxias do Sul	Confessional – Irmãs do Imaculado Coração de Maria	Altera o nome em 1956
1956	Ginásio Imaculado Coração de Maria	Caxias do Sul	Confessional – Irmãs do Imaculado Coração de Maria	Altera o nome em 1960
1960	Escola Normal Madre Imilda	Caxias do Sul	Confessional – Irmãs do imaculado Coração de Maria	
1936	Colégio São Carlos	Caxias do Sul	Confessional Irmãs São Carlos Borromeo	
1937	Ginásio La Salle	Caxias do Sul	Confessional – Lassalistas	Destinado ao ensino das classes mais carentes
1950(final) a (início) 1960	Colégio Sacré Coeur de Marie	Caxias do Sul	Confessional	Prédio abriga o Bloco A da UCS onde está a Reitoria.

Fonte: BERGOZZA, 2010.

Os dados iniciais referem-se às aulas particulares, salientando que era comum também ter aulas particulares entre os imigrantes de origem italiana.

Sobre a organização do ensino, entre os imigrantes italianos no período, Ribeiro (2004, p.149) esclarece:

Sob a denominação genérica de “escolas ou aulas italianas”, a RCI manteve em funcionamento, desde a primeira década da colonização, iniciada em 1875, diferentes modalidades de escolas italianas. Os períodos de surgimento, os propósitos da instrução, a organização escolar, e os conteúdos ensinados indicam a possibilidade de classificar as *escolas italianas* em três categorias: a) escola particular italiana, b) escolas italianas apoiadas pelo governo italiano; e c) escolas paroquiais italianas.

Havia também as escolas particulares e as escolas confessionais católicas, sendo que apenas duas confessionais não eram oriundas da Igreja Católica: uma era Metodista e a outra Espírita.

Através da atuação de Dom João Becker<sup>47</sup> foram criados colégios e ginásios na capital do Rio Grande do Sul e também no interior, como em Caxias do Sul. Um exemplo foi o Colégio São José, dirigido pela congregação das Irmãs de São José de Chambéry-Moûtiers, fundado em 1901. Nessa época, o município, com predominância de descendentes da imigração italiana, tinha uma população total de 30.500 habitantes, sendo que 3.000 viviam na zona urbana e 27.500 na zona rural. Em 1930, sua população alcançava 32.773 pessoas, sendo 9.975 na zona urbana e 22.647 na zona rural. Conforme Grazziotin (2010, p.71)

O Colégio São José, fundado em 1901, foi o primeiro educandário, de confissão religiosa, criado para atender a população feminina em Caxias do Sul. O fato da precariedade do ensino público não atingir a todos favoreceu enormemente o desenvolvimento de um colégio com qualidade de ensino para as meninas e moças da cidade. O rigor e a disciplina implementados no processo educativo, aliados a uma sólida orientação religiosa, davam tranquilidade para os pais que confiavam suas filhas às irmãs. Com a implantação da Escola Normal, o Colégio São José ganhou mais conceituação, pois ali se formavam futuras mestras para as novas gerações.

As Irmãs desenvolviam, junto à comunidade, atividades que extrapolavam as atividades educacionais. Prestavam atendimento na área da saúde e também

---

<sup>47</sup> Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre defendia a criação de escolas paroquiais. Sobre, ver ISAIA, Artur Cesar. **Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. GILO, Jaime. A República Riograndense e as Novas Condições para a Educação, 1997, Campinas. **Anais do IV Seminário de Estudos e Pesquisas** “História, Sociedade e Educação no Brasil”. Campinas: Unicamp, 1997.

de assistência à comunidade. Na formação das alunas, a educação contava com elementos que pudessem contribuir para que fossem boas donas de casa.

Os meninos e moços de Caxias do Sul e da região também foram atendidos em sua formação educacional. Em 1908, foi fundado, pelos Irmãos Lassalistas, o Colégio do Carmo. “As aulas começaram no dia 3 de fevereiro de 1908, com 50 alunos, e em agosto, já passava dos 100 alunos”.

O Carmo, por estar relacionado mais à classe média e alta da cidade, acabou exercendo uma significativa influência na sociedade. Promoveu muitas iniciativas junto aos trabalhadores e às camadas populares. A maioria das iniciativas tomadas estava imbuídas por uma visão caritativa e assistencialista. Neste período, a Igreja Católica recomendava tal tipo de atividades e ações para marcar sua presença e inserção no meio social. Essa orientação buscava manter e garantir o modelo de organização social existente, colaborando com os poderes constituídos. (GRAZZIOTIN, 2010, p.75)

Os padres Lassalistas também criaram a Escola São Vicente, no bairro Burgo, visando atender a população carente. Seminários voltados para a formação de jovens, que seguiriam as ordens religiosas, também foram criados neste período de busca de afirmação da igreja católica. Em 23 de maio de 1937, foi lançada a pedra fundamental do Seminário Nossa Senhora Aparecida, em Caxias do Sul, inaugurado em 19 de março de 1939. A contribuição do seminário foi importante para a formação de religiosos e de leigos. Relacionando com a UCS podemos ressaltar que:

Muitos alunos que freqüentaram o Seminário Aparecida e não foram ordenados padres se tornaram lideranças em suas comunidades de origem, com vários destaques na área empresarial, social e política. No campo educativo, destacamos padres e ex-alunos, que tiveram atuação na formação e consolidação da Universidade de Caxias do Sul – UCS. Três de seus ex-alunos se tornaram Reitores desta instituição: Prof. Abrelino Vazatta, Prof. Luiz Rizzon e Prof. Isidoro Zorzi. Muitos outros foram Pró-Reitores, dirigentes de Centros, Departamentos e professores da instituição. (GRAZZIOTIN, 2010, p. 94)

Ordens religiosas passaram a investir, desde finais do século XIX, não apenas no ensino primário e secundário, mas também no superior, sendo únicas mantenedoras e/ou sendo partícipes da organização, da administração e da manutenção de universidades. A respeito da presença das ordens religiosas na região, Luchese (2008, p. 181/82) afirma:

As escolas confessionais como iniciativa de diversas congregações que progressivamente se instalaram na Região. Apoiadas pelo clero local tiveram importância na difusão da religião católica, mas também na qualificação da educação. Fundando colégios com internatos, seminários e noviciados, trouxeram a formação secundária para a Região bem como diferentes concepções curriculares e de ensino. Imbuídos pelo movimento de restauração católica, buscaram a disseminação da religiosidade através da formação de clérigos e freiras, além de terem sido responsáveis pela formação de muitos líderes da política e da economia regional.

Mais do que a questão da separação entre igreja/Estado, fica presente, ao longo das primeiras décadas do século XX, a necessidade e a articulação da igreja católica no sentido de recuperar espaços perdidos e assumir novos. Neste sentido, sua presença na criação de escolas de ensino fundamental, de assistência, de ensino médio e sua intervenção no ensino superior tornaram-se gradativa e importante, preenchendo lacunas existentes. Segundo Oliven, “as funções da universidade católica eram traduzidas, não apenas em termos acadêmicos, mas, também, políticos” (1990, p. 64).

Ainda é importante salientar que o crescimento de ideias liberais, que intensificavam a separação igreja/Estado, bem como a intensificação dos movimentos sociais, sobretudo o operário, sob influência dos ideais anarquistas, anarcossocialistas e anarcossindicalistas, forçaram a aproximação da igreja junto a setores laicos das elites locais, como aconteceu no Rio Grande do Sul<sup>48</sup>. Grazziotin (2010, p.30) considera que

A realidade sócio-econômica vigente é fundamental para entender o posicionamento político e a aliança entre o Estado e a Igreja Católica. A progressiva urbanização do País permitiu o surgimento de uma nova burguesia comercial e industrial, cujos interesses começaram a se confrontar com a hegemonia da aristocracia agrária. Porém o poder político permanecia sob o controle dessas elites, alijando tanto a classe média quanto o proletariado.

A união entre representantes da classe dominante e da igreja católica obedeceu também à necessidade de conter o avanço das ideias contrárias a ela e dos movimentos sociais os quais foram enfrentados pelas forças de Estado para

---

<sup>48</sup> O contexto da denominada Primeira República foi marcado por movimentos urbanos, e no campo de contestação às ordens vigentes. Estes movimentos eram fortemente reprimidos pelos poderes constituídos, pois representavam a quebra da ordem positivista instituída pela república brasileira.

não servirem de exemplo, uma vez que, representavam ameaça à “ordem e progresso”<sup>49</sup>.

Relacionando Estado, Igreja e Educação, na Primeira República no Rio Grande do Sul, Giolo<sup>50</sup> considera que

Estado, igrejas, associações de empresários, associações de trabalhadores, particulares, etc., todos apostavam na escola como a instituição ideal para implantar seu projeto social, e disputavam, palmo a palmo, o espaço e o tempo da sala de aula.

O governo republicano destinou à responsabilidade pública apenas o ensino primário, deixando à iniciativa particular o ensino secundário e o ensino superior. Além disso, a iniciativa privada poderia participar do ensino primário de acordo com suas possibilidades e seus interesses. Isso cumpria uma premissa do positivismo comteano (o da separação entre poder espiritual e poder temporal), mas também constituía uma estratégia de acoplamento dos agentes privados (sobretudo da Igreja Católica) às determinações do poder dominante. A atração dos intelectuais da Igreja e da força de sua estrutura à esfera do poder republicano foi, sem dúvida, fundamental para a sobrevivência do regime. Por seu turno, a Igreja, aceitando tacitamente o acordo, garantiu para si o espaço e as condições indispensáveis para afirmar-se como o grande agente formador da subjetividade popular. (1997, p.426)

A Igreja Católica associada à Educação, no Rio Grande do Sul, contribuiu para a formação de uma juventude intelectualizada, sobretudo na área urbana, através da ação de padres jesuítas<sup>51</sup>, capuchinhos e outras ordens que atuaram em escolas e formaram, inclusive, congregações religiosas de leigos, formando junto à juventude grupos católicos, que necessariamente não eram religiosos. Isaia (1998, p. 86) afirma

A ação educacional da Igreja Católica sobre a elite gaúcha da República Velha, ao mesmo tempo em que formou um laicato organizado, dotou-o de um censo crítico que o afastou completamente de uma postura dócil às decisões hierárquicas. Igualmente, essa ação educacional inseriu profundamente esses leigos nas discussões e lutas sociais de seu meio, afastando-os de um conservadorismo integralista, voltado para a celebração do passado e transcendentarização da vida religiosa.

---

<sup>49</sup> Durante o período da Primeira República os movimentos contestatórios de cunho messiânico ou não eram oprimidos pelas forças policiais da época. Dentre os quais: Revolução Federalista no RS, Guerra do Contestado, Canudos, Revolta da Marinha, Revolta da Vacina, movimento operário, manifestações culturais como a Semana de Arte Moderna, para citar apenas alguns exemplos.

<sup>50</sup> Sobre a Igreja Católica e a Educação na Primeira República, ver Giolo (1997).

<sup>51</sup> Como exemplo foi a formação da congregação mariana de acadêmicos *Mater Salvatoris* formada a partir da ação dos padres jesuítas do Colégio Anchieta de Porto Alegre.

Por outro lado, a ação da igreja católica no setor educacional buscava a afirmação de seus valores e estava de acordo com os interesses de um grupo social ascendente com o processo de urbanização e industrialização a partir da década de 1930. Este grupo era representado pela classe média.

A criação dos cursos superiores tendo como mantenedora a Mitra Diocesana de Caxias do Sul pode ser incluída na análise proposta por Oliven (1990, p. 64), ao tratar da presença da Igreja no ensino superior:

As funções da universidade católica eram traduzidas, não apenas em termos acadêmicos, mas, também, políticos, ou seja, “de um lado ela se constituía em uma instituição de combate ao ensino e à mentalidade laicistas, garantindo a resolução das crises nacionais e barrando a penetração da ideologia comunista no País; de outro, na medida em que se responsabilizasse pelo adestramento das futuras elites dirigentes, a Igreja, por suposto, concretizaria sua meta de recristianizar a sociedade e a própria instituição do Estado”.

Na configuração da UCS, a relação não se estabeleceu sobre a área de um município, mas de uma região. Oliven (1990) apresenta como proposta de análise do processo de paroquialização do ensino superior brasileiro, a presença da classe média como interventor à implantação de faculdades isoladas e de universidades, característica presente também na região Nordeste do Rio Grande do Sul:

Com a implantação da sociedade urbano-industrial no Brasil, a classe média passou a atuar como grupo de pressão a reivindicar recursos públicos, com a finalidade de obter um ensino que a distinguisse das massas. Em geral, elementos pertencentes à classe média brasileira valorizam o privilégio de serem trabalhadores urbanos não-manuais e, independente do tipo de ocupação que exercem (profissionais liberais, donos de pequenos negócios, funcionários públicos [...]), tendem a perceber o diploma, especialmente o de nível superior, como um mecanismo de controle social que assegura a um grupo seletivo as melhores oportunidades profissionais (OLIVEN, 1990, p. 96).

A área de colonização europeia na Serra Gaúcha, caracterizada pelos minifúndios, bem como os latifúndios, também possuía leigos que “assumia com vigor a causa da Igreja hierárquica” (ISAIA, 1998, p. 73). Neste sentido, também a classe média da região, ocupando gradativamente os espaços urbanos, buscava no ensino uma forma de ascender. Ao mesmo tempo, a igreja buscava dismantelar as ideias que julgava diversas aos seus preceitos, como a ação junto

ao movimento operário marcado pelo anarcossindicalismo no início do século, as idéias evolucionistas e positivistas que eram debatidas entre a juventude estudantil.<sup>52</sup>

Em Caxias do Sul, havia ainda outras escolas que contribuíram para a criação de cursos isolados no ensino superior e, posteriormente, a instalação da UCS. Entre as escolas estão: Escola Auxiliadora de Enfermagem do Hospital Nossa Senhora de Fátima, criado em 1958; Centro Cultural Ítalo-Brasileiro, fundado em 1959; Colégio Santa Francisca Xavier Cabrini, 1961. Todas as escolas eram particulares<sup>53</sup>.

Cabe assinalar a significativa presença da Igreja Católica na criação da UCS, com a participação da Mitra diocesana, na pessoa de Dom Benedito Zorzi, que afirma:

[...] A Mitra diocesana pretende manter a Faculdade de Filosofia com as anuidades dos alunos, com contribuições do comércio e da indústria, principalmente de Caxias do Sul, com taxas impostas pelo Bispado às paróquias e capelas, como se faz com outras obras diocesanas. Por este processo a Mitra Diocesana está mantendo a FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, fundada em 8 de maio de 1956; oficializada por Decreto do Sr. Presidente da República em 28 de fevereiro de 1958 e em funcionamento desde março do corrente ano.

Também Gomes (2003, p.397), ao escrever sobre a Igreja Católica e sua relação com o Estado e com a educação, nos primeiros anos da república brasileira, afirma

A Igreja Católica, sentindo-se ferida pelo Estado republicano e ameaçada por outros credos, transformou a educação, em especial a secundária, num espaço de luta estratégico para a recuperação de sua liderança religiosa na sociedade brasileira e investiu muito no ensino, buscando a consolidação de seu prestígio, que tinha sólidas raízes no período imperial. As escolas católicas para meninos e meninas - pois nesse caso o ensino não era misto -, atenderam à parcela da população infantil mais abastada: eram os colégios maristas, salesianos e jesuítas, só masculinos, e o Sion e Sacré Couer de Marie, femininos, todos existentes em várias cidades do País. Pode-se mesmo dizer que, até fins dos anos 1950, tais colégios continuavam a serem os preferidos das famílias mais ricas e refinadas.

<sup>52</sup> As ações educativas junto ao ensino formal, bem como as ações de intensificação de seus preceitos junto aos leigos ao mesmo tempo em que rechaçava as idéias contrárias, marcaram as ações da igreja católica nas primeiras décadas do século XX.

<sup>53</sup> Sobre, ver ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul (educação) 1877-1967**. Porto Alegre: ESTSLB, 1981. Tomo III, Edição Póstuma.

A presença da Igreja Católica no Decreto de Fundação da Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul, em 1959<sup>54</sup>, permite entender a relação entre as instituições educacionais e a necessidade de ensino superior na região.

Dom Benedito Zorzi, por mercê de Deus e da Fé Apostólica, Bispo de Caxias, aos que este nosso Decreto virem, paz, saúde e benção em Nosso Senhor Jesus Cristo: fazemos saber que, atendendo ao crescente progresso, não só material, mas também intelectual, de Nossa Diocese e principalmente de nossa cidade episcopal, onde existem mais de quatro dezenas de escolas de ensino médio e uma de ensino superior, a de Ciências Econômicas, mantida pela Mitra Diocesana de Caxias, usando o direito que nos confere o cânon 1.357 do Código do Direito Canônico, implorando a proteção do Coração Sacratíssimo de Jesus e as bênçãos de Maria Santíssima, havemos por bem fundar, como de fato fundada declaramos, a FACULDADE DE FILOSOFIA DE CAXIAS DO SUL, com sede nesta cidade episcopal, sendo mantida pela mesma Mitra Diocesana; e muito recomendamos aos nossos jurisdicionados todo o empenho para que a dita Faculdade possa, quanto antes, entrar em pleno funcionamento, com reconhecimento oficial das leis do País. Dada e passada em nossa sede episcopal, sob o nosso Sinal e Sêlo de nossas Armas, aos oito de julho de 1959.

Benedito, Bispo de Caxias  
Pe. João Gollo, Secretário do Bispado.”

Depreende-se, do documento, além da importância da Mitra Diocesana de Caxias, a sua capacidade de persuadir as pessoas a colaborarem com a faculdade.

A presença religiosa na formação educacional da região foi importante, pois possibilitou ações efetivas para além da ação do Estado, bem como sua participação esteve presente na instalação de cursos isolados e posteriormente na criação da UCS.

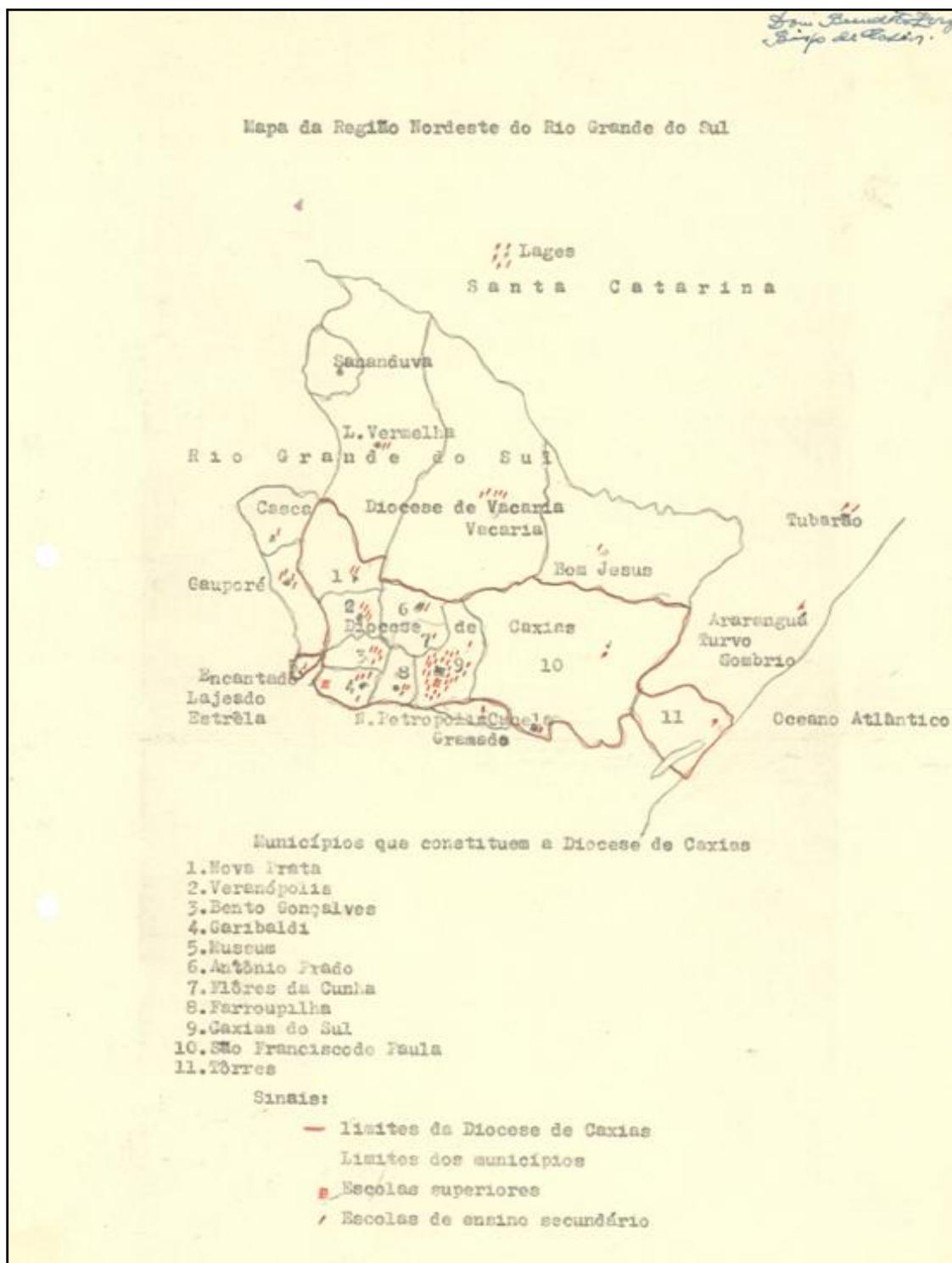
Para melhor compreensão acerca da região a ser beneficiada com a instalação do curso de Ciências Econômicas e, posteriormente, com a Universidade, o relatório apresenta a área de atuação da Diocese de Caxias do Sul<sup>55</sup> (1956).

---

<sup>54</sup> Revista Chronos, vol. 25, edição comemorativa aos 25 anos da UCS.

<sup>55</sup> A Bula *Quae Spirituale Christifidelium*, do Papa Pio XI, criou em 8 de setembro de 1934, a Diocese de Caxias do Sul, desmembrando-a da Arquidiocese de Porto Alegre. Sobre, ver: GRAZZIOTIN, Roque Maria Bocchese. **Pressupostos da prática educativa na Diocese de Caxias do Sul: 1934 a 1952**. Universidade de Caxias do Sul, dissertação de mestrado/Educação, 2010.

Figura 3 - Área de atuação da Diocese de Caxias do Sul



Fonte: Relatório de Instalação da Faculdade de Ciências Econômicas.

O mapa da região nordeste traz 11 municípios beneficiados com a instalação da faculdade: Nova Prata, Veranópolis, Bento Gonçalves, Garibaldi, Mussum, Antônio Prado, Flores da Cunha, Farroupilha, Caxias do Sul, São

Francisco de Paula, Torres, todos localizados na região Nordeste<sup>56</sup>. Conforme afirma Oliven (1990, p. 89):

[...] poder-se-ia afirmar que, no caso do Rio Grande do Sul, a presença de uma universidade num município refletia o tamanho da população de sua sede municipal, a elevada presença das camadas médias urbanas na população economicamente ativa, o seu grau de urbanização, bem como uma maior renda *per capita*. Tais dados, por sua vez, refletiam a importância regional do município como um polo de atração da população.

A forte presença da indústria em Caxias do Sul transformou o perfil urbano e rural, pois desde a década de 1940 a população urbana suplantara a rural. Associado a este dado está o desenvolvimentismo propagado e implementado pelos governos populistas<sup>57</sup>.

### 2.1.2 Estado e Educação

Traçados alguns aspectos significativos referentes ao contexto da educação privada de Caxias do Sul, faz-se necessário acrescentar dados a respeito do ambiente educacional público no período anterior à fundação das instituições de ensino superior e no período de sua implementação, para ter um cenário possível a contextualizar a fundação da Universidade de Caxias do Sul.

Cotidianas são as falas em torno da educação nacional e, sobretudo, dos problemas que ela encerra, alguns são mais facilmente compreensíveis se fatores históricos forem considerados. Fatores como a participação do Estado como provedor da educação e, portanto, como garantidor de maior acesso ao ensino, principalmente das camadas sociais menos favorecidas economicamente. Estamos a falar de ações públicas, a partir da constituição de 1934.

---

<sup>56</sup> Em 1934, ano da criação da Diocese de Caxias do Sul, 31 municípios a compunham: Caxias do Sul, Antônio Prado, São Marcos, Flores da Cunha, Farroupilha, Carlos Barbosa, Garibaldi, Bento Gonçalves, Veranópolis, Nova Prata, mais o município de São Francisco de Paula localizado nos Campos de Cima da Serra que havia sido ocupado pelos portugueses de origem açoriana e também o município de Torres, situado na região do litoral do Atlântico Norte do Estado, habitado por açorianos e descendentes da colonização alemã. (GRAZZIOTIN, 2010, p. 44)

<sup>57</sup> Durante os anos de 1945, com a saída de Vargas da presidência e de 1964, quando iniciou o regime militar, os governantes foram caracterizados pelo populismo e também pelas ações econômicas de intervenção do capital estrangeiro no país. O mais significativo desse contexto foi o período governado por JK, cujo lema de governo era “50 anos em 5”.

Quando remetemos ao financiamento, à qualidade, à formação de professores, apenas para exemplificar, as falas se tornam ainda mais intensas e apaixonadas. Portanto, identificar aspectos da educação no município de Caxias do Sul permite melhor compreender a tardia fundação da universidade, mesmo que seu contexto pertença a uma norma generalizada no território nacional.

Como já foi estabelecida a relação entre a Igreja Católica e a Educação, também é importante demarcar a presença das escolas públicas. O quadro abaixo permite a visualização das escolas públicas em Caxias do Sul no período de 1910 - 1954:

Quadro 16 – Instrução Pública em Caxias do Sul (1910 – 1954)

ANO	NOME	OBSERVAÇÃO
1910	Aula para meninos	Professor Apolinário Alves dos Santos
1912	Colégio Elementar José Bonifácio	1936 denominou-se Escola complementar Caxias. Atualmente é a Escola de Ensino Fundamental Presidente Vargas
1928	Instrução Pública de Caxias	77 aulas
1929	Instrução Pública de Caxias	83 aulas municipais
1930	Escola Complementar de Caxias do Sul	

Fonte: BERGOZZA, 2010.

Considerando o desenvolvimento econômico acentuado a partir da década de 1950, em todo o País e significando a região neste contexto, também foi crescente o número de habitantes na área urbana e a ampliação da demanda pelo ensino superior. Em 1950, a população total de Caxias do Sul, cidade sede da UCS, era de 58.594, com 22.791 na zona rural e, 35.803 na zona urbana. A instalação dos cursos superiores isolados, em Caxias do Sul, permitiu atender a demanda existente, tanto de estudantes como de qualificação e apoio ao desenvolvimento verificado.

Com o objetivo de contribuir para a complementação de dados sobre a educação pública em Caxias do Sul, no início do século XX, a cidade possuía, conforme Giron (1977, p. 79):

A partir de 1900 as escolas começaram a receber dotações. Neste ano existiam em Caxias 24 escolas municipais, 4 das quais na zona urbana.

Já em 1914, durante a gestão de Penna de Moraes, são fundadas duas escolas de nível técnico, uma para o ensino de desenho técnico, ligada à Escola Superior de Engenharia, outra de ensino agrícola, em Ana Rech, dirigida pelos padres Camaldulenses.

Em 1922, já havia no município 79 escolas rurais, 14 estaduais e 20 subvencionadas pelo Estado, com administração municipal.

A mesma autora apresenta a informação de que o governo estadual passou, a partir de 1912, a auxiliar o ensino na região. “Em 1922, o Estado mantinha 14 escolas e subvencionava 20” (Giron, idem, p. 83).

Como escola pública e profissionalizante, em 1917 foi inaugurada a Escola Industrial Elementar de Caxias. Para, Tissot e Oliveira (2010, p. 827)

É um exemplo de ação de governo que buscou colocar em prática esse projeto modernizador. Essa iniciativa também indica o entrosamento entre o governo do Estado e a Intendência, e destes com empresários locais. Ela foi inaugurada em 8 de julho de 1917, por iniciativa da Escola de Engenharia de Porto Alegre, órgão do governo do Estado, que mantinha a escola com auxílio do município e de empresários.

Em carta de setembro de 1917, o intendente de Caxias foi formalmente informado pela direção da Escola de Engenharia de Porto Alegre que, cumprindo Lei do Estado 167, de 9 de dezembro de 1913, o governo do Estado decidiu instalar no município uma Escola Industrial Elementar. A carta anunciava que a finalidade dessa instituição seria ministrar o ensino profissional dos ofícios correspondentes às principais indústrias do município e da zona, para até 100 alunos.

Pelos dados apresentados, percebe-se a presença dos poderes públicos relacionada com iniciativas particulares, configuravam um quadro educacional promissor em Caxias do Sul, relacionado à economia como motivadora de iniciativas educacionais.

Em Caxias do Sul, também houve a preocupação de criar uma escola que formasse professores, pois apenas na capital do Estado havia escolas preparatórias. Somente em 1930 houve a criação da Escola Complementar, através do Decreto Estadual nº 4491, de 28 de fevereiro de 1930. Grazziotin (2010, p.59) conta que

O Colégio São José, depois de trinta e um anos ministrando a instrução do ensino primário sistematizado para meninas e moças, necessitava iniciar uma nova fase com a implantação do ensino secundário. No período de Madre Saint Jean foi iniciada uma nova ala do colégio, em 1932, a Escola Complementar, A Madre Maria Alice que a sucedeu, permaneceu na direção por nove anos, completando a construção do novo espaço para o funcionamento das aulas.

Sobre a importância da Escola Complementar, Bergozza (2010, p.53) afirma

Noventa e cinco anos após o surgimento da primeira Escola Normal no Brasil e 69 anos após a criação da Escola Normal de Porto Alegre, Caxias passa a contar com a primeira escola pública para a formação de professores e professoras, a Escola Complementar de Caxias. Ela foi criada para suprir a necessidade de formar e aperfeiçoar docentes para as escolas primárias da cidade e região a partir da década de 1930.

Enquanto o Colégio São José voltava seu atendimento aos alunos oriundos das classes média e alta, a Escola Complementar atendia a demanda das classes economicamente menos favorecidas, suprimindo parte dessa necessidade.

Sobre a relação entre a formação dos professores pela Escola Complementar e o Ensino Superior, a autora acrescenta

É posterior à instalação da Escola Complementar que ocorre a formação de professores em nível superior em Caxias do Sul que teve início na década de 1950. A Universidade de Caxias do Sul ocupou inicialmente o antigo internato Sacré Coeur de Marie, onde atualmente está localizado o bloco A da Universidade de Caxias do Sul.

Há uma estreita relação entre a formação de professores em Caxias do Sul e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, pois, entre as premissas da Faculdade, estavam a formação de professores e qualificação dos que já estavam desempenhando suas funções nas redes de ensino da cidade e região. (idem)

No período seguinte, durante o governo de Vargas, de 1930-1945, a educação caxiense sofreu avanços, como a gratuidade, e também percalços, como a proibição do uso da língua estrangeira, consequência dos atos governamentais do Estado Novo<sup>58</sup>, quando as escolas são obrigadas a adotar o português para o ensino, abandonando o hábito antigo de ministrar as aulas em italiano, ou dialetos. Neste período, a rede municipal não apresentou sinais de crescimento e os poderes municipais e estaduais centralizavam as decisões administrativas e pedagógicas.

No período de 1945-1964, a educação em Caxias do Sul voltou-se gradativamente à área urbana. No interior, as escolas continuavam a ter importância significativa na medida em que eram locais de reuniões e de tomada de decisões sobre a vida da comunidade, cenário que nas décadas posteriores

---

<sup>58</sup> Sobre a nacionalização do ensino, ver Bastos 2005.

sofreu alterações. Neste período, em 1947, foi criado o Curso Normal do Colégio São José “com oito alunas. Neste ano o total de alunas que freqüentavam o colégio São José alcançava o número de 531” (GRAZZIOTIN, 2010, p.63).

Ações no sentido de assegurar a permanência do homem no campo fizeram parte do contexto: o incentivo via administração municipal, à atividade agrícola e à centralização de escolas através do transporte coletivo. Mesmo assim houve redução no número de alunos na área rural. Os dados apontados por Giron (1977, p. 79) consideram que:

Com a redemocratização o ensino ganha novo estímulo, e de 1946 a 1948 são fundados 23 cursos supletivos, são organizadas Bibliotecas Rurais circulantes. É criado o museu municipal e é recriada a Biblioteca Pública, bem como um jornal ligado à Secretaria Municipal de Educação.<sup>59</sup>

Os aspectos apontados dão conta da necessidade de ampliação do sistema de ensino. O que levou à criação de cursos isolados de ensino superior, os quais eram oriundos tanto da iniciativa pública como da privada. Os cursos existentes, e que deram origem à universidade estavam situados em Caxias do Sul, possuíam como mantenedoras instituições públicas e privadas:

a) Os cursos de Pintura e Música, denominada Escola de Belas Artes de Caxias do Sul, mantidos pela Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, iniciaram suas atividades em 1950 informalmente e de forma legal em 1959;

b) Curso de Enfermagem, cujo início de atividades deu-se em 1957, denominava-se Escola de Enfermagem Madre Justina Inês e a mantenedora era a Sociedade Caritativo-Literária São José;

c) Curso de Economia, com atividades iniciadas em 1959, denominava-se Faculdade de Ciências Econômicas de Caxias do Sul, sendo mantida pela Mitra Diocesana de Caxias do Sul, com início informal das atividades em 1950 e formal em 1959;

d) Os cursos de Filosofia, Pedagogia, História e Letras, mantidos pela Mitra Diocesana de Caxias do Sul, com o nome de Faculdade de Filosofia de Caxias do

---

<sup>59</sup> Sobre, ver GIRON, Loraine S. **Caxias do Sul**: evolução histórica. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1977.

Sul. As atividades dos cursos de Filosofia, Pedagogia e História iniciaram em 1960, e as do Curso de Letras em 1961;

e) Curso de Direito, denominado de Faculdade de Direito de Caxias do Sul. Teve o início de suas atividades em 1960, tendo como mantenedora a Sociedade Hospitalar Nossa Senhora de Fátima.<sup>60</sup>

A presença da instituição católica, a partir da Mitra Diocesana e das ordens religiosas, do poder público municipal, da atuação da sociedade representada pela Sociedade Hospitalar Nossa Senhora de Fátima, constitui o amálgama de intenções e necessidades que permitiram a articulação em torno da criação da UCS no cenário econômico apresentado principalmente pela cidade de Caxias do Sul.

## **2.2 Uma incursão aos Primeiros Cursos do Ensino Superior de Caxias do Sul**

A existência dos cursos superiores isolados e a possibilidade de criação da universidade fazem parte do contexto da história da educação superior brasileira. Por isso, se faz necessário conhecer aspectos sobre os cursos que geraram essa nova realidade, a da criação da Universidade da Serra, posteriormente denominada Universidade de Caxias do Sul.

### **2.2.1 Escola de Belas Artes de Caxias do Sul (1949) Prefeitura Municipal de Caxias do Sul**

As condições culturais da Cidade de Caxias do Sul são as melhores possíveis para permitir a instalação de uma Escola de Belas Artes. Não só por se tratar de uma cidade de vida cultural e artística grandemente evoluída, como, e principalmente, por ser geralmente reconhecido o pendor artístico da população de origem italiana, a fundação de uma Escola de Belas Artes vem preencher uma sensível lacuna.

(Regimento Interno, 1960)

A escola foi criada em 1949, e, por dez anos, seu funcionamento foi informal. O Jornal Pioneiro de 1º de março de 1950, quando anunciava as

---

<sup>60</sup>Sobre, ver STURTZ, Luis Carlos. **Origem da UCS - de 1967 a julho de 1996**. Caxias do Sul: UCS, 2007.

matrículas, dava conta de publicar para a região a existência da escola e a necessidade de alunos para a mesma

Segundo nos informou o Dr. Demétrio Niederauer, diretor da Escola de Belas Artes, dentro em breve será aberta a matrícula da mesma. Oportunamente daremos maiores detalhes sobre o local em que deverá ser feita a matrícula.

Conforme a Ata de Instalação: “Aos 31 dias de março de 1950, às 17 horas, no prédio sito à praça Rui Barbosa, nº 1709, teve lugar a cerimônia de inauguração da Escola de Belas Artes, criada pela Lei nº 230, de 19 de maio de 1949.” A cerimônia contou com a presença de autoridades locais e estaduais como o Exmo. Coronel Nicomedes Bacon, representante da Exma. Sra. Dona Ana Niederauerer Jobin<sup>61</sup>, digníssima Paraninfa da Escola; do Exmo. Rv. Dom José Barea, Bispo diocesano; Sr. Luciano Corsetti, prefeito municipal. Após a benção dada pelo bispo, tomaram posse os professores e o Diretor: Sr. Delcio Vieira.

Figura 4: Antigo prédio onde funcionou a Escola Municipal de Belas Artes, em seu lugar foi construída a Casa de Cultura



Fonte: Revista CHRONOS, volume 25, números 1 e 2, janeiro a dezembro de 1992

Os objetivos que nortearam a criação da Escola de Belas Artes de Caxias do Sul, tendo como mantenedora a Prefeitura Municipal e recebendo subvenção do poder público estadual, devido a convênios estabelecidos com a Secretaria de

---

<sup>61</sup> Esposa do governador do Estado do Rio Grande do Sul, Sr. Walter Jobin.

Educação e Cultura, demonstram seu caráter comunitário e atestam o interesse de um grupo de pessoas em manter e desenvolver aspectos culturais da cidade e da região. Neste particular, a importância cultural da cidade são atestadas no Relatório de Verificação para Reconhecimento do Curso em 1960:

As condições culturais da Cidade de Caxias do Sul são as melhores possíveis para permitir a instalação de uma Escola de Belas Artes. Não só por se tratar de uma cidade de vida cultural e artística grandemente evoluída, como, e principalmente, por ser geralmente reconhecido o pendor artístico da população de origem italiana, a fundação de uma Escola de Belas Artes vem preencher uma sensível lacuna.

Quando trata da relevância da escola, o relatório afirma:

A escola Municipal de Belas Artes de Caxias do Sul, sediada no Estado do RS, compõe-se dos Cursos de Artes Plásticas e Pintura e Música, foi fundada por um grupo de caxienses, que vendo a necessidade e pendor já inato na sua origem latina e encontrando no Sr. Prefeito, de então, Luciano Corsetti e Câmara Municipal de Vereadores, todo o apoio, transformando-a em Escola Municipal, com a dotação anual de soma superior a um milhão de cruzeiros, ou seja, Cr\$ 1169200,00, [...] acrescido de Cr\$ 120.000,00 anuais de um convenio com a Secretaria de Educação e Cultura, anexo n, e posteriormente Cr\$ 500.000,00 de parte do governo federal.

A Escola Municipal de Belas Artes de Caxias do Sul, criada por Lei nº 151, de 19-5-1949, vem cumprindo, com eficiência atividades desde março de 1950, tendo já diplomado 23 alunos nos cursos de Artes plásticas e Pintura e 12 de Música, num total de 35 alunos dos quais já registrados na Diretoria do Ensino secundário e exercendo magistério em Estabelecimentos desta cidade.

A Escola Superior de Belas Artes de Caxias do Sul, criada pela Lei nº 151 de 19 de maio de 1949, recebeu pelo Decreto nº 45610, de março de 1959, autorização para funcionamento dos Cursos de Música e Pintura. (Relatório de Verificação, 1960)

O município como provedor do curso de Belas Artes salienta a peculiaridade da presença do poder público na constituição de uma escola com fins culturais para uma região caracterizada pelo trabalho e pela religiosidade<sup>62</sup>.

Após dez anos de funcionamento informal, o Presidente da República autorizou o funcionamento da escola:

---

<sup>62</sup> Os termos Escola Municipal de Belas Artes e Escola Superior de Belas Artes de Caxias do Sul fazem referência à mesma instituição.

DECRETO N 45610 - DE 24 DE MARÇO DE 1959

Concede autorização para funcionamento dos cursos de música e pintura da Escola municipal de Belas Artes de Caxias do Sul.

O Presidente da república, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, item 1 da constituição e nos termos do Artigo nº 23 de Decreto - Lei nº 421, de 11 de maio de 1938, decreta:

Artigo único. É concedida autorização para o funcionamento dos cursos de musica e pintura da Escola Municipal de Belas Artes de Caxias do Sul, mantida pela Prefeitura Municipal e situada em Caxias do sul, no Estado do Rio Grande do Sul.

Rio de Janeiro, 24 de março de 1959.

138 da Independência e 71 da república.

JUSCELINO KUBITSCHEK

No seu Regimento Interno, datado de 1960, consta a sua finalidade e seu histórico, no Título I - da Escola e seus Fins:

Art. 1 - A Escola Municipal de Belas Artes de Caxias do Sul, com sede em Caxias do Sul, criada pela Lei Municipal nº 151, de 19 de maio de 1949, autorizada pelo Decreto Federal nº 45610, de 24 de março de 1959 e reconhecida como Estabelecimento de Nível Superior pelo Decreto Federal nº 50472, de 18 de abril de 1961, tem por fim:

- a) Ministrar o ensino de Música e das Artes Plásticas, com o fim de formar profissionais habilitados e o respectivo magistério;
- b) Promover a realização de pesquisas nos diferentes setores culturais da Musica e das Artes Plásticas;
- c) Promover a difusão das Artes, das Letras e das Ciências;
- d) Cooperar na obra administrativa e cultural do RS.

Já o Regimento Interno da Escola, de 1964, previa cursos de graduação e de pós-graduação, especialização, aperfeiçoamento e extensão, conforme segue:

- 1 – O curso de Graduação, aberto à matricula de candidatos que hajam concluído o ciclo colegial ou equivalente e obtido classificação em concurso de habilitação;
- 2 O curso de Pós-Graduação, aberto à matricula de candidatos que hajam concluído o curso de Graduação e obtido o respectivo diploma;
- 3 – Os cursos de especialização, aperfeiçoamento e extensão destinados a prolongar em beneficio coletivo a atividade artística, científica e técnica; podem ser:
  - a) De atualização artística e cultural;
  - b) De extensão popular.

A Escola Superior de Belas Artes de Caxias do Sul, criada pela Lei nº 151 de 19 de maio de 1949, recebeu pelo Decreto nº 45610, de março de 1959, autorização para funcionamento dos Cursos de Música e Pintura.

A necessidade de reconhecimento é referendada através da demanda para esses cursos: maior número de alunos do que oferta de vagas, mesmo contando com 350 matriculados. As instalações estavam em processo de melhorias e de adequações conforme afirma o relatório (1960):

A Escola “funciona em edifício próprio, prédio de alvenaria, na Praça Rui Barbosa nº 795, o edifício consta de 2 pavimentos, totalizando 29 peças, recebendo todas luz direta.

Acha-se adiantado estado de construção a nova edificação ordenada pela Prefeitura Municipal, terminada a qual será a Escola datada de mais 10 amplas salas, sendo 8 para funcionamento de aulas, 1 para as sessões da congregação e 1 para o centro acadêmico.

Há salas destinadas a instrumentistas, outras mais espaçosas para atividades de Artes Plásticas e Pintura, um salão dedicado ao ballet, onde se realizam as audições regulamentares e onde se apresentam todos e qualquer artistas e que procuram esta cidade, para seus recitais transformando-se em um palco de arte e de de conferencias literárias ou científicas.

No hall de entrada tem lugar as exposições dos alunos da Escola e, bem assim, de pintores, escultores, desenhistas e outros artistas que por aqui transitam.”

Havia um limite de matrículas, sendo 25 matrículas para o curso de Música e 25 para o de Artes Plásticas e Pintura. No ano de 1949, havia 51 alunos matriculados no curso de Desenho; 2 de Pintura; no curso para professor de Educação Musical eram 9 alunos, no de Instrumento 3 e, no curso de Belas Artes/Curso Fundamental, 150 alunos<sup>63</sup>.

Os números de alunos matriculados no primeiro semestre dos anos abaixo indicados demonstram a importância da faculdade para a formação cultural da região.

---

<sup>63</sup> Fundo Escola Municipal de Belas Artes de Caxias Do Sul. Série, Organização e Funcionamento. Subsérie Planejamento, Implantação e Organização. Ano 1960/CEDOC/UCS

Quadro 17 – Curso com o ano de criação e número de matrículas no primeiro semestre dos anos indicados

Curso/criação	1962	1967	1972	1977	1982	1987	1992	1996
Pintura Bacharelado 1950	60	5						
Música Piano Bacharelado 1951	10	3	3					
Música Canto Bacharelado 1957	1							
Educação Artística Plástica Licenciatura 1964				233	460	352	160	172
Educação Artística Desenho Licenciatura 1964		39	99	34				
Música Licenciatura Plena 1965		8	8					

Fonte: Origem da UCS de 1967 a jul 1996 – Prof. Luiz Carlos Sturtz (2009).

As matrículas apresentadas demonstram a evolução dos cursos relacionados e a inexistência de números significa o período em que os cursos deixaram de existir e/ou foram reorganizados, passando a outras denominações. Salienta-se que sempre houve cursos relacionados ao embrião da Escola de Belas Artes de Caxias do Sul.

A existência da escola contribui para a reflexão desarticuladora de que a região dedicava-se quase que exclusivamente ao trabalho, interpretação oriunda da identificação do processo imigratório com o desbravamento da região. A preservação e o aprimoramento das artes foram incentivados, gerando a valorização, também das culturais locais e criando o primeiro curso superior que fará parte da UCS.

No longo período de sua existência, a escola passou por momentos marcantes como o de 1963, quando houve uma tentativa de federalizar a faculdade, para que dessa forma tivesse recursos garantidos para seu funcionamento. A resposta dada pela Comissão de Ensino Superior (CFE)<sup>64</sup>, foi contrária, tendo sido justificada pela ausência de recursos federais e pelo encaminhamento errôneo feito pelo solicitante:

<sup>64</sup> Fundo Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul/Série Organização e Funcionamento/Subsérie Atos Legais e Normativos/Década de 60/Ano: 1938, 1952, 1957, 1959–1966/Estante: 08/Caixa:22.

PARECER N. 332\63  
COMISSÃO DE ENSINO SUPERIOR

O Diretor da Escola Municipal de Belas Artes de Caxias do sul, criada pela Lei municipal em n1949, solicita ao senhor Presidente da Republica a sua integração no regime federal de ensino, subordinada ao ministério da Educação e Cultura.

O art. 9 letra d dispõe que cabe ao Conselho “opinar sobre a incorporação de escolas ao sistema federal de ensino, após verificação de existência de recursos orçamentários”.

Preliminarmente, caberia dizer que, tratando-se de escola municipal, o pedido de incorporação jamais se poderia fazer por simples pedido do diretor da escola, mas, deveria ser feito, com a devida autorização da Câmara de Vereadores pelo governo municipal.

A matéria, obedecidas essas formalidades seria naturalmente objeto de estudo por este Conselho, que deveria examinar até que limite poderia reconhecer o direito dos governos municipais de fazerem tais pedidos.

Cabe dizer, entretanto, que não havendo recursos orçamentários, como dispôs a lei, pois o Fundo nacional do ensino Superior acha-se em muito excedido pelas despesas com o sistema federal de ensino, este Conselho opina pelo indeferimento do pedido, que corresponderia à federalização da escola.

(as) A. Almeida Júnior, presidente  
Anísio Teixeira, relator e outros

A escola foi incorporada à UCS em 1968, conforme Relatório de Atividades do mesmo ano:

RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO ANO LETIVO DE 1968

Caxias do Sul, 31 de dezembro de 1968

1. MODIFICAÇÕES QUANTO A SITUAÇÃO JURÍDICA DO ESTABELECIMENTO

Em março de 1967, esta Escola foi incorporada à Universidade de Caxias do sul, subordinando-se administrativa e financeiramente à nova Entidade Mantenedora, a Associação Universidade de Caxias do sul.

A prefeitura Municipal de Caxias do Sul, antiga mantenedora, continua responsável pelos professores e funcionários admitidos até aquela data.

2. MODIFICAÇÕES QUANTO AO PATRIMÔNIO, SUBVENÇÕES RECEBIDAS E RESULTADO FINANCEIRO.

Com a incorporação da Escola à Universidade de Caxias do Sul, a administração financeira e econômica foi centralizada na Universidade, constando de sua execução orçamentária o resultado financeiro desta escola.

Durante o ano de 1968, a Escola não recebeu qualquer subvenção dos cofres públicos.

Quanto ao patrimônio não houve modificações.

Como sequência do curso inicial, a UCS oferece atualmente, os cursos de: Artes Visuais-Licenciatura; Artes Visuais-EAD/REGESD; Educação Artística-Artes Plásticas; Design Gráfico; Design; Design de Moda-Tecnologia; Design de

Produto; Moda e Estilo-Tecnologia; Música-Licenciatura. Estes cursos funcionam da Cidade das Artes, Campus 8 e são decorrência da Escola Municipal de Belas Artes.

Quadro 18 - Cursos atuais originários da Escola de Belas Artes

<b>Curso</b>	<b>Matrículas 1º sem.2010</b>	<b>Matrículas 2º sem. 2010</b>	<b>Observação</b>	<b>Local</b>
Artes Visuais (Campus 8)	93	90	Licenciatura	Caxias do Sul
Artes Visuais	13	12	EAD/REGESD Licenciatura	
Design Design (CARVI)	39	70 79	Bacharelado	Caxias do Sul Bento Gonçalves
Design de Moda (Campus 8)	82	169	Tecnologia	Caxias do Sul
Educação Artística (Campus 8)	45	34	Artes Plásticas Licenciatura	Caxias do Sul
Moda e Estilo (Campus 8)	204	119	Tecnologia	Caxias do Sul
Música (Campus 8)	32	35	Licenciatura	Caxias do Sul
Design de Produto (CARVI)	291	267	Bacharelado	Bento Gonçalves
Design Gráfico (CARVI)	118	108	Bacharelado	Bento Gonçalves

Fonte: Pró Reitoria de Ensino, 2011.

No Campus 8, Cidade das Artes, houve 539 matrículas no segundo semestre de 2010, comprovando que a Escola de Belas Artes, criada em 1949, justificava desde aquele momento sua existência. Ao mesmo tempo, a diversificação dos cursos, ao se estender para o CARVI, denota o desenvolvimento industrial da região, atestado, por exemplo, pelos cursos de Design, Design em Moda, Design de Produtos e Gráfico, consoantes com a indústria moveleira e de moda presentes em Bento Gonçalves e Farroupilha, assim como em toda a região.

## 2.2.2 Escola de Enfermagem Madre Justina Inês (1957) – Sociedade Caritativa Literária São José

### PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DE MINHA ESCOLA

Ei-la no seu níveo uniforme  
A espargir luz e calor  
Cândida, qual flor, alpina  
Entusiasta, qual raio de amor

Mas que és?  
Donde vens?  
Qual teu rumo?  
Que buscas nestas chagas ensangüentadas?

Não me conheces?...  
Qual violeta escondida  
Qual melodia perdida  
Sou irradiação, sou dar, sou servir.

Busco dores, aflições, lágrimas  
Para tudo transformar num cálice de felicidade.

Já sei, és tu samaritana inteligente,  
Que qual farol incandescente  
Silenciosamente desfilas teu rosário de dar e servir  
Suavizando corações plangentes.

Alegra-te, pois hoje tua Escola de pé se orgulha  
Contigo conta  
Pois és a vida de sua vida.

Um ano!...  
E tu acompanhaste o teu nascimento  
Participaste de suas angustias  
Conheceste suas alegrias  
E hoje...

Mais um ano!  
Lágrimas e alegrias!  
Beijos suaves de sol!  
Beijos gélidos de chuva!  
Primavera cantante!  
Inverno plangente!

E tu Escola querida  
Tudo enfrentaste  
Com fé e amor  
Olhos fitos no Senhor...

Que levados por um sublime ideal  
Sua juventude querem dar  
Para o enfermo amparar  
Vidas físicas salvar...  
Vidas morais amparar.

Mais um ano!  
Decepções... Idealismo!  
Solidão... companhia!  
Suaves melodias de jovens a cantar  
Gemidos dolentes de corações a chorar

E tu, escola querida,  
Qual baluarte de fortaleza  
Abrigaste em teu seio  
Corações generosos entusiastas e ardentes

Que levados por um sublime ideal  
Sua juventude querem dar  
Para o enfermo amparar  
Vidas físicas salvar...  
Vidas morais amparar.

Mais um ano!...  
E nós as samaritanas  
Sob nosso uniforme alvo  
Braços abertos!  
Corações abertos!  
Almas abertas!  
Aqui estamos decididas para servir  
Vidas ensangüentadas pela dor

Mais um ano!  
E tu, Escola querida  
Ensinaste-nos o código sacrossanto  
Do heroísmo e da solidariedade  
Do amor e da fraternidade  
Da alegria e da santidade

Mais um ano!...  
E nesta data jubilar  
Com os corações a salmodiar

Nós, as samaritanas do senhor  
A ti, expressamos nossa gratidão  
Ao próximo doamos nossa "dileção"  
A Maria, a nossa afeição  
E ao todo poderoso nosso coração

ESCOLA QUERIDA!  
PARABÉNS PELO TEU PRIMEIRO  
ANIVERSÁRIO!

O texto recitado por uma aluna na cerimônia em homenagem ao primeiro ano da escola significa os sentimentos presentes. As palavras poéticas descrevem a alegria pelo primeiro ano da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês, mas também traduzem a satisfação das alunas em estar estudando em um contexto em que a educação era restrita. Associada essa satisfação à necessidade de servir, as alunas apontam a religiosidade como elemento presente em seu ofício, acentuando os sacrifícios e decepções a serem transpostos.

Autorizada pela Portaria nº 432, de 5 de dezembro de 1956, a escola funcionava de acordo com o seu Regimento Interno aprovado pelo Conselho Nacional de Educação.

A Escola começou suas atividades em 1º de março de 1957 e conforme o relatório de 20 de junho de 1958, “o interesse das alunas pelo ensino é notável, o que se pode provar pelo reduzido número de faltas às aulas, ocorrido quase que, exclusivamente por motivo de moléstia” (p.3). Além das aulas teóricas e práticas, os estudos eram complementados por palestras e cursos oferecidos às alunas, como expresso no trecho da aula inaugural em 1º de março de 1957.

A Enfermagem entra no apostolado de caridade e não é simples profissão, mas um “sagrado mistério” na expressão de SS O Papa Pio XII. A enfermeira como o médico trata com pessoas humanas, daí as disposições naturais necessárias as quais devem ser cientificamente cultivadas. (1958, p.3)

Instalada num prédio próprio à Rua 20 de Setembro, nº 2311, em Caxias do Sul, a escola ficava a cinco minutos do Hospital Escola e contava com três pavimentos, pátio arborizado em uma área de 2.750 metros quadrados.

Figura 5 – Prédio em que funcionou a Escola de Enfermagem



Fonte: CEDOC/UCS

A Congregação das Irmãs de São José, mantenedora da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês, estabelecida em Caxias do Sul desde 1901 quando fundaram o Colégio São José, tem origem na França em 1650<sup>65</sup>. Em Caxias do Sul, dirigiam a Escola Normal São José, Hospital Nossa Senhora da Pompéia, Hospital Nossa Senhora da Saúde e três escolas primárias gratuitas.

A mantenedora da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês era:

A Sociedade Caritativo-Literária São José é entidade de direito privado, de personalidade jurídica, conforme a Certidão dos estatutos passada em cartório. É essa sociedade que se responsabiliza pela manutenção da escola de Enfermagem Madre Justina Inês. A capacidade financeira da mesma, a avaliação de bens imóveis e a demonstração da vida funcional se encontram no anexo nº II. (Estatutos da Mantenedora)

Nos Estatutos da Sociedade Caritativo-Literária São José<sup>66</sup>, no Capítulo I Da Sociedade e de seus Fins, consta que:

<sup>65</sup> Vieram para o RS em 1898, a convite do bispo D. Claudio Ponce de Leão. Em diversas localidades do RS mantinham numerosas casas de ensino e hospitais, entre outras o Colégio Sévigné, em Porto Alegre. Outros colégios nas cidades de Pelotas, Rio Grande, Vacaria, Montenegro, Garibaldi, Concórdia (SC), Ceará, Estado de Santa Catarina, podem ser citados. A seu encargo estava o serviço do Hospital São Pedro, em Porto Alegre, com 3500 doentes mentais. Também a Beneficência e Asilo do Rio Grande, numerosos hospitais, mais ou menos importantes disseminados pelo Estado, duas creches e o Instituto São João Batista em Porto Alegre.

<sup>66</sup> Sobre a composição dos sócios:

Art 1º - A SOCIEDADE CARITATIVO-LITERÁRIA SÃO JOSÉ será por tempo indeterminado, com sede e foro jurídico na cidade de Garibaldi, Estado RS, e tem por fim especial promover a educação e instrução de seus Sócios e da juventude em geral, adquirindo, mantendo ou administrando Estabelecimentos que para tanto forem necessários, como sejam: Colégios, Hospitais, Asilos, creches, etc.

No Relatório de Verificação para efeito de Reconhecimento, datado de 25 de março de 1959, consta que “a Escola de Enfermagem Madre Justina Inês foi autorizada a funcionar pela Portaria Ministerial 432 de 5 de dezembro de 1956, assinada pelo exmo. Sr. Ministro Clovis Salgado, D.D. Ministro da Educação e da Cultura e publicada no diário oficial de 10 de dezembro de 1956. As aulas foram iniciadas em 1 de março de 1957”<sup>67</sup>.

O Relatório do 1º período de 1957 datado de 20 de junho de 1958 demonstra aspectos do cotidiano didático da escola, nele consta que as aulas práticas eram dadas, no Hospital Nossa Senhora de Pompéia, na sala de prática da referida Escola, sendo, posteriormente, repetidas nas respectivas enfermarias-escola. O limite de matrícula autorizada por série era de 21 alunas<sup>68</sup>.

---

Art 2 - Podem fazer parte da SOCIEDADE somente pessoas do sexo feminino, maiores de 18 anos e aceitas pela Presidente e pelo Conselho administrativo.

Art 3 - Os Sócios não são obrigados a contribuição pecuniária alguma e devem exercer gratuitamente qualquer cargo que lhes seja dado.

Art 4 - Todo sócio poderá pedir sua exclusão quando lhe aprover.

Art 5 - Os Sócios não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais, tem, entretanto, direito de votar e serem votados.

<sup>67</sup>As condições da Escola para o reconhecimento estavam de acordo com o decreto-lei nº 421 de 11 de maio de 1938, modificado pelo decreto-lei nº 2075 de 8 de março de 1940, combinado com o Decreto-lei nº 27426 de 14 de novembro de 1949, que regula o ensino de Enfermagem no país.

<sup>68</sup> A demanda pelo curso era apenas feminina, por isso o termo alunas.

Figura 6 – Hospital Escola



Fonte: CEDOC/UCS

Figura 7 – Sala de aula prática



Fonte: CEDOC/UCS

A Escola de Enfermagem possuía poucas alunas, mas a qualidade de ensino que proporcionava, bem como a necessidade de enfermeiras na região, fazia crer que seria procurada por cada vez mais alunas. A constatação de que nem todas as alunas possuíam conhecimentos fundamentais para o ingresso no curso foi registrado na Ata de nº 4 de 7 de junho de 1957, quando abre-se o debate sobre a necessidade de “fundar uma Escola de Auxiliares de Enfermagem para melhor preparar as candidatas ao curso da Escola Madre Justina Inês”. Nesse ano eram “8 alunas matriculadas, sendo que 5 davam à escola uma pequena contribuição anual de acordo com as suas possibilidades para as despesas extraordinárias. Recebem todas, gratuitamente, ensino, pensão e roupa lavada.”(p. 78)

Figura 8 - Biblioteca utilizada pelas alunas



Fonte: CEDOC/UCS

O relatório de 1959, escrito e organizado pela Irmã Sebastiana Maria Pegoraro, diretora, pela Irmã Margarida da Cruz Damanem, considera que:

O grande trabalho da Diretoria da Escola e de seus distintos professores é, a par do ensino exigido pelo curso, instruir indiretamente o povo em geral, para uma maior liberdade às candidatas da enfermagem.

A criação da escola de Enfermagem, nessa cidade, é uma obra que muito promete em nosso ambiente e que desde já está realizando grandes progressos, através de seu pequeno núcleo.

É importante demarcar que a presença da mantenedora, sendo ela uma ordem religiosa pertencente à Igreja Católica, dá um significado de confiança, de lisura à faculdade, expressa, inclusive, quando remete aos dados financeiros e aos referentes aos serviços prestados pela mesma na área da educação e da saúde. Percepções próprias de uma época que tinha nas instituições religiosas confiança e a convicção da presença católica.

No Regimento Interno da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês, consta que a duração do curso era de 36 meses. Apresenta ainda os pontos de verificação parcial e final e os componentes curriculares.

As alunas do curso frequentavam, além das disciplinas diretamente relacionadas ao curso de enfermagem e previstas pela legislação federal em vigor, as aulas do ensino de Religião e de Filosofia.

Figura 9 - Sala de Aula



Fonte: CEDOC/UCS.

No ano de 1959, concluíram o curso as alunas: Celeste Morlino Larrison, Catharina Fantin, Eva Neli Kronbauer, Gemma Galiotto, Rita Bortolini, Sandra Maria de Abreu Machado (Relatório, 1960).

O quadro abaixo representa a demanda pelo curso através das matrículas no primeiro semestre de cada ano selecionado.

Quadro 19 - Matrículas no curso de Enfermagem

Curso/Criação	1957	1962	1967	1972	1977	1982	1987	1992	1996
Enfermagem	8	25	14	48	122	225	183	93	172

Fonte: Origem da UCS – de 1967 a jul 1996 – Prof. Luiz Carlos Sturtz

Atualmente, o curso de Enfermagem da UCS tem como objetivo: “Cuidado ao ser humano em sua integralidade, em todas as fases do ciclo de vida, promovendo a saúde individual e coletiva” (www.ucs.br, 2011). O profissional atua na assistência à saúde, no ensino, na pesquisa e no cuidado à saúde individual, familiar e comunitária. O enfermeiro cuida do ser humano doente e sadio. Também faz consultas de enfermagem, elabora diagnósticos de enfermagem, presta consultorias e assessorias. Planeja, executa, gerencia e supervisiona o cuidado em enfermagem nos diferentes níveis de atenção à saúde. O curso tem duração média de cinco anos<sup>69</sup>.

Tendo iniciado suas atividades em 1957, sob o nome de Escola de Enfermagem Madre Justina Inês e sendo incorporada à UCS, no momento de fundação desta, o curso de Enfermagem apresentava, segundo a Pró-Reitoria de Ensino, ao final de 2010, 566 matrículas, sendo 505 no Campus Sede, 37 no Campus de Vacaria (CAMVA) e 24 no Núcleo de Veranópolis (NUVER), buscando colaborar com a demanda existente na região.

### **2.2.3 Faculdade de Ciências Econômicas (1959) e a Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul (1960) - Mitra Diocesana de Caxias do Sul**

Podemos dizer hoje que a primeira etapa deste árduo caminho está vencida. Chegamos ao ponto em que nos encontramos. Nasce hoje como criança pequena e fraca, a primeira da série de Faculdades de Caxias, a de Ciências Econômicas. Ela deverá crescer, para ter vida;

<sup>69</sup> Sobre, ver site da instituição [www.ucs.br](http://www.ucs.br).

deverá ter o reconhecimento oficial para poder funcionar com utilidade de seus alunos; deverá agigantar-se bem depressa(...)  
Dom Benedito Zorzi, 8 de maio de 1956

A presença da Mitra Diocesana como uma das entidades que defendeu a criação da Universidade da Serra, juntamente com a Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, com as Irmãs de São José, com a Sociedade Hospital Nossa Senhora de Fátima, representou não apenas a presença da Igreja Católica, mas também, a sua preocupação em contribuir e marcar espaço no que tange ao desenvolvimento regional. Embora isso suscite questionamentos pelas opções de cursos das entidades mantenedoras, como por exemplo, a opção da Mitra Diocesana pelo curso de Ciências Econômicas, os dados constantes no Relatório de Instalação do ano de 1959, possibilitam entendimentos sobre:

Aos 8 de maio de 1956 era fundada a Faculdade de Ciências Econômicas pela Mitra Diocesana de Caxias, a entidade mantenedora. Nessa data em sessão de gala, a que participaram os elementos mais representativos da cidade, não só era proclamada a nova Faculdade como ainda era empossado o Grande Conselho pro Faculdades de Caxias. Este conselho reúne as principais autoridades e os principais representantes de classes, de estabelecimentos de ensino médio, de diretores de centros culturais, não excluindo os representantes da imprensa escrita e falada.

A Faculdade de Ciências Econômicas recebeu o decreto de aprovação do Sr. Presidente da República, Dr. Juscelino Kubitschek, no dia 28 de fevereiro de 1958. Neste ano funcionaram cursos de preparação aos vestibulares em Caxias do Sul e em Bento Gonçalves. Fizeram sua inscrição aos exames vestibulares 71 alunos. Foram aprovados 48. Em março deste ano começou o funcionamento da primeira série da Faculdade de Ciências Econômicas com 48 alunos.

O mesmo relatório traz as seguintes informações sobre a criação da Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul, também mantida pela Mitra Diocesana:

No dia 8 de julho criou, por decreto curial, o Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano de Caxias, Dom Benedito Zorzi, a FACULDADE DE FILOSOFIA, que será igualmente mantida pela MITRA DIOCESANA DE CAXIAS DO SUL como a Faculdade de Ciências Econômicas.

É importante observar que a criação desta faculdade contou com o apoio regional, estabelecendo, desde o início, vínculo com os demais municípios da região, sobretudo os que faziam parte da Mitra Diocesana de Caxias do Sul, o que pode ser constatado pela relação de apoiadores: pessoas, entidades e

partidos políticos dos municípios de: Caxias do Sul, Antonio Prado, Torres, Guaporé, Farroupilha, Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Encantado, Garibaldi, Veranópolis, Nova Prata.

A relevância da Faculdade de Ciências Econômicas, para a cidade e região, foi atestada pela imprensa local, no dia 03 de janeiro de 1959, o Jornal Pioneiro, fez a seguinte referência em sua primeira página:

A medida que se aproximam os dias próprios para as inscrições aos Exames Vestibulares da nova Faculdade de Ciências Econômicas de nossa cidade, aumenta o interesse por parte de estudantes e candidatos que procuram se habilitar e se informar devidamente para indo por em dia os documentos necessários e, sobretudo, ingressar no próximo ano. Muitos jovens estão procurando, estudando com afimco e vivo interesse a matéria exigida. Prevê-se que a nova Faculdade terá candidatos não somente de Caxias do Sul, mas também de outras localidades, algumas até bastante remotas.

O destaque dado pelo jornal ao fato de estarem, os interessados, estudando a matéria, deve-se considerar a significância da prova seletiva, bem como o preparo exigido para o ingresso no ensino superior.

Com o título “Expressivas Solenidades Marcaram a Inauguração da Faculdade de Ciências Econômicas de Caxias, nesta Semana”, o jornal Pioneiro, do dia 07 de março de 1959, faz referência à Escola de Ensino Superior da cidade e à solenidade de inauguração com a presença das autoridades locais: diretor da faculdade, representante do III Exército, diretores de escolas, de Clubes Sociais, Bancos e Comércio, além do Bispo Diocesano e representantes civis e militares. Atestando desta forma a importância da Faculdade:

No dia 3 de março foi dada oficialmente existente, em expressiva solenidade, a Faculdade d Ciências Econômicas de Caxias do Sul. Desnecessário é frisar que o acontecimento, nos anais da história cultural da cidade, merece um destaque todo particular. Para uma cidade, como Caxias do Sul, que já atingiu proveitosamente e merecidamente sua maturidade econômica conseguindo, conseqüentemente, um lugar de destaque no panorama político da região, a construção e funcionamento de uma Faculdade de Ciências Econômicas, é uma imposição vital e uma necessidade decorrente de seu progresso. Uma cidade, de expressão subsiste, não apenas como conglomerado humano. Necessita da formação de líderes que norteiem, em todas as oportunidades, o pensamento popular, especialmente nos debates dos grandes problemas coletivos.

A possibilidade de estudantes terem acesso ao ensino sem necessitarem se deslocar para outras cidades também foi lembrada na matéria do jornal: “a Faculdade de Ciências Econômicas é mais uma garantia de progresso para a cidade, pois permitirá a formação de numerosas pessoas, que, de outra forma, por não poderem transpor-se as capitais teriam de cortar seus estudos” (Pioneiro, 3/3/1959). Presente está a necessidade de formação de novos profissionais para uma região de ascensão econômica.

A mantenedora das Faculdades de Ciências Econômicas e de Filosofia atendia a uma população de aproximadamente 310.000 habitantes, sendo 97% seguidores da religião católica romana, assistidos por 57 paróquias e cerca de 550 igrejas e capelas filiais. A capacidade financeira e a manutenção da Faculdade de Filosofia seria através das “anuidades dos alunos, com contribuições do comércio e da indústria, principalmente de Caxias do Sul, com taxas impostas pelo Bispado às paróquias e capelas , como se faz com outras obras diocesanas. [...]”

A instalação e funcionamento da Faculdade de Filosofia ocorreu na Escola Normal São José, que conforme mencionado anteriormente, foi fundada em 1901, de propriedade da Congregação das Irmãs São José, atestando a junção dos cursos sob o signo de ordem religiosa católica. E funcionou neste local até 1962, a partir de 1963 passou para novo edifício de cinco pisos especialmente construído para a Faculdade.

A Faculdade pretendia de início, instalar os seguintes cursos: Filosofia, Letras Neolatinas, Geografia e História, Pedagogia e Didática. A instalação dos mesmos justifica-se pela constatação de que havia a necessidade de qualificar os professores e proporcionar cultura geral, bem como a inserção no contexto previsto pela legislação educacional da época, a qual determinava a necessidade de Faculdade de Filosofia e cursos para a formação de professores. Nesse sentido, o Relatório de Instalação, ao referir-se às condições culturais da localidade e à necessidade dos cursos atesta “Caxias é incontestavelmente o centro de uma das mais importantes regiões do sul, na chamada zona colonial, e é de toda vantagem a existência de uma Faculdade local para formação de professores e cultura geral”. A Câmara de Ensino Superior, em 1963, afirma que “Em face da expansão do ensino e da carência de professores justifica-se, pelo menos em princípio, a fundação destas

escolas em centros adiantados, como a cidade de Caxias do Sul. Não é, portanto, uma escola supérflua”. Eram finalidades da Faculdade:

- a) Ministrando a seus alunos aprimorados conhecimentos filosóficos, científicos e literários;
- b) Formar professores para o curso secundário, normal e superior;
- d) Promover e incentivar a prática da pesquisa pessoal, conforme aptidões individuais dos alunos;
- e) Contribuir para a mais ampla difusão da cultura nacional, nos programas oficiais de ensino e norteados pelos princípios sadios da doutrina católica.

A estruturação da Faculdade obedecia às secções<sup>70</sup> de: Filosofia, de Ciências, a secção de Letras, de Pedagogia e de Didática. Estava previsto que a Faculdade ministraria também cursos extraordinários que poderiam ser:

- a) De aperfeiçoamento, destinados a aprimorar o estudo de uma parte ou da totalidade de uma ou mais disciplinas dos cursos ordinários;
- b) Livres, versando sobre assuntos de interesse geral, sendo dados não só por professores da Faculdade, como também por outros de competência e renome comprovados, a juízo da Congregação.
- c) Os cursos extraordinários terão programas, duração e funcionamento determinados pelo Conselho Técnico-Administrativo; consultada a Entidade mantenedora, e serão organizados de acordo com as possibilidades materiais e os custos financeiros de que dispuser a Faculdade para esse fim. (1959).

É importante estabelecer a relação entre os cursos e os preceitos de sua mantenedora, inseridos em um contexto onde a presença da Igreja Católica é legitimada pela população, que revelava, muitas vezes, mais respeito ao padre do que ao poder público. A secção XIV do Relatório apresenta a justificativa e o curso de Doutrina e Moral Católica:

Art.26. - Atendendo à sua orientação católica, a Faculdade manterá um curso de Doutrina e Moral Católica, de frequência obrigatória para todos os alunos regularmente matriculados nos cursos a que se referem os artigos 13 a 25.

Parágrafo único - O Curso a que se refere este artigo será de três anos e terá a seguinte seriação de disciplinas:

- 1ª série
- Doutrina social e da Igreja
- 2ª série
- Teologia Dogmática
- 3ª Série
- Teologia moral

---

<sup>70</sup> Termo técnico presente nos documentos e por isso mantido.

Art. 27. - No curso de Doutrina e Moral Católica será observado, no que concerne ao regime de provas e exames, tudo quanto for aplicado aos cursos regulares da Faculdade, contidos nos artigos 13 a 25.

Parágrafo único - As cadeiras do curso de Doutrina e Moral Católica são equiparadas às cadeiras normais, para os efeitos da Lei, quanto ao funcionamento e regime de promoções sendo da competência da Entidade Mantenedora a designação de seus professores.

A faculdade ao adotar o curso de Doutrina Moral estabelece vínculo confessional, claramente exposto pela mantenedora. Porém, quando da criação posterior da UCS, o vínculo doutrinário desaparece em função da junção de entidades que passam a compô-la.

A renda era proveniente, além das taxas anteriormente citadas, também das taxas dos exames e de inscrição em concursos; taxas emolumentos de certidões; transferências, diplomas e títulos; da venda de impressões de interesse e propriedade da Faculdade; de auxílios e subvenções, quer por parte dos poderes públicos, quer por parte da Mitra Diocesana de Caxias, que poderá promover coletas especiais, nas paróquias, para esta finalidade.

Sobre a entidade mantenedora, o Processo de Reconhecimento da Faculdade de Filosofia enviado à Câmara de Ensino Superior, em 1963<sup>71</sup>, permite compreender que:

A Mitra Diocesana de Caxias é uma circunscrição eclesiástica da Igreja Católica Apostólica Romana: denomina-se também Diocese ou Bispado de Caxias. Foi criada pela Bula "Quae spirituali Christifidelium", de S.S. o Papa Pio XI, de saudosa memória, em 8 de setembro de 1934, tendo sido inteiramente desmembrada da Arquidiocese de Porto Alegre.

Representa a Mitra Diocesana de Caxias o Bispo Diocesano, que atualmente é Dom Benedito Zorzi, ou seu Vigário Geral, que é Dom Frei Candido Maria, OFM Cap. ou o Vigário Capitular, no caso de transferência ou morte do Bispo.

No mesmo relatório consta que havia 15 estabelecimentos de ensino de nível médio e quatro de nível superior e que, portanto, a Faculdade de Filosofia muito contribuiria para a formação de professores. Em 11 de fevereiro de 1959, foi assinada autorização para o funcionamento dos cursos de Pedagogia, Filosofia, Letras Neo-latinas, Geografia e História os quais atendiam

---

<sup>71</sup> CEDOC/UCS Fundo: Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul/Série: Organização e Funcionamento/Subsérie: Funcionamento e Implantação e Organização/Processo de Reconhecimento/Década de 50 e 60/ Estante 7/Caixa 23.

necessidades voltadas à formação de professores. O processo Nº 96298/59, que segue transcrito abaixo, compreende a funcionalidade da área voltada à educação e às humanidades, as quais compuseram o “grupo pensante” da Universidade.

O presente Processo é o em que a Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul requer autorização para o funcionamento dos seus cursos de Filosofia, Pedagogia, Letras Neo-latinas, Geografia e História.

Cumpre-nos opinar sobre o projeto do regimento de fls. 576 a 616, em cujo texto foram atendidas todas as objeções da Diretoria do Ensino Superior relativas a primeira peça de fls. 247.

Em face do exposto, a comissão de Estatutos, Regulamentos e Regimentos é de

P A R E C E R

Seja aprovado o projeto de Regimento, de fls. 576 a 616, apresentado pela FACULDADE DE FILOSOFIA DE CAXIAS DO SUL.

Sala de Sessões, 11 de fevereiro de 1959

Ass) ELOYWALDO CHAGAS DE OLIVEIRA – Relator  
Samuel Libâneo  
Cesário de Andrade

VISTO:

Ass) dr. Francisco Luiz Leitão  
Secretário

O Regimento da Faculdade previa as seguintes secções e cursos:

- a) Secção de Filosofia com um só curso ordinário, Filosofia;
- b) Secção de Ciências, constituído por seis cursos ordinários: Matemática, Física, Química, História Natural, Geografia, História, Ciências Sociais;
- c) Secção de Letras com os cursos de: Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras Anglo-Germânicas;
- d) Secção de Pedagogia, com curso ordinário de Pedagogia;
- e) Secção de Didática, constituído pelo curso ordinário de Didática<sup>72</sup>.

Creditando a faculdade, o relatório afirma que: “O patrimônio da Faculdade pertence à Mitra Diocesana de Caxias, cuja sede está em Caxias do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, cabendo à faculdade unicamente o uso e o gozo das instalações de que necessitar”. Reafirmando a presença da mantenedora e suas prerrogativas que determinavam a contratação dos

<sup>72</sup> Fundo: Faculdade de Filosofia/Série: Organização e Funcionamento/Subsérie: Atos Legais e Normativos/Regimento/Década de 60/Estante: 08/Caixa: 2.

professores, a nomeação dos diretores e membros da Congregação<sup>73</sup>, e que, portanto, a faculdade possuía credibilidade identificada com os valores depositados pela população à instituição Igreja Católica.

No transcorrer das décadas do curso de Economia, surgiram outras necessidades investigatórias de acordo com as mudanças sócio-econômicas nacionais e internacionais, que permitiram a instalação de outros cursos como Administração, Administração de Empresas, Ciências Contábeis. O surgimento de novas opções de cursos fez com que houvesse diminuição da demanda pelo curso, embora ele tenha se mantido desde a sua criação. O curso de Ciências Econômicas, atualmente, tem como objeto de estudo: “fenômenos referentes ao planejamento, ao investimento, à produção, à distribuição e ao consumo de bens e de serviços”. As opções de estudo se encontram na cidade Universitária, em Caxias do Sul e no CARVI, em Bento Gonçalves. A área de atuação se dá em empresas privadas ou de economia mista (bancos e empresas de estratégias de investimento no mercado de capitais), empresas de consultoria e órgãos públicos.

A área de atuação para os estudantes do curso de Filosofia, tem se ampliado com a obrigatoriedade da oferta da disciplina na educação básica brasileira, ministrada preferencialmente por professores com formação superior na área. Para além da ação docente, a área de atuação do profissional ocorre também em institutos de pesquisa, centros de estudos, instituições de ensino superior, empresas de assessoria cultural, uma vez que o aluno pode optar pelo bacharelado ou pela licenciatura. O curso de Filosofia tem como objeto de estudo: “temas e problemas filosóficos; reflexão e diálogo crítico com todas as áreas de conhecimento; investigação das formas de conhecimento da

---

<sup>73</sup> A congregação da faculdade, órgão superior de sua direção didática, será constituída, sob a presidência do diretor, pelos professores catedráticos, pelos docentes livres em exercício catedrático, por um representante dos docentes livres eleitos por três anos pelos seus pares, em reunião convocada e dirigida pelo Diretor. São atribuições da Congregação: 1) Eleger dois de seus membros para as comissões examinadoras de concursos, bem como os professores que devem fazer parte das comissões examinadoras das teses; 2) Deliberar sobre a organização de concursos e tomar conhecimento dos pareceres emitidos pelas respectivas comissões; 3) Deliberar sobre a criação ou supressão de cadeiras ou disciplinas, submetendo À APRECIÇÃO DA ENTIDADE Mantenedora e da Diretoria do ensino superior; 4) Deliberar sobre a destituição de professor catedrático ou docente livre, nos casos previstos no regimento; 5) Deliberar, em casos excepcionais e mediante proposta do conselho Técnico Administrativo, sobre a dispensa temporária de um professor catedrático ou docente livre, do exercício do magistério para a realização de estudos no país ou no estrangeiro; 6) Aprovar os programas dos cursos normais; 7) Propor à entidade Mantenedora todas as medidas aconselhadas pela experiência e atinentes ao aperfeiçoamento do ensino; (...) (Regimento Da Faculdade, Data)

realidade; origem e sentido do homem no universo; amplitude e significado do conhecimento produzido pela ciência; questões éticas suscitadas pelo mundo contemporâneo; reflexão sobre o poder, a sociedade e o indivíduo”.

O curso de Pedagogia possui entre as licenciaturas, o maior número de alunos, sendo ofertado nas categorias presencial e EAD. A LDB de 1996, ao estabelecer a formação em ensino superior obrigatória para todos os docentes, foi determinante para o aumento da demanda pelo curso. A Pedagogia tem como objeto de estudo os processos de ensino e de aprendizagem; conceitos fundamentais, teorias e metodologias de ensino e aprendizagem, a prática educativa em toda sua complexidade e especificidade.

A Licenciatura Plena em História possui como objeto de estudo, as trajetórias das sociedades desde suas origens até o presente e análise de suas relações espaços-temporais, sociopolíticas, econômicas e culturais, bem como processo ensino-aprendizagem, como objeto de estudo. Está em discussão a possibilidade de criação do bacharelado em História.

O ensino de Letras tem como objeto de estudo os conceitos fundamentais e teorias relativas à Língua, à Literatura e aos respectivos processos de ensino-aprendizagem.

Estes cursos tiveram as seguintes matrículas no primeiro semestre de cada ano apontado no quadro abaixo:

Quadro 20 - Cursos, data de criação e matrículas nos primeiros semestres (1962-1996)

<b>Curso/Criação</b>	<b>1962</b>	<b>1967</b>	<b>1972</b>	<b>1977</b>	<b>1982</b>	<b>1987</b>	<b>1992</b>	<b>1996</b>
Ciências Econômicas - 1959	107	184	149	402	457	489	410	532
Filosofia Licenciatura Plena - 1960	17	75	103	99	202	273	174	119
Pedagogia Licenciatura Plena 1960	92	101	58	509	503	680	275	358
História Licenciatura Plena - 1960	40	77	56	96	76	246	115	267
Letras Português – Francês -1961 <sup>74</sup>	32	78	45					

Fonte: Origem UCS – De 1967 a jul 1996 – Prof. Luiz Carlos Sturtz

<sup>74</sup> Os dados referem-se ao curso inicial. Em 1964 foi criado o curso de Letras Português/Inglês; em 1969 de Letras Português; em 1974 Letras Tradução Inglês/Português Básico; em 1974 também Letras Secretariado Executivo–Bacharelado.

As três décadas apontam aumento de matrículas, sendo maior no ano de 1987, curiosamente um ano de dificuldades econômicas oriundas da fragilidade do plano econômico criado pelo Presidente José Sarney. A tentativa de estabilidade econômico através do congelamento de preços e salários pode esclarecer este aumento da oferta. No ano de 1996, período governado pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, pode ser associado novamente ao plano econômico que criou a moeda Real em 1994. O Plano Real gerou estabilidade econômica no País, e isso explica o aumento significativo. Nos anos seguintes as matrículas continuaram aumentando, conforme demonstra o quadro abaixo.

Quadro 21 - Matrículas 2010/Cursos oriundos das Faculdades de Economia e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

<b>Curso</b>	<b>Matrículas 2010/1</b>	<b>Matrículas 2010/2</b>	<b>Observação</b>
Ciências Econômicas	470	470	Caxias do Sul
Filosofia	161	138	Caxias do Sul
Letras	266	290	Caxias do Sul
Pedagogia	727	658	Caxias do Sul
História	376	380	Caxias do Sul
Ciências Econômicas	60	53	Bento Gonçalves
Letras	129	123	Bento Gonçalves
Pedagogia	215	196	Bento Gonçalves
Filosofia	17	17	Vacaria
História	34	30	Vacaria
Letras	17	16	Vacaria
Pedagogia	84	74	Vacaria
Pedagogia	16	15	Canela
Letras	13	-	Farroupilha
Pedagogia	358	3	Guaporé
Pedagogia	5	5	Nova Prata
Pedagogia	6	6	São Sebastião do Caí
História	3	3	Veranópolis
Letras	4	-	Veranópolis

Fonte: Pró-Reitoria de Ensino

A redução de matrículas em cursos de licenciatura obedece a um contexto nacional. A busca pela graduação relacionada à Educação tem

diminuído devido a fatores diversos como a baixa remuneração e o pouco reconhecimento social da profissão.

Mesmo tendo ocorrido a criação de outras IES na região, conforme tratado anteriormente, percebe-se que os cursos permaneceram suas ofertas e em alguns momentos, houve aumento de matrículas. Essa conclusão se associa ao fato de ser a UCS a única universidade entre as IES, e, também ao fato de que os campi e núcleos passaram a oferecer alguns destes cursos o que possibilitou o acesso e, conseqüentemente, o número de matrículas.

A oferta de cursos de licenciatura, nos campi e núcleos, foi devido à necessidade de cumprimento da LDB de 1996 que estipulou prazos para que todos os professores tivessem a oportunidade de obtenção do diploma no ensino superior. Neste processo, a sociedade brasileira assistiu a propagação de cursos de licenciatura no território nacional, nas modalidades presencial e EAD.

Os cursos que deram origem à Faculdade de Ciências Econômicas e de Filosofia completaram e/ou completam 50 anos em 2010/11<sup>75</sup>.

#### **2.2.4 Faculdade de Direito (1960) - Sociedade Hospitalar Nossa Senhora de Fátima**

No Estado, há mais 8 Faculdades de Direito. A de Caxias do Sul serve à extensa e rica região Nordeste do Estado, em franca expansão industrial.

Processo de Reconhecimento da Faculdade de Direito, 1961

O curso de Direito tem mantido, desde sua criação no Brasil, demanda constante, associada às possibilidades de atuação bem como ao status, de doutor, que a sociedade designa costumeiramente, ao bacharel em Direito. Desta forma, foi criada em 1º de janeiro de 1959, pela Sociedade Hospitalar Nossa Senhora de Fátima, a Faculdade de Direito de Caxias do Sul. Autorizada a funcionar pelo Decreto Federal nº 47435, de 16 de janeiro de 1959. A instalação do curso ocorreu em 4 de março de 1960, sendo reconhecido pelo Decreto Federal nº 53635, de 28 de fevereiro de 1964.

---

<sup>75</sup> O período apresentado neste e em outros quadros, 1957–1996, fazem parte de levantamento feito pelo professor Luiz Carlos Sturtz, da UCS. Estes dados foram cedidos pelo mesmo à autora deste estudo.

O Jornal Pioneiro de 12 de março de 1960, documentando a importância da faculdade, publicou matéria acerca da inauguração da mesma, salientando a presença de autoridades civis e militares, a aula inaugural e as homenagens. O Deputado Federal Tarso Dutra foi o homenageado especial. Recebendo homenagens também na Faculdade de Belas Artes. Percebe-se a aproximação dos cursos de ensino superior, a qual levaria, anos mais tarde, à criação da universidade. Sobre a inauguração da Faculdade de Direito expressa o jornal:

Caxias do Sul jubilosa, assistiu na sexta-feira, dia 4 do corrente, às 20:30 horas, a Aula Inaugural da Faculdade de Direito de Caxias do Sul, tendo como local o Centro da Indústria Fabril, no edifício Zatti. O Dr. Tarso Dutra, deputado federal, sob aclamação, deu entrada no recinto, sendo apresentado às autoridades e convidados especiais. (...) Seguindo-se a aula inaugural, através do ilustre deputado, que abordou o tema: "Direito de Governos." (...) Na manhã de sábado, às 10 horas. Na escola Municipal de Belas Artes, realizou-se um coquetel em homenagem aos ilustres visitantes. (Pioneiro, 12/03/1960)

As homenagens prestadas, bem como os locais onde ocorreram os atos relacionados à inauguração da Faculdade de Direito, dão conta da aproximação de segmentos da sociedade com o curso e com o ensino superior como um todo. Entre os locais estavam o Centro da Indústria, o Centro de Tradições Gaúchas Rincão da Lealdade, a Faculdade de Belas Artes, o Clube Juvenil, ou seja, espaços públicos/privados que representam segmentos sociais que se distinguem do restante da população, aproximando do preceito de que o ensino superior, distingue quem porta um diploma de quem não o possui.

No Regimento de sua criação, está descrito que tem por fim ministrar o ensino das Ciências Jurídicas e Sociais e promover a sua difusão. E que a faculdade, para a realização de sua finalidade, manterá:

- a) Curso de graduação
- b) Curso de pós-graduação
- c) Curso de extensão

Sobre a mantenedora, o Regimento Interno estabelece no Capítulo VI, artigo 25 as suas atribuições<sup>76</sup>:

1. Deliberar sobre o relatório anual da Faculdade, fixando normas gerais para a sua manutenção;
2. Aprovar ou rejeitar a reforma do Regimento da Faculdade;
3. Aprovar o orçamento da Faculdade e apreciar a prestação de contas anuais, feita pelo Diretor;
4. Decidir sobre a criação e sobre a agregação de novas unidades universitárias, bem como sobre a designação ou desagregação de unidades existentes;
5. Fixar a dotação anual com que pretenda auxiliar a Faculdade;
6. Resolver sobre a aceitação de legados e doação bem como sobre alienação de bens patrimoniais;
7. Fixar os honorários dos professores, bem como os vencimentos do pessoal administrativo da Faculdade;
8. Indicar o Diretor da Faculdade;
9. Autorizar acordos entre Faculdade e Entidades públicas particulares para a realização de trabalhos de pesquisas;
10. Autorizar a instituição de prêmios e bolsas de estudos, propostas pelo CTA;
11. Aprovar a aplicação das subvenções, auxílios e doações;
12. Determinar o modo de aplicação das rendas e receitas da Faculdade;
13. Autorizar a abertura de créditos especiais, suplementares ou extraordinários;
14. Resolver assuntos que sejam de sua alçada, relacionadas com a Faculdade e não previstos neste estatuto.

A Faculdade, que não possuía prédio próprio, funcionou inicialmente na Biblioteca Pública Municipal e foi transferida para a Rua Sinimbu, 1260, prédio da então Aliança Gaúcha, até a transferência definitiva para o Campus Universitário, em 1972, no bairro Petrópolis. O Relatório de Atividades do ano de 1960 permite compreender como eram as instalações:

O edifício onde funciona a Faculdade, adaptado para finalidades didáticas, é de construção moderna, sólida e perfeitamente adequada aos seus objetivos. É de recente construção, todo de alvenaria, compondo-se de andar térreo e mais um pavimento, ocupado este, em toda a sua extensão, pela Faculdade. É edifício moderno e amplo, estando bem conservado e merecendo toda a atenção por parte dos responsáveis. Possui salas e divisões necessárias para a Direção, secretaria, biblioteca, auditório, centro acadêmico, bar, instalações sanitárias e cinco amplas salas de aula.

Está equipado de móveis novos, confortáveis, formando em seu conjunto, um todo de bom gosto. As salas de aula são providas de mesas individuais e de cátedra para o professor, quadro negro [...]

---

<sup>76</sup>CEDOC/UCS. Fundo: Faculdade de Direito de Caxias do Sul/Série Organização e Funcionamento/Subsérie: Atos Legais e Normativos/Década de 60/ Estante 8/Caixa 18

A apresentação das instalações sinaliza para uma justificativa das mesmas, através dos elogios sobre os móveis e bom gosto, buscando demonstrar que, embora não fosse prédio próprio, atendia adequadamente às necessidades. O Processo de Reconhecimento da Faculdade de Direito de Caxias do Sul, de nº 160.025\61, explicita as condições de funcionamento, permitindo associar as condições necessárias ao funcionamento com a mantenedora:

A entidade mantenedora é a associação civil, que mantém uma escola auxiliar de enfermagem, não visando lucros.

O prédio em que funciona a faculdade, que teve oportunidade de visitar em março do corrente ano, é de construção recente, dispondo de ótimas instalações para as aulas, auditório, biblioteca e administração. Há projetos de construção de próprio, em terreno a isso destinado.

A situação financeira é favorável. Em 1962, com 3 séries instaladas, a despesa com professores foi de Cr\$1964.000,00 e de auxílios e subvenções, estes últimos no total de Cr\$ 980.000,00 em 1962.

As condições econômicas e culturais da região são favoráveis. Com mais de 100.000 habitantes, Caxias do Sul dispõe de próspera agricultura e avançada indústria, justamente famosa no setor dos vinhos, das madeiras e da metalurgia, no total 367 estabelecimentos, com 8000 operários. Consta extensa de ensino primário e médio. No nível superior, encontram-se, além da Faculdade de Direito, a de Ciências econômicas, a de Filosofia e a de belas Artes. Nota-se a tendência para a organização da Universidade, com a instalação próxima de uma faculdade de Medicina.

Essa descrição suscita indagações pelo fato de que a mantenedora estava associada à área da saúde, no entanto, a configuração da UCS atesta a participação de segmentos políticos, econômicos, culturais que ao criarem seus cursos procuraram criá-los de acordo com as demandas locais, evitando suplantá-los, isto é, foram criados cursos de áreas distintas e como já havia a Escola de Enfermagem Madre Justina Inês, a Sociedade Nossa Senhora de Fátima cria um curso cuja demanda era crescente, uma vez que os interessados em cursar Direito, precisavam migrar para Porto Alegre.

A Faculdade, em 1962, estendia seus serviços à comunidade através da assistência jurídica, atuava no campo de ensino e treinamento profissional e também prestava assistência social, com visitas domiciliares. Neste mesmo ano, e com três séries em funcionamento, o número de alunos era de 179.

O Decreto Oficial de Reconhecimento da Faculdade de Direito foi assinado pelo então Presidente da República João Goulart, poucos dias antes de seu governo ser substituído por governos militares:

Diário oficial da União 3.4.1964  
 Decreto nº 53635 de 28 de fevereiro de 1964  
 Concede reconhecimento à faculdade de direito de Caxias do Sul, Estado do Rio Grande do Sul.  
 O Presidente da República usando da atribuição que lhe confere o artigo 87 item I, Constituição e nos termos do artigo 23 do decreto-lei numero 421, de 11 de maio de 1938, decreta:  
 Art. 1 É concedido reconhecimento à faculdade de Direito de Caxias do Sul, mantida pela “Sociedade Hospitalar Nossa Senhora de Fátima” no Estado do Rio Grande do Sul.  
 Art. 2 este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.  
 Brasília em 28 de fevereiro de 1964.  
 João Goulart

A receptividade do curso na região é atestada pelos números de matrículas e deve ser associada ao fato de que havia uma carência de profissionais, bem como ao fato de ser um curso de abrangência profissional.

Quadro 22 - Matriculados e concluintes no período de 1960 a 1970.  
 Matriculados no primeiro semestre dos anos: 1972 - 1996

<b>Ano</b>	<b>Vagas</b>	<b>Matriculados</b>	<b>Concluintes</b>
1960	60	75	
1961	60	125	
1962	60	159	
1963	60	234	
1964	60	289	61
1965	60	282	34
1966	60	287	48
1967	60	275	34
1968	80	270	42
1969	80	294	46
1970	80	297	37
1972		348	
1977		564	
1982		899	
1987 noturno		807	
Diurno		217	
1992 noturno		601	
diurno		489	
1996 noturno		609	
diurno		508	

Fonte: CEDOC/ Prof. Luiz Carlos Sturtz “Relatório UCS - 1967-1992”.  
 Origem da UCS – de 1967 a 1996 – Prof. L.C. Sturtz.

Os resultados das matrículas confirmam que o curso de Direito é historicamente um dos cursos fundadores da maior parte das universidades brasileiras, devido à tradição oriunda do período colonial, quando os filhos da elite se deslocavam para estudar na Europa. Mais tarde, no século XIX, houve a fundação de faculdades de Direito no Brasil, São Paulo e Recife.

O curso permite a apropriação de conhecimentos diversos que podem ser desenvolvidos em atividades também diversas, o que fez e faz com que a procura pelo curso seja uma constante, podendo o graduado atuar na esfera acadêmica, no setor público, privado.

Em 1974, na UCS, foi extinta a denominação Faculdade de Direito e o curso de Direito passou a integrar o Centro de Estudos Sociais Aplicados e, posteriormente, o Centro de Ciências Sociais Aplicadas.

Atualmente, é oferecido na Cidade Universitária em Caxias do Sul; no Campus da Região dos Vinhedos em Bento Gonçalves; no Campus de Vacaria e nos Núcleos Universitários de Guaporé, Canela, Farroupilha, Vale do Caí e Nova Prata. Tem como objeto de estudo o conhecimento, análise, interpretação, crítica e aplicação das leis que regem as relações sociais, políticas e econômicas nas lides jurídicas. E a área de atuação compreende a advocacia e assessoria jurídica a empresas e/ou a órgãos públicos (como advogado), promotoria pública (como promotor), magistratura (como juiz) e segurança pública (como delegado)<sup>77</sup>.

O número de alunos matriculados no curso de Direito da UCS, no segundo semestre de 2010, foi de 4.228 distribuídos em 8 locais, sendo

---

<sup>77</sup> Sobre, ver [www.ucs.br](http://www.ucs.br)

Quadro 23 - Matrículas no Curso de Direito (2010)

<b>Curso de Direito</b>	<b>2010 – 1º sem.</b>	<b>2010 – 2ºsem.</b>
Caxias do Sul	2.007	2.066
Bento Gonçalves	798	787
Vacaria	338	342
Canela	443	394
Farroupilha	207	181
Guaporé	135	128
Nova Prata	123	115
São Sebastião do Caí	211	215

Fonte: Pró-Reitoria de Ensino

O curso de Direito representa o segundo maior curso, em número de alunos da universidade, sendo o primeiro o curso de Administração com aproximadamente 6.500 alunos.

Dos cursos isolados já existentes, foi constituída a Universidade de Caxias do Sul, 1967, com os objetivos de: manter e desenvolver a instrução das diversas unidades que a compõem; empenhar-se pelo aprimoramento da educação no País; promover a pesquisa, o desenvolvimento das ciências, letras e artes e a formação de profissionais de nível universitário; contribuir para a formação da cultura superior adaptada à realidade brasileira, informada pelos princípios cristãos; contribuir para o desenvolvimento da sociedade humana, especialmente no campo social e cultural, em defesa dos valores cristãos e democráticos da civilização.

Tendo presente os objetivos iniciais a Universidade de Caxias do Sul se consolidou como uma instituição laica, comunitária e regional que ao longo do período em estudo participou dos debates nacionais e internacionais sobre o ensino superior. Do contexto inicial, dos cursos isolados, a universidade ofereceu, gradualmente, novos cursos atendendo às demandas da sociedade e assistiu o crescimento físico, de pessoal da instituição dentro de contextos históricos pautados por transformações e permanências.

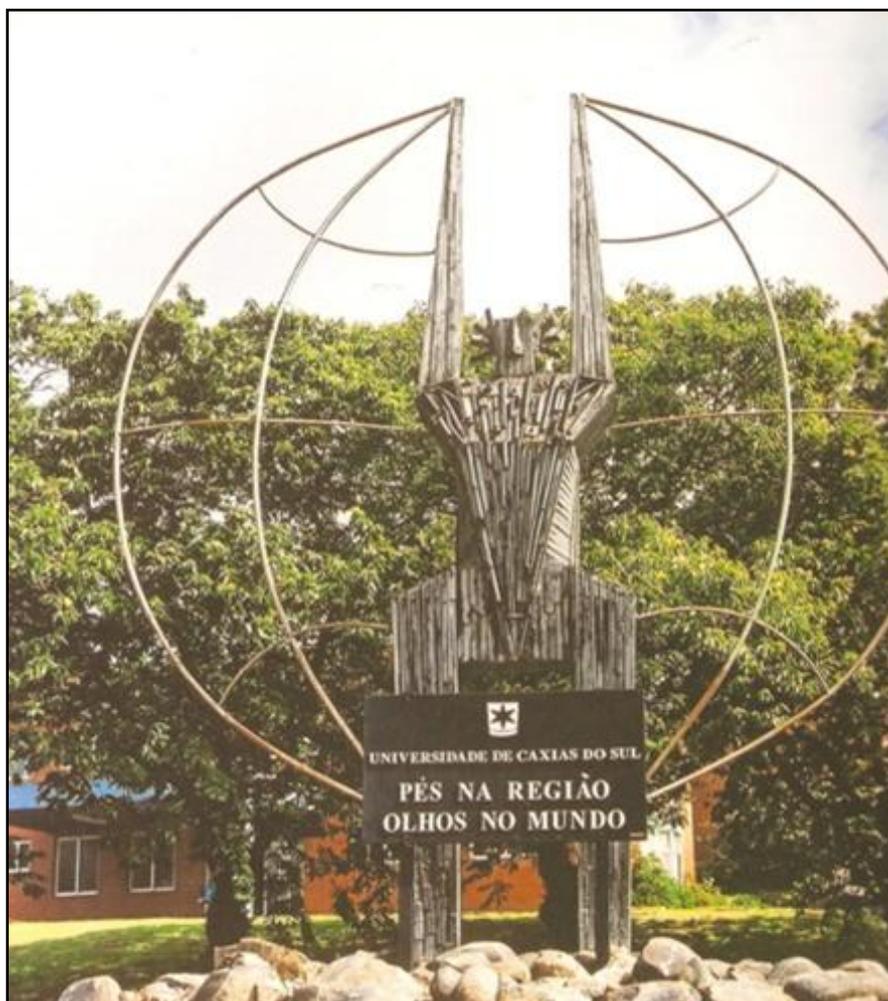
### Capítulo 3

#### “Pés na região, olhos no mundo” – A UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL/RS

*Não queremos que nossa Universidade seja mera reunião de faculdades que se agrupam para as vantagens de uma administração comum. Mais do que isto: queremos que seja um órgão de interligação de estudos de todas as faculdades, que os institutos se multipliquem, que o intercâmbio se intensifique e que o convívio entre os estudiosos seja estimulado para que os trabalhos desta universidade tragam e espalhem benefício.[...]A universidade também é um ato de vontade, vontade de crescer, vontade de saber, vontade de beneficiar, vontade de buscar a verdade, vontade de progredir.*

Discurso de posse de Virvi Ramos, reitor da UCS em 15/02/1967

Figura 10 – Monumento na Cidade Universitária



Fonte: UCS

Presentes as abordagens sobre o ensino superior no Brasil, sobre a cidade de Caxias do Sul, a região e os cursos isolados, neste capítulo, tenho como propósito refletir sobre como foi concebida, fundada e dinamizada a UCS. Para a realização desta etapa, foram utilizados documentos, depoimentos, imprensa local. O espaço temporal obedece ao critério de fundação, 1967 até o ano de 2002, quando é concluída a gestão do reitor Prof. Ruy Pauletti; responsável pelo processo de regionalização, traduzida no *slogan* “Pés na região, olhos no mundo.” A frase contempla a meta de cooperação acadêmica, ou seja:

Com os pés na região, ela está ciente de sua tarefa de formar cidadãos competentes e qualificados para atender às necessidades de um mercado altamente competitivo e globalizado. Com os olhos no mundo, a Universidade de Caxias do Sul está atenta aos desafios impostos pelas comunidades científicas, buscando para os seus cidadãos as melhores oportunidades de qualificação e de projeção no mercado educacional mundial (RELATÓRIO, 1990 -2002).

“Pés na Região – Olhos no Mundo” dá significado a uma das metas da universidade desde a sua fundação, isto é, estar voltada às necessidades regionais e ao mesmo tempo estar inserida no contexto mundial. Segundo Pozenato (2003, p.154)

Parece, pois, ser um fenômeno evidente o de que a globalização e a regionalização, tanto da cultura quanto da política e da economia, mantêm entre si alguma espécie de relação, como houve, e em muitos aspectos continua existindo, uma relação regional e nacional.

Portanto, a cooperação acadêmica, dentro do processo de globalização e também do debate sobre o local e o regional; estão presentes neste capítulo, contemplados pela expansão geográfica da UCS. Com a criação da Faculdade de Economia, em 1956, foi delineado o caminho para a fundação da Universidade da Serra através da criação do Conselho Pro Faculdades de Caxias, seguido da criação da Associação Universidade de Caxias do Sul como Mantenedora da UCS em 1966, e a fundação da Universidade de Caxias do Sul em 10 de fevereiro de 1967.

A composição do Conselho pro Faculdade de Caxias, também conhecido como Associação Caxiense pro Ensino Superior, 1956, já atestava a

participação de vários segmentos sociais. Algumas dessas pessoas assumiram, com a fundação da UCS, cargos de gestão, dele participaram:

Quadro 24 – Membros do Conselho Pró-Faculdades de Caxias do Sul<sup>78</sup>

<b>Nome</b>	<b>Profissão</b>
Benedito Zorzi	Sacerdote
Tasso Selistre	Advogado
Ary Zatti Oliva	Industrial
Virvi Ramos	Médico
Armando Biazus	Industrial
Renan Falcão de Azevedo	Advogado
Plínio Bertelle	Sacerdote
Elyr Ramos Rodrigues	Professora
Juliana Lamb	Professora
Pedro Jorge Simon <sup>79</sup>	Advogado
Dalcy Angelo Fontanive	Sacerdote
Renato Morosini Miller	Estudante
Nerido de Mello e Silva	Funcionário público
Tranquilino Tissot	Comerciante
Mário Antônio Dal Pai	Contador
Irmã Maria Cândida	Religiosa
Madre Joana Maria	Religiosa
Madre Suzana Maria	Religiosa
Irmã Luiza Inês	Religiosa
Ruy V. L. Biazus	Contador

Fonte: CEDOC/UCS.

Do total de vinte pessoas que compunham o Conselho pro Faculdades de Caxias do Sul, sete eram representantes da Igreja Católica, sete profissionais liberais, entre eles o médico Virvi Ramos, primeiro reitor da UCS, havia dois industriais, duas professoras, um funcionário público e um estudante. A presença da igreja católica é explicada pela sua atuação, que conforme Relatório (2004, p. 33)

A instituição religiosa, na tentativa de recuperar o terreno que havia perdido, desde a Europa, alia o processo de secularização ao clima

<sup>78</sup> CEDOC/UCS – Fundo Reitoria/Caixa 12/Estante 1/Irmã Luiza Inês religiosa

<sup>79</sup> Atualmente, é Senador da República.

de cristandade, isto é, tenta a aproximação do que é religioso do que é leigo, com vistas a reeditar seu poder na sociedade civil. Fizeram parte do processo de secularização a criação de inúmeros colégios católicos, por toda a região colonial, com o objetivo de formar uma nova elite intelectual de projeção estadual e nacional. Além dos colégios católicos, a igreja criou, também, jornais semanários.

Com o objetivo de afirmar-se junto aos imigrantes da região e seus descendentes, a Igreja Católica, tornou-se, na década de 1950 a articuladora do movimento pro faculdades de Caxias do Sul. Junto com a instituição católica, também os profissionais liberais, industriais e comerciantes fortaleceram o conselho. Sendo que, atualmente o Conselho Diretor da FUCS conta com a participação de um membro da Igreja Católica e dois representantes da CIC além das demais entidades, o que atesta a importância e atuação das mesmas.

No discurso de Dom Benedito Zorzi, presidente da Associação Universidade de Caxias do Sul, é possível assinalar a presença permanente e atuante da Igreja Católica no processo de instalação e consolidação do Ensino Superior na região. Outras entidades foram lembradas pelo Bispo, entre elas, os poderes executivo e legislativo municipais, a Sociedade Nossa Senhora de Fátima, as congregações religiosas e, pela primeira vez, aparecem os estudantes:

[...] Nesta hora, para sermos justos e exatos, ressaltamos o esforço da comunidade para este empreendimento de extraordinária importância para a região nordeste do Rio Grande do Sul. Não fora este esforço comum, a união de todas as forças vivas da comunidade, por nós pedida já em 1956, não teríamos chegado ao ponto onde nos encontramos.

Este fato: o esforço comum do poder público, ao caso representado pela Prefeitura Municipal e seu Legislativo; da Igreja, através da Diocese e de uma congregação religiosa; dos particulares, representado pela Sociedade Hospitalar Nossa Senhora de Fátima; o esforço comum dos pais e alunos, seja no atendimento das despesas decorrentes do funcionamento de uma Faculdade, seja no interesse e na frequência assídua às aulas (quantos jovens, não só jovens, mas pessoas de idade madura, após o trabalho estafante do dia, no comércio, na fábrica, estudam noite adentro), o esforço e a dedicação dos mestres com viagens e aulas noturnas, com sacrifícios sem conta...(CHRONOS, 2007 p.83)

O desejo de congregar a comunidade para inserir os grupos que atuaram no processo de criação da UCS; mas também os demais como familiares de alunos reflete a prática populista vigente desde a década de 1930,

que buscava aproximar as pessoas aos intentos dos dirigentes. Neste aspecto, aproximar, acolher a todos significando a universidade.

O Bispo da Diocese de Caxias do Sul faz longa e interessante explanação a respeito da presença da Igreja Católica como uma das mantenedoras da UCS, argumentando a partir dos decretos papais e da necessidade de perpetuar os dogmas religiosos. Dom Benedito Zorzi afirma sobre a participação da Igreja:

Afirmamos, ainda, ser direito da Igreja proporcionar educação aos súditos, abrir escolas próprias: na Declaração '*Graffissimum Educatuionis*', sobre a educação cristã, o Concílio Vaticano II diz o seguinte: - '*A presença da Igreja no terreno das escolas se manifesta com especial evidência através da escola católica.[...]*' (CHRONOS, 2007, p.85).

Essa afirmação dá conta do processo de afirmação dos preceitos da igreja num contexto pautado por outras ideologias que poderiam ser entendidas como ameaçadoras: anarquismo, comunismo, outras igrejas surgindo. Logo, é ressaltado o direito da Igreja Católica proporcionar educação aos seus seguidores.

Para melhor compreender a presença do segmento empresarial e comercial, é necessário ter presente que as atividades indústrias tiveram sua origem nas pequenas oficinas instaladas pelos imigrantes, que conforme RELA(2004, p, 32)

O governo, ao procurá-los, exigia que, no mínimo, 90% dos embarcados tivessem como profissão a agricultura. Porém, não era feita uma verificação do que os candidatos à imigração diziam de si mesmos. O fato é que, pouco tempo após sua chegada, muitos colonos haviam instalado oficinas de funilaria, carpintaria, ferraria, sapataria, enquanto outros construía moinhos à água e olarias.

Evidencia-se o processo embrionário do atual desenvolvimento industrial da região, sobretudo como pólo metal-mecânico do Estado do Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo, que se verifica a importância do setor industrial na constituição da universidade.

O processo de instalação da universidade era acompanhado pela comunidade regional, que podia ser informada sobre os acontecimentos através da imprensa, o Jornal Pioneiro de 11 de fevereiro anunciava em sua primeira página "Dia de Júbilo para Caxias do Sul: Instalação da Universidade":

O próximo dia 15 do corrente, quarta-feira, ficará assinalado, de maneira indelével, na história de Caxias do Sul e desta região, principalmente no que tange ao seu tão necessário desenvolvimento cultural.

Naquela data será solene e festivamente instalada a UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, sonho de vários anos e por cuja concretização tanto se bateu um pugilo de ilustres caxienses, dentre eles os quais os Srs. Dr. Virvi Ramos, o Bispo Diocesano Dom Benedito Zorzi, o prefeito Hermes Webber, o padre Sérgio Leonardelli, os integrantes da Associação da Universidade, os representantes de Caxias do Sul na Câmara Federal e na Assembléia Legislativa e diversas personalidades que, apesar de não serem caxienses, contribuíram decisivamente para alcançar aquele alto objetivo, dentre as quais cumpre destacar o deputado Tarso Dutra, os membros do Conselho Nacional de Educação e figuras proeminentes do Ministério de Educação e Cultura.

A comunidade caxiense, através de suas entidades representativas, contribuiu, também, de maneira vigorosa, no movimento encetado em prol da Universidade que, agora, corporifica-se pelo gáudio de todos. (Pioneiro, 11/02/1967)

O texto de caráter festivo, utilizando termos com júbilo, gáudio, contribui para emocionar os leitores, menciona nomes conhecidos da cidade, da vida econômica, religiosa, cultural, política que se envolveram no processo de instalação da universidade, bem com de autoridades estaduais, transparecendo a associação dos diversos interesses destes segmentos na constituição da UCS. Por exemplo, o Deputado Tarso Dutra<sup>80</sup>, PSD, foi uma personalidade constante nos primeiros anos da UCS, participando de inaugurações e sendo homenageado.

---

<sup>80</sup> Foi Deputado Estadual, eleito em 1946, Deputado Federal em 1950, Ministro da Educação de 30 de março a 15 de outubro de 1969.

Figura 11 - Solenidade de instalação da UCS ocorrida na Casa Canônica<sup>81</sup>  
em 10.02.1967



Fonte: Revista CHRONOS, volume 25, números 1 e 2, de janeiro a dezembro de 1992.

A ação de segmentos da sociedade caxiense e de outras localidades, na criação da universidade, foi apresentada no discurso do Prefeito Municipal Hermes João Webber, na instalação da UCS em 15 de fevereiro de 1967. O discurso salienta a presença da classe média<sup>82</sup>, quando afirma que cerca de 80% da população local pode ser definida como classe média, segundo o prefeito, nem muito ricos e nem muito pobres:

A instalação da Universidade de Caxias do Sul constitui a realização de anelos e desejos mais sentidos da nossa população. Consuma-se, hoje um esforço comunitário, que representa uma nova etapa e uma nova esperança, a certeza de um futuro melhor e a realização, em plano mais amplo, dos ideais dos nossos maiores [...].

Aqui, senhores, somos uma cidade de classe média. Nem muito ricos, nem muito pobres. Cerca de oitenta por cento, em termos locais, podem ser definidos como integrantes da classe média. Daí, porque a Universidade representa uma extraordinária esperança para muitos, no sentido de conseguir melhor lugar ao sol.

E que, nos dias atuais, representa melhor patrimônio do que um curso universitário? (CHRONOS, 2007 p. 87).

O contexto de criação da UCS foi marcado também pela demanda crescente pelo ensino superior, oriunda de fatores como a industrialização e

<sup>81</sup> Presentes: Dom Benedito Zorzi – Bispo Diocesano; Hermes João Webber – Prefeito Municipal; Dom Sebastião Baggio – Nuncio Apostólico; Virvi Ramos – Primeiro Reitor da UCS.

<sup>82</sup> Sobre classe média e educação, ver OLIVEN, Arabela Campos. **A Paroquialização do Ensino Superior**: classe média e sistema educacional no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1990.

urbanização aceleradas que originaram novas necessidades, pois segundo Oliven (1990, p.90)

Quanto mais rápido o ritmo de urbanização, maior se torna a pressão dos grupos sociais interessados, principalmente as camadas médias urbanas, no sentido de expandir as matrículas nos níveis mais altos de escolaridade a fim de que, através do diploma, possam manter ou melhorar a posição sócio-econômica da família.

A síntese estatística de Caxias do Sul apresenta os dados gerais da cidade em 1960, os mesmos configuram o desenvolvimento econômico da cidade e conseqüentemente o aumento da classe média, grupo que também seria atendido pela universidade:

Quadro 25 – Dados Estatísticos/Caxias do Sul (1960)

<b>Produção Industrial</b>	<b>Comércio e Serviços</b>	<b>Bancos</b>	<b>Classes liberais</b>
Minerais não metálicos transformados (41)	Casas Atacadistas (5)	Estabelecimentos de crédito (7)	Médicos (53)
Metalúrgicas (17)	Casas Atacadistas e Varejistas (4)	Caixa Econômica Federal (1)	Engenheiros (16)
Ind. Mecânicas (18)	Casas Varejistas (açougues, armazéns, etc.) 1.050	Caixa de Crédito (1)	Farmacêuticos (20)
Ind. Material Elétrico e Comunicação (6)	Estabelecimento de Prestação de Serviços (530)		Dentistas (49)
Madeira (49)			Advogados (27)
Material de Transporte (3)			Agrônomos (12)
Mobiliário (28)			Veterinário (4)
Borracha (5)			Outros (16)
Couro (8)			Farmácias (inclusive drogarías) (16)
Química e Farmacêutica (11)			
Têxtil (39)			
Vestuário (17)			
Prod. Alimentares (85)			
Bebidas (27)			
Editoriais e Gráficas (10)			
Serviços de utilidade pública (3)			
Diversas (20)			

Fonte: Síntese Estatística de Caxias do Sul – Dados Gerais/1960.

Os estabelecimentos industriais eram em número de 387, sendo que não constam na relação as oficinas de consertos e de prestação de serviços tais como: alfaiatarias, oficinas de reparação de veículos, de calçados,

pequenas marcenarias, funilarias, ferrarias, encanadores, etc. A existência tanto das indústrias como das oficinas atestam a pujança do desenvolvimento econômico do município que possuía 99.500 habitantes, sendo que 56.000 moravam na cidade. A população também estava servida por 1.589 estabelecimentos comerciais, sendo a grande maioria de pequeno porte, como os armazéns. Os prestadores de serviços eram em número de 206, sendo que os serviços de saúde representavam o maior número de profissionais liberais. Para dar atendimento às questões financeiras, o município contava com nove estabelecimentos bancários.

A relação entre o setor econômico (indústrias, comércio e serviços) e o estabelecimento dos cursos de graduação, confirma o atendimento dessas demandas por profissionais graduados.

Novamente faço uso do jornal como interlocutor entre os grupos participantes da universidade e a sociedade. Com circulação semanal, o Jornal Pioneiro de 18 de fevereiro de 1967, apresentou em seu editorial, nota a respeito da instalação da universidade, uma semana após o anúncio sobre as festividades que ocorreriam quando da instalação da UCS. Além de anunciar a satisfação da sociedade, escreveu “e a alegria justifica-se: a Universidade representa uma extraordinária perspectiva, no sentido de criar um futuro mais feliz e mais sólido, para todos os habitantes”. Essa frase reafirma a identificação da universidade como possibilidade de desenvolvimento em todos os setores da sociedade, bem como estabelece um vínculo com a região ao afirmar que “a Universidade de Caxias do Sul está intimamente vinculada com a região. Sua perspectiva, graças à orientação que se lhe anuncia, é no sentido da mais perfeita integração” (p. 4).

O jornal dedicou grande cobertura à instalação da Universidade, sob o título “Instalada a Universidade de Caxias do Sul: Gigantesco Passo à Frente no Caminho da Cultura”. Com a presença de autoridades como: Exmo. Revmo. Dom Sebastião Baggio, Núncio Apostólico no Brasil, arcebispos e bispos; professor José L. de Farias, Secretário de Educação do Estado; Deputados como Pedro Simon; Reitores de outras instituições; Cônsul; autoridades militares, o jornal detalha as solenidades, festividades e homenagens prestadas. Ressaltam ainda a contribuição da Prefeitura Municipal, os discursos proferidos, dando significado ao momento em que é instalada a

primeira universidade na região da serra gaúcha, da mesma forma que havia feito na edição anterior.

Com um ano de funcionamento, a UCS estava constituída administrativamente pelo Reitor Professor Dr. Virvi Ramos, pelo Conselho Universitário, que era órgão consultivo e deliberativo formado pelo reitor, pelo vice-reitor Padre Sérgio Leonardelli, pelos Diretores das Unidades Universitárias, por um representante de cada unidade universitária eleito pela respectiva Congregação<sup>83</sup>, pelo representante da entidade mantenedora, Dom Benedito Zorzi, pelo representante do corpo discente, acadêmico Nestor Alberti.

Com o apoio das antigas mantenedoras dos cursos isolados e observando a denominação das unidades de ensino superior, é possível perceber o desenvolvimento da instituição do período que antecede a sua fundação (1966) até o momento de criação da Fundação Universidade de Caxias do Sul (1973), em substituição à Associação Universidade de Caxias do Sul, conforme os cursos criados.

---

<sup>83</sup> Diretoria da Congregação: Profa. Elyr Ramos Rodrigues - Diretora da Escola de Belas Artes; Profa Irma Sebastiana Maria Pegoraro - Diretora da Faculdade de Enfermagem; Prof. Loreno José Dal Sasso - Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas; Prof. Dr. Renan Falcão de Azevedo - Diretor da Faculdade de Direito; Prof. Paulo Luiz Zugno - Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; Prof. Dr. Renato Metsavath - Diretor da Faculdade de Medicina; Prof. Marco Antonio Fernandes - Diretor da Faculdade de Engenharia de Operações.

Quadro 26 - Faculdades e Institutos da UCS (1966–1973)

Até 1966 Como unidades isoladas	Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul Faculdade de Ciências Econômicas de Faculdade de Direito Escola de Enfermagem Madre Justina Inês Escola Municipal de Belas Artes
1967 Incorporando-se à UCS	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Faculdade de Ciências Econômicas Faculdade de Direito Escola de Enfermagem Madre Justina Inês Escola Municipal de Belas Artes
1968	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Faculdade de Ciências Econômicas (incluindo extensão universitária de Bento Gonçalves) Faculdade de Direito Escola de Enfermagem Madre Justina Inês Escola de Belas Artes Faculdade de Medicina Faculdade de Engenharia de Operações
1969 – 1973	Faculdade de Tecnologia Faculdade de Ciências Agrônomicas(não instalada) Faculdade de Ciências Médicas Faculdade de Economia e Administração (incluindo a extensão universitária de Lajeado a partir de 1970) Faculdade de Direito Faculdade de Educação Instituto de Ciências Exatas (incluindo extensão universitária de Bento Gonçalves a partir de 1970) Instituto de Ciências Humanas Instituto de Letras (incluindo extensão universitária de Lajeado em 1969, de Bento Gonçalves e Vacaria em 1970) Instituto de Artes Instituto de Biociências

Fonte: Sturtz, 2010.

Durante esse período, a Reforma Universitária, pela Lei 5.540/68, estabeleceu novas organizações para o ensino superior brasileiro. Ao analisar os primeiros anos da UCS dentro desse contexto, Giron (1977, p. 85) considera que:

Pela Reforma de 1968, as unidades universitárias são constituídas pela reunião de departamentos afins. A unidade pode ser um Instituto ou uma Faculdade.

Os Institutos, em número de cinco, eram o de Ciências Exatas, de Biociências, de Ciências Humanas, de Letras e de Artes. As Faculdades, em número de seis, eram a de Tecnologia, de Ciências Econômicas, de Ciências Médicas, de Economia e Administração, de Direito, de Educação.

Com a criação das novas unidades e departamentos, 1968, como consequência da Reforma Universitária, disciplinas foram realocadas. Para atender às necessidades do setor rural da região, através do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Agrário, foram estabelecidos dois campos

experimentais de pesquisas sobre o cultivo de videira e pastagens artificiais nos municípios de Farroupilha e Caçapava do Sul (Relatório, 1971).

Sobre as extensões universitárias, apontadas como o exemplo inicial de regionalização, é importante demarcar alguns dados:

- a) Extensão Universitária - Lajeado - em 07 de outubro de 1968, os professores Fernando La Salvia, Jauner Renê de Oliveira e Régis Ivan Berthi efetuaram o levantamento de dados para a instalação de cursos superiores em Lajeado. Já em 28 de fevereiro do ano seguinte o Conselho Universitário (Consuni) aprovou 100 vagas para a Faculdade de Filosofia em Lajeado. Em 28 de fevereiro de 1969, o Consuni, autorizava o curso de Letras para entrar em funcionamento em março do mesmo ano. Ao final de 1969, 01 de dezembro, foram autorizados os cursos de Ciências Econômicas e Ciências Contábeis para entrarem em funcionamento em março de 1970;
- b) Extensão Universitária - Vacaria - autorizada pela portaria n 96/69, de 01 de dezembro de 1969; o curso de Letras entraria em funcionamento em março do ano seguinte;
- c) Extensão Universitária - Bento Gonçalves - Em 15 de janeiro de 1968, foi autorizado o curso de Ciências Econômicas, com funcionamento a partir de março do mesmo ano. O curso de Licenciatura Plena em Letras foi autorizado em 01 de dezembro de 1969, tendo funcionamento a partir de março de 1970. Em 01 de dezembro de 1969 foi autorizado o curso de Licenciatura de curta duração em Ciências, o qual entrou em funcionamento em março de 1970<sup>84</sup>.

As extensões universitárias são consideradas o princípio da regionalização da UCS, sendo que as experiências positivas e negativas serviram de embasamento para a elaboração do projeto de regionalização em 1992.

O processo de extensões de unidades universitárias também está associado ao fato de haver excedente de candidatos e ausência de vagas suficientes. Oliven (1990, p. 68) lembra que entre “1964/68, o número de candidatos ao ensino superior expandiu 120%, enquanto as vagas expandiram apenas 50%. Em 1968, havia no País 125.000 candidatos a mais do que

---

<sup>84</sup> Sobre, ver: STURTZ, 2007; HENRICHES, 2007.

vagas.” Portanto, a ampliação do ensino superior privado acabou sendo uma solução viável à demanda existente e a Universidade de Caxias do Sul se inseriu neste contexto.

Em 1971, a UCS enfrentava dificuldades econômicas e administrativas que necessitavam soluções capazes de garantir a sua continuidade, pois, seu crescimento era visível e atendia a ausência de outra instituição de ensino superior na região. O crescimento da Universidade de Caxias do Sul é expresso pelo quadro abaixo:

Quadro 27 – UCS: desenvolvimento (1967–1971)

<b>ANO</b>	<b>Matrículas</b>	<b>Professores</b>	<b>Funcionários</b>	<b>Espaço m<sup>2</sup></b>
1967	1113	174	24	2.410
1968	1482	137	53	3.539
1969	1998	165	60	4.227
1970	2383	239	70	5.367
1971	3026	270	90	5.367

Fonte: CEDOC/Relatório 1971.

Com o crescimento de área física ocupada e do número de alunos, professores e funcionários em expansão, a UCS enfrentava um déficit financeiro de Cr\$ 234.163.00, em 1971. Mesmo enfrentando estas dificuldades, a UCS era a única instituição de ensino superior na região, que possuía uma população estudantil de aproximadamente 45.000 pessoas, distribuídas em 41 municípios e que suas matrículas eram de 3.026, ocupando uma área de 5.367 m<sup>2</sup>, era urgente sanar estas dificuldades para dar continuidade à instituição.

Os anos iniciais da universidade foram marcados por iniciativas que buscavam soluções às dificuldades, sendo uma delas a ampliação de participantes nos conselhos e cargos diretivos da UCS, visando à busca de possíveis soluções. Neste sentido, a Associação Universidade de Caxias do Sul, em 1972, previa a ampliação de representantes na sua constituição, visando ampliar o debate com o corpo docente, como demonstra o documento

Caxias do Sul, aos 7 de outubro de 1972

Ilustres Senhores Professores da Universidade de Caxias do Sul  
Nesta cidade

Na qualidade de presidente da Associação Universidade de Caxias do Sul tenho a honra de comunicar aos ilustres professores da Universidade de Caxias do Sul que, em Assembléia Geral realizada a 4 do mês em curso, foi decidido por unanimidade de votos incluir nos quadros da Associação Mantenedora da Universidade um representante do Corpo Docente com direito a voto, sem comprometimento na responsabilidade financeira que é unicamente da Associação.

Agradecendo antecipadamente a colaboração que de todos espero para o crescimento de nossa Universidade, envio atenciosas saudações

Dom Benedito Zorzi  
Bispo Diocesano e Presidente

Além da participação ampliada, outra ação foi a nomeação do reitor e do vice-reitor pelo presidente da Associação Universidade de Caxias do Sul;

Dom Benedito Zorzi

Por mercê de Deus e da Sé Apostólica, Bispo de Caxias do Sul - presidente da Associação Universidade de Caxias do Sul.

Por este ATO e em virtude do que nos confere o ESTATUTO da Associação Universidade de Caxias do Sul, art. 10, letra e, nomeamos o senhor professor SÉRGIO DE ALMEIDA FIGUEIREDO para exercer as funções de r e i t o r da Universidade de Caxias do Sul, eleito em Assembléia Geral nesta data.

Caxias do Sul, aos 4 de outubro de 1972  
Dom Benedito Zorzi

A Mitra Diocesana de Caxias do Sul, tendo o Bispo Diocesano ocupando o cargo máximo da Associação Universidade de Caxias do Sul, pode ser incluída na análise proposta por Oliven (1990, p. 64) ao tratar da presença da Igreja no ensino superior:

As funções da universidade católica eram traduzidas, não apenas e termos acadêmicos, mas, também, políticos, ou seja, “de um lado ela se constituía em uma instituição de combate ao ensino e à mentalidade laicistas, garantindo a resolução das crises nacionais e barrando a penetração da ideologia comunista no País; de outro, na medida em que se responsabilizasse pelo adestramento das futuras elites dirigentes, a Igreja, por suposto, concretizaria sua meta de recristianizar a sociedade e a própria instituição do Estado”.

Estas participações estão vinculadas tanto ao poder exercido pela Igreja católica, respaldado pela comunidade, como pelo desejo de demarcar o ensino

superior com sua interferência e atuação, sendo uma estratégia bem sucedida na época, demonstrada pelo prestígio e poder de decisão do Bispo Dom Benedito Zorzi. Mesmo assim, as ações, de nomeação do reitor e do vice-reitor e de ampliação de participantes na Associação Universidade de Caxias do Sul, foram pouco duradoras, pois, em 1973 a UCS passou por reformulações com a intervenção do MEC e criação da FUCS. Sendo que, até o momento, a comunidade universitária, através de suas associações, discute a necessidade de revisão do Estatuto para que seja possível a representação destes segmentos no Conselho Diretor da FUCS.

### **3.1 Fundação Universidade Caxias do Sul e o novo perfil da UCS**

Desde sua criação até 03 de dezembro de 1973, a mantenedora da universidade foi a Associação Universidade de Caxias do Sul. A partir desta data foi transformada em Fundação Universidade de Caxias do Sul - FUCS, pessoa jurídica de Direito Privado, numa configuração institucional que melhor representava o caráter comunitário e as propostas de regionalização preconizadas pelos fundadores da Universidade. Segundo Esta alteração se deu devido a problemas surgidos dentro da instituição, que fizeram com que houvesse uma interferência direta do Ministério da Educação.

Devido às dificuldades pelas quais passava a Universidade, em 21 de maio de 1973, através do Parecer nº697/73 e Portaria nº270/MEC, assumiu como reitor *pro tempore*, designado pelo Ministro de Estado da Educação e Cultura, Jarbas Gonçalves Passarinho, o Prof. Ayrton Santos Vargas. O interventor, ao detectar quais os problemas existentes objetivou restabelecer o funcionamento regular da universidade e implantar uma nova dinâmica:

No período que vai de 29 de maio de 1973 a 18 de março de 1974, a Universidade fica sob intervenção federal. Neste período, que cessa com o Parecer CFE nº 707/74, várias reformas são feitas, entre as quais uma nova reestruturação acadêmica, e uma transformação da entidade mantenedora da Associação em Fundação Universidade de Caxias do Sul, aprovada pelo Parecer CFE nº 711/74. Pela nova estrutura, existem 4 tipos de órgãos: 1) de Deliberação Superior, 2) de Administração Superior, 3) de Ensino, Pesquisa e Extensão, 4) Suplementares. Os órgãos onde se opera o ensino, a pesquisa e a extensão, constituídos que são pelos Departamentos, são os 4 Centros: de Ciências e Tecnologia, de Humanidades e Artes, de

Estudos Sociais Aplicados, de Ciências Biológicas e da Saúde.  
(GIRON, 1977, p. 85).

A intervenção do MEC na instituição foi uma necessidade interna para promover a reorganização segundo as normas estabelecidas pela reforma universitária, para ajudar a resolver o problema financeiro, para direcionar ações no sentido de profissionalizar administrativamente a UCS. Importante frisar que isso não desqualifica o que havia sido feito, apenas demonstra a necessidade de estabelecer novos rumos para preservar a instituição. Por outro lado, a intervenção suscitou o primeiro debate em torno da possibilidade de federalização da instituição, o que não ocorreu, pois não era a norma do governo federal da época, muito pelo contrário, a intervenção possibilitou a manutenção da UCS, mas como instituição privada, pois esta era a diretriz, expandir o sistema privado, mesmo que dando auxílio financeiro e administrativo.

A nova estrutura ao estabelecer a formação de Conselhos<sup>85</sup>, organiza e estabelece as funções de cada integrante, sendo que o papel do reitor é reafirmado como o dirigente máximo também na administração superior, assim como atende às determinações da Reforma Universitária, segue

O segundo também é presidido pelo Reitor e integrado pelo Vice-Reitor; por dois representantes de cada Órgão Complementar e por dois representantes do corpo docente. Tem a função de estabelecer as diretrizes do ensino, da pesquisa e da extensão, coordenando e compatibilizando as programações e projetos dos Centros e órgãos de execução, vedada a duplicação de meios para fins idênticos ou equivalentes. (p. 10)

Nessa organização, o Gabinete, a Secretaria Administrativa, Secretaria de Ensino e Secretaria de Planejamento passam a fazer parte da reitoria. Os Centros substituíram as dez unidades (Institutos e Faculdades), sendo

1. Centro de Ciências e Tecnologia
  - a. Departamento de Ciências Exatas
  - b. Departamento de Engenharia Operacional
2. Centro de Humanidades e Artes
  - a. Departamento de Letras

---

<sup>85</sup> Lei nº5540 de 28 de novembro de 1968, ao afirmar que os representantes nos colegiados superiores devem provir de atividades, categorias ou órgãos distintos e que, na administração superior deve haver órgãos centrais de supervisão do ensino e da pesquisa, com atribuições deliberativas.

- b. Departamento de Artes
- c. Departamento de Filosofia e Ciências Humanas
- 3. Centro de Estudos Sociais Aplicados
  - a. Departamento de Ciências Jurídicas
  - b. Departamento de Economia e Contabilidade
  - c. Departamento de Administração
  - d. Departamento de Educação
- 4. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
  - a. Departamento de Ciências Biológicas
  - b. Departamento de Enfermagem
  - c. Departamento de Clínica Médica
  - d. Departamento de Clínica Cirúrgica
  - e. Departamento Materno-Infantil(1974, p.10)

Consolidava-se, assim a departamentalização e o colegiado de curso, na universidade. Através da Reforma Universitária, foram implementadas medidas modernizantes e também ações conservadoras.

Por um lado, modernizou uma parte significativa das universidades federais e determinadas instituições estaduais e confessionais, que incorporaram gradualmente as modificações acadêmicas propostas pela Reforma. Criaram-se condições propícias para que determinadas instituições passassem a articular as atividades de ensino e de pesquisa, que até então – salvo raras exceções – estavam relativamente desconectadas. Aboliram-se as cátedras vitalícias, introduziu-se o regime departamental, institucionalizou-se a carreira acadêmica, a legislação pertinente acoplou o ingresso e a progressão docente à titulação acadêmica. Para atender a esse dispositivo, criou-se uma política nacional de pós-graduação, expressa nos planos nacionais de pós-graduação e conduzida de forma eficiente pelas agências de fomento do governo federal. (MARTINS, 2009, p.16)

A criação, fusão ou mesmo extinção de órgãos complementares de natureza técnica, cultural, recreativa e assistencial fica a cargo do Conselho Universitário, tendo cada órgão um diretor nomeado pelo Reitor. As alterações ocorridas estavam de acordo com os propósitos da Reforma Universitária que nos dizeres de Paviani e Pozenato (1980, p. 74)

A reforma universitária orientou-se pelos seguintes objetivos: a) modernização administrativa; b) renovação do conceito de ensino superior; c) integração da Universidade com o desenvolvimento da sociedade e d) redefinição do papel do estado com relação à Universidade. Para a modernização administrativa, a legislação adota os critérios de organização da empresa moderna, orientada para a eficiência e produtividade (...).

Portanto, a criação da FUCS e o estabelecimento de nova organização administrativa visavam tornar a UCS ágil na adaptação às mudanças impostas pela reforma.

A imprensa possibilitava à sociedade conhecer alguns aspectos da vivência interna da UCS e conhecer aspectos dessas mudanças. No início do ano de 1974, os efeitos da crise se faziam sentir na escolha do novo reitor. O Jornal Pioneiro, de 02 de março, publicou matéria sobre o impasse:

(...) Conforme é de conhecimento público, no ano passado, objetivando solucionar uma série de problemas que vinham tumultuando nossa UCS, foi mantido em Brasília um entendimento com o Ministro Jarbas Passarinho, para a constituição da Fundação que manteria a UCS. Esse encontro produziria um documento assinado pelo ministro, pelo então Reitor e pelo prefeito de Caxias do Sul. O documento passou a ser chamado de "Protocolo de Brasília", o qual, repetimos, foi feito sob o olhar do ministro Jarbas Passarinho. Esse documento norteou, até nos mínimos detalhes, a instituição da Fundação. Contam, entre outros assuntos, quem deveria participar da organização, como se constituiria o patrimônio e, coisa de maior importância neste momento, como seria escolhido o reitor. O dirigente da UCS deveria ser escolhido pelo presidente da República, de uma lista de seis pessoas. Tudo parecia encaminhar-se para uma solução de primeira ordem, quando veio a novidade: o Conselho Federal de Educação pronunciou-se não aprovando este item dos estatutos, já constituídos através de escritura devidamente legalizada. (...) Espera-se que até o dia 15 do corrente se encaminhe uma solução satisfatória, permanecendo, por mais algum tempo à testa da UCS, o aplaudido Reitor Ayrton Vargas. (p.1)

Ao expor a situação de difícil escolha do reitor, a matéria também lembra que a intervenção financeira do governo federal, durante a crise, foi importante "Isso pode provocar (ao menos é o que se teme) que o Governo Federal se exclua da UCS, onde o déficit, não obstante todos os esforços feitos; é de Cr\$150.000 mensais".

Na edição da semana seguinte, 09 de março de 1974, o jornal publicou em primeira página a matéria "Cessou a intervenção na Universidade", dando conta que

A informação foi recebida com satisfação, por quanto, na prática, significa que os motivos, pelos quais foi decretada, desapareceram. Em outras palavras, a situação financeira é boa, com todos os pagamentos em dia, numerosos cursos foram reconhecidos, a reestruturação da Universidade está em andamento, tendo a transformar-se numa Fundação, para o que há apenas um pequeno óbice a ser superado, quanto a um item dos estatutos, que prevê a escolha do Reitor em lista sêxtupla.

A informação da Cessação da Intervenção adiantava que o Reitor Ayrton Vargas continuará, ao menos por algum tempo, à testa da Universidade. Vários apelos, neste sentido, foram endereçados às altas autoridades educacionais de Brasília, face ao excelente desempenho revelado na condução dos problemas universitários. Em longo prazo a UCS precisa de recursos, pois, ainda enfrenta diversos problemas. A cessação da intervenção seguramente significa que uma solução está em andamento.

Considerando que a intervenção do governo federal ocorreu devido a problemas financeiros e administrativos, a alteração da situação de Associação para Fundação Universidade de Caxias do Sul foi a mais significativa, pois inseriu o segmento do comercial e industrial no Conselho Diretor, atendendo à normativa de organização aos moldes empresarial para as universidades, proposta pela reforma universitária. Porém, permaneceu em aberto a questão sobre a escolha do reitor.

Sendo uma entidade com fins educacionais, a FUCS elegeu como finalidade:

[...] realizar e desenvolver a educação, a pesquisa e extensão, em todos os níveis e campos do saber, bem como a divulgação científica, técnica e cultural, por todos os meios, inclusive de tele e radiodifusão com fins exclusivamente educativos, podendo realizar os serviços e atividades-meio para a consecução desses fins, dentro dos valores cristãos, filantrópicos e democráticos da civilização, não permitindo a discriminação por motivo de convicção filosófica, política e religiosa, de classe ou etnia<sup>86</sup>.

A Fundação passou a ter a participação do governo da União, do governo do Estado do Rio Grande do Sul e de municípios da região geoeeducacional, formado pelas cidades que foram signatárias, em 1971, no abaixo-assinado enviado ao Presidente da República Emilio Garrastazu Médici; preocupados com os problemas da Universidade foram: Canela, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha, Flores da Cunha, Lajeado, Nova Prata, Veranópolis e Vacaria. A administração ficou constituída por: presidência e vice-presidência, conselho diretor. Como membros do Conselho Diretor faziam parte representante do governo do Estado do Rio Grande do Sul, representante do governo do Município de Caxias do Sul, representante dos governos municipais da região geoeeducacional da UCS; representante da Associação Cultural e Científica Nossa Senhora de Fátima, representante da Mitra Diocesana de

---

<sup>86</sup> Relatório Auto-Avaliação UCS-SINAES, março 2010.

Caxias do Sul, dois representantes da Câmara de Indústria e Serviços de Caxias do Sul. Do Conselho Curador fazem parte cinco membros eleitos pelo Conselho Diretor e dois representantes do Ministério da Educação.

Refletindo sobre os anos de 1972, 1973 como anos difíceis, o professor José Clemente Pozenato afirma<sup>87</sup>

72, 73 foram difíceis. E assim que é superado esse momento, pela transformação da Associação em Fundação, começa a ter outro capítulo na Universidade. Quando duas lógicas começam a entrar em campo, o que até hoje não se resolveu. O grande fator, a grande mudança criada pela transformação da Associação em Fundação foi o ingresso do setor produtivo na gestão da universidade. A entrada do MEC, do Governo do Estado, isso não influi, sempre foi uma presença simbólica, embora no plano patrimonial quem mais contribuiu foi o governo com toda a área e... No plano institucional a participação da Câmara de Indústria e comércio de Caxias do Sul estabeleceu um conflito na concepção de universidade, que está aí até hoje. (ENTREVISTA, outubro de 2010)

Ocorre neste momento uma mudança de perfil da universidade, ou seja, do perfil acadêmico que vinha sendo estruturado pelo grupo de professores que compunham o denominado “grupo pensante” e que eram oriundos, sobretudo, do curso de Filosofia, para um perfil gradativamente mais empresarial, com significativa influência deste setor na gestão administrativa da FUCS.

No Relatório de Atividades (1974–1977)<sup>88</sup>, o Reitor, Professor Abrelino Vicente Vazatta, faz relato sobre a vivência acadêmica a partir das medidas tomadas para solucionar problemas advindos da crise. Ao sintetizar o período, relata:

Desde o início, em agosto de 1974, foram instaurados os Conselhos Superiores: o Conselho Universitário e o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. A comunidade universitária tinha assim oportunidade de compartilhar responsabilidades das decisões. Realizaram-se eleições normais para as Chefias de Departamento, instituíram-se os Conselhos Departamentais, procedeu-se à implantação progressiva dos Colegiados de Cursos. Embora sem condições plenas, todos os órgãos representativos passaram a funcionar regularmente.

<sup>87</sup> Entrevista semi-estruturada realizada em sua residência no dia 06 de outubro de 2010. O hoje expresso pelo professor corresponde a sua avaliação da instituição onde trabalhou até julho de 2010.

<sup>88</sup> Em 1974, a UCS ampliou sua área através de apoio do Governo do Estado, que doou a área da Estação Experimental de Viticultura e Enologia para a Universidade.

O ano de 1975 foi de elaboração do Regimento Institucional, aprovado pelo Conselho Federal de Educação, previsto para atender aos parâmetros da Reforma Universitária. Sobre a instituição, os docentes e o ensino; informa:

Dentro ainda do quadro institucional, regularizou-se a admissão de professores, através da realização de concursos públicos. Foi também elaborado o Plano de Carreira do Pessoal Docente, cuja implantação, no entanto, teve de ser adiada até 1978, por insuficiência de recursos financeiros. Saliente-se, porém, que no início de 1977 foi implantado o regime de tempo integral, no qual se encontra lotado cerca de 5% do corpo docente. (Relatório de Atividades 1974-1977)

Tais medidas visavam qualificar o ensino uma vez que os docentes passariam a ser admitidos através de concurso e o Plano de Carreira lhes proporcionaria outras perspectivas na vida acadêmica.

A reorganização da universidade passou também pela implantação do Primeiro Ciclo, preconizado pela Reforma Universitária e implantado na UCS pela ação dos professores do “grupo pensante”. Em 1975, iniciou a pós-graduação, com seis cursos em funcionamento. No período ocorreu também a instalação de outros cursos de graduação: Química e de Serviço Social(1976); de Educação Física, Engenharia Mecânica e Engenharia de Produção(1977).

Sobre o Ciclo Básico, Pozenato (2010) esclarece que o momento da implantação coincidiu com o fim da crise e com a instalação da FUCS “em 1974, fui chamado de novo pra participar do planejamento, e eis que formamos um grupo, quem? Os mesmos da faculdade de Filosofia, era o Paviani, era eu, o Köche, o Antonio Carlos Soares”. Após os debates iniciais tomaram a decisão de

(...) ampliar, para a universidade inteira, a idéia que nós tínhamos na Faculdade de Filosofia, de uma formação básica para todos, com possibilidade de estudos monográficos e depois uma parte profissional que cada faculdade se encarregava de organizar. Fizemos isso como um momento histórico na universidade, que foi conhecido como a criação do Ciclo Básico. A primeira e única universidade no Brasil que fez a criação do Ciclo Básico pra valer. Era um programa consistente, onde a gente ia fornecer formação geral básica pra grandes turmas de alunos pra gerar recursos pra implantar a pós-graduação. (ENTREVISTA, 2010);

O Ciclo Básico foi pensado desde os anos que antecederam a fundação da UCS, segundo Pozenato (2010, idem), por volta de 1965/1966, já se discutia

o modelo de universidade, de padrão acadêmico que o “grupo pensante” da universidade desejava

Havia algumas disciplinas que tinham conteúdo obrigatório, de conhecimentos gerais, e outras que o professor escolhia para dar aula, que eram chamadas de disciplinas monográficas: o professor escolhia um tema e desenvolvia esse tema monográfico em um semestre. Isso tem por trás, por trás disso havia um trabalho de pesquisa do docente, do qual resultava, normalmente, no mínimo, um artigo, tanto que a Faculdade de Filosofia foi a primeira a criar uma revista: a revista CHRONOS foi criada dentro da Faculdade de Filosofia, depois com a criação da Universidade foi da Universidade, depois foi (pausa). A revista CHRONOS publicava artigos oriundos dos cursos monográficos. (...) Quer saber quando foi isso aí? Aí por 65, 66, começa antes da criação da universidade, quando a universidade é criada ela, a revista, já existe.

A publicação do livro *Introdução à Universidade*, de 1977, dos professores José Clemente Pozenato e Jayme Paviani, da Coleção “Ciclo”<sup>89</sup>, pela UCS, como suporte à implantação do Primeiro Ciclo, demarca a presença e as idéias do grupo que desde o início pensava a universidade. Agora através do livro, que passou a ser utilizado em sala de aula, portanto lido e debatido por um público maior<sup>90</sup>, os professores estendiam aos alunos seus conhecimentos e reflexões sobre a universidade. O professor José Clemente Pozenato aponta, inicialmente, o marco legal da criação do ciclo básico

A ideia de um ciclo de caráter geral e básico, anterior aos estudos profissionais, sempre esteve presente durante o processo de reestruturação da universidade brasileira, que levou à Reforma Universitária. A Lei nº5.540, de 1968, embora tenha estabelecido a distinção entre “ciclo básico” e “ciclo profissional” (artigo 23, 2º), não disciplinou a matéria. A regulamentação foi feita pelo Decreto-Lei nº 464, de 11/2/1969, que assim dispõe:

“Art. 5º. Nas instituições de ensino superior que mantenham diversas modalidades de habilitação, os estudos profissionais de graduação

<sup>89</sup> Os outros títulos da coleção: Sociologia, de Isidoro Zorzi; Metodologia Científica de José Carlos Köche; Estudo de Problemas Brasileiros de Aldo Migot; Introdução ao Processamento de Dados de Roberto Vitorio Boniatti, Paulo Roberto Tiburi e Almir Antonio Manfredini; Introdução ao Turismo de Lourdes Fellini Sartor; todos publicados em 1977.

<sup>90</sup> Os assuntos abordados estavam relacionados à universidade desde o tratamento dos objetivos, conceitos, história, reforma universitária e, a partir do item sete, o livro trata das questões relativas à UCS: estrutura, sistema, funcionamento, organização curricular e o Primeiro Ciclo.

<sup>90</sup> Sobre a legislação referente ao tema é importante ter presente que nos Decretos-Leis nºs 53/66 e 252/67 a expressão “ciclo básico” não aparece, mas sim “estudos básicos” ou “ensino e pesquisa básicos”. O artigo 23 da Lei 5.540/68 apresenta em seu §2.º: “os estatutos e regimentos disciplinarão o aproveitamento dos estudos dos ciclos básicos e profissionais”. Já o Decreto-Lei 464/69 em seu artigo 5º esclarece “um primeiro ciclo, comum a grupos de cursos afins” e, em seu artigo 6º, faz referência a “um quinto (1/5) do primeiro ciclo”

serão precedidos de um primeiro ciclo, comum a todos os cursos ou a grupos de cursos afins, com as seguintes funções:

- a) Recuperação de insuficiências evidenciadas, pelo concurso vestibular, na formação dos alunos:
- a) Orientação para escolha da carreira;
- b) Realização de estudos básicos para ciclos ulteriores. (1977, p.73)

O Ciclo Básico possibilitou, segundo Abbud, (2006, p. 2374),

A proposta do Ciclo Básico buscava a superação de um dos problemas identificados no contexto das discussões sobre universidade brasileira: a fragmentação da sua organização em faculdades. A formação de profissionais limitados às suas áreas de conhecimento, sem a necessária capacidade de interlocução com profissionais de outras áreas era percebida como prejudicial para o enfrentamento dos problemas da realidade, entendida como complexa e multidisciplinar. Um dos objetivos norteadores do projeto do Ciclo Básico foi proposto com o intuito de ultrapassar esse obstáculo. Seus idealizadores pretenderam inovar a partir de uma formação geral, de caráter humanístico, para todos os profissionais, de forma que, no futuro, tivessem uma base cultural comum para estabelecer um diálogo entre as profissões.

A instituição do ciclo básico atendia a uma norma federal<sup>91</sup> e estabelecia uma espécie de recuperação dos estudos dos alunos ao mesmo tempo que possibilitava a flexibilização da grade curricular. Em reformulação da lei devido aos questionamentos sobre o que é básico, ficou decidido que os estudos do ciclo básico comporiam o primeiro ciclo:

- a lei prevê que possa haver um primeiro ciclo comum a todos os cursos ou comum somente a grupos de cursos afins. Fica a critério das universidades a escolha de um dos dois modos de organização;
- o primeiro ciclo é um estágio em que o aluno deverá sanar deficiências de sua formação: observe-se que a lei não estabelece que essa recuperação seja feita através de disciplinas incluídas no currículo e concedendo créditos, como entenderam algumas universidades;
- a função de sanar as deficiências de formação do aluno confere ao primeiro ciclo também a *função de seleção*: é evidente que quem não consegue sanar suas deficiências, ou enquanto não o conseguir, não poderá ingressar nos estudos profissionais de graduação; (...)
- só as instituições de ensino superior poderão ministrar o primeiro ciclo, em função das diversas habilitações que mantêm, sendo então de caráter obrigatório. (POZENATO, 1977 p.73)

Atendendo as prerrogativas legais, a UCS estabeleceu o Primeiro Ciclo e o caracterizou de forma específica, segundo:

---

<sup>91</sup> A lei 5.540, de 1968 estabeleceu a distinção do ciclo básico profissional. A regulamentação foi feita pelo decreto-lei nº 464 de 11 de fevereiro de 1969.

Também aqui são importantes algumas observações:

- além dos objetivos previstos em lei, a Universidade de Caxias do Sul acrescenta dois outros: um deles caracterizando o primeiro ciclo, explicitamente, como um ciclo de estudos de “cultura geral”, e não apenas de “estudos básicos”; e o outro acentuando o caráter de integração do aluno na vida acadêmica;
- a Universidade de Caxias do Sul optou por um primeiro ciclo com duas fases: uma diferenciada, comum a todos os cursos, e outra diferenciada, comum a grupos de cursos afins;
- as insuficiências de formação são supridas através de estudos de nivelamento, que não integram o currículo e que, portanto não contam créditos para o curso pretendido;
- a verificação do nível de formação do aluno pode ser completada por provas de proficiência. (p.75)

A UCS buscou uma adaptação da lei à realidade local, prezando por uma qualidade maior do ensino em que “no lugar de uma atitude minimalista habitual, de fazer o mínimo para ser aprovado, exige-se uma atitude maximalista, de fazer o máximo possível para ter o direito de prosseguir nos estudos”. Através de estudos de cultura geral, os alunos seriam capacitados a desenvolver estudos posteriores, uma vez que estariam habilitados com conhecimentos significativos capazes de orientá-los em diversas visões de mundo. A integração do aluno à vida acadêmica dar-se-ia no contexto do primeiro ciclo onde os alunos, além de serem introduzidos ao ambiente universitário, conviveriam com colegas de cursos diversos o que lhes proporcionaria percepções diferenciadas sob a realidade acadêmica. Era objetivo também contribuir para o aperfeiçoamento constante dos professores da universidade e mesmo do ensino secundário.

Sobre as funções de suplência e propedêutica do Primeiro Ciclo, o texto esclarece:

O nivelamento pode ser entendido em dois sentidos; a) nivelamento entre os alunos, porque, conforme a procedência de cada um; há muita disparidade de preparação entre os ingressantes na Universidade, o que dificulta o próprio trabalho em classe; b) nivelamento ao nível superior, uma vez que muitos alunos chegam à Universidade com preparação insuficiente para seguir estudos superiores. Esses estudos não somam créditos para o currículo pleno do curso porque é matéria do segundo grau. (...) Não se exige que os estudos de nivelamento sejam feitos na própria Universidade: poderão ser feitos individualmente ou pela frequência a cursos livres, em qualquer organização (...). (1977, p.75)

Ao estabelecer estes estudos, ficam presentes as dificuldades dos alunos oriundos de um sistema educacional falho a ponto de ter o ensino

superior que trabalhar e/ou possibilitar a busca de conhecimentos considerados básicos e essenciais ao processo de ensino e aprendizagem. Nesta perspectiva, a procedência dos alunos, cidades diversas, escolas públicas e privadas, geravam realidades que se tensionavam, portanto, os estudos de nivelamento proporcionariam características aproximadas durante os processos de aprendizagem. Sobre a função propedêutica ou introdutória, Paviani/Pozenato (1977, p.76) esclarece:

É desempenhada pelas disciplinas de cultura geral e pelas matérias ou disciplinas básicas para as diferentes carreiras. As disciplinas de formação geral estão em grande parte, agrupadas na parte indiferenciada, e as matérias básicas na parte diferenciada do primeiro ciclo. O objetivo dessas disciplinas é: a) habituar o aluno ao método de estudo e de investigação próprios dos estudos de nível superior; b) ampliar horizontes culturais do aluno, dando-lhe uma base geral de conhecimentos nas diferentes áreas do saber e propiciando-lhe a oportunidade de experimentar os métodos próprios das diferentes ciências; c) fornecer os conhecimentos básicos, que servem de fundamento às disciplinas do ciclo profissional ou segundo ciclo.

Considerando o período, finais da década de 1970, a universidade procurou munir seus alunos de disciplinas que lhe proporcionassem um olhar amplo sobre as mais variadas áreas do saber, para que buscasse depois sua área profissional. “A formação geral leva a uma abertura de perspectivas, necessária para seja possível o diálogo entre todos e também para que cada setor da ciência haja uma visão universal dos problemas do homem”. (PAVIANI, 1977, p. 76). Os autores defendiam a ideia, que se consolidava nas universidades brasileiras, de possibilitar aos alunos, olhares múltiplos sobre sua realidade. No entanto, esta não era a perspectiva dos governos da época, nem o que ocorreu no ensino fundamental e médio com a desvalorização das ciências humanas. Segundo Romanelli (1984, p. 203)

Nesse sentido, não só favorece a importação de técnicas de ensino modernizantes, que privilegiam o estudo da aprendizagem em si, isolando-a do seu contexto, mas também, o que é ainda mais grave, imprime uma direção quase única à pesquisa educacional. Esta passa então a refletir a compartimentalização e a desvalorizar os estudos do macrossistema educacional e suas relações com o contexto global da sociedade. É sintomática a supervalorização das áreas tecnológicas com predominância do treinamento específico sobre a formação geral e a gradativa perda de *status* das humanidades e ciências sociais (...)

Obedecendo às normas estabelecidas sobre o vestibular que passou a ser unificado e que visava preencher as vagas existentes, o aluno da UCS optava por três cursos. A orientação sobre as escolhas de cursos passava por três etapas Paviani/Pozenato (1977, p. 76)

Ao invés de optar imediatamente por um curso, como era feito anteriormente, o ingressante na Universidade realiza três opções, indo sempre do mais geral ao mais específico. A primeira opção é feita por áreas bem gerais: Humanidades, Ciência e Tecnologia, Saúde. A segunda opção já é feita por áreas específicas: Letras, Ciências Econômicas, Engenharia, etc. Só a terceira opção é por um curso determinado: Tradutor, Administração de Empresas, Engenheiro Mecânico, etc.

A orientação para essas diferentes opções é dada, no decorrer do primeiro ciclo, de maneira direta e de maneira indireta: indiretamente, através do estudo das diferentes disciplinas, com o que o aluno vai testando seus gostos pessoais; diretamente, através de um serviço de orientação, no qual o estudante obterá informações sobre o mercado de trabalho das diferentes profissões ou poderá ainda se submeter a testes de aptidão profissional.

O vestibular passava a ter outra característica, pois a prova era a mesma para todos os inscritos, mas no primeiro ciclo os alunos continuavam a ser avaliados, numa seleção contínua “a verdadeira seleção é feita posteriormente, com condições mais favoráveis para uma real avaliação.” Paviani/Pozenato (1977, p. 77)

Pelo fato de o primeiro ciclo ser seletivo e classificatório para as etapas seguintes é dada especial atenção aos processos de avaliação, que deverão ser na medida do possível uniformes, para evitar a disparidade de julgamento entre as diferentes turmas. Essa uniformidade é assegurada por duas medidas básicas: a) os exames de cada unidade de disciplina são feitos não sobre a matéria desenvolvida em aula, mas sobre o *programa total* para ela estabelecido; b) a elaboração das provas é feita em conjunto por todos os professores da unidade da disciplina, nas diferentes turmas, para que se assegure a paridade de critérios.

A organização das disciplinas e sua avaliação visavam ao atendimento a critérios estabelecidos pela universidade e discutidos entre os professores que atenderiam a turmas numerosas Paviani/Pozenato (1977, p. 78)

A existência de turmas com grande número de alunos é também justificada pelo caráter seletivo do primeiro ciclo. Para permitir um atendimento pessoal ao aluno, a Universidade estabeleceu que a maioria dos professores do primeiro ciclo sejam de tempo integral e os restantes de tempo contínuo. Com isso, todos os professores do primeiro ciclo têm a obrigação de permanecer na Universidade um

determinado número de horas, além das horas de aula, nas quais deverão receber os alunos para orientação individual. Essa medida vem também favorecer a criação do espírito universitário, que depende basicamente da *convivência* entre mestres e estudantes.

Para atuar nas disciplinas do primeiro ciclo, os professores eram selecionados e deveriam possuir tempo integral para poder realizar atendimento personalizado junto aos alunos.

Ao refletir sobre o primeiro ciclo, o professor Jayme Paviani declarou

Nesse período a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras através de um grupo de professores, teve uma importância estratégica no sentido de refletir, de pensar, de criar uma universidade que fosse realmente dentro de um padrão acadêmico e internacional. Então foram tomadas iniciativas internas. Uma dessas iniciativas foi a transformação do ensino que era em geral compendial, baseado em manuais na maioria absoluta das disciplinas, num ensino monográfico, em vez de oferecer conhecimentos extensivos, oferecer conhecimentos mais profundos e mais específicos, não em todas as disciplinas, mas, naquelas mais avançadas, desde que o aluno tivesse desde as primeiras disciplinas uma visão geral ele poderia ter no segundo ano em diante ele poderia ter uma visão mais específica, uma visão mais localizada. Para isso era necessário fazer a reforma dos currículos, tornar os currículos mais flexíveis, através de uma comissão que eu coordenei, eu e o professor Antonio Carlos Soares que sempre contribuiu com ideias muito interessantes sobre universidade, tinha o professor Isidoro Zorzi que é o atual reitor, tinha o professor Paulo Zugno e outros professores que sempre colaboraram com o debate. Então essas iniciativas de mudança de currículo, de mudança de ensino, de chamar a atenção para a pesquisa na universidade foram preparando o espírito universitário. (ENTREVISTA, 2011)

A Universidade teria flexibilização de disciplinas, um ciclo básico formado com disciplinas voltadas para os ingressantes e estaria vinculada com a pesquisa. Sobre a importância do Ciclo Básico e possíveis justificativas para sua não perpetuação Paviani (idem) afirma

Na implantação do primeiro ciclo, em 1977, portanto dez anos depois esse primeiro ciclo foi muito bem planejado, ele, na minha opinião, até hoje ele poderia ser implantado assim como foi pensado, sem mudar absolutamente nada, mas era muito avançado para nossa situação social e histórica; ele não foi compreendido pelos alunos, pelos professores e talvez o grupo que liderou talvez não tenha tido as condições políticas de mostrar a importância disso.

Fundada em 1977, a Comissão Representativa do Ciclo Básico–CRB era o órgão de representação dos universitários que faziam parte do ciclo, em 1986 representava cerca de cinco mil alunos. A CRB procurava aproximar os

alunos através de atividades culturais, debates, palestra e produção de materiais que eram entregues aos alunos com esclarecimentos sobre DCE, DA's, UEE's, UNE e a necessidade de fortalecer as entidades uma vez que foram reconhecidas pelo Congresso Nacional, após período de silenciamento durante os governos militares. Os alunos integrantes da CRB convidavam os colegas para debates em torno das necessidades da universidade. Sua organização denota a relevância do número de alunos que participavam do ciclo básico.

Atualmente, em 2011, a Universidade percorre algumas ideias deste grupo através das chamadas disciplinas do Núcleo Comum, voltadas aos alunos ingressantes e a busca de aproximação com a pesquisa realizada na instituição. Pensar e aplicar o primeiro ciclo significou e significa, não apenas cumprir uma determinação do MEC, mas buscar uma configuração própria de universidade, propondo conhecimentos essenciais que capacitassem o aluno ao entendimento dos estudos e ao mesmo tempo os ingressasse no contexto da pesquisa. As disciplinas que compõem a formação comum são: Universidade e Sociedade, Leitura e Escrita na Formação Universitária, Ética, Epistemologia, Seminários de Pesquisa<sup>92</sup>.

O ciclo básico e a publicação dos livros que serviram de aporte às disciplinas, bem como a organização dos estudantes, estão permeados e permeiam o momento de construção da UCS a partir da intervenção do MEC. Constituem, portanto, elementos que formava a Universidade naquele período.

Dando sequência ao entendimento da organização da universidade, opto por demonstrar como, em 1978, a UCS, estava configurada através de Centros e Departamentos, conforme determinava a legislação da época:

---

<sup>92</sup> Conforme decisão dos colegiados de curso, houve a opção por Antropologia, Ética. Os cursos de licenciatura possuem um grupo de disciplinas de formação comum específicas.

Quadro 28 – Centros, Departamentos, Chefias e Sub-chefias da UCS/1978

Centro de Humanidades e Artes	Departamento	Chefe	Sub-chefe
	Filosofia, Psicologia e Sociologia	Isidoro Zorzi	Valentim Angelo Lazarotto
	História e Geografia	Regina A. Dal Bó	Ivoni Nör
	Artes	Carmem Fávero	Maria Helena L. Rossarolla
	Letras	Vitalina Frosi	Waldir Prévidi
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde			
	Ciências Biológicas	Celso P. Coelho	Antonio Quevedo
	Medicina Clínica	Adagoberto Fortuna	José Veronese Maschia
	Clínica Cirúrgica	Freddy Marin	Francisco Ksrkow
	Enfermagem	Anileda Basso	Jurema Giacomelli
Centro de Ciências e Tecnologia			
	Engenharia	Afranio Basso	Mauro Rossi
	Ciências Exatas	Renan R. Mendes	Igino Santo Demo
Centro de Estudos Sociais Aplicados			
	Economia	Milton Rossarolla	Valdevino A. Nosello
	Administração e Finanças	Erny Casara	Edson P. L. Branchi
	Ciências Jurídicas	Pedro de L. Vargas	Jamil Koff
	Educação	Gelça R. L. Prestes	Ivo Adamatti

Fonte: CEDOC/UCS

A UCS tinha 4 Centros com 14 Departamentos, sendo que o Centro de Humanidades e Artes era composto por 7 cursos, dentro os quais se destaca Filosofia por ter sido um dos primeiros criados na universidade. O Centro de Ciências Biológicas e da Saúde tinha o curso de Enfermagem como um dos iniciais da Instituição e o Centro de Estudos Sociais Aplicados tinha o curso de Economia e de Ciências Jurídicas (Direito) como os mais antigos. Já o Centro de Ciência e Tecnologia, com os cursos de Engenharia e Ciências Exatas, era o único centro que não tinha em sua composição cursos que originaram a UCS, mas seus cursos foram criados objetivando atender às demandas do desenvolvimento, sobretudo industrial, da região.

Em 1980, a publicação do livro *Universidade em Debate*, de autoria dos professores Jayme Paviani e José Clemente Pozenato, também da Coleção Ciclo, estabelece nova aproximação entre o “grupo pensante” e os estudantes da universidade. O livro tinha como propósito ser utilizado nas aulas da

disciplina de Introdução à Universidade. Em 150 páginas os autores retomam o debate em torno de um conceito para a universidade; aprofundam os temas sobre os fins e funções da universidade; a universidade, sociedade e desenvolvimento; ensino, pesquisa e universidade; ciência, tecnologia e universidade; a universidade como instituição autônoma. Na segunda parte, abordam: a universidade no Brasil; a reforma universitária, a modernização administrativa; o ensino superior; limitações da universidade brasileira. Temas presentes no debate nacional oriundo de um sistema autoritário que mostrava desgastes internos e a necessidade de novos pensares. Na terceira parte são textos sobre a Universidade de Caxias do Sul, desenvolvida nos seguintes itens: A Universidade de Caxias do Sul – histórico, estrutura e funcionamento; diretrizes políticas da universidade; organização curricular da UCS – introdução, política curricular dos cursos de graduação, quem organiza o currículo, a execução do currículo pelo aluno; o primeiro ciclo – fundamento legal, o primeiro ciclo da UCS, funções do primeiro ciclo, o primeiro ciclo e o vestibular, conclusão.

A obra retoma debates anteriores e atualiza alguns, explicam os autores no prefácio:

Este texto teve origem na criação da disciplina de Introdução à Universidade, incluída com caráter obrigatório no primeiro ciclo comum da Universidade de Caxias do Sul. A necessidade de oferecer aos professores e alunos um instrumento metódico de trabalho, levou os mesmos autores deste livro a redigir um roteiro didático, que trazia o mesmo título da disciplina.

Depois de dois anos de uso e debate em sala de aula, sentiu-se a necessidade de reformular aquele roteiro inicial, fazendo-o menos denso e menos técnico, e mais desenvolvido e polêmico. O resultado da reformulação foi a elaboração de um texto quase que totalmente novo. Decidiu-se então alterar também o título para este, A universidade em debate, inclusive para sublinhar, desde o frontispício, que esta obra não se quer doutrinária ou dogmática, e sim uma provocação à reflexão. (1980, p.7)

Atendendo a essa nova formatação, o livro busca orientar, com textos relativamente curtos, as reflexões sobre os temas, os quais recebem ao final, leituras complementares e questões elaboradas que encaminham à busca reflexiva de respostas, ao trazerem, em seu início, ordens como: estabelecer diferenças, examinar a necessidade, discutir. Ao abordar o item “Fins e

Funções da Universidade”, os autores justificam a preocupação ao afirmarem que

Professores e alunos preocupam-se com muitas questões. Entretanto, nem sempre se dedicam ao estudo da própria Universidade e, em consequência, ficam pendentes dificuldades de organização e realização de suas funções. A vida universitária precisa ser dirigida pelo pensamento, pela reflexão de seus administradores e de todos os membros da comunidade, pois não existe nenhuma ação sem resultados, sem o objetivo de mudar e de produzir algo. Ela consiste em dispor meios com vistas a um fim.(...) (p.21)

O esclarecimento sobre a publicação é acompanhado de uma reflexão sobre a necessária participação da comunidade acadêmica na realização de suas funções, constituindo-se desta forma, num diferencial do ciclo básico da UCS, ou seja, visando a aproximação entre a academia e significando-a aos alunos ingressantes, os professores produziram um material didático para orientar os estudos e promover a reflexão.

O fim primordial da Universidade é o *homem* como ente físico, intelectual e espiritual, situado em seu contexto social e histórico. É o homem concreto, atingido na concretude de cada ato. Não o homem visto através da instituição, mas a instituição vista através do homem. Não o homem isolado, mas o homem mergulhado dentro de um contexto cultural. Por isso, nesta direção clara, insofismável, a Universidade tem como fins norteadores de seu trabalho a *educação* e a busca do *saber*. (PAVIANI, 1980, p.22)

O homem, caracterizado em suas instâncias físico, intelectual e espiritual aproxima, mais uma vez, a concepção do “grupo pensante” com o seu conceito e desejo de universidade. Tendo presente o momento histórico, os autores afirmam:

A Universidade é parte de um sistema político-econômico-social e ideológico, no sentido destes termos, que a determinam em sua forma e funções. Assim, nenhuma atividade universitária é absolutamente autônoma. Nela estão presentes os mais variados interesses da época e da sociedade regional e global. (...) A relação entre a Universidade e a sociedade é de máxima importância e, por isso, não pode ser resolvida de modo emocional ou condicionada (...). (idem, 1980, p.29)

Fica estabelecida a relação entre o tempo presente e a sociedade global num contexto de expansão da UCS e de retomada das lutas sociais por maior liberdade, inclusive no âmbito acadêmico. É importante a afirmação

Quando estudantes e professores exigem mudanças de atitudes, renovação nas relações pedagógicas, atualização dos conteúdos programáticos, etc., não estão apenas desejando uma educação diferente, mas exercendo um ato político. Educação se faz atingindo o homem concreto, através da ação. E toda a ação, também a educativa, implica em uma ética política, isto é, uma escolha entre a educação da reprodução e a educação da transformação da sociedade, uma opção entre a “prática da domesticação” e a “prática da libertação”, usando as expressões de *Paulo Freire*. Isto tudo, apesar de haver entre a educação e a sociedade, ou entre a Universidade e a sociedade, não uma relação lógica, mas de conflito. (...)(idem, 1980, p.29)

A ideia de homem concreto, capaz de agir e ciente de ética política faziam parte das reflexões sobre a universidade e a sociedade como um todo. Utilizando teóricos como Paulo Freire, Moacyr Gadotti, Ortega y Gasset, os autores estimulavam o pensar crítico e não passivo sobre a construção da universidade, ao mesmo tempo em que ficam presente as inquietações internas da instituição e do próprio grupo de professores. De Ortega y Gasset, o postulado de uma pedagogia social, onde o ser humano socializado é capaz de transformar a sociedade, foi influenciadora para estabelecer vínculos com a sociedade, afirmam

A vida universitária sofre influências ideológicas que é necessário identificar e elucidar para poder realizar um trabalho consciente. Nestas influências existem aspectos positivos e negativos. Em primeiro lugar, a ideologia, devido ao seu caráter indefinido, serve como meio de comunicação entre os membros da comunidade universitária, dá origem a certo “ufanismo” salutar e possibilidade de adesão da maioria aos objetivos concretos. Em segundo lugar. Como a ideologia sempre nasce ligada a interesses específicos, é um instrumento polemico por apresentar uma interpretação superficial e limitada da realidade universitária. (idem, 1980, p.32)

Também as ideias de Paulo Freire foram referendadas, quando, por exemplo, o autor estabelece o reconhecimento e assunção da identidade cultural. Afirma Freire (1999, p. 47)

A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância. A aprendizagem de *assunção* do sujeito é incompatível com o *treinamento pragmático* ou com o *elitismo autoritário* dos que se pensam donos da verdade e do *saber articulado*.

Concernente à ideia de Freire, os autores afirmam sobre a relação entre a universidade e uma de suas funções, ou seja, a contribuição para a constituição de uma sociedade mais ética (1980, p.229)

A Universidade, como qualquer instituição educacional, tem na educação o mais amplo de seus fins. A educação é aqui entendida como o desenvolvimento da liberdade e da solidariedade humana, isto é, o cultivo dos ideais e valores que dignificam o próprio homem na medida em que aprende como ser livre, como agir em relação a si e aos outros, na medida em que a conquista da liberdade e da solidariedade formam a consciência do cidadão.

A consciência crítica do cidadão deveria estar alicerçada pelo saber e não pelos aspectos físicos de uma universidade. Neste sentido os autores deixam transparecer uma crítica velada ao perfil menos acadêmico que a UCS assumia desde a criação da FUCS. Saliendam que o ensino, a pesquisa e a extensão devem ser pensadas e avaliadas constantemente para que sejam significativos à sociedade. Afirmam

A qualidade de uma Universidade não se mede pela grandiosidade do Campus, dos prédios, pelo aumento das matrículas ou pelo número dos que se formam anualmente, mas pela qualidade de seus produtos. É preciso dar maior atenção à produção e à produtividade universitária. Prever os critérios de avaliação da ação e da vida acadêmica. Aperfeiçoar o ensino e dar início efetivo à pesquisa e às atividades de extensão são tarefas urgentes que tipificam a Universidade moderna. (PAVIANI,1980, p. 38)

Embora fazendo uma relação pontual, o texto permite lembrar que em 1973, com a criação da FUCS, setores da sociedade passaram a compor o Conselho Diretor e, desta forma, seus interesses e ideologias passaram a fazer parte do mesmo. Pois, “nas universidades as ideologias passam pelo juízo crítico” (Paviani, 1980, p.33).

O tema “desenvolvimento e universidade” trata da relação entre a Universidade e a *empresa*. “Sua integração poderá ser efetuada através de programas de estágios, realização de convênios de prestação de serviços, de formação e treinamento de recursos humanos especializados (...)”. Esta aproximação também deve considerar o fato de que a Câmara de Indústria e Comércio (CIC) passou a ter dois assentos no Conselho Diretor, e também a existência dos cursos de Engenharia Mecânica e de Produção, atendiam a uma demanda especificamente industrial.

Em 1980, os autores escreviam sobre a necessidade de autonomia universitária: “a comunidade universitária tem autonomia quando pode determinar, sem a interferência de elementos externos, a organização e o funcionamento da própria universidade”. (1980, p.55) O tema autonomia é recorrente nas universidades e associado às questões democráticas, tanto que em 10 de setembro do corrente ano, 2011, ocorreu o primeiro encontro do Fórum Permanente pela Democratização das Instituições Comunitárias de Ensino Superior<sup>93</sup>. Entre as propostas está a participação da comunidade acadêmica na escolha dos gestores e “a adoção dos princípios da administração pública expressa em seus estatutos”. (Boletim ADUCS, set. 2011). Na Universidade de Caxias do Sul, a escolha do Reitor é feita pelo Conselho Diretor da FUCS, sem a participação da comunidade universitária, nas duas últimas escolhas, houve consulta à comunidade acadêmica, por ser uma consulta necessariamente não é referendada pelo Conselho Diretor. Sendo que na consulta de 2006, o Conselho diretor referendou o resultado e na de 2010 o mesmo não ocorreu.

Na parte dois do livro estão textos relacionados à universidade brasileira, sendo que, para Paviani e Pozenato

O ensino superior no Brasil é ao mesmo tempo o reflexo e o sustentáculo da cultura brasileira: uma cultura predominantemente repetitiva de padrões importados, ritualista, verbalista, não criativa. Uma cultura de fachada, gerando e sendo produzida por um ensino universitário sem espírito crítico, mais doutrinário que científico. (1980, p.91)

Ao estabelecer relação com a realidade afirmam que “durante todo o tempo de sua existência, a universidade brasileira cultivou um olímpico distanciamento da realidade nacional.” (1980, p.95) E retomam a defesa de que os estudos do primeiro ciclo proporcionam esta aproximação que será aprofundada nos ciclos seguintes, escolhidos de forma mais consciente. Para alterar este ciclo, Ribeiro (1975, p, 265) propõe

Esta pode e deve ser uma tarefa social imperativa para os milhares de estudantes dedicados aos estudos básicos, nos dois primeiros

---

<sup>93</sup> A promoção foi do SINPRO/RS, SINPRO/Caxias do Sul, SINPRO/Noroeste e Fette/Sul, para discutir o projeto de Lei nº7639/10 que estabelece um marco legal para as instituições comunitárias.

anos da vida universitária. Por sua atitude, eles são os mais capazes de assumir e difundir a nova postura cultural. Por sua idade, estão mais próximos dos jovens de sua geração que, ao interromper a escolarização antes de alcançado o nível superior, paralisam sua formação em diferentes graus, quase sempre os mais baixos. Orientar o jovem universitário para a convivência com os deserdados da sua própria geração é, também, uma forma de recuperá-lo para o País real.

Preocupado com os deserdados da educação superior, o autor propõem uma dinâmica universitária que viabilizasse a aproximação entre a Universidade e a sociedade, para que de fato este fosse integralizada ao contexto acadêmico. Na terceira e última parte, é abordada a Universidade de Caxias do Sul, história, estrutura e funcionamento<sup>94</sup>.

A política da UCS, conforme Paviani e Pozenato, estava assentada em três princípios: busca de equilíbrio entre humanismo e técnica; busca do rigor científico; desenvolvimento da pesquisa como prolongamento e suporte de ensino. A vida universitária caracterizava-se pela valorização das pessoas mais do que das instituições e pelo estímulo à representação e à convivência. A busca do rigor científico e o desenvolvimento da pesquisa se apresentavam como necessidades próprias de uma instituição recente e em crescimento, que precisava qualificar seu corpo docente e sua infra-estrutura para organizar e desenvolver a pesquisa. Em consonância com o pensamento recorrente nas demais universidades, depreende-se do exposto que o grupo estava participando dos debates nacionais sobre o ensino superior, o que desclassifica o pensamento de que as universidades interioranas, no período, estavam distantes dos temas centrais e que eram desqualificadas.

No ano de 1980 a UCS estava assim organizada:

---

<sup>94</sup> Temas abordados no capítulo anterior.

Quadro 29 – Administração Acadêmica (1980)

<b>Cargo</b>	<b>Nome</b>
Reitor	Abrelino Vicente Vazatta
Vice-reitor	Azyr Nehme Simão
Pró-Reitor de Graduação	Liane Beatriz Moretto Ribeiro
Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa	Ary Nicodemos Trentin
Pró-Reitor de Extensão e Relações Universitárias	Ruy Pauletti
Diretor Administrativo	Nestor Basso
Diretor do Centro de Ciências Humanas e Artes	Irmgard C. Bornheim
Diretor Centro de Ciências Biológicas e da Saúde	Ernani Pedrone
Diretor do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia	Daniel Teixeira
Diretor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas	Ivonne Assunta Corteletti

Fonte: CEDOC/UCS.

A gestão acadêmica do período de maio de 1982 até maio de 1986 foi constituída pela continuidade do professor Abrelino Vicente Vazzata como reitor e o grupo de gestores apresentou algumas alterações.

Quadro 30 - Administração Acadêmica (1982–1986)

<b>Cargo</b>	<b>Nome</b>	<b>Observação</b>
Reitor	Abrelino V. Vazzata	
Vice-Reitor	Mário Gardelin	
Chefe de Gabinete	Itanjá Balbinotti	
Pró-Reitora de Graduação e Pós-Graduação	Liane Beatriz M. Ribeiro	
Pró-Reitor de Extensão e Relações Universitárias	Ruy Pauletti	Substituído em 4/4/1983 por Aldo Migot, que foi substituído por Ary Trentin, em 4/3/1985, quando a pasta passou a denominar-se Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão
Diretor Administrativo	Nestor Basso	Substituído por Ruy Pauletti em 5/5/1983
Coordenador de Assessoria e Planejamento	Jayme Paviani	

Fonte: Relatório 1982/1986.

Do grupo que compôs a administração acadêmica na terceira e última administração do professor Abrelino V. Vazzata é necessário ressaltar a presença do professor Jayme Paviani, oriundo do “grupo pensante” da Universidade e, o nome do professor Ruy Pauletti que foi escolhido pelo Conselho Diretor da FUCS, reitor para o período de 1990–2002.

Como decorrência de mudanças administrativas, neste caso de alterações de nomes das funções, os centros acadêmicos receberam siglas, em 1985: Centro de Ciências Exatas e Tecnologia – CCET; Centro de Ciências Humanas e Artes – CCHA; Centro de Ciências Sociais e Aplicadas – CCSA; Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – CCBS; Centro de Filosofia e educação – CEFE.

Acompanhando as transformações sociais e econômicas do período compreendido entre 1960 e 1980, a UCS foi palco de manifestações, como passou a ser comum em todo o Brasil. Nesses 20 anos, “o grau de urbanização evoluiu de 38% para 70%. Em Caxias do Sul, principal cidade da região, a população rural situa-se abaixo de 10% do total”. Entre 1939 e 1980, operou-se uma profunda inversão no perfil da distribuição da população economicamente ativa (IPEA), que passou de 47% de ocupação no setor primário e de 20% no setor secundário para, respectivamente, 15% no setor primário e 47% no secundário em 1980, na média da região. No mesmo período, o setor terciário cresceu de 34% para 38% (Pozenato, 1995, p. 96).

Em consonância com o cenário nacional, os cursos instalados na UCS, no denominado período de expansão do ensino superior privado, décadas de 1960 a 1980, foram:

Quadro 31 - Ano e local de instalação de cursos/UCS (1960 -1986)

Ano	Curso	Local
1960	Licenciatura Plena	Caxias do Sul
1960	Direito - noturno	Caxias do Sul
1960	Filosofia - Licenciatura Plena	Caxias do Sul
1960	Pedagogia - Licenciatura Plena	Caxias do Sul
1961	Letras - Português/Francês	Caxias do Sul
1964	Matemática - Licenciatura Plena	Caxias do Sul
1964	Letras - Português/Inglês - Licenciatura Plena	Caxias do Sul
1964	Educação Artística Plástica - Licenciatura Plena	Caxias do Sul
1964	Educação Artística Desenho - Licenciatura Plena	Caxias do Sul
1965	Música - Licenciatura Plena	Caxias do Sul
1966	Geografia - Licenciatura Plena	Caxias do Sul
1968	Ciências - Curta Duração	Caxias do Sul
1968	Engenharia de Operações Mecânica	Caxias do Sul
1968	Administração de Empresas - noturno	Caxias do Sul
1968	Ciências Contábeis	Caxias do Sul
1968	Medicina	Caxias do Sul
1969	Letras - Português	Caxias do Sul
1969	Estudos Sociais - Licenciatura Curta	Caxias do Sul
1969	Ciências Sociais - Licenciatura Plena	Caxias do Sul
1971	Comunicação Social/Relações Públicas	Caxias do Sul
1974	Letras Tradutor - Inglês/Português	Caxias do Sul
1974	Letras Secretariado Executivo – Bacharelado	Caxias do Sul
1975	Esquema I	Caxias do Sul
1976	Química - Licenciatura Plena	Caxias do Sul
1976	Serviço Social - Bacharelado	Caxias do Sul
1977	Engenharia Mecânica	Caxias do Sul
1977	Educação Física - Licenciatura Plena	Caxias do Sul
1978	Biologia - Licenciatura Plena	Caxias do Sul
1978	Filosofia - Bacharelado	Caxias do Sul
1979	Engenharia Química	Caxias do Sul
1979	Psicologia	Caxias do Sul
1985	Ciência da Computação	Caxias do Sul
1985	Direito - diurno	Caxias do Sul
1985	Ciências Biológicas - Bacharelado/Licenciatura Plena	Caxias do Sul
1988	Física - Licenciatura Plena	Caxias do Sul
1968	Ciências Econômicas	Bento Gonçalves
1970	Ciências - Curta Duração	Bento Gonçalves
1970	Letras Português/Inglês - Licenciatura Plena	Bento Gonçalves
1970	Letras Português/Inglês - Licenciatura Plena	Vacaria
1978	Hotelaria - Tecnologia	Canela
1985	Ciências Matemática - Licenciatura Plena	Bento Gonçalves
1985	Pedagogia Administração Escolar	Vacaria
1986	Letras Português - Licenciatura Plena	Vacaria

Fonte: STURTZ, 2009

Consoante às necessidades de qualificar o ensino fundamental e médio, no período foram criados 24 cursos de licenciatura em todas as áreas do conhecimento (humanas, da saúde, exatas), o curso de Engenharia de Operações e Máquinas (1968) que passou a denominar-se Engenharia Mecânica, em 1977. Foram criados cursos que atendiam a demandas localizadas como o de Hotelaria (1978) na cidade turística de Canela. Na década de 1980, o curso de Ciência da Computação demonstrava o

surgimento de novas necessidades oriundas do cenário global que estava se informatizando e atingindo também o Brasil.

### 3.2 A paralisação de 1986 e a UCS nas décadas posteriores

A década de 1980 representou para a sociedade brasileira a retomada das manifestações sociais e isso também ocorreu a nível acadêmico na UCS que teve no ano de 1986 a participação e paralisação de todos os seus setores. Desde o início do ano, a imprensa divulgava matérias sobre a universidade. No mês de fevereiro, o prefeito de Caxias do Sul havia entregue documentos ao Presidente da República, José Sarney, solicitando a federalização. No Jornal Pioneiro de 22 de fevereiro de 1986, publica:

Documentos pedem federalização da UCS

O prefeito municipal Victório Trez entregou ao presidente Sarney três documentos reivindicatórios. Os dois primeiros tratam do mesmo assunto. Eles foram elaborados pela subsecção da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e pelo Diretório Central dos estudantes (DCE). Ambos pedem ao Presidente da república que transforme a Fundação universidade de Caxias do Sul em uma instituição federal, reivindicação que há muitos anos vem sendo feita. (p.13)

Quanto à solicitação, dois dias depois, o jornal anunciava a resposta do secretário de ensino superior do MEC, Gamaliel Herval, de que “Não há mínima possibilidade de serem criadas novas universidades no Rio Grande do Sul, no decorrer deste ano”. Mesmo assim, autoridades e entidades insistiram na proposta e apoiavam as manifestações favoráveis ao processo, como o fez o então governador do Estado, Jair Soares, conforme publicou a Zero Hora<sup>95</sup>, de 25 de fevereiro de 1986

Jair quer a federalização da Universidade de Caxias do Sul

Devido à boa acolhida do presidente José Sarney à proposta de transformar em federal a Universidade de Caxias do Sul, quando lá esteve na última sexta-feira, para inaugurar a Festa da Uva, ficando, inclusive surpreso com uma enorme faixa contendo o pedido, o governador Jair Soares adiantou, ontem, que vai preparar um dossiê ao ministro da educação, Jorge Bornhausen, para acelerar este processo: ‘Vou preparar um pedido ao ministro da Educação, para fazermos tudo o que estiver ao nosso alcance, a fim de tornar federal a Universidade de Caxias do Sul.’

<sup>95</sup> Jornal publicado diariamente e com alcance em todo o Estado do Rio Grande do Sul.

Representantes políticos da região também apoiavam a ideia. Um exemplo foi o então deputado e hoje prefeito de Caxias do Sul, Ivo Sartori

Federalização da UCS: Sartori prega unidade em torno da luta  
Para o deputado José Ivo Sartori (PMDB), à luta pela federalização da Universidade de Caxias do Sul deve ser assumida por todas as forças caxienses e regionais. (Pioneiro 21\03\86, p. 15)

As manifestações sobre o tema também ocorriam no âmbito acadêmico e estavam associadas a questões financeiras como descreve o Jornal Pioneiro de 27 de fevereiro de 1986

Federalização: vice-reitor afirma que não há outra saída para a UCS. Ressalta Gardelin que o ensino superior brasileiro “não sofreu nenhuma transformação por efeito da ação da chamada Nova República, devendo se manter como está atualmente, caso nenhuma posição drástica venha a ser tomada”. A perspectiva que existia inicialmente era de que o governo federal investisse mais recursos, mas estes “ainda não saíram das promessas e do papel”, afirmou o reitor.

A partir desta situação, a Federalização da Universidade de Caxias do Sul passa a ser uma exigência ainda maior, porque a receita da UCS não permite o atendimento de todos os compromissos e da evolução do ensino oferecido. (1986, p. 11)

A Universidade sofreu os efeitos da nova política econômica da época, quando houve a mudança da moeda de Cruzeiro para Cruzado, acompanhada de desvalorização, do congelamento de preços e salários. Conseqüentemente o Conselho Diretor da FUCS precisou rever o orçamento aprovado no ano anterior. Assim publicou o Pioneiro de 14 de março de 1986

Conselho aprova movimento para federalização da UCS

Depois de dois meses de ter aprovado o orçamento deste ano para a Fundação Universidade de Caxias do Sul, o Conselho Diretor foi obrigado a voltar a se reunir ontem pela manhã, para analisar o mesmo orçamento, desta vez com alterações provocadas pela reforma econômica do governo

(...) Coube ao Conselho Deliberativo analisar esse quadro e as opiniões convergiram para a seguinte conclusão: ou o poder público dá os recursos necessários, ou o aluno terá que arcar com as conseqüências. O futuro da UCS, com base nisso, seria buscar a federalização, ou se transformar numa empresa. A opção unânime dos conselheiros foi partir para um movimento na tentativa de federalizar a instituição e para isso quatro passos foram definidos.

O primeiro deles é transmitir ao público externo (comunidade da região) a preocupante realidade que a UCS vive atualmente. E isso já começou a ser feito ainda ontem. O segundo passo é a elaboração de um documento reivindicatório que será entregue em mãos ao Ministro da Educação, Jorge Bornhausen, por uma comissão a ser

formada. Desse segundo passo depende o terceiro, que é a revisão do orçamento para estudar possíveis cortes nas despesas. Se o Ministério da Educação atender ao pedido, não serão necessários cortes, do contrário... (p.11)

O quarto e mais importante passo – porque é o objetivo final do cumprimento de todas as etapas anteriores – é o encaminhamento de um pedido de federalização da UCS (...)

Se a questão financeira estava difícil, internamente, a democratização representava a maior reivindicação da universidade. O Conselho Diretor aprovou a permanência do professor Abrelino Vazatta no cargo de reitor e, com um voto de diferença, foi aprovado o nome do professor Mário Vanin. Esse fato motivou alguns descontentamentos que defendiam uma nova escolha já que a maioria foi simples. O vice-reitor eleito entrou com pedido para poder assumir.

As questões de federalização e democratização foram associadas a outras reivindicações da comunidade universitária, que foram divulgadas pela Associação dos Docentes da Universidade de Caxias do Sul

Docentes levam documento para Conselho Diretor

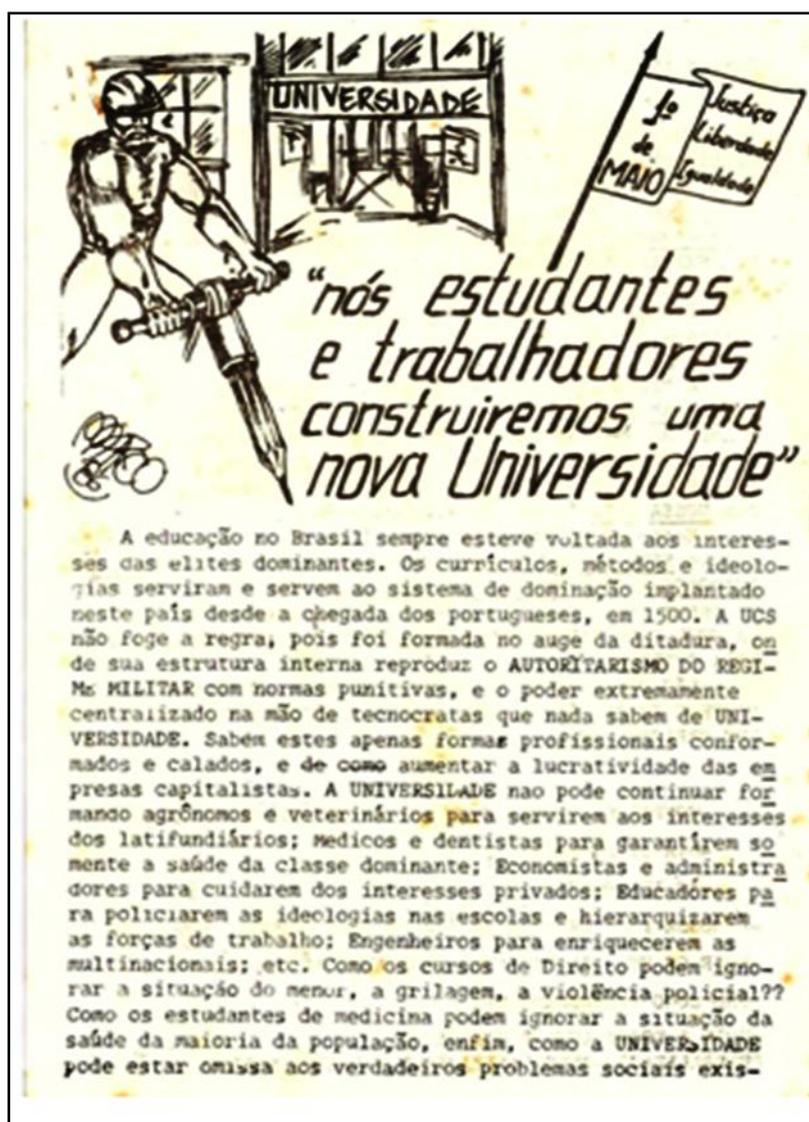
Sentindo-se traída com todos os acontecimentos que envolveram a escolha do reitor da universidade de Caxias do Sul, com seus salários, federalização e democratização, a Associação dos Docentes da UCS entregou um documento aos conselheiros da universidade, minutos antes de iniciar sua reunião ontem à tarde. (...) todo documento expressa a preocupação que a Associação dos Docentes da Universidade de Caxias do Sul tem em relação aos rumos que a instituição possa tomar. (...) (Pioneiro 25/03/1986, p.13)

Assim como os demais segmentos internos estavam se manifestando, os estudantes também foram agentes de luta neste processo

Agora, já, a gente quer votar. Assim se manifestaram os quase 500 alunos da Universidade de Caxias do Sul, em protesto ao que vem acontecendo desde a escolha do reitor até as anuidades. Os universitários lutam pela democratização e pela federalização da UCS e não acreditam que uma universidade possa ser federalizada sem primeiro ser democrática. (idem)

Organizados em comissões, que participavam do movimento junto aos professores e funcionários, os estudantes produziam panfletos que eram entregues à comunidade, segue um exemplo.

Figura 12 – Panfleto dos Estudantes/Greve 1986



Fonte: CEDOC/UCS

A panfletagem, assim como as demais mobilizações, faziam parte do contexto. No panfleto acima, está presente a noção de uma Universidade voltada aos interesses e necessidades dos grupos sociais menos favorecidos, clamando por uma revisão do papel histórico da universidade brasileira que estava voltada apenas aos grupos economicamente favorecidos e que não desempenhava papel social no sentido de aproximar-se das reais necessidades sociais. Também é importante salientar a relação que estabelece entre o regime militar e a estrutura da UCS, afirmando que ambos eram autoritários e formavam profissionais conformados, ou seja, apela para a ação dos setores envolvidos com a Universidade.

Um dos resultados dos debates em torno da UCS foi que, inicialmente os professores e alunos paralisavam as aulas por meio turno e debatiam a situação da UCS, com a intenção de socializar e refletir os acontecimentos que ganhavam espaço também na imprensa estadual

Alunos da UCS apoiam a greve dos docentes

Desde ontem os professores da Universidade de Caxias do Sul iniciaram o seu movimento reivindicatório, paralisando as atividades. Mais de 450 professores, entre os de tempo integral e os horistas, entraram em aula e por meio período discutiram com os alunos a questão salarial dos professores, a democratização e a federalização da Universidade. Num segundo momento saíram com os alunos de sala de aula e discutiram amplamente estas questões num grande grupo, dentro do campus da universidade. Mais de 10 mil alunos apóiam o movimento dos docentes, que foi debatido durante os três turnos do dia. (...) (Zero Hora, 08/04/1986, p.5)

Como o Conselho Diretor não se manifestava a respeito das reivindicações da comunidade universitária, o movimento crescia e era acompanhado pela imprensa

Universitários mostram à comunidade a sua luta

Pela primeira vez na história da Universidade de Caxias do Sul os estudantes resolveram levar o movimento para fora da comunidade universitária, mostrando aos caxienses os problemas que vêm enfrentando com a educação.

Assim, ontem à tarde, por volta das 16 horas, os estudantes concentraram-se no calçadão da Praça Rui Barbosa, para realizar um ato público, com passeata. (...)

A medida que as assembléias da UCS terminavam, os estudantes dos cursos aderiram à greve dirigiam-se até o calçadão e, junto aos demais colegas, pediam a saída do reitor.

#### **ADUCS salienta a crise na UCS**

A falta de ação do Conselho Diretor da Universidade de Caxias do Sul, que não efetivou um pronunciamento sobre as reivindicações dos professores, estudantes e funcionários; têm gerado a ampliação da mobilização da comunidade universitária.

Enquanto isso, a Associação dos docentes da Universidade de Caxias do sul procura esclarecer a comunidade em geral o que está acontecendo na UCS. (...) (Pioneiro, 10/04/1986, p.11)

Neste mesmo dia, era comunicado que todos os cursos da Universidade estavam paralisados, demonstrando a adesão de diferentes segmentos ao movimento e também o acirramento da crise, pois no dia seguinte era anunciada a renúncia do vice-reitor

Vanin não vai assumir

Mário Vanin decidiu ontem à noite colocar à disposição sua “eleição para vice-reitoria da UCS”, como classifica sua condição em nota oficial. Ele foi eleito pelo Conselho diretor da Universidade de Caxias do sul no mês passado e assumiria o cargo no próximo dia três de maio. A decisão, segundo ele, foi tomada porque considerou que “não desejava ser empecilho para a federalização e democratização da UCS”. (Pioneiro, 11.04.86 p.7)

Numa sequência de ações que davam a impressão de que o movimento estaria sendo ouvido, o Pioneiro do dia 12/04/1986, publicou que “o professor Abrelino Vicente Vazatta, reitor da Universidade de Caxias do Sul, decidiu ontem, durante reunião do conselho diretor da Fundação, colocar seu cargo à disposição (...)”. Pressionado por todas essas manifestações o Conselho Diretor da Universidade respondeu ao documento da ADUCS: sobre os salários mostrou que sem a ajuda do poder público, não seria possível aumentá-los e que esta questão deveria ser tratada no debate sobre dissídio salarial; sobre a federalização que era favorável a mesma e, sobre a questão da democratização da UCS, comunicou que discutiu a viabilidade de inclusão de representantes da Associação dos Docentes da Universidade de Caxias do Sul (ADUCS), Diretório Central dos Estudantes (DCE) e Associação dos Funcionários da Universidade de Caxias do Sul (AFUCS) com direito de voz e voto, mas, que, no entanto, isso implicaria na mudança estatutária que isso era de competência do Conselho Universitário. Portanto houve respostas, mas não solução para os impasses.

Foi o Jornal de Caxias que fez outra leitura do movimento de paralisação e greve na UCS, para o jornal, não se tratava apenas de reivindicações internas, mas também de disputas partidárias que envolviam, sobretudo, os partidos do PFL e do PMDB junto ao Conselho Diretor da universidade:

Afastamento de Vazatta dá poder ao PFL na UCS

Por alguns instantes na reunião do Conselho diretor da FUCS, a luta de poder que se trava em nível de bastidores pelo comando da instituição quase se definiu a favor do PFL. Tivesse o reitor Abrelino Vazatta, aberto mão por desistência, do seu mandato, ao invés de colocar o cargo à disposição, o vice-reitor eleito para o próximo período (o Conselho Diretor ratificou a legalidade da eleição) Mario Vanin, representante do PFL, poderia assumir a reitoria, maior meta de seu partido há mais de um ano.

Tudo porque a nível jurídico esta no papel e na mão do Conselho Diretor. Não adiante demitir-se ou renunciar a um cargo não assumido. Por isso só chegou ao Conselho em cima da hora a decisão do Vanin de colocar o cargo à disposição. A manobra

despertou a ira do PMDB, que através da administração municipal de Caxias do Sul tem um voto no CD pelo advogado Durval Balen. Foi na prefeitura que setores da ADUCS mais Balen e outras áreas mais avançadas da administração idealizaram o movimento que eclodiu no dia 7. Evidentemente há muito interesse na federalização. Mas há um interesse ainda maior em faturar politicamente a federalização. Ao que se pensa, seja quem for, que partido for, federalizando pode capitalizar a vontade. O que se desconfia, e a prática dos últimos 20 anos têm mostrado isso, é que a federalização é levantada como bandeira política de grupos a cada véspera de eleições. A situação politicamente hoje, pende, na universidade, para o PFL. Vazatta sem partido (não tinha ficha no PDS), não aceitou as pressões para ingressar noutros, desgastadas terá que decidir, pessoalmente, e a decisão será só sua, se vale a pena efetuar o programa de mudanças na estrutura a que se havia proposto, ou se seria mesmo melhor deixar que os partidos políticos repartam o poder na Instituição. (14/04/1986 p.3)

É perceptível outro elemento na configuração da universidade, a presença da política partidária. A UCS abriga área territorial expressiva do Estado, tornando-a palco de interesses político-partidários. Ao mesmo tempo, a universidade é formadora de lideranças que acabam por intervir em situações administrativas locais, estaduais e nacionais<sup>96</sup>. Devido à importância do debate sobre os recursos para a universidade, sua transformação ou não em pública seguia as manifestações de políticos locais a favor da federalização. Além de José Ivo Sartori, Victor Faccioni, conforme Pioneiro de 17/04/1986

Faccioni tem motivos para crer que “agora ela virá”  
O deputado apresentou dois projetos pela federalização: o primeiro em 1981 - número 4607 autoriza a transformação da UCS em fundação de direito público; o projeto foi vetado pelo presidente João Batista de Oliveira Figueiredo. O segundo é de número 5414 de 1986, em tramitação propõe a federalização, mas com a elasticidade de continuar fundação ou ser transformada em autarquia.

Victor Faccioni foi autor do Projeto de Lei n 5.414, de 1985, que defendia junto à Câmara dos Deputados, a federalização da UCS. Portanto, o debate iniciado na década anterior, ganhou nos anos de 1985 e 1986 novos defensores, porém, o projeto não foi aprovado e não é difícil associar as defesas feitas pelos representantes políticos, do ano eleitoral de 1986<sup>97</sup>, num contexto pautado pelos anseios de redemocratização dos poderes e, portanto,

<sup>96</sup> Exemplo foi a eleição do ex-reitor Ruy Pauletti, primeiro para o cargo de Deputado Estadual (2002) e Deputado Federal (2006).

<sup>97</sup> Nas eleições de 15 de novembro de 1986 foram eleitos governadores, senadores, deputados federais e estaduais. O PMDB foi o grande vitorioso tendo eleito 22 governadores.

de afirmação de seus defensores. O que motivou que a defesa da federalização fosse assumida por políticos de outras regiões do RS:

Só Constituinte para federalizar UCS, e MEC libera dois milhões  
 (...) Em outra audiência realizada ontem à tarde no MEC, o senador Carlos Chiarelli, candidato do PFL ao governo do Estado e intermediário nos contatos de solicitação de verbas ao ministério, ouviu de Bornhausen a promessa de que já para o mês de maio serão liberados dois milhões de cruzados para a Universidade de Caxias do Sul. Com Chiarelli, estava na audiência o presidente da Festa da Uva, Mario Vanin, que tentara uma vaga na câmara federal pelo mesmo partido. (Pioneiro 29.04.1986, p.5)

As manifestações político-partidárias se davam, sobretudo através dos dois maiores partidos da época, PMDB e PFL, os quais disputavam e dividiam lideranças por todo o território nacional, inclusive entre as instituições.<sup>98</sup>

Sobre o movimento pela federalização, Paviani (entrevista, 2011) afirma

Era a Federalização. Isso, mas não houve também... todo mundo dizia que era a favor... na minha opinião acho que atrás dos bastidores muita gente, muitos políticos, muitos empresários, por falta de compreensão do que era uma universidade pública, foram contra.(...) Foi uma greve bastante unânime, com a participação de todos os segmentos, teve uma adesão muito grande, durou bastante tempo mas que acabou resultando em poucos resultados.

No dia 30 de abril de 1986, o reitor e o vice, eleitos pelo Conselho Diretor da FUCS, tomaram posse. Esse fato motivou a comunidade universitária e dar posse simbólica ao professor Jayme Paviani como reitor e aos demais gestores acadêmicos escolhidos por ela. Assim publicou o Pioneiro do dia 01 de maio de 1986

Comunidade empossa Paviani  
 (...) Em seu discurso, Jaime Paviani salientou que se tratava de um ato simbólico, e nem por isso menor, como alguns poderiam pensar o contrário, sua significação ultrapassa os limites individuais para proclamar a vontade dos que fazem. (p.11)

Colabora para o entendimento da mesma Paviani “A greve se deu em grande parte não pela escolha do reitor, mas pelo fato, em minha opinião, pela

---

<sup>98</sup> Carlos Chiarelli foi também diretor do Mestrado de Direito da UCS, que iniciou em 2001.

escolha do vice-reitor” Sobre sua participação no processo de paralisação e a respeito do fato de ter seu nome indicado para conduzir a reitoria, esclarece

Acontece que eu tinha sido votado, eu nunca quis ser reitor, eu nunca fiz nenhum esforço para isso, eu nunca batalhei, nunca procurei ninguém para pedir voto. Mas meu nome era; eu era uma pessoa que tinha ocupado cargos, tinha sido feita uma sondagem entre os professores eu tinha sido votado, sem ter feito campanha nada, com muito mais destaque que o professor Nicolau, mas assim mesmo, entrou muito a questão política na escolha dos eleitos, primeiro houve um desgaste pela recondução do reitor. Mas esse desgaste se formou, foi sublinhado com os impasses diversos, na escolha do vice-reitor; essa é a minha opinião. E ai então toda a comunidade e a maioria absoluta dos professores fizeram uma greve que não era propriamente contra a figura do reitor, mas contra os processos, principalmente do Conselho Diretor, enfim e até hoje é um problema muito desgastante a escolha do reitor da universidade e é um problema da universidade, que tem dificuldades em escolher o reitor (ENTREVISTA, 2011).

Mesmo sendo um ato simbólico, a posse representou os anseios da comunidade universitária e a sua capacidade de união e reivindicação. No entanto, os resultados para as reivindicações dos manifestantes não foram favoráveis, pois os jornais anunciavam nos dias seguintes que o MEC não iria federalizar a universidade. No dia 20/05/1986, o Pioneiro publicava

#### Termina greve na Universidade

O reitor Abrelino Vazatta e o vice Mario Vanin permanecem em seus cargos ate que seja concluída a transformação administrativa, com elaboração de novo regimento e estatutos para a Fundação Universidade de Caxias do Sul, com a respectiva aprovação. A estimativa é de que esse processo dure cerca de um ano. Esse protocolo de intenções firmado no último sábado foi de fundamental importância para que alunos e professores em assembléia realizada ontem no auditório da Escola Cristóvão de Mendoza, decidissem voltar às aulas.

Quatro dias depois, era anunciado que o MEC não federalizaria a UCS, mas que a mesma receberia recursos emergenciais. Desta forma, o tema federalização e democratização interna continuam presentes nos debates da instituição, que permanecem reivindicando maior democracia através da escolha do reitor e também recursos públicos através da criação de um marco legal para as universidades comunitárias.

O intervalo entre 1986 e 1990 foi marcado pela gestão do Reitor João Luiz Morais, escolhido pelo Conselho Diretor e substituído pelo professor Ruy

Pauletti. A UCS, na década de 1990, foi pautada pela gestão do Professor Ruy Pauletti, que assumiu como reitor no período de 1990 a 2002. Foram diretrizes gerais para o período de 1990-1994:

Valorização do mérito e da competência, sem restrições ideológicas;  
 Democratização pela garantia de oportunidades de participação na produção científica e cultural, assim como na tomada de decisões;  
 Busca permanente da convivência na diversidade, tendo em vista os objetivos maiores da Instituição;  
 Compromisso efetivo com a modernidade e a competência, projetando a Universidade na direção do futuro, através de programas específicos com esse objetivo;  
 Fomento ao início de um novo ciclo na história da Universidade de Caxias do Sul, promovendo a qualificação e a preservação de seu pessoal docente, técnico e administrativo e promovendo, também, a modernização dos procedimentos e das relações da UCS com a sociedade<sup>99</sup>.

As diretrizes para os anos de 1998-2002 foram: participação da comunidade universitária (professores, alunos e funcionários) na definição de objetivos e ações da universidade e na solução dos problemas acadêmicos, administrativos e financeiros; descentralização administrativa e agilização no processo decisório em todas as instâncias da instituição; qualificação institucional, contemplando a qualificação dos recursos humanos docentes e administrativos, qualificação dos programas institucionais e qualificação da infraestrutura acadêmica e física; interação e integração com a comunidade, buscando a consolidação da regionalização, a criação de novos programas de interesse regional e a ampliação dos mecanismos de participação dos municípios e das organizações da sociedade civil na Universidade; intercâmbio com instituições nacionais e internacionais, através da ampliação de convênios para realização de programas conjuntos e para deslocamento de professores e estudantes.

Relacionando ao tema recorrente na Instituição e que foi motivador da greve de 1986, a democratização, o discurso de posse dos Diretores de Centros e Coordenadores de Colegiado, permite refletir sobre os passos que vinham sendo desenvolvidos neste sentido. O reitor esclarece que, no dia 6 de julho de 1992, os gestores haviam sido eleitos: “Esta cerimônia – mesmo que

---

<sup>99</sup> Sobre, ver PRESTES, Gelça R. L. **Universidade de Caxias do Sul - Pés na região, olhos no mundo. 1990-2002: uma trajetória de qualidade e conquistas.** Caxias do Sul: São Miguel, 2002.

simples – da posse de Diretores de Centro e de Coordenadores de Curso, eleitos por voto direto, é mais uma demonstração do espírito democrático vivido em nossa universidade”. Os Centros continuam tendo seus chefes eleitos pela comunidade universitária.

Embora o período seguinte não seja objeto deste estudo, apenas para assinalar os anos posteriores, é importante saber que a gestão seguinte teve o Professor Luiz Antônio Rizzon como reitor, durante o período de 2002-2006. Em 2002, houve mudanças na composição dos cargos da Fundação Universidade Caxias do Sul (FUCS) sendo seu presidente e vice, eleitos pelo Conselho da Fundação. O reitor da Universidade deixou de acumular os cargos de reitor e de presidente da FUCS. Com a dissociabilidade dos cargos de reitor e de presidente da FUCS, as duas instâncias passaram a desempenhar funções distintas, mas confluentes.

Atualmente, a FUCS é mantenedora da UCS - Universidade de Caxias do Sul; do CETEC - Centro Tecnológico Universidade de Caxias do Sul; do CETEL - Centro de Teledifusão Educativa de Caxias do Sul e do Hospital Geral de Caxias do Sul.

De acordo com as informações disponibilizadas no site da UCS, seus interesses são os da coletividade e o resultado do seu trabalho é totalmente reinvestido na qualificação da sua ação e no aprimoramento dos serviços oferecidos à população. Tendo em seu plano estratégico a determinação de constituir-se como um espaço de independência e autonomia, propício à investigação, experimentação, criação e inovação nas diferentes áreas do conhecimento, mesclando a experiência acumulada dos mais vividos ao entusiasmo das novas gerações para originar novas formas de saber que contribuirão para expandir as fronteiras do progresso social<sup>100</sup>.

Em 2006, foi escolhido como reitor o Professor Isidoro Zorzi, que foi reconduzido ao cargo em 2010. O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) para o período de 2007 a 2011 apresenta como diretrizes: excelência acadêmica; democratização interna; qualificação institucional; sustentabilidade institucional<sup>101</sup>.

---

<sup>100</sup> Site [www.ucs.br](http://www.ucs.br)

<sup>101</sup> Sobre, ver Plano de Desenvolvimento Institucional 2007-2011. Universidade de Caxias do Sul, abril 2007.

O período compreendido entre 1986 e 2010, também foi marcado pelo número significativo de cursos oferecidos pela instituição, tanto na Cidade Universitária como em campi e núcleos, como reflexo do processo de expansão e regionalização, e às novas necessidades apontadas pelo mercado de trabalho. Os cursos<sup>102</sup> foram oferecidos na forma presencial e também EAD.

Na Cidade Universitária foram criados 58 cursos, embora todas as áreas de conhecimento tenham sido contempladas, alguns aspectos chamam atenção, por exemplo: as engenharias tiveram no período de 2000 a 2010, sete cursos criados, atendendo a aspectos do desenvolvimento e das demandas crescentes. Já as licenciaturas tiveram 18 cursos oferecidos, todos após a LDB de 1996, destes sete na área de Pedagogia. Estes dados confirmam que, assim como nas demais instituições e atendendo ao caráter regional, a UCS esteve voltada às necessidades locais, determinadas pela legislação, no caso da educação, e do mercado.

O Campus de Bento Gonçalves, ofereceu 41 cursos nas duas últimas décadas, atingindo, sobretudo, áreas relacionadas à educação e às características econômicas locais, como por exemplo, com a oferta do curso de Turismo visando colaborar com o desenvolvimento deste serviço na região desde 2000. Os cursos relacionados ao Design e às Engenharias foram os que apresentaram maior especificidade, já os relacionados à área da educação, encontraram nas modalidades do curso de Pedagogia as maiores ofertas.

Em Vacaria, a criação de cursos, atendeu aos mesmos fatores que nos demais locais, ou seja, o oferecimento de cursos atendendo às necessidades locais. Foram criados 28 cursos. Os relacionados à produção primária demarcam o diferencial do CAMVA, que atende também às demandas educacionais e das demais áreas.

Os Núcleos Universitários, representantes do processo de regionalização, tiveram ao todo 99 cursos, sendo que no NUCAN–Canela foram criados 22 cursos, os relacionados a Eventos e Turismo, significam de forma específica a necessidade local. Em Farroupilha-NUFAR os cursos oferecidos foram em número de 12. O Núcleo de Nova Prata-NUPRA teve a oferta de 15 cursos. Veranópolis-NUVER ofereceu 14 cursos. Em Guaporé-

---

<sup>102</sup> Os cursos criados estão em anexo.

NUGUA, o número de cursos ofertados foi de 18, assim como em São Sebastião do Caí- NVALE.

Entrelaçando os caminhos iniciais, com os dois livros publicados pelos professores Jayme Paviani e José Clemente Pozenato, e a associação com os recortes da imprensa, é possível dialogar com as fontes e refletir a UCS como uma instituição que nasceu do desejo de segmentos da comunidade regional, que precisou se adaptar às normas legais da reforma universitária, organizar sua gestão acadêmica e financeira para promover sua expansão, tendo os pés na região e os olhos no mundo.

A UCS é uma instituição comunitária e regional, que busca desempenhar papel central no desenvolvimento de sua área de abrangência, através de desenvolvimento humano, técnico e científico.

### **3.3 A UCS Regional e Comunitária**

Os termos regional e comunitário caracterizam a Universidade de Caxias do Sul e, suscitam questionamentos sobre seus significados. Refletir sobre o regional não significa limitar-se aos aspectos da geografia física, mas, sobre processos mais amplos, uma vez que a região está inserida em mecanismos estruturais que acabam por especificar algumas de suas ações no contexto global. Conforme Ianni (1997, p.115),

Em lugar de ser um obstáculo à globalização, a regionalização pode ser vista como um processo por meio do qual a globalização recria a nação, de modo a conformá-la à dinâmica da economia transnacional. O globalismo tanto incomoda o nacionalismo como estimula o regionalismo. Tantas e tais são as tensões entre o globalismo e o nacionalismo que o regionalismo aparece como a mais natural das soluções para os impasses e as aflições do nacionalismo.

Embora o autor faça referência pontual às questões econômicas, seu parecer é possível de ser adequados aos demais aspectos da globalização e do regional, principalmente por optar por relações entre os dois âmbitos e não estabelecer oposições entre os mesmos. Ao mencionar aspectos da cultura o mesmo autor afirma “o contraponto nacionalismo, regionalismo e globalismo abala a economia e a sociedade, assim como a política e a cultura, tanto provocando distorções como abrindo horizontes” (1997, p. 116). Neste contexto

de tensões sobre o global e o regional, a UCS, se constitui, através do slogan “pés na região e olhos no mundo”, como resultante de um processo iniciado na década de 1960, com as extensões universitárias, e permanentemente repensado. O professor Pozenato explica que

Visualizar a regionalização dentro da ideia de orientação para o contexto pode ser útil por pelo menos duas razões. Primeiro, mostrar que ela não representa uma ruptura com a tradição e a história das universidades, mas apenas uma nova forma de contextualização. Segundo, aproximando-a da ideia de contexto de relações, contribuir para desvincular a ideia de regionalidade de um sentido apenas geográfico (seja esta geografia um espaço natural ou simbólico) e das representações ideologizadas e supersticiosas (POZENATO, 1995, p. 24).

Na relação com a sociedade, a UCS apresentava o princípio de regionalidade

A UCS considera prioritário tanto no que se refere ao ensino como à pesquisa e à extensão, o atendimento às necessidades regionais, seja para melhor conhecê-la, seja para promover o seu desenvolvimento social e econômico. É evidente que a regionalidade não pode ser um critério exclusivo, uma vez que a visão universitária deve ser por força universal. O equilíbrio entre as duas perspectivas é encontrado na medida em que a Universidade volta-se para a realidade regional com uma visão universalista do saber científico, tecnológico, literário, artístico e filosófico. (Relatório Institucional, 1980, p.123)

Esse princípio de respeito ao regional, sem ser uma oposição ao global, restabelece a importância sobre o local. Bourdieu (1989, p. 126) salienta que

Se a região não existisse como espaço estigmatizado, como *província* definida pela distância econômica e social (e não geográfica) em relação ao *centro*, quer dizer, pela privação do capital (material e simbólico) que o capital concentra, não teria que reivindicar a existência.

O termo província, neste estudo está relacionado à região, defende a perspectiva de que as questões locais possuem significado no entendimento do global, conforme Pozenato (2003, p. 157)

Afastando as ideias, ou imagens, de centro e de fronteiras, a região será melhor entendida se vista como simplesmente um feixe de relações a partir do qual se estabelecem outras relações, tanto de proximidade como de distância. O grau, o volume, as características, a complexidade que podem assumir essas relações, tanto as

próximas como as distantes, vão depender de diversas variáveis, dentre as quais a mais importante, sem dúvida, é a da existência de canais de comunicação.

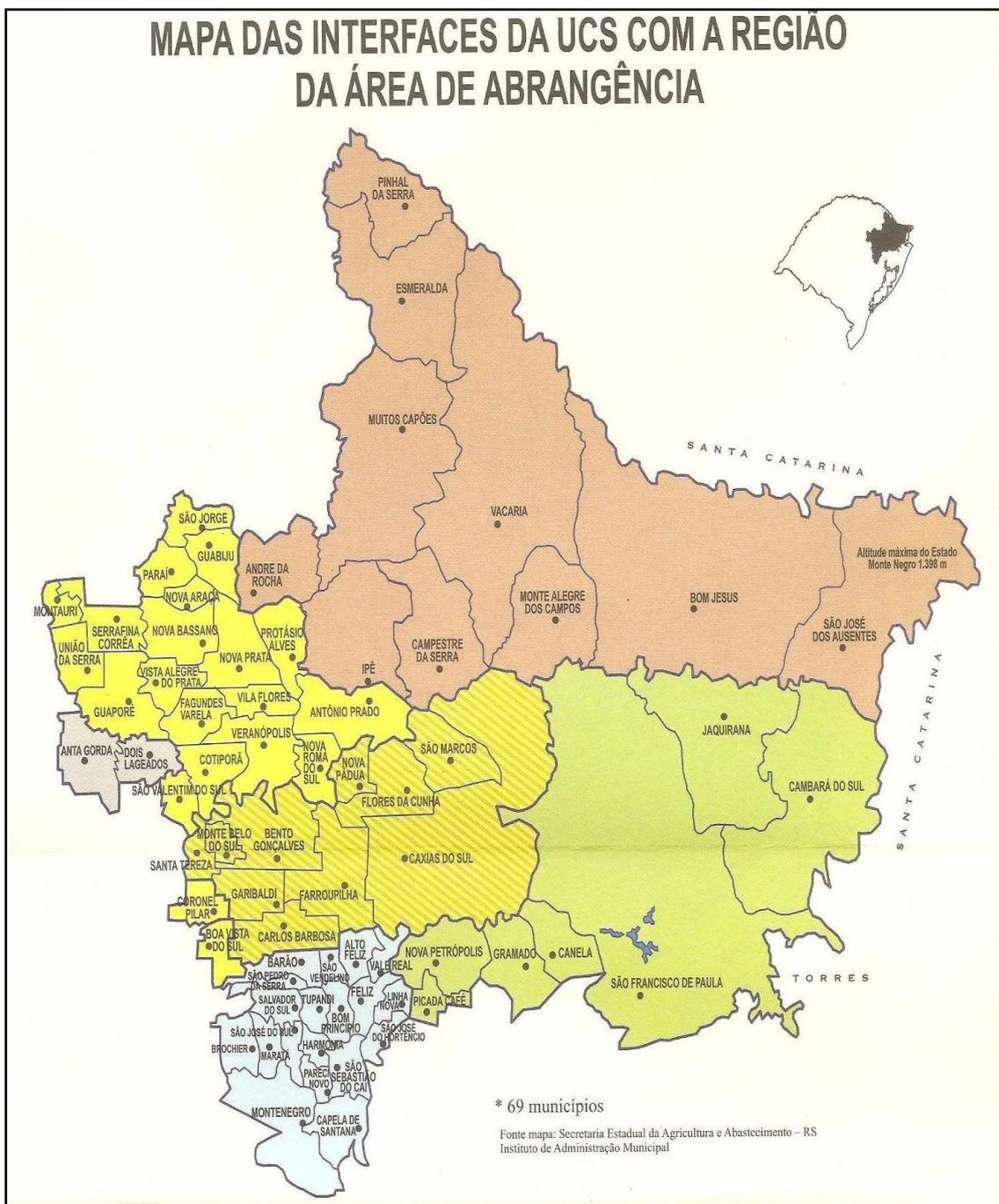
Sendo as relações estabelecidas fundamentais para o entendimento da região e considerando que, no que tange à UCS, estas são perpassadas pela presença de segmentos da sociedade regional é necessário considerar que ações já vinham sendo efetivadas desde 1968 com as extensões de cursos superiores em cidades da região. Em 1992, ocorreu a regionalização da UCS, com a criação dos campi e núcleos. No projeto de regionalização, elaborado pelo professor José Clemente Pozenato é apresentada a justificativa da aproximação entre educação e economia, bem como características culturais (1992, p.20)

A comunidade regional, por tradição cultural habituada a enfrentar e a superar desafios, está dando sinais inequívocos de que se propõe também a preparar-se para a conquista de um novo patamar de desenvolvimento. Esse posicionamento reflete-se também na forma pela qual o setor produtivo regional busca articular-se com a Universidade: de uma agência formadora de mão-de-obra qualificada, ela passa a ser vista como um parceiro imprescindível para o avanço tecnológico, que é a chave para o enfrentamento dos novos desafios. Na medida em que a Universidade souber responder a esse chamado estará a medida do próprio progresso ou do acaso da instituição. Regionalizar a Universidade é, nesse momento, a primeira resposta a ser dada para esta nova etapa do desenvolvimento regional, e a primeira condição para a sua sobrevivência enquanto verdadeira Universidade.

A superação de desafios presente na tradição cultural da região está relacionada aos fatores do processo de imigração européia, a qual enfrentou dificuldades de todas as ordens e legou a imagem de um povo que buscou, através, sobretudo, do trabalho, a superação das dificuldades. Associada ao processo de regionalização da UCS, os desafios estavam presentes, porém as parcerias entre a instituição e a comunidade eram vistos como essenciais para a transposição dos mesmos.

O mapa abaixo representa a área geográfica de abrangência da UCS a partir da regionalização:

Figura 13 - Mapa das interfaces da UCS com a região da área de abrangência



Fonte: Municípios da Regionalização. Organização: Instituto de Administração Municipal - IAM. Universidade de Caxias do Sul, 2009.

São 69 municípios que fazem parte das ações desenvolvidas pela Universidade de Caxias e que demonstram os resultados da regionalização, pois, era imperativo, para Pozenato (1995), que a Universidade expandisse suas ações, não apenas de ensino, mas também de pesquisa e extensão para as cidades abrangidas pela Instituição. Como decorrência do processo inicial, o

ensino foi o que mais se regionalizou a extensão através de serviços específicos, sobretudo comunitários também se fez presente, já a pesquisa foi restrita, não atingindo de forma efetiva os núcleos da Universidade.

Necessidades regionais, oriundas das transformações pelas quais passaram os municípios da área de abrangência da UCS, durante as décadas de 1960 a 1990, criaram a convicção de que a extensão de unidades universitárias para determinados municípios, considerados como pólos, proporcionaria qualificação aos segmentos socioculturais e econômicos.

A ideia de regionalização também foi expressa no Relatório da Gestão de 1982/1986. O Reitor Abrelino V. Vazatta, que apresentou breve reflexão sobre a data, 15 anos de UCS, e explicitou a relação com a região demonstrando o interesse sobre o tema (p. 26):

A atenção dada às necessidades do desenvolvimento regional também marca a presença da Universidade de Caxias do Sul. A Universidade sabe que é esse o contexto de sua ação e é ele que deve agir para buscar a dimensão do universal que também lhe é própria.

Preocupado em esclarecer qual o sentido de região e justificar a sua importância, Pozenato associa regionalização com a universidade no Brasil

Ou seja, no Brasil, em pelo menos um nível de divisão, as regiões são os estados. Na construção do sistema universitário brasileiro, de modo especial em sua primeira fase (que pode ser demarcada entre 1920, ano da criação da Universidade do Rio de Janeiro, e 1960, quando é criada em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, a primeira universidade federal fora das capitais), este nível de regionalidade é que serve de referência, expressa inclusive na denominação das universidades que vão sendo criadas.

Outra questão é a de saber se essas universidades “estadualizadas” foram consequentes com o estatuto de instituições regionais. Aparentemente, não, pelo menos na percepção dos constituintes de 1988. Tanto que prescrevem, no artigo 60 das Disposições Transitórias, em seu parágrafo único, que “as universidades públicas descentralizarão suas atividades, de modo a estender suas unidades de ensino superior às cidades de maior densidade populacional”. Além de reforçar o projeto original de uma universidade comprometida com sua região, esse dispositivo constitucional indica um modelo de organização para a descentralização das atividades universitárias: estender unidades de ensino superior por diversas cidades (1995, p.25).

A regionalização, assumida com maior interesse pelas universidades do interior do Brasil estendem seus serviços a municípios vizinhos possibilitando

maior acesso de alunos ao ensino superior. O quadro abaixo justifica o exposto uma vez que demonstra que no ano de 1985 o número de alunos de cidades vizinhas estava num crescente na UCS.

Quadro 37 – Alunos matriculados de outros municípios e Estados

<b>Município</b>	<b>1982</b>	<b>1983</b>	<b>1984</b>	<b>1985</b>
Antônio Prado	74	62	78	85
Caxias do Sul	957	934	857	915
Farroupilha	73	79	106	86
Flores da Cunha	70	113	116	127
Nova Petrópolis	14	7	7	12
São Marcos	46	39	36	42
Bento Gonçalves	117	129	115	107
Carlos Barbosa	15	12	17	15
Cotiporã	-	1	-	-
Garibaldi	74	68	56	64
Guaporé	19	18	10	19
Nova Araçá	6	5	2	4
Nova Bassano	5	5	5	8
Nova Prata	40	34	33	37
Paráí	5	3	7	2
Serafina Corrêa	7	6	5	5
Veranópolis	42	43	41	63
Bom Jesus	41	44	41	27
Esmeralda	7	8	9	13
Vacaria	59	78	85	94
Cambará do Sul	2	3	2	3
Canela	10	17	7	11
Gramado	6	4	2	2
Rolante	1	2	2	-
São Francisco de Paula	27	34	44	29
Taquara	1	1	-	1
Três Coroas	-	1	1	-
Outros Municípios do RS	342	321	309	330
Outros Estados do Brasil	147	156	117	117

Fonte: Relatório 1982/1986

Em 1982 os alunos de Caxias do Sul eram em número de 957 enquanto que os dos municípios da região somavam 751; três anos depois os de Caxias do Sul eram 915 e os da região 856 neste ano juntamente com os alunos das demais regiões do Estado do RS e do Brasil somavam 2.218. O aumento de 105 alunos da região no espaço de três anos é significativo considerando o processo econômico do País no período, o qual apresentava, segundo o Banco Central do Brasil, em 1982 uma inflação anual de 99,7%, em 1983 o índice foi de 211,0%, em 1984 de 223,8% e em 1985 a inflação anual foi de 235,11%, evidenciando problemas de ordem econômica para a população. Também é importante considerar a presença de 117 alunos oriundos de outros Estados brasileiros, tal dado remete a possibilidade de que migraram para a região devido ao desenvolvimento econômico desta.

Presentes as dificuldades e os desafios que acompanhavam o projeto de regionalização, os mesmos foram expressos no discurso do reitor Professor Ruy Pauletti, responsável pela implementação da UCS regional, em 6 de julho de 1992

Outra tarefa a que todos estamos convocados é a da regionalização da Universidade. A regionalização não é uma questão opcional. É um compromisso da história da Universidade, uma disposição de seus Estatutos e um reclamo permanente da comunidade regional. O caminho é difícil, todos sabemos. Mas se não avançarmos por este caminho, por excesso de precaução ou por pruridos perfeccionistas, estaremos demonstrando que não somos capazes de responder às necessidades e ao clamor da região.

O diálogo entre o cenário acadêmico brasileiro e o que se desenhava na UCS sobre a regionalização, é marcado pela necessidade de salientar que desde 1991, a UCS passou a ampliar o processo de regionalização, analisado por Pozenato (1995, p. 27)

Há realmente evidências de que as universidades interioranas (ou, talvez mais adequadamente, interiorizadas, no sentido de que estão situadas no interior sem por isso terem que se limitar a ele) assumem a perspectiva da regionalização com maior interesse, tanto no discurso como na prática. Em parte, isso pode ocorrer pelo simples fato da interiorização: num espaço mais rarefeito em termos de complexidade das relações sociais e com menor número de instituições ocupando as posições de poder, a universidade é reconhecida, e solicitada, como sendo competente e necessária para o atendimento de tarefas que, nas metrópoles mais bem equipadas, são executadas por outras instâncias especializadas.

As universidades, através dos cursos de graduação e extensão, acabam por oferecer às comunidades onde instalam campi e núcleos, serviços de qualidade diferenciada e em algumas situações, sobretudo, onde há campi, a pesquisa também se desenvolve. Afirma Pozenato (idem,1995, p. 75):

O acesso da região à rede de produção de conhecimentos de que a universidade é parte integrante, pode, portanto levar à criação de muitos e variados programas de interação com qualidade, mais fáceis de serem definidos por uma instituição que sabe, ou aprendeu, a atender às necessidades de seu meio e mais fáceis de serem operacionalizados por uma instituição que criou proximidade com os problemas que clamam por solução.

Embora a interiorização ou regionalização da universidade tenha feito parte de seu projeto inicial, ela foi implantada de forma efetiva em 1993. Conforme Pozenato (1995, p.10)

A implantação efetiva da regionalização da UCS teve início no segundo semestre de 1993, com a incorporação das faculdades isoladas de Bento Gonçalves e de Vacaria e com abertura de cursos de graduação em todos os núcleos universitários previstos no projeto.

No ano de 1991, a Associação pró-Ensino Superior dos Campos de Cima da Serra, mantenedora da Faculdade de Letras e Educação de Vacaria, e a Fundação Educacional da Região dos Vinhedos, mantenedora dos cursos superiores em Bento Gonçalves, transferiram para a UCS, através de convênio, seus cursos e, em forma de comodato, seu patrimônio. Em 1993 foram instalados os Núcleos Universitários de Canela, Farroupilha, Nova Prata e Guaporé. No ano de 1998 foi criado o Núcleo Universitário de Veranópolis e, em 2000, Núcleo Universitário de São Sebastião do Caí.

Como consequência do processo de regionalização, a conceituação sobre os termos que a definem têm sido abordados pelo professor Pozenato, o qual estabelece diferenças entre regionalidade, regionalismo, regionalização, numa proposta de esclarecer de forma conceitual a experiência vivenciada pela universidade. Ao propor sua reflexão lembra que o termo região, gerou por muito tempo, certo preconceito limitador, pois havia a relação com o espaço geográfico e que estava ligado a ideia de passado “vinculada ao processo de consolidação da nacionalidade, iniciado há quase dois séculos” (2003, p. 154). Para o autor as palavras regionalismo e regionalidade tendem a ser utilizadas

para os mesmos fins, busca estabelecer alguns parâmetros. “O regionalismo pode ser identificado como uma espécie particular de relações de regionalidade: aquelas em que o objetivo é criar um espaço – simbólico bem entendido – com base no critério da exclusão, ou pelo menos da exclusividade” (2003, p.155).

Para estabelecer os parâmetros diferenciais ao uso do termo regionalização, que é utilizado com maior frequência quando associamos o processo de expansão da UCS, esclarece:

A regionalização é um conceito de outra ordem. Ela é na realidade um programa de ação voltado para o estabelecimento ou o reforço de relações concretas e formais dentro de um espaço que vai sendo delimitado pela própria rede de relações operativas que vai sendo estabelecida. Ela é, portanto, antes de mais nada, uma estratégia que necessita desenvolver seus próprios instrumentos de gestão, de acordo com um programa político. Se o programa for regionalista, a regionalização tenderá ser restrita e excludente. Se ele levar em conta que as relações de regionalidade não são as únicas a serem levadas em conta, também no plano de ação, ele tenderá a ser aberto e abrangente. (2003, p.155)

Intensificando o processo de regionalização, respeitando os aspectos da regionalidade sem desprezar as características da região, a inserção da UCS no cenário global tem representado significativo avanço nas relações com a comunidade. Foi e tem sido importante a participação da Universidade para operacionalizar e instalar, como elemento técnico, as instâncias do Conselho Regional de Desenvolvimento da Serra (COREDE – Serra).

A participação da UCS no COREDE se iniciou em 1990 quando o Governo do Estado do Rio Grande do Sul propôs instalar os Conselhos Regionais de Desenvolvimento, a universidade passou a apoiar através do Instituto de Administração Municipal (IAM), as ações do COREDE Serra que

O desenvolvimento local está inserido em uma realidade mais ampla e complexa, a realidade regional, nacional e mundial, com as quais interage e das quais recebe influências e pressões. O desenvolvimento local representa uma forma de integração regional que gera e define oportunidades, exigindo organização e cooperação para superar as ameaças e resistir à estas pressões. (COREDE, 2004, p.11)

A região COREDE – Serra compreende 32 municípios<sup>103</sup> da região Nordeste do RS, sendo todos participantes da área de abrangência da UCS e, o fato de o IAM ser órgão da UCS e estar inserido no COREDE, aproxima a universidade da região, através de análise de diagnósticos sobre os aspectos demográficos, da gestão estrutural, econômica, social, institucional dos municípios, auxilia no estabelecimento do plano de desenvolvimento da região. Na área do COREDE Serra estão os campi e núcleos da UCS, implementados a partir do Projeto de Regionalização, 1992. São oito cidades que abrigam as instalações da universidade e que oferecem seus serviços a mais de dez mil alunos. O quadro abaixo apresenta a número de alunos em 2010.

Quadro 38 - Matrículas nos Campi e Núcleos da UCS (2010)

<b>Campi/Núcleo</b>	<b>Matrículas 2010</b>	<b>Cidade</b>
Cidade Universitária	21.126	Caxias do Sul
Campus 8	1.147	Caxias do Sul
CARVI	4.936	Bento Gonçalves
CAMVA	1.379	Vacaria
NuCan	1.177	Canela
NuFar	855	Farroupilha
NuGua	378	Guaporé
NuPra	715	Nova Prata
NVALE	1007	São Sebastião do Caí
NuVer	46	Veranópolis

Fonte: Pró-Reitoria Acadêmica, 2011.

A implementação do projeto de regionalização da universidade, somou 10.493 alunos nas cidades onde há campi e núcleos, que somados aos 22.273 alunos de Caxias do Sul, representaram o universo de 32.766 estudantes, número maior do que a de populações das cidades onde ocorreu o processo de regionalização, sendo que a população da região abrangida pela UCS é superior a um milhão de habitantes. Nas cidades sede a população, segundo

<sup>103</sup> Antônio Prado, Bento Gonçalves, Boa Vista do Sul, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Coronel Pilar, Cotiporã, Fagundes Varela, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, Guabiju, Guaporé, Montauri, Monte Belo do Sul, Nova araçá, nova Bassano, Nova Pádua, Nova Prata, Nova Roma do Sul, Paraí, Protásio Alves, Santa Tereza, São Jorge, São Marcos, São Valentim do Sul, Serafina Corrêa, União da Serra, Veranópolis, Vila Flores e Vista Alegre do Prata.

dados da Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul (FEEE), 2011, é a seguinte:

Quadro 39 – Municípios e população nas cidades onde há Campi e Núcleos da UCS

<b>Município</b>	<b>População</b>
Caxias do Sul	435.564
Bento Gonçalves	107.278
Farroupilha	63.635
Vacaria	61.342
Canela	39.229
Nova Prata	22.830
Guaporé	22.814
Veranópolis	22.810
São Sebastião do Caí	21.932

Fonte: [www.fee.tche.br](http://www.fee.tche.br)

O número de habitantes nas cidades onde há instalações da UCS é de 797.434 pessoas, o número de alunos na instituição corresponde à aproximadamente 4% da população total. Porém, se considerarmos que a população entre 15 e 24 anos nestas cidades é de 42.520 pessoas e que no número de alunos da Universidade é 32.766, pode-se concluir que em boa medida, muitos jovens da região fazem parte deste grupo. O processo de regionalização contou com a participação de segmentos sociais que representavam coletivos destas localidades.

A regionalização levou praticamente uma década para se consolidar, o que apresenta dificuldades inerentes ao pioneirismo e também aos desafios de uma região de extensa abrangência, bem como desafios do tempo presente.

Também o governo federal assumiu projetos parecidos com o da regionalização defendido pelo professor Pozenato. A partir do governo Lula, 2002 – 2010, o País assistiu a interiorização de universidades públicas, as quais foram instaladas em regiões desprovidas de ensino superior público e em cidades consideradas pólos. O governo da presidente Dilma Rousseff também projeta a ampliação do ensino superior público, com a criação de novos quatro campi universitários. A região da Serra Gaúcha participa deste processo reivindicando a instalação de uma extensão da UFRGS, dois municípios

participam de forma mais efetiva da disputa pela possível instalação: Caxias do Sul e Bento Gonçalves.

Em contextos pautados por incertezas, mudanças constantes em todos os setores, próprias de uma sociedade globalizada, o debate sobre a presença maior ou menor do Estado na sociedade e em suas instituições remete a necessidade de refletir sobre o que é comunitário, as instituições de ensino superior comunitárias desempenham papel fundamental neste sentido.

Considerada uma Universidade Comunitária, a UCS participa do debate sobre o público não-estatal que vem se desenvolvendo desde a década de 1980 e se insere na ideia defendida por Schmidt (2009, p. 19), “O comunitário distingue-se do estatal e do privado: não pertence ao Estado, nem a grupos particulares. Pelas suas finalidades e *modus operandi* é uma das formas do público, abrangendo as instituições e organizações voltadas à coletividade.”

A discussão acerca do que é público e o que é privado no ensino superior brasileiro remete ao final da década de 1940 quando da criação de cursos superiores isolados, muitos mantidos por entidades particulares e outros confessionais. Também o “Manifesto dos Educadores Mais Uma Vez Convocados”, de 1959, manteve o debate em torno do financiamento tomou proporções consideráveis. A respeito dos debates sobre financiamento, João Luiz Moraes, ex-reitor da UCS afirma, conforme lembra Longhi (1998, p. 110):

A controvérsia entre ensino privado e ensino público foi se tornando mais explícita, Até a década de 1970, sintetizou as polêmicas entre Igreja e Estado o argumento em torno da liberdade do ensino, do direito de as famílias escolherem o tipo de educação escolar que desejassem para seus filhos e da conseqüente destinação de verbas (via bolsas de estudos) aos impossibilitados de arcar com os cursos da opção pela escola particular.

Para Longhi, o surgimento das “universidades comunitárias, numa concepção ampla, mescla-se ao surgimento das primeiras universidades públicas brasileiras” (idem, p. 176). Ou seja, o surgimento do público levou ao debate sobre o privado em duas vertentes principais: a escassez do público no atendimento ao território nacional permitiu a expansão do privado e a possibilidade de escolha em poder estudar em instituições privadas, promoveram o debate do tema. Para Longhi, foi a partir da Reunião Plenária do Conselho de Reitores de Goiânia, em 1985, que começou a ser utilizada a

expressão *públicas não-estatais.*”, (1998, p. 203), expressão utilizada atualmente para designar estas instituições. A universidade comunitária, para Paviani (1985, p, 17):

É uma instituição de ensino superior, de pesquisa e extensão sob a responsabilidade jurídica de uma Fundação ou de uma Associação de fins filantrópicos. Confessional ou não, constituída e mantida por iniciativa e sob controle de uma comunidade especialmente definida, reconhecida idônea para a tarefa educacional dentro do pluralismo democrático, administrada, nos termos definidos em Lei, pela participação da comunidade a que presta serviço e da comunidade interna, tendo seus recursos aplicados exclusivamente para o alcance dos objetivos estatutários de serviço à comunidade, sob o controle do Ministério Público, de forma, sobretudo, a evitar a apropriação de qualquer espécie de resultados por parte de indivíduos ou grupos.

Embora com limitações e sofrendo alterações ao longo das últimas décadas, a definição de universidade comunitária tem tido, nesta conceituação inicial, a base para a sua organização e suas reivindicações.

A Constituição de 1988, pela primeira vez, esclarece e distingue o privado e o público, a defesa do setor público foi liderada, de forma praticamente coesa, pelo Fórum da Educação na Constituinte em Defesa da Escola Pública. Já a defesa da escola privada não possuía a mesma coesão o que demonstrava o surgimento de novas forças que não mais apenas da Igreja Católica, mas também de grupos empresariais. Longhi (1998, p. 119), afirma:

A movimentação das instituições de ensino superior comunitárias obteve resultados favoráveis na elaboração da Lei máxima. Segundo a Carta Constitucional de 1988, existe a possibilidade de as escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas receberem verbas públicas desde que comprovem uma finalidade não lucrativa, apliquem seus excedentes financeiros em educação, assegurem a destinação de seu patrimônio à outra congênere ou ao poder público, prestem contas dos recursos recebidos a esse poder e que seus dirigentes não recebam remuneração no exercício de direção da mantenedora. Com isso, as atividades universitárias de pesquisa e extensão também poderão receber apoio financeiro do poder público, inclusive mediante bolsas de estudos.

A Universidade de Caxias do Sul está presente no debate sobre o que é e o que representa em sua função social ser uma universidade comunitária e regional. Para Pozenato (1995, p. 28):

A situação das universidades comunitárias é bem mais específica. São universidades como o próprio nome indica, constituídas por um conjunto de forças e de instituições da comunidade. A fonte de poder

sobre elas está, portanto extremamente próxima. A sociedade que lhes dirige demandas de toda a espécie é a mesma que lhes estabelece as diretrizes e controla a sua execução, sob pena de lhes tirar o apoio.

A presença da comunidade na UCS remete aos cursos isolados do final da década de 1940, os quais possuíam mantenedoras que representavam setores da sociedade: Mitra Diocesana de Caxias do Sul, Sociedade Nossa Senhora de Fátima, Irmãs da Congregação da Ordem de São José, Prefeitura Municipal. Também a Associação pro Faculdades de Caxias e posteriormente, em 1973, a FUCS, representou e representa segmentos da comunidade regional. Internamente a ADUCS, a AFFUCS e DCE compõem órgãos representativos da comunidade acadêmica, e, a Universidade faz parte da ABRUC, na função de assessora junto a outras IES e ao COMUNG, que são órgãos representativos das IES comunitárias.

A participação da UCS nos debates acerca do que é comunitário remete ao ano de 1985, quando na Instituição ocorreu o encontro sobre a natureza comunitária das universidades, conforme relata Paviani (2007, p. 35)

Em 8 de julho de 1985, na reitoria da Universidade de Caxias do Sul, reuniram-se para um dia de estudos sobre a natureza comunitária das universidades, os professores Elydo Alcides Guareschi, reitor da Universidade de Passo Fundo (UPF); Adelar Francisco Baggio, reitor da Universidade de Ijuí (Unijuí); Arlindo Bernart, reitor da universidade de Blumenau; Jayme Paviani, pró-reitor de Planejamento da Universidade de Caxias do Sul. O professor Paulo Zugno, de Caxias do Sul, secretariou o encontro.

Como resultado foi determinado o conceito inicial sobre universidade comunitária, a partir de um modelo que carecia de embasamento teórico, mas que apresentava uma proposta diferente onde

A universidade comunitária é instituída como fundação de direito privado com participação e representação comunitária, b) articula e desenvolve ao mesmo tempo ensino, pesquisa e extensão, sendo a extensão sua vocação natural; c) assume o compromisso de realizar as funções plenas de uma universidade, isto é, busca a qualidade acadêmica, apesar dos recursos econômicos, financeiros e de pessoal serem insuficientes. (Paviani, 2007, p37).

Do registro inicial, surgiram outros debates e a formação de associações representativas, como a Associação Brasileira de Universidades Comunitárias

(ABRUC) e o Consórcio de Universidades Comunitárias Gaúchas (COMUNG). A ABRUC é uma instância representativa das instituições comunitárias do Brasil, e tem sido uma interlocutora permanente nos debates sobre a necessidade de legislação própria para estas IES. Sobre a associação é necessário saber que

A Associação Brasileira das Universidades Comunitárias - ABRUC, fundada em 26 de julho de 1995, com sede em Brasília, atualmente reúne 62 Instituições Comunitárias de Ensino Superior - ICES, que apresentam conceitos de 3 a 5 no IGC, encontrando-se bem colocadas e bem avaliadas pelos instrumentos aplicados pelo SINAES. Trata-se de instituições sem fins lucrativos, que desenvolvem ações essencialmente educacionais, como ensino, pesquisa e extensão, com notória excelência em suas atividades. A este cenário soma-se sua forte vocação social, com expressiva presença na área de saúde por profissionais altamente qualificados. ([www.abruc.org.br](http://www.abruc.org.br))

A qualidade dos serviços prestados pelas instituições associadas à ABRUC é uma das metas permanentes, pois, serve de justificativa à importância destas IES que atendem a significativo número de estudantes em todo o País e, que, por terem em seus quadros administrativos a presença da comunidade, estabelecem diálogo constante com a mesma. Também é necessário considerar que nem sempre a relação é pacífica, pois, as instituições comunitárias, mesmo próximas das suas comunidades, muitas vezes não conseguem desempenhar suas funções de forma plena, por sofrerem influências locais, também de ordem político-partidária, mesmo assim influenciam as comunidades no sentido de desenvolvê-las. Sua existência atende, segundo Paviani, a “interação com a sociedade e seu funcionamento voltado para o atendimento dos interesses sociais” (1985, p. 16).

Ao analisar a dificuldade em possuir uma legislação específica, Pozenato (1985, p.5) tece críticas significativas, explicitando que se forma um ciclo vicioso que impede a solução dos problemas

A inexistência está em afirmar que as universidades comunitárias, com certo grau de frequência, não se propõem a questão da qualidade e a questão da produção do conhecimento. O fato de um certo número delas, ou todas, sofrerem de limitações nestes dois aspectos não significa necessariamente que elas não vejam essas limitações como problemas a serem superados, até porque a sua intensa coalizão com a comunidade não lhes permitiria agir de outra forma. As limitações devem-se mais precisamente, em grau e em proporções

que podem ser determinados, à falta de recursos. (Pozenato, 1985, p.58)

A questão sobre os recursos ganha ênfase na fala do autor, pois considera que estes, quando definidos e tendo a participação do poder público, destinados ao ensino, pesquisa e extensão das IES comunitárias, poderão alavancar a produção e a qualidade destes serviços.

Por isso, a importância das instâncias representativas como a ABRUC da qual faz parte 66 instituições relacionadas no quadro abaixo:

Quadro 40 - Instituições de Ensino Superior Comunitárias/Brasil

<b>SP</b>	<b>RS</b>	<b>SC</b>	<b>RJ</b>
CLARETIANO	PUCRS	UNOESC	USU
FEI	UCPEL	UNESC	PUC Rio
FSA	UNIFRA	UNIFEBE	UCP
MACKENZIE	UNILASALLE	UNIPLAC	<b>DF</b>
PUC/Campinas	UNISC	UNIVILLE	Inst. Fátima
São Camilo	IPA	UNISUL	UCB
UNIFEOB	UPF	UNIVALI	<b>GO</b>
UNISALESIANO	URI	UNICHAPECÓ	UniEVANGÉLICA
UNISO	FACCAT	<b>MG</b>	PUC Goiás
USF	FEEVALE	UNINCOR	<b>PB</b>
UNASP	UCS	UNIVALE	UNIVAP
FFCL	UNIBENNET	Izabela Hendrix	UNIPÊ
PUCSP	UNICRUZ	PUC Minas	
UMESP	UNIJUÍ	<b>PE</b>	
UNIDAVI	UNISINOS	FAFIRE	
UniFAE	UNIVATES	UNICAP	
UNIFEV	URCAMP	<b>PR</b>	
UNIMEP	<b>BA</b>	PUCPR	
UNISAL	UCSAL	UNICS	
UNISANTOS	<b>MS</b>	<b>MT</b>	
USC	UCDB	FSST	

Fonte: [www.abruc.org.br](http://www.abruc.org.br) (2011)

Embora o Estado de São Paulo possua o maior número de instituições comunitárias, 21, e, esse dado está relacionado ao contingente populacional e desenvolvimento econômico, a região sul possui 27 IES comunitárias, relacionadas também a fatores oriundos do processo imigratório do século XIX.

A questão da qualidade é atestada no resultado, do Ensino Superior Brasileiro, divulgado em 17 de novembro de 2011, que avaliou 2.176 IES de todo o País. As instituições comunitárias do RS: PUCRS, UNISINOS, UNISC e

UNIVATES obtiveram conceito 4<sup>104</sup>. Na faixa do conceito 3 está o maior número de IES do Brasil, sendo que das 15 comunitárias, 11 obtiveram conceito 3: FEEVALE, UCPel, UCS, UNIFRA, UNILASSALE, UPF, UNIJUÍ, URI, UNICRUZ, IPA, URCAMP, e nenhuma foi considerada insatisfatória ou sem conceito. O que atesta a qualidade satisfatória das IES comunitárias ao mesmo tempo em que enseja a melhoria constante de seus serviços.

Quadro 41 – Universidades Comunitárias do RS (2011)

<b>Instituição</b>	<b>Sigla</b>	<b>Mantenedora</b>
Federação de Estabelecimento de Ensino Superior em Novo Hamburgo	FEEVALE	Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo
Centro Universitário Metodista	IPA	Rede Metodista de Educação/Igreja Metodista do Brasil
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	PUCRS	União Brasileira de Educação e Assistência, entidade civil dos Irmãos Maristas
Centro Universitário Franciscano	UNIFRA	Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã
Centro Universitário La Salle	UNILASSALE Canoas	Irmãos Lassalistas
Universidade Católica de Pelotas	UCPEL	Sociedade Pelotense de Assistência e Cultura
Universidade de Caxias do Sul	UCS	Fundação Universidade de Caxias do Sul
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul	UNIJUÍ	Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do noroeste do Estado
Universidade de Santa Cruz	UNISC	Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul
Universidade do Vale do Rio dos Sinos	UNISINOS	Associação Antônio Vieira (denominação civil da Província dos Jesuítas da Brasil Meridional, da Companhia de Jesus)
Unidade Integrada Vale do Taquari de Ensino Superior - Centro Universitário.	UNIVATES	Fundação Vale do Taquari de Educação e Desenvolvimento Social
Universidade de Passo Fundo	UPF	Fundação Universidade de Passo Fundo
Universidade da Região da Campanha	URCAMP	Fundação Áttila Taborda
Universidade Regional Integrada	URI	Fundação Regional Integrada
Universidade de Cruz Alta	UNICRUZ	Fundação Universidade de Cruz Alta

Fonte: [www.comung.org.br](http://www.comung.org.br)

<sup>104</sup> Conceito 5 é máximo obtido, sendo que os conceitos dois e um são considerados insatisfatórios. 27 instituições de todo o país obtiveram conceito 5, sendo 16 públicas e 11 privadas, a UFRGS foi a única gaúcha a obter esse conceito. 131 IES obtiveram conceito 4, sendo 65 públicas e 66 privadas. O conceito 3 foi obtido por 985 instituições (90 públicas e 895 privadas). Consideradas insatisfatórias com conceito 2, foram 674 IES, sendo 41 públicas e 633 privadas, 350 instituições ficaram sem conceito por não atenderem a um ou mais itens avaliados.

Para além da questão jurídica, as universidades comunitárias carecem também de uma definição conceitual. Embora elas estejam concentradas no sul do País, há Instituições de Ensino Superior comunitárias em outras regiões. Mas foi apenas na última década que passaram a ter alguns registros junto ao Inep “pela criação da categoria *Privada* a subcategoria *Comunitárias/Confessionais/Filantrópicas*, distinta da subcategoria *Particular*. (LONGHI, FRANCO, ROCHA, 2009, p. 6).

Também representa a defesa destas instituições o Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas - COMUNG<sup>105</sup>, constituído oficialmente em 1996, pode ser considerado o resultado efetivo dos movimentos iniciados nas décadas anteriores, em torno das universidades comunitárias na defesa de seus interesses. O portal do COMUNG aponta sua importância e abrangência:

As Universidades que formam o COMUNG representam uma verdadeira rede de Educação, Ciência e Tecnologia que abrange quase todos os municípios do interior do Estado. No seu conjunto, as instituições do COMUNG congregam mais de 40 campi universitários, abrangem mais de 380 municípios em suas áreas de influência, e possuem em torno de 180 mil alunos de graduação e pós-graduação, constituindo-se, portanto, no maior sistema de educação superior em atuação no Rio Grande do Sul. ([www.comung.org.br](http://www.comung.org.br))

As ações do COMUNG têm sido efetivas e decorrem da “organização em torno do Programa Interinstitucional de Integração com a Educação Fundamental, concebido pelos Reitores de Instituições Comunitárias do Rio Grande do Sul”, em 1990. A integração com as redes de ensino fundamental e médio se estabelece através, inclusive, da oferta dos cursos de licenciatura, da formação permanente de professores oferecida pela graduação, pós-graduação e extensão destas instituições. Colabora ainda neste processo, a inserção da pesquisa voltada ao ensino na área de abrangência, sem desconsiderar a possibilidade de acesso ao ensino superior a aproximadamente 180 mil alunos. A UCS, inserida neste processo, oferece 18 cursos de licenciatura, além dos cursos de pós-graduação e de formação permanente de professores, os quais são oferecidos à comunidade interna e externa, bem como a universidade possibilita através de palestras, oficinas,

---

<sup>105</sup> Sobre, ver: SCHMIDT, João Pedro (org.). **Instituições comunitárias**: instituições públicas não-estatais. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

seminários atividades para os alunos do ensino médio e, disponibiliza seu espaço físico para a integração entre universidade e escolas da região.

O COMUNG é composto pelo Conselho de Administração e pela presidência, tendo a reunião dos associados como fórum de debates e decisões. São objetivos da entidade

1. Planejar e promover ações conjuntas otimizando as relações internas, com as instituições públicas e com a sociedade.
2. Assegurar maior força na defesa dos interesses educacionais dos seus participantes, através de negociações mais significativas no âmbito público em todas as esferas administrativas e da sociedade civil organizada.
3. Alcançar maior representatividade perante organismos financiadores internacionais, pela capacidade de integração político-institucional.
4. Proporcionar e operacionalizar convênios, acordos, protocolos com instituições e órgãos governamentais e privados, tanto nacionais como internacionais.
5. Acentuar o trabalho de entrosamento com organismos públicos, em todos os níveis, e/ou privados, em especial na área de Ciência e Tecnologia, assegurando a presença ativa do Consórcio na implantação de Pólos Tecnológicos.
6. Viabilizar a realização de eventos que respondam ao interesse do ensino superior e da pesquisa. ([www.comung.org.br](http://www.comung.org.br))

As universidades comunitárias nasceram em comunidades pelo desejo das mesmas em construir, fortalecer e expandir conhecimentos. Sua inserção é visível e atuante a ponto de congregar os mais representativos setores das comunidades. Logo, refletir sobre as universidades comunitárias é também inserir no debate a questão da regionalização, ao menos para um considerável número destas instituições, sem negligenciar as dificuldades inerentes a sua ação e autonomia, uma vez que, por estar inserida e ser mantida por setores da comunidade, sofre pressões que levam a outros movimentos, como a permanente reflexão em torno de suas funções e caracterizações. Congregam o COMUNG as universidades comunitárias do Rio Grande do Sul.

Na criação das universidades comunitárias no sul do Brasil, em especial no RS, é visível a influência da tradição comunitária advinda dos processos de imigração européia para a região. Desta forma tem-se, segundo Schmidt (2010, p. 27)

No Rio Grande do Sul, a criação e a consolidação dessas instituições são tributárias da tradição associativa inaugurada ainda no século XIX, particularmente nas regiões de colonização alemã e italiana. Na ausência de serviços públicos prestados pelo Estado, desenvolveu-se um considerável leque de iniciativas comunitárias, que estão no

núcleo do expressivo estoque de capital social gerado historicamente nessas regiões.

As necessidades impostas pelo modelo de imigração possibilitaram a configuração de sociedades solidárias, no que tange ao ensino essas ações foram determinantes para a criação de escolas para as comunidades. Sobre as universidades comunitárias, afirma o autor

São traços distintos dessas instituições: criação impulsionada por organizações da sociedade civil e do poder público local, a quem pertence o patrimônio; não estão orientadas para a maximização do lucro, sendo os resultados financeiros reinvestidos na própria universidade; têm profunda inserção na comunidade regional, interagindo com os seus integrados por representantes dos diversos segmentos da comunidade acadêmica (professores, estudantes e técnicos administrativos) e da comunidade regional; os dirigentes são professores da universidade, eleitos pela comunidade acadêmica e por representantes da comunidade regional; a forma jurídica da mantenedora é a de fundação de direito privado, de associação ou de sociedade civil; o controle administrativo e da gestão financeira é feito pela mantenedora; o patrimônio, em caso de encerramento das atividades, é destinado a uma instituição congênera. (idem, p. 279).

Das características citadas pelo autor, a escolha dos dirigentes da instituição tem sido debate permanente na UCS, uma vez que o reitor não é escolhido diretamente pela comunidade acadêmica. O entendimento é que o Conselho Diretor da FUCS, mantenedora, representa a comunidade e, portanto cabe a ele a escolha do reitor. As demais características são aplicadas também à UCS.

No debate sobre o que é Universidade Comunitária está presente a importância destas instituições junto às comunidades que abrangem, uma vez que estabelecem relações de inserção social, até mesmo porque a maioria nasceu da união de setores destas comunidades. A UCS, ao se caracterizar como uma universidade comunitária e regional estabelece relações estreitas entre grupos, como entre empresários e intelectuais, segundo Mocellin (2008, p.146):

[...] relações estreitas entre empresários e intelectuais. Tais relações se estabelecem na medida em que esses dois grupos se unem para implementar estratégias de desenvolvimento regional, tal como ocorreu quando da criação de centros tecnológico e da capacitação da mão-de-obra para a indústria. A resolução da crise institucional por que a UCS passou nos anos de 1970, também se deve a isso. Essas relações se estreitam na medida em que a UCS se define como uma

instituição regional/comunitária. Os empresários que atuam no campo empresarial e no intelectual são agentes importantes na consolidação de tais relações.

A presença de setores da comunidade foi e é constante nas relações da UCS, seja na criação de cursos isolados nas décadas de 1940/50/60, seja na fundação da universidade. Interesses de setores como igreja, entidades particulares, poder público e demais representações da sociedade caxiense e dos demais municípios que congregam as ações da UCS, se manifestam na universidade. Nesse sentido a regionalização é entendida como uma das manifestações da comunidade onde está inserida. Para Schmidt (2010, p. 27)

As universidades comunitárias regionais são uma experiência principalmente gaúcha e catarinense, embora existam algumas instituições semelhantes em outros Estados. Sua origem deve-se a capacidade das organizações da sociedade civil e do poder público local de associar-se no esforço de suprir a lacuna de educação superior nas regiões interioranas.

A participação dos setores da comunidade e a ausência de um marco legal são características das IES comunitárias. Para Paviani (2007, p. 38) a ausência de uma filosofia própria nas IES comunitárias, é outro desafio a ser superado, uma vez que, “um olhar analítico sobre essas características nos permite concluir que a universidade comunitária é uma instituição sócio-jurídica. Ela não apresenta ainda uma filosofia educacional, um estilo de gestão, fontes orçamentárias próprias, etc.”

O não esclarecimento sobre sua filosofia e seu conceito faz com que a própria comunidade acadêmica não tenha ciência sobre a instituição comunitária, bem como a comunidade externa. Dessa forma, Paviani analisa as necessidades das IES comunitárias (2007, p.39)

Depois de um período de desenvolvimento, o modelo universitário comunitário entra em crise. A crise é causada, em parte, pela evasão de estudantes, pela ociosidade das vagas e pelas dificuldades econômicas e financeiras da população de classe média e pobre. Enquanto as universidades estatais têm garantido seu funcionamento com os recursos orçamentários provenientes da União ou dos Estados (e as universidades empresariais por uma política voltada para o lucro), as universidades comunitárias, atentas aos interesses sociais e comunitários, não possuem as condições econômicas e financeiras nem das estatais nem das empresariais.

As dificuldades financeiras, a ausência de um marco legal e o não esclarecimento da filosofia e do conceito de universidade comunitária, representam desafios a serem transpostos para que seja possível a sobrevivência destas instituições que abrigam aproximadamente dois terços dos estudantes do ensino superior gaúcho. Desafios de ordem interna às instituições se fazem presentes, para Paviani podem ser enfrentados (2007, p.40)

Esses desafios podem ser enfrentados com reformas que levem em consideração, no mínimo, três aspectos básicos: a) a organização curricular; b) a estrutura e os processos de funcionamento; c) a definição de metas e prioridades. Não é possível conviver com a contradição entre uma estrutura estatal de universidade e um orçamento inteiramente de instituição comunitária.

No que diz respeito à organização curricular, o autor defende a flexibilização dos currículos, a articulação entre as disciplinas uma vez que “os currículos são meios, condições que devem facilitar a aprendizagem” (idem, p.41). A estrutura organizacional pode ser “horizontalizada e simplificada” (idem), visando processos mais ágeis que possibilitem inclusive, a visualização dos problemas e a tomada de decisões com o estabelecimento das metas a ser atingidas.

No decorrer dos debates sobre as IES comunitárias e com as mudanças ocorridas nos últimos anos no cenário econômico mundial que levaram inclusive a percepção de necessidades alternativas aos modelos tradicionais<sup>106</sup>, as instituições comunitárias podem representar uma destas alternativas. Segundo SCHMIDT (2010, p. 36)

Mais do que em momentos anteriores, talvez estejam maduras as condições para que a discussão resulte num marco legal apropriado à realidade e ao potencial das comunidades, em vista da mobilização nacional dessas instituições. As macro-condições políticas foram delineadas acima: o esgotamento dos modelos estadista e privatizante de Estado. O processo político dirá se os agentes políticos estão preparados para avançar na definição do novo modelo de Estado, que favoreça a cooperação entre os entes estatais, os da sociedade civil e as organizações privadas. E ao meio acadêmico cabe a tarefa de elucidar e aprofundar a abordagem do caráter público das instituições comunitárias.

---

<sup>106</sup> A perspectiva de economias solidárias, cooperativas, processos de produção sustentáveis tem sido cada vez mais presente na sociedade.

Sendo a universidade um espaço privilegiado de construção de relações, de saberes, de trocas, de buscas constantes, ela assume um caráter fundamental quando sua constituição contou com a participação de segmentos das comunidades onde está inserida. Pensar a constituição do ensino superior privado e comunitário simplesmente para suprir a ausência do Estado em determinadas regiões, é simplificar seu surgimento. Portanto, é necessário associar a participação das comunidades neste processo.

A associação da UCS junto a ABRUC e COMUNG reafirma a necessária revisão constitucional que venha garantir um marco legal para essas instituições que se caracterizam por serem regionais, comunitárias e que apresentam dificuldades econômicas que interferem nas gestões e atingem seus serviços.

A clareza de que o ensino superior brasileiro não apresenta uma única formatação e, conhecer outras formas de organização é premente para a busca de soluções aos problemas e para a inserção das IES no cenário atual permitindo que possam desempenhar suas funções acadêmicas e sociais.

Ser comunitária e regional torna a Universidade de Caxias do Sul uma Instituição, junto com as demais que possuem as mesmas características, que compõem um cenário possível dentro da diversidade de IES existentes no País.

## CAPÍTULO 4

### REVISTA *CHRONOS* – EXPRESSÃO DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

*O nosso tempo é aquele no/do/ para o qual vivemos, seu sentido depende de nossa presença. Ele é a inquietude de nosso próprio ser. (CHRONOS, nº1, 1967)*

A existência de uma universidade promove transformações nos contextos em que está inserida e, ao mesmo tempo, é transformada pela sociedade. Além das funções que deve desenvolver: ensino, pesquisa e extensão, a universidade necessita atualizar-se e manifestar-se constantemente junto à sua comunidade e ao espaço que ocupa. Neste sentido, as suas publicações, como as revistas, contribuem para o exercício de divulgar as produções acadêmicas e de manifestar opiniões. Para Nóvoa (1997), “a feitura de um periódico apela sempre a debates e discussões, a polêmicas e conflitos” (p.13). Portanto, obedecendo a este princípio, o uso da revista *CHRONOS* permite estabelecer relações que configuram o que e como se pensava a UCS desde o princípio.

Quando a UCS foi criada, em 1967, um grupo de professores da Faculdade de Filosofia<sup>107</sup> passou a registrar através da Revista *CHRONOS*, o que desejava como universidade, principalmente nos seus primeiros números. Ganha significado as palavras de Lopes (2010 p.144) sobre a relevância do uso de periódicos como fonte para a História da Educação, “o periódico configura-se como um dispositivo de comunicação cuja estratégia tem por fim defender os interesses da classe e assegurar seu espaço (...)”. Como representantes da classe, a reflexão será feita a partir das contribuições dos professores Jayme Paviani e José Clemente Pozenato, aqui denominados como “grupo pensante”.

Iniciando a apresentação da Revista *CHRONOS*, faço uso da edição da comemorativa aos 25 anos da universidade e também da revista, onde o professor Jayme Paviani explica seu surgimento (p.57/58)

---

<sup>107</sup> Era Diretor da Faculdade o professor Sérgio Felix Leonardelli; vice-diretor: Paulo Zugno; Coordenador Pedagógico: Jayme Paviani e Secretário: Bel. Regis Ivan Berthi.

Em 1967, ao ser criada a Universidade de Caxias do Sul por feliz convergência dos altos interesses da verdadeira vida acadêmica, também é lançado o primeiro número da Revista CHRONOS, obra de um grupo de professores de Filosofia. Não possuía ainda a Universidade prédios próprios e sólida organização estrutural; mas, com esta iniciativa editorial, erguia-se uma coluna de seu edifício, uma coluna talvez ainda frágil, porém em condições de durar além de seus aspectos físicos e materiais, pois o escrito pode testemunhar a história e refletir, até nas entrelinhas, as aspirações e as dificuldades de um momento decisivo.

São relevantes dois aspectos citados no texto, primeiro a associação entre a revista e uma coluna que sustenta a universidade e, em segundo, e não menos importante, a ideia defendida de que o texto escrito pode testemunhar a história da instituição, significando a revista.

Desta forma, a revista se reveste de importância para a busca de elementos sobre estruturas pensantes da universidade. Pois, conforme Nóvoa (1997),

(...) a imprensa é o lugar de uma afirmação em grupo e de uma permanente regulação coletiva, na medida em que “cada criador está sempre a ser julgado, seja pelo público, seja por outras revistas, seja pelos seus próprios companheiros de geração.” De fato a feitura de um periódico apela sempre a debates e discussões, a polémicas e conflitos; mesmo quando é fruto de uma vontade individual, a controvérsia não deixa de estar presente, no diálogo com os leitores, nas reivindicações junto dos poderes públicos ou nos editoriais de abertura. (1997, p.13)

Desde o início, o “grupo pensante” dialogou com o público e demonstrou preocupação com o significado<sup>108</sup> da Instituição que surgia. Com a finalidade de ampliar o debate, passou a publicar a Revista CHRONOS. Tendo presente a necessidade de tornar-se apropriada e entendível, os autores procuraram esclarecer o nome da revista. Assim, na contracapa do primeiro volume aparece a identificação e o esclarecimento sobre o nome da mesma

CHRONOS liga-se etimologicamente ao gesto de apanhar alguma coisa com a mão. É o tempo que a tudo alcança e a tudo envolve. Cada coisa tem seu tempo. Passa o tempo e nós passamos com ele. O nosso tempo é momento oportuno. O tempo humano é Kairos. É o

---

<sup>108</sup> O termo é empregado “como a possibilidade de um signo referir-se a um objeto. Os aspectos (ou condições) fundamentais do significado são dois: 1) um nome, um conceito ou uma essência, usados com a finalidade de delimitar e orientar a referência e 2) o objeto, ao qual, o nome, o conceito ou a essência se referem. Os dois aspectos são inseparáveis; o segundo é a função do primeiro porque é o nome ou o conceito que determina a que objeto se faz ou não referência”. (Dicionário de Filosofia, 2007, p. 1055)

tempo da prudência. É a medida equilibrada que damos à vida. Vida que se compromete nos sinais dos tempos.

A preocupação com o conceito de tempo foi elemento presente na publicação, em textos explicativos e conceituais procurando explicar seu significado. Mas o tempo também esteve presente como elemento de permanências e mudanças ocorridas na instituição, como o “tempo cronista”, uma vez que a publicação acompanhou vários períodos em que o tempo *passa e nós passamos com ele*.

Os objetivos da Revista foram apresentados no volume 1 e expressam a necessidade de ser um meio de diálogo e de transposição do que ocorria na universidade para a sociedade. Ressalta-se a ideia, neste momento, de estar relacionada à comunidade de Caxias do Sul, não da região

CHRONOS - revista é um gesto para unir e interpretar. É um sinal no tempo que é longo, onde a verdade acontece.

CHRONOS - revista está no momento brasileiro. Sonda a realidade em busca de caminhos.

CHRONOS - revista é a consciência da comunidade caxiense. Pretende o diálogo da cultura. É um passo da Universidade de Caxias do Sul.

O diálogo entre a CHRONOS e os dados documentais, procura estabelecer elementos para compreensão de como se pensava a universidade. A Revista CHRONOS espelha mudanças ocorridas no período abordado pelo estudo. Com o passar dos anos, novas características vão sendo agregadas à Instituição. A Revista acompanhou estas transformações e representa a única publicação que se mantém desde a criação da UCS.

A participação dos professores da Faculdade de Filosofia remete ao processo inicial das universidades, quando a Filosofia era considerada a precursora das demais ciências e exercia, portanto, influência sobre os novos pensamentos que surgiam e se contrapunham às verdades até então inalteradas. Pozenato<sup>109</sup>, explica o processo inicial do “grupo pensante” da Universidade está no curso de Filosofia, pois

Quando constituída a nova Universidade o reitor instituiu um gabinete de planejamento, para pensar toda uma política institucional. Esse

---

<sup>109</sup> Em entrevista semi-estruturada, realizada na residência do entrevistado, no dia 6 de outubro de 2010, após três meses de aposentadoria da UCS.

gabinete de planejamento era de professores da Filosofia: o Jayme Paviani foi quem coordenou, participava também Antonio Carlos Soares da Filosofia, veio um professor da URGs, Luis Pilla, que não era da Filosofia, mas que afinava bem com estas ideias. E aí outros circulavam mais ou menos próximos. Eu também. Então a concepção da universidade nasceu aí, tem origem na Faculdade de Filosofia. As outras unidades estavam voltadas à formação profissional. A Faculdade de Direito continua se pensando como Faculdade de Direito, a de Belas Artes continuou seu rumo, a de Economia e a de Administração, a de Economia, que era da Mitra. Depois se criou a de Administração também, se criou a de Engenharia Operacional, a de Medicina, todas eram faculdades profissionais.

Professores oriundos deste grupo acabaram exercendo funções administrativas ao longo da história da UCS. Para Paviani (2011)<sup>110</sup>, “esse grupo depois, com essa mentalidade, teve influência, porque muitas dessas pessoas vieram ocupar cargos na Instituição, então tiveram algumas influências”. Destacando, desta forma, a permanência do “grupo pensante” da Universidade.

Os dois professores selecionados correspondem, neste estudo, ao intelectual proposto por Bobbio (1997, p. 119)

Toda a sociedade em qualquer época teve os seus intelectuais, ou mais precisamente um grupo mais ou menos extenso de indivíduos que exerce o poder espiritual ou ideológico contraposto ao poder temporal ou político, isto é, um grupo de indivíduos que corresponde, pela função que desempenha àqueles que hoje chamamos de intelectuais.

As funções desempenhadas pelos dois professores na Universidade, na revista CHRONOS, as suas publicações, bem como a atuação nas diversas esferas acadêmicas, caracterizam a função de intelectuais na Universidade. Suas ações significam, nas palavras de Bobbio (1997, p. 11)

Embora com nomes diversos os intelectuais sempre existiram pois sempre existiu em todas as sociedades, ao lado do poder econômico e do poder político, o poder ideológico, que se exerce não sobre os corpos como poder político, jamais separado do poder militar, não sobre a posse de bens materiais, dos quais se necessita para viver e sobreviver. Como o poder econômico, mas sobre as mentes pela produção e transmissão de ideias, de símbolos, de visões do mundo, de ensinamentos práticos, mediante o uso da palavra (o poder ideológico é extremamente dependente da natureza do homem como animal falante). Toda a sociedade tem os seus detentores do poder ideológico, cuja função muda de sociedade para sociedade, de época

<sup>110</sup> Em entrevista semi-estruturada realizada em 21 de março de 2011, na sala dos Professores do Bloco E, da Universidade de Caxias do Sul.

para época, cambiantes sendo também as relações, ora de contraposição, ora de aliança, que eles mantêm com os demais poderes.

A produção escrita como ferramenta de análise deste estudo é traduzida pela contribuição dos professores na Revista CHRONOS, que permite perceber as mutações, o distanciamento em determinados momentos e também a aproximação, *aliança com os demais poderes*, neste caso da universidade.

Através do exame do periódico, é possível perceber que o grupo de professores manteve certa estabilidade, mesmo que alguns tenham sido substituídos. Destaca-se no quadro abaixo a relação dos dois professores que mais atuaram na Revista CHRONOS e entrevistados para a realização deste trabalho, Professores Jayme Paviani e José Clemente Pozenato.

Quadro 42 - Professores Jayme Paviani e José Clemente Pozenato na Revista CHRONOS e na UCS (1967 – 2007)

<b>Chronos Nº/Ano</b>	<b>Jayme Paviani</b>	<b>José Clemente Pozenato</b>
1 (1967)	Coordenador Pedagógico da Faculdade de Filosofia Texto: Introdução ao Pensamento de John Dewey	Texto: A crítica da religião
2(1968)	Texto: Perspectivas para uma filosofia da arte	Texto: Dois conceitos em literatura
3(1970)	Diretor da Revista Texto: Perspectiva para uma filosofia da arte	
4(1971)	Diretor da Revista Texto: As ciências que estudam a obra de arte	
5(1973)	Diretor da Revista Texto: Esboço de elaboração de um conceito de universidade	Texto: Machado de Assis e o sentido da universidade Comissão Redação
6(1974)	Diretor da Revista Texto: Breve apresentação da atual estrutura da UCS	Texto: Reflexões sobre a crise epistemológica atual
7(1975)	Secretário de Planejamento Diretor da Revista	
8(1976)	Secretário de Planejamento Texto: Kant e os fundamentos do direito Internacional Público	
9(1977)	Diretor da Revista Secretário de Planejamento	
10(1977)	Diretor da Revista, Secretário de Planejamento	Texto: O romance: um esquema didático
11(1977)	Diretor da Revista, Secretário de Planejamento	
12(1978)	Diretor da Revista, Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa	
13(1979)	Diretor da Revista	
14(1980)	Editor Responsável	Texto: Jorge Lima e a modernidade
15(1980)	Editor Responsável	
16(1981)	Editor Responsável	
17(1981)	Editor Responsável Texto: A prática da educação e a reflexão crítica	
18(1981)	Editor Responsável Diretor da Revista	
19(1981)	Editor Responsável	
20(1980)	Texto: O objeto estético e suas propriedades	Texto: O estudo de Letras no Brasil
21(1986)	Assessoria de Coordenação e Planejamento	
22(1989)	Vice-Reitor	Texto: Sem arrumação Conselho Editorial
22 jul/dez (1989)	Vice-Reitor	
23 jan/jun (1990)		Assessor de Coordenação e Planejamento
23 jul/dez(1990)		
24 jan/jun(1991)	Conselho Editorial	Texto: Rimas de Petrarca Assessor de Coordenação e Planejamento
24 jul/dez(1991)	Conselho Editorial	Texto: O escritor latino-americano

		Assessor de Coordenação e Planejamento
25 jan/dez(1992)	Conselho Editorial Texto: História da Revista CHRONOS	Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional
26 jan/dez(1993)	Coordenador Editorial Comissão de redação Texto: O método e os modos básicos de conhecer	Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional
27 jan/dez(1994)	Coordenador/Editor Comissão de redação	Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional
28 jan/jun(1995)	Coordenador/Editor Comissão de Redação	Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional
28 jul/dez(1995)	Coordenador/Editor Comissão de Redação	Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional
29 jan/jun(1996)	Coordenador/Editor Comissão de Redação	Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional
29 jul/dez(1996)	Coordenador/Editor	Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional
30 jan/jun(1997)	Coordenador/Editor Texto: Processo de avaliação e juízo reflexivo: a busca de critérios na sociabilidade humana	Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional
30 jul/dez(1997)	Coordenador/Editor	
31 jan/jun(1998)	Coordenador	
31 jul/dez(1998)	Coordenador	
32 jan/dez(1999)	Coordenador Texto: Humanismo latino na cultura brasileira	
33 jan/jun(2000)	Coordenador	
33 jul/dez(2000)	Coordenador	
34 jan/jun(2007)	Comitê Editorial Texto: Os desafios da universidade comunitária	Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa

Fonte: revista CHRONOS (1967 – 2007)

Os textos do professor José Clemente Pozenato versaram sobre sua área de atuação, Letras. Em 22 dos 34 números publicados, o professor não teve participação, porém ressalta-se seu envolvimento em cargos de gestão como: Assessor de Coordenação e Planejamento, Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional, Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa, cargos relativos a decisões relacionadas à UCS. Também foi professor e pesquisador na instituição. Desta forma, a aproximação se dá em consonância com os dizeres de Bobbio (1997) sobre a produção intelectual, as funções e aproximações com esferas do poder.

O quadro permite constatar a produção do professor Jayme Paviani, sendo que, dos 34 volumes publicados, 14 possuem textos seus, destes 4 referem-se diretamente à Universidade e os demais à Educação e Filosofia. Apenas no ano de 1990 o professor não teve participação na revista CHRONOS. No ano de 1980, foi Vice-Reitor da UCS, exerceu também os

cargos de Secretário de Planejamento da Universidade, Assessor de Coordenação e Planejamento. Na CHRONOS foi diretor da Revista, editor responsável, pertenceu ao conselho editorial, à comissão de redação e ao comitê editorial. Sua atuação permite considerá-lo um intelectual exercendo funções de produção e de gestão, em alguns momentos, mais próximo das instâncias decisórias e em outros, mais afastado.

A participação mais significativa dos dois professores ocorreu nos volumes iniciais, mas foi também presente em outros números. Daí o entendimento proposto por Nóvoa (1997, p.11)

A análise da imprensa permite apreender discursos que articulam práticas e teorias, que se situam no nível *macro* do sistema mas também no plano *micro* da experiência concreta, que exprimem desejos de futuro ao mesmo tempo que denunciam situações do presente. Trata-se, por isso, de um *corpus* essencial para a história da educação, mas também para a criação de uma outra cultura pedagógica.

Articulando os pensares e as ações dos professores com a afirmação acima, as ideias do plano micro, representadas na CHRONOS, foram irradiadas para esfera do macro, a universidade. Novamente a imagem do “núcleo” se faz presente, isto é, o micro expande para o macro, que é amparado pelas ideias.

Toda a produção, seja visual, cinematográfica ou escrita, obedece a alguns parâmetros e desejos, seja de seus produtores ou daqueles a quem está endereçada. Neste momento, é importante relacionar o endereçamento da produção cinematográfica com a produção da revista CHRONOS, considerando os diversos espaços, colaboradores e tempos em que foi publicada. Segundo Ellsworth (2001, p. 47):

O modo de endereçamento consiste na diferença entre o que poderia ser dito – tudo o que é histórica e culturalmente possível – e inteligível de se dizer – e o que é dito. É aqui e dessa forma que o modo de endereçamento excede as fronteiras do próprio texto do filme e extravasa para as conjunturas históricas da produção e da recepção do filme. O modo de endereçamento envolve história e público e expectativa e desejo.

A autora propõe aproximação entre endereçamento cinematográfico e educação, eu proponho pensar a publicação da Revista CHRONOS a partir do

que a autora chama de público, expectativa e desejos de seus colaboradores e do público a quem ela é dirigida, a comunidade interna e externa da universidade. Como cada ação e texto traduzem o contexto; Ellsworth (2001, p.62) afirma

Mesmo quando os professores estão se endereçando aos estudantes com uma atitude, ou com um tom de voz “neutro”, sem qualquer referência às (ou ao aproveitamento das) fissuras entre textos e leitores, os termos de seu endereçamento tentam “colocar” os estudantes no interior de relações de conhecimento, desejo e poder.

É neste contexto que ocorre a aproximação entre a Revista CHRONOS, a educação e o público a que se destina, envolvendo a todos no processo de forma direta ou indireta na medida em que permite múltiplas interpretações a partir do que é publicado. Referindo ao que é publicado e sem fazer uma aprofundada análise de todos os números da revista, buscarei a aproximação entre os textos, os desejos e os contextos, estabelecendo o entendimento sobre a concepção de universidade a partir da publicação. De acordo com BASTOS (1997, p.49)

A imprensa pedagógica – jornais, boletins, revistas, magazines, feita por professores para professores, feita para alunos por seus pares ou professores; feita pelo Estado ou outras instituições como sindicatos, partidos políticos, associações de classe, Igreja – contém e oferece muitas perspectivas para a compreensão da história da educação e do ensino.(...)

Para isso apresento algumas características que tipificam a CHRONOS. Através da análise dos volumes dos anos de: 1967, 1968, 1969, 1971, 1973, 1974, 1975, 1992, 1999, 2007 busco fazer emergir as ideias que se referem à universidade e mais especificamente à UCS, como foi pensada e como estas ideias foram sendo mimetizadas ao longo do tempo, dentro de um contexto pautado por mudanças legais, estruturais, sociais que levaram à sua constituição mais recente. A seleção é justificada pelo fato de ter primado pelas publicações que significavam a preocupação com o “pensar e o construir” a universidade através de seu “grupo pensante”. Por isso, volumes não possuem abordagem específica.

Os números 14(1980), 22(1989) e 34(2007) trazem as alterações nos perfis da publicação. Alterações que atendem ao contexto e também às

necessidades de adequação da produção. Primeiramente era reflexiva, depois de cunho mais acadêmico e, finalmente, se propôs a ser uma divulgadora de informações sobre a Universidade.

A análise desenvolvida é embasada em Nóvoa (1997), e adaptada aos critérios escolhidos para serem observados: nome e pertencimento da Revista CHRONOS, data de publicação.

Quadro 43- Revista CHRONOS: volumes, ano, filiação

<b>Volume</b>	<b>Ano</b>	<b>Pertencimento</b>
Volume1 nº 1	Janeiro/1967	Revista da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras
Volume2 nº 2	Janeiro1968	Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Caxias do Sul
Suplemento Chronos 1	1969	Universidade de Caxias do Sul Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Subsídios para um estudo do mercado de trabalho do magistério do ensino médio Região Nordeste do RS”
Volume 3 nº3	Janeiro/1970	Revista do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Caxias do Sul
Ano IV nº4	1971	Revista do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Caxias do Sul
Ano V nº5	1973	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Ano VI nº6	1974	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Ano VII nº7	1975	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Ano VIII nº8	1976	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Ano IX nº9	Maio/1977	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Ano VIII nº10	Agosto/1977	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Ano VIII nº11	Dezembro 1977	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Ano IX nº 12	Dezembro 1978	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Ano X nº 13	1979	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Número 14	Agosto/1980	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Número 15	Dezembro 1980	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Número 16	Março/1981	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Ano 15 nº 17	Maio/1981	CHRONOS
Ano 15 nº18	Agosto/1981	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Ano 15 nº19	Dez/1981	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Número 20	Março/1980	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Número 21	Abril/1986	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Nº 22 Volume 1	Jan-Jun/1989	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Nº 22 Volume 2	Jul-Dez/1989	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Nº 23 Volume 1	Jan-Jun/1990	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Nº 23 Volume 2	Jul-Dez/1990	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Volume 24 nº 1	Jan-Jun/1991	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Volume 24 nº 2	Jul-Dez/1991	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Volume 25 nº 1 e 2	Jan-Dez/1992	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Volume 26	Jan-Dez/1993	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Volume 27	Jan-Dez/1994	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Volume 28	Jan-Jun/1995	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Volume 28	Jul-Dez/1995	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Número 29	Jan-Jun/1996	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Volume 29	Jul-Dez/1996	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Volume 30	Jan-Jun/1997	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Volume 30	Jul-Dez/1997	Revista da Universidade de Caxias do Sul

Volume 31	Jan-Jun/1998	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Volume 31	Jul-Dez/1998	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Volume 32	Jan-Dez/1999	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Volume 33	Jan-Jun/2000	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Volume 33	Jul-Dez/2000	Revista da Universidade de Caxias do Sul
Volume 34	Jan-Jun/ 2007	Não está escrito Revista da UCS

Os critérios de tempo e espaço, bem como filiação permitiram a percepção de que a revista não teve uma publicação periódica, dependendo de fatores como: recursos financeiros, material para publicação, a alteração entre os responsáveis pela publicação.

A CHRONOS não foi uma publicação periódica e sofreu alteração da filiação, pois foi inicialmente tida como uma realização da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, no período de 1967 até 1969, e, com a criação do Instituto de Ciências Humanas, passou a pertencer a este nos anos de 1970 e 1971. A partir de 1973, denominou-se Revista da Universidade de Caxias do Sul, sendo que em alguns volumes, a capa apresenta apenas o nome da Revista. Sobre alterações sofridas pela Revista, esclarece Paviani (1992, p. 61)

Depois de dividir a responsabilidade pela CHRONOS com o Prof. Paulo Zugno, em relação aos três primeiros números – 1967, 1968 e 1970 - assumi a direção até 1980, sempre com o máximo de empenho pessoal e com “amadorismo” de quem faz um trabalho sem remuneração. Em 1971, com a reforma estrutural da Universidade de Caxias do sul, a CHRONOS passa a ser revista do Instituto de Ciências Humanas. Em 1973, o Reitor Airton Santos Vargas, depois de uma entrevista na qual narrei passo a passo a curta história da CHRONOS, determinou a continuidade da Revista, pediu-me que me responsabilizasse pela sua edição.

Mesmo sendo, a partir do número cinco, a Revista da Universidade, as dificuldades para manter a publicação foram permanentes, sendo que algumas vezes deviam-se a falta de trabalhos para serem publicados. “Muitas vezes números deixaram de sair e outras vezes atrasaram, por falta, simplesmente de artigos, ensaios e resenhas” (Paviani, idem).

Exemplo das dificuldades é que o quinto volume, 1973, foi editado após dois anos da publicação do quarto<sup>111</sup>, e apresentou temas de áreas diversas<sup>112</sup>.

<sup>111</sup> Diretor: Prof. Jayme Paviani. Direção e Administração: Reitoria da Universidade de Caxias do Sul. Comissão de Redação: Prof. Guy Paulo Bisi, Prof. José Clemente Pozenato, Profa. Cleodes M. P. Júlio Ribeiro.

<sup>112</sup> Motores Rotativos de combustão interna, por Roberto Bressiani; Embolectomias escrito por Vicente G. Gallicchio; Perspectivas de desenvolvimento econômico do Brasil em relação ao

Inicia com “Apresentação” feita pelo então reitor da UCS, Airton Santos Vargas. É importante transcrever o primeiro parágrafo, pois explica a permanência da revista:

É com satisfação que após uma pausa de dois anos podemos apresentar novamente a revista CHRONOS. Nela os professores universitários, de todas as áreas do conhecimento, têm um meio de publicar pesquisas, ensaios, artigos e comunicações que ofereçam interesse científico, cultural e social. A publicação da revista universitária trata-se de uma necessidade. A Universidade tem a tarefa de publicar e divulgar o que nela se produz em termos de investigação filosófica e científica.

Esta manifestação do reitor, na apresentação do volume, assinala a necessidade de reestruturação administrativa e financeira da universidade, uma vez que passava pela sua primeira crise, logo, salienta que a universidade possui na Revista CHRONOS um meio de divulgação do que nela se produz, estabelecendo vínculos com a sociedade e com a produção de conhecimento.

A análise dos números da Revista e a observância das publicações permitiram a criação de categorias acerca dos títulos mais presentes: Universidade, UCS, Educação, Filosofia, área de Humanas, outras áreas, sessão de notícias. As categorias adotadas referem-se primeiramente ao estabelecimento de relação com o tema deste estudo: à UCS, que teve 11 textos a ela dedicados; universidade (8); educação (12), foram escolhidas por estarem intrinsecamente relacionadas ao tema, de forma direta ou indireta quando são publicados textos sobre métodos, didáticas, conteúdos; Filosofia foi tema em 11 textos, sua seleção diz respeito ao fato de os professores do denominado “grupo pensante” serem da faculdade de Filosofia. A área de humanas, por representar a associação constante com o grupo de professores que criaram a CHRONOS e também pensaram a universidade, foi tema de 22 textos; as outras áreas foram contempladas com 16 textos, sendo os mais representados: saúde (6), exatas (5), ciências jurídicas (2).

Do levantamento feito, depreende-se que o tema principal, Universidade de Caxias do Sul, quando associado aos temas universidade e educação

---

resto do mundo de Ennio Cruz da Costa; Tempo e espaço na cultura Maio de Guy Paulo Bisi; A linguagem da nova música por Lino Casagrande; Machado de Assis e o sentido da universalidade de José Clemente Pozenato; Cecília ou a proximidade essencial das coisas de Cleodes M. p. Júlio Ribeiro.

representa a maioria dos textos do periódico, justificando desta forma a escolha como documento para o estudo.

Os professores, Jayme Paviani e José Clemente Pozenato sempre estiveram envolvidos com a publicação seja colaborando com textos ou em cargos diretivos da revista e da própria instituição. Assim o diálogo com a revista se estabelece como forma de interpretação da Universidade.

As seções da CHRONOS também passaram por mudanças. Nos três primeiros volumes, além dos textos, havia a seção de notícias sobre a história da UCS, da Faculdade de Filosofia e de eventos. Nos dois primeiros havia uma seção com resenhas sobre livros. Os demais volumes possuíam apenas os textos até que no último volume publicado, nova alteração com: editorial, documentos, artigos, arquivo (com os discursos de Dom Benedito Zorzi, Hermes Weber e Virvi Ramos) e cronologia com os primeiros passos da UCS.

A seção notícias apresenta a Faculdade de Filosofia sob o título “Breve Esboço Histórico” através do decreto de criação da faculdade e do seu reconhecimento oficial, com falas de Dom Benedito Zorzi que reafirmada a presença da Mitra Diocesana na organização do ensino superior em Caxias do Sul

Após diligente trabalho de organização foi fundada, a 8 de julho de 1959, a então nomeada Faculdade de Filosofia de Caxias do sul, sob a égide da Entidade Mantenedora, consubstanciada na Mitra Diocesana.(...) Já em 8 de maio de 1956, também sob a iniciativa da Mitra Diocesana, havia sido fundado o primeiro estabelecimento de ensino superior com que contou a cidade. Com efeito, concretizara-se a Faculdade de Ciências Econômicas, realização de há muito almejada e que inaugurou uma nova era de cultura e aprimoramento para Caxias do Sul.(1967, p.75)

O espaço “Livros” apresenta sugestões de livros de Filosofia. Com estes espaços fica presente a disposição e vontade de fazer com que a publicação alcance sua função acadêmica e, ao mesmo tempo, social, voltada ao público também não acadêmico.

As alterações se deram, também, na forma de apresentar os textos. A Revista CHRONOS número 8, ano VIII<sup>113</sup>, de 1976 apresenta alteração na sua formatação: o sumário está na capa e também no seu interior. A contracapa

---

<sup>113</sup> Neste volume há a predominância de textos relacionados à área do Direito, com a colaboração de professores deste curso e do curso de Filosofia.

traz um texto de Hegel extraído dos “Princípios da Filosofia do Direito”. Internamente apresenta as ações que estavam relacionadas ao ciclo básico.

Outra característica presente em alguns volumes era a divulgação dos gestores e cargos administrativos, como na revista de dezembro de 1978, nº 12, informa sobre a composição administrativa da UCS e a manutenção do professor Jayme Paviani como Diretor da CHRONOS. Na contracapa há um trecho de Santo Tomás de Aquino da “Súmula Contra os Gentios” e, na capa, a relação dos assuntos a serem abordados, repetidos no sumário<sup>114</sup>. Os Registros, antes denominados “notícias”, apontam a homenagem prestada pelo reitor da UCS a Dom Benedito Zorzi pelo jubileu de prata como Bispo da Diocese de Caxias do Sul. Relaciona também os professores que, em 1978, obtiveram título de mestres, e o 2º Encontro Estadual e 1º Encontro Regional do 1º Ciclo, além de outros eventos realizados<sup>115</sup>.

O professor Normelio Zanotto, coordenador da editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS), fez a apresentação do volume 22, número 1 de janeiro a junho de 1989<sup>116</sup>, demarcando a nova formatação da revista e de suas publicações, esclarece (p.3)

Nesses vinte e dois anos de existência, foram publicados 21 números, alguns com artigos sobre diversas áreas, outros com temática única. Não houve periodicidade definida. O último número é de 1986. Respeitando as edições anteriores, esta passa a ser o Volume 22, Número 1, com duas edições por ano.

<sup>114</sup> “À procura da tradição Greco-Romana” de Antônio C. K. Soares; “A fantástica metafísica do super-homem” de Décio Osmar Bombassaro; “Considerações acerca da imagem poética” de Neires Maria Soldatelli Paviani; “Estudo do prelúdio e fuga em dó maior de J.J. Bach” de Maurien Argia Chiarello Gauer; “Estudo da III Estação da Via Sacra de Aldo Locatelli” por Kenia Maria Menegotto Pozenato; “O sentido do desenvolvimento” de Marília Martha Kuhn; “A Arte e a Busca da Realidade” por Naira Soares Plentz.

<sup>115</sup> Da mesma forma que no número anterior, a capa da revista número 13, ano X, de 1979<sup>115</sup> apresenta os temas abordados e a contracapa traz citações de Karl Popper. A administração universitária estava composta por: Reitor: Abrelino Vicente Vazatta; vice-reitor: Azyr Nehma Simão; Pró-reitora de graduação: Liane Beatriz Moretto Ribeiro; pró-reitor de Extensão e Relações Universitárias: Ruy Pauletti; Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Ary Nicodemo Trentin. O professor Ubiratan D’Ambrósio escreveu: “Algumas Tendências no Ensino de Ciências”; a professora Magda Elisabete Scotta contribuiu com o texto “A Expressão Poética na obra Onze Horas Úmidas”; “Atitudes como Expressão de Valores” de Marília Martha Kuhn, o professor Seno A. Cornely escreveu “Comunidade e Habitação”. Inclui o volume discurso proferido pelo professor Jayme Paviani ao Pe. Plínio Bartelle, primeiro Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UCS, por ocasião da entrega do título de Professor Emérito em 20.11.1979.

<sup>116</sup> O volume anterior foi publicado três anos antes, 1986.

Anuncia que serão publicados textos, artigos, comunicações, resenhas, notícias bibliográficas, produções literárias e o objetivo “é a publicação de matéria de caráter científico, cultural, técnico, literário, informativo e bibliográfico”. Conclui afirmando que tem por meta ser uma revista de alto nível acadêmico e que conta com o apoio do reitor da universidade, professor João Luiz Morais. Obedecendo aos critérios estabelecidos, o volume 23, número 2, de julho a dezembro de 1990, apresenta os temas em forma de artigos, relacionados a todas as áreas do conhecimento, mais textos e comunicações, espaço literário, resenha. Esse é o volume que apresenta maior número de textos, nenhum é relacionado ao tema universidade.

A apresentação da revista sofreu alteração também em 1994, quando a capa do volume 27, números 1 e 2, volta a trazer o sumário e não a temática da revista e a contra capa, a relação dos responsáveis pela CHRONOS e pela administração da universidade. O “editorial” foi escrito pelo coordenador/editor que anuncia que o número é dedicado ao tema “Ciência, Universidade e Sociedade”, onde afirma: “é o resultado parcial da produção científica de uma disciplina ministrada no Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) do acordo UFCar-UCS”.

Dados sobre as características físicas da revista demonstram o desejo, desde o início, de que, através de uma publicação de custos não elevados, fosse garantido o acesso a uma publicação acadêmica de relevância para a comunidade. Conforme relata Paviani (1992, p.58/59)<sup>117</sup>

Segundo o Livro de Atas, no dia 18 de abril de 1966, a reunião concentra-se na criação de uma revista de filosofia. No registro sucinto, aparece o título provisório: Revista de Pesquisa ou Revista de Estudos de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, com a ressalva de que deveria ter uma direção autônoma. O custo seria coberto por assinaturas e publicidade. Seriam publicados quatro números anuais: março, junho, setembro e dezembro, com a assinatura anual de Cr\$ 5.000,00.

Na reunião seguinte, em 2 de maio de 1966, a realidade sobre os custos para a publicação da revista fizeram o grupo rever algumas proposições, sendo que optaram por publicar em Caxias do Sul, descartando a possibilidade de

---

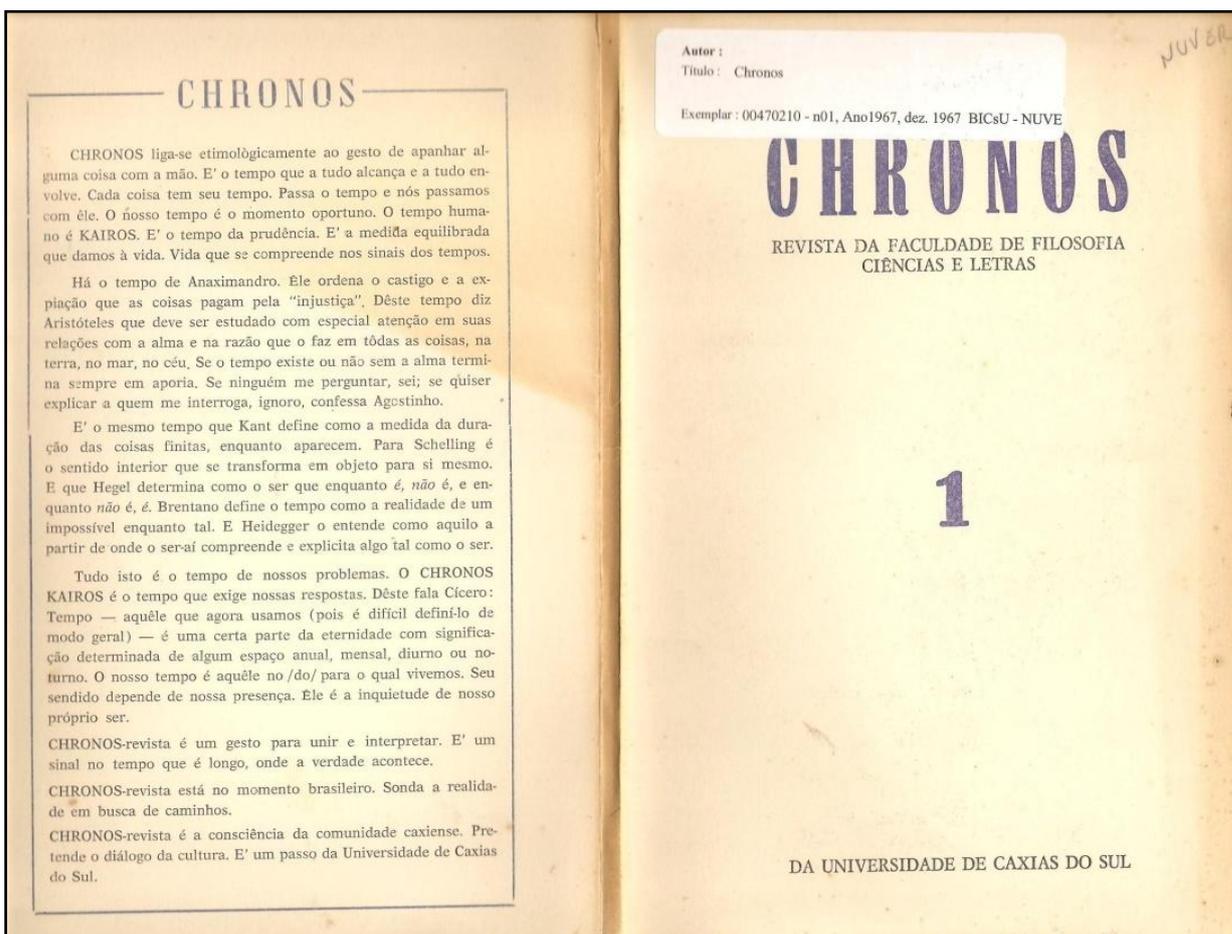
<sup>117</sup> “o Tempo consagra a CHRONOS”. Volume 25, n 1 e n2, jan.-dez. 1992. Volume comemorativo dos 25 anos da UCS, intitulado Trabalho e conquistas, 25 anos da Universidade de Caxias do Sul.

fazer uso do serviço de gráficas em Porto Alegre. Na semana seguinte, a determinação em realizar a revista, levou à realização de nova reunião, conforme relata Paviani (1992,59)

Mesmo diante das dificuldades de viabilização financeira da revista, seu conteúdo era tratado com rapidez e determinação. Por isso, na semana após a segunda reunião, no dia 9 de maio, reuniu-se o Departamento para a leitura dos primeiros trabalhos. Ernildo Stein, Antônio Carlos Kroeff Soares e Jayme Paviani. Também foi comunicado que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras estava estudando a possibilidade de apoiar financeiramente a revista.

A apresentação da revista obedeceu, até o volume 33, a mesma formatação, ou seja, tamanho padrão: 21 cm de comprimento e 14 cm de largura, impressão simples.

Figura 15 - Apresentação da capa e contracapa do Volume 1 da Revista CHRONOS



A simplicidade do material utilizado na confecção da CHRONOS confirma as dificuldades apresentadas. No entanto, a sua permanência sinaliza sua importância que apresenta 34 volumes publicados.

O último volume, número 34, teve um formato diferenciado: 28 cm de comprimento por 19 cm de largura, capa dura contendo o nome da revista, volume 34, número 1, data: jan./jun. 2007 e uma imagem de vitrais e na contracapa um breve esclarecimento sobre a nova identidade da revista,

A revista CHRONOS chega aos 40 anos reformulada. Não mais uma revista científica, mas órgão de divulgação cultural e científica sobre temas da universidade em geral e da UCS em particular. A ideia é abranger as reflexões sobre a Instituição e o papel de uma universidade, em um diálogo aberto às lideranças regionais e de outras universidades brasileiras ou do exterior.

Durante os anos de 1980 e 1990, foram publicados temas voltados aos acontecimentos mundiais e também às datas comemorativas. Exemplo foi quando o professor Jayme Paviani, na qualidade de editor responsável da revista junto com o professor Ary Nicodemos Trentin, abre a revista que comemora 14 anos de existência da CHRONOS. Ao se referir às publicações anteriores, assinala que foram fruto da iniciativa de alguns professores e que “se nem sempre os trabalhos publicados foram exemplares quanto às suas qualidades ditas científicas, sempre refletiram o esforço e o crescimento de uma Universidade nova”. Esclarece que, a partir deste número, a CHRONOS deseja ser um órgão de divulgação dos “trabalhos de pesquisa, ensaios, experiências pedagógicas e didáticas, etc., de todos os professores da UCS”.

Com o tema de capa “Integração Latino-Americana” e os títulos dos artigos na contracapa, o número dois do ano de 1991, volume 24, de julho a dezembro de 1991, trouxe uma proposta relacionada ao contexto latino-americano<sup>118</sup>. A revista apresenta, novamente, editorial o qual foi escrito pela coordenadora da EDUCS, Fátima Jeanette Martinato, que aproveita o espaço para retomar a importância e a relação existente entre a revista e sua divulgação,

---

<sup>118</sup> Artigos: “O Bem-estar e a Integração da América-Latina” de Jorge Gilberto Krüg; “MERCOSUL- Uma Tentativa de Integração” de Maria Conceição Abel Missel Machado. Na seção textos e comunicações também há duas contribuições: “Reflorestamento, Solo e Recursos Naturais Hídricos no Cone Sul” de Leo Seger e Anarisa Fátima Carminatti; “Notas Sobre o Processo de Integração do Cone Sul” por Hoyêdo Nunes Lins. O espaço literário foi ocupado por José Clemente Pozenato com o texto “O escritor latino americano”.

Ciente da necessidade de manter espaços para que o termo “publicar” atinja praticamente o seu significado, a EDUCS, em sua política editorial, além de estar aberta à comunidade, incentiva a produção do conhecimento através da manutenção da Revista CHRONOS, que possibilita a divulgação de ideias acerca de uma temática contemporânea à qual todos, mesmo que a nível jornalístico, tenham acesso e possam refletir.

Obedecendo à característica de publicações que abordam datas comemorativas da Universidade, no ano das comemorações dos 120 anos da Imigração italiana, foi publicado o volume 29, número 1, de janeiro a junho de 1996. Assim define a publicação, Paviani (1996, p.5)

Os trabalhos apresentados resultam de projetos de pesquisa e do esforço de preservação da memória documental e cultural da imigração italiana. Marcam uma nova etapa em relação ao fenômeno da imigração. As fases comprometidas emocionalmente com o tema já passaram. O objeto de estudos não é apenas o imigrante e seu mundo, vistos como algo isolado. Observa-se agora o distanciamento do pesquisador diante do objeto, para permitir que a consciência do pesquisador imigrante se torne também objeto de investigação. Em vista disto, estão, agora mais do que nunca, sendo criadas condições para uma teoria da imigração italiana, para uma reflexão crítica.

Uma série de publicações voltadas a determinadas áreas do conhecimento, passam a contemplar o crescimento da instituição em número de alunos, professores e de cursos de graduação<sup>119</sup>. Buscando a aproximação da produção acadêmica com os cursos específicos, a revista passou a publicar números temáticos, abandonando o caráter indisciplinar anterior. A partir 1981, a CHRONOS passa a ser um órgão de divulgação dos “trabalhos de pesquisa, ensaios, experiências pedagógicas e didáticas, etc., de todos os professores da UCS”. Ao apresentar o número explica que é dedicado à área de Letras (1981, p.1)

Oferece ao leitor três perspectivas básicas de interesse: primeiro: mostra a necessidade de elaboração da nossa cultura real, substancial, nos artigos “Cultura, civiltà di Venezia” do professor Feliciano Benvenuti, reitor da Universidade de Veneza, Itália e “Nanetto Pipetta, do texto escrito à história oral” da profa. Cleudes Maria Piazza Júlio Ribeiro; segundo: reitera a necessidade da pesquisa e da reflexão sobre os grandes valores da literatura brasileira, nos artigos “Jorge de Lima e a Modernidade” do prof.

<sup>119</sup> Dedicado à área da saúde, a publicação de dezembro de 1980, número 15, traz na contracapa extrato de texto de Rousseau, e, também na capa a relação dos artigos e seus autores, todos professores do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

José Clemente Pozenato e “A Lírica Cramática de Murilo Mendes” do prof. Ary Nicodemos Trentin; terceiro: o interesse didático, tornando acessível, sem maiores pretensões, o contato com os autores e os teóricos da literatura, nos artigos “Sugestão Didática para Análise do Poema” da Profa. Lisana Bertussi e “O desenlace nos contos de Carlos Carvalho” da profa. Neires Maria Soldatelli Paviani, bem como nas resenhas bibliográficas elaboradas pela profa. Lígia Cademartori Magalhães.

Trabalhos das áreas de Lógica, Matemática e Estética<sup>120</sup> foram divulgados pela CHRONOS, de março de 1981, ano 15, que inaugura uma tentativa de textos interdisciplinares com a colaboração de professores do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia e do Centro de Ciências Humanas e Artes, contando também com a colaboração de um professor da Universidade de Santa Maria.

Dedicada a temas referentes à Educação, o professor Ary N. Trentin, assim explica a publicação do número 17, ano 15, de maio de 1981, na “Apresentação”

A necessidade de pensar a educação é permanente, como também as transformações da realidade. Refletir, relatar as experiências, oferecer pontos de vista para o debate, além de natural, é uma necessidade e quase um dever daqueles que se dedicam às atividades educacionais.

A revista CHRONOS apresenta neste número, sem nenhuma pretensão de uma rigorosa contribuição científica, alguns trabalhos de professores e alunos desta Universidade. A leitura, a crítica, o debate são os objetivos básicos que se quer alcançar.

No volume 22, número 2, de julho a dezembro de 1989, a apresentação foi feita, novamente, pelo professor Normelio que explica a publicação, (p. 83)

Essas diversas áreas estão presentes através de artigos sobre educação, história, medicina, filosofia, arte, educação física, biotecnologia e áreas adjacentes, que dão à revista dimensão e riqueza de abordagens que suscitam interesse aos diversos segmentos de atuação universitária. Os trabalhos estão distribuídos nas quatro seções que estruturam a CHRONOS, que são: “artigos”, com textos de maior extensão e profundidade; “textos e comunicações”, com matérias mais rápidas; “espaço literário”, que veicula criações de caráter ficcional: contos, crônicas e poesias, e, finalmente, “resenhas e notícias bibliográficas”, destinadas a sumular livros, teses, e a divulgar a produção bibliográfica e editorial que mereça destaque.

<sup>120</sup> Artigos “Sobre a necessidade de uma extensão para o Teorema de Fubini” da profa. Circe Mary Silva da Silva; “Silogística assertória simples e algumas de suas ampliações” do prof. Antônio Carlos Kroeff Soares; “Describir y valorar (una reconsideración del comportamiento de las oraciones valorativas dentro de La critica literária)” do professor Júlio Cabrera Alvarez.

Neste número não mais há a participação do professor José Clemente Pozenato no Conselho Editorial<sup>121</sup>, logo, do “grupo pensante” da UCS através da CHRONOS, permaneceu o professor Jayme Paviani na atuação como vice-reitor.

Sob nova composição administrativa<sup>122</sup>, na universidade e também no Conselho Editorial da EDUCS<sup>123</sup>, o volume 23, número 1, de janeiro a junho de 1990, continuou com seu caráter multidisciplinar e sua estrutura em: Artigos, Textos e Comunicações, Espaço Literário, Resenhas e Notícias Bibliográficas.

Através dos nomes citados, tanto na composição administrativa da reitoria quanto do conselho editorial, percebe-se que houve mudanças de funções, como o retorno do professor José Clemente Pozenato. Desta forma, o “grupo pensante” da UCS permanecia atuante, obedecendo às novas necessidades da universidade e ao contexto. Assim, é possível entrelaçar a presença dos autores na Revista CHRONOS e na UCS com o pensar e o construir da universidade, uma vez que a revista vincula ideias sobre a UCS através da construção de discursos abordam a instituição e também a produção nela desenvolvida.

Para maior contextualização, opto por fazer observações de alguns textos e de alguns volumes, sendo que os relacionados com o tema universidade e educação merecem maior destaque, pois traduzem aspectos de como se pensava a universidade e transformações nela ocorridas.

---

<sup>121</sup> Conselho Editorial: Normelio Zanotto (presidente); Mára Zeni Andrade; Paulo Luiz Zugno; Sérgio Luiz Oliveira de Freitas; Renato Luiz Cavion.

<sup>122</sup> Reitor: Prof. Ruy Pauletti; vice-reitor: Prof. Dr. Celso Piccoli Coelho; Pró-Reitora de Graduação: Profa. Liane Beatriz Moretto Ribeiro; Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Prof. Luiz Antônio Rizzon; Pró-Reitor Administrativo: Prof. Ernesto José Dallegrave; Pró-Reitora de Extensão e Relações Universitárias: Profa. Vera Beatriz Stédile Zattera; Assessor de Comunicação e Planejamento: Prof. José Clemente Pozenato; Assessor especial da Reitoria: Profa. Gelça Regina Lusa Prestes; Coordenadora da Editora: Fátima Jeanette Martinato; Coordenador da Gráfica: Júlio César Almeida.

<sup>123</sup> Conselho Editorial de EDUCS: Fátima Jeanette Martinato; Ernani Lopes Pedone; Jayme Paviani; Jimmy Rodrigues; Luiz Antonio Assis Brasil; Paulo Luiz Zugno.

#### 4.1 A Universidade nas páginas da CHRONOS (1967-2002), olhares que se complementam

Nas páginas do volume 1, nº 1 da CHRONOS<sup>124</sup>, a forma de expressar a configuração e o pensar sobre a universidade se fazem presentes no mesmo ano que marca a criação da Universidade de Caxias do Sul, 1967. Dos dez colaboradores, todos oriundos da Faculdade de Filosofia, seis eram graduados em Filosofia, logo, no volume, os temas abordados referiam-se predominantemente a esta área.

O tema “Universidade e Política”, de Pedro Miguel Cinel, representa a primeira aproximação, via discurso, do que o grupo pensava sobre universidade. Inicia o tema expressando a importância da universidade relacionada com a tensão permanente e o pensamento humano. Afirma

Instituição nuclear da cultura, a universidade é o crivo da criação, da sistematização e difusão do acervo intelectual do homem. Emergindo da sociedade, ela recebe todas as variantes do seu meio. Bipartida a sua finalidade prática na exercitação da pesquisa e na formação profissional, não esgota aí as suas possibilidades fecundas. (CINEL, 1967 p. 59)

O autor ressalta como um dos objetivos primordiais da universidade, o conhecimento e seu desenvolvimento aliando ao tempo e à sociedade. Expressa as funções de formação profissional e o desenvolvimento da pesquisa. Ao refletir sobre a universidade, associada ao tempo presente, ano de 1967, que trouxe importantes mudanças no cenário externo, pautado pela guerra fria e no interno, marcado pelo regime militar, escreve

É na universidade que os ideários políticos passam pelo crivo do exame atento e pelo embate lúcido das ideias. A universidade não é insensível às convulsões políticas, realidade fática da vida em comum; pelo contrário, ela se agita com o cotejo das ideias. (...) A universidade, por isso, é para a sociedade uma permanente expectativa. Atrelada a vontades e propósitos estranhos à sua finalidade, ela nega-se a si própria e àquelas esperanças mais razoáveis da sociedade. (1967, p.61)

---

<sup>124</sup> A Revista tinha como diretores: Prof. Jayme Paviani e Prof. Paulo Zugno. Faziam Parte da comissão de redação: Prof. Antonio Carlos Kreff Soares, Prof. José Clemente Pozenato, Profa. Loraine Slomp Giron, Profa. Cleodes Maria Piazza, Profa. Ivone Assunta Corteletti, Prof. Sérgio Arpini.

Defende o espaço da Universidade como espaço político, no sentido mais amplo do termo política<sup>125</sup>, ou seja, a Universidade não está alheia aos acontecimentos sociais, políticos, econômicos, culturais, ideológicos e, portanto, dela se espera posicionamentos e opções.

Situando a universidade num contexto macro, como o latino-americano, o autor faz indagações a respeito da relação entre universidade, desenvolvimento demográfico, fuga dos camponeses para centros industriais que não dão conta da demanda e pergunta também sobre qual o papel da universidade

A inquietação universitária é legítima. É lícita quando a problemática política estiver situada numa perspectiva científica. O conformismo, a apatia diante dos problemas de hoje, quando são recentes as experiências de dois conflitos mundiais, e as perplexidades com a liberação da energia atômica, são um insulto do intelectual aos homens que dele esperam.

Os universitários, professores e alunos têm muito a dar da sua honestidade de pensamento e do talento científico da sua ação. (1967, p.63)

A presença de temas contemporâneos, a Guerra Fria, as desigualdades que inquietavam a sociedade dos anos 1960, testemunham a necessidade de que estejam presentes na universidade para que esta possa colaborar com a sociedade. O discurso assume, neste momento, um tom de chamamento à inquietude e, conseqüentemente, à ação.

Concernente ao tempo CHRONOS de criação da UCS, o escrito do professor transcreve as tensões e buscas em compreender a universidade e sua função, transparecendo a necessidade de estar esta vinculada aos acontecimentos e ser pensada num contexto marcado pela opressão governamental. Dirigindo-se, ao final, à comunidade universitária, lhe faz um alerta e um pedido, ao mesmo tempo, o da coerência, honestidade em desafiar, através da ciência, as necessidades, dando-lhes respostas e desta forma aproximando a instituição à sociedade.

Outra necessidade, presente no volume, justificou a criação da Faculdade de Filosofia, ou seja, “na verdade, a falta de professores começou a se fazer sentir de forma praticamente inapelável. Urgia fazer face à verdadeira

---

<sup>125</sup> Não restrito à ideia de política partidária, mas como ação que interfere no cotidiano e produz outras ações.

torrente de pedidos de matrículas para o ensino médio”. Essa assertiva relaciona-se ao momento em que há uma demanda maior pelo ensino médio e superior e também ao fato de que o estado não conseguia prover esta necessidade, possibilitando à iniciativa privada o suprimento para parte desta demanda. Ao finalizar o histórico, são apontados dados sobre o número de licenciados pela faculdade até o ano de 1967, sendo 228, o número de matriculados era de 480 alunos e a instituição contava com 61 professores. O incentivo à pesquisa também foi apontada como resultado da fundação da universidade

Não descura, porém, a Faculdade, do outro grande objetivo, que é o aprimoramento geral, através da pesquisa. Com o advento da Universidade, sabiamente conduzida pelo reitor Magnífico Prof. Virvi Ramos, novo e vivificante impulso teve esse importante aspecto. Por todas as formas procede-se à integração cultural e ao aperfeiçoamento intelectual.

A Revista CHRONOS, em seu primeiro número, dedicou-se ao público interno e externo da universidade. Ao primeiro publicava artigos de seus professores; ao segundo procurava esclarecer quais suas raízes e finalidades, demonstrando, assim, interesse em traduzir para uma linguagem simples, mas não menos formal; o que estava sendo produzido na universidade, facilitando o entendimento do público não acadêmico e possibilitando a sua aproximação ao contexto universitário.

A aproximação entre universidade e escola é expressa no texto do professor Isidoro Zorzi (1968)<sup>126</sup>, atual Reitor da UCS, é o que melhor estabelece relação entre universidade e escola, fazendo um chamamento crítico das funções escolares e formativas dos seres humanos (p.63)

Parece que a escola ainda não é este lugar, onde o homem aprende a por entre parêntesis o mundo que lhe é dado ingênuo e dogmaticamente, para buscar, numa perspectiva crítica, respostas originais. Temos, assim, o que se convencionou chamar “educação para a massificação”, traço que ainda predomina em nossos dias. Transbordam, nossas escolas, de slogans altissonantes, tais como: “formar o homem global”; “possibilitar sua formação completa”. Belas ideias que, na prática, reduzem-se a uma simples coisificação. Pois, à medida que nos é cortada a dimensão crítica, somos constringidos a renunciar à qualificação máxima de sujeito.

---

<sup>126</sup> Volume 2, nº 2, 1968.

Os apontamentos relacionam-se com o período nacional de organização de novas leis educacionais que, com o acirramento do regime militar, culminaram na diminuição da carga horária das disciplinas da área de ciências humanas, possibilitando uma crítica menor e em algumas circunstâncias, velada, ao sistema político brasileiro. Portanto, para o professor, a crítica é necessária a partir da reflexão sobre a educação e suas práticas (p.65)

Se penetrarmos os programas disciplinares desenvolvidos em nossas escolas normais e de nível superior; estranha-se como é insignificante a preparação sociológica dos educadores, quando se considera que sua missão específica é a mudança das sociedades através da ação educativa". Todas as escolas normais ou de filosofia mantêm o ensino da sociologia. Esta ciência, porém, aplicada à educação, cumpre com suas finalidades, quando se constitui numa sociologia da mudança cultural; quando possibilita, pelo seu caráter científico e positivo, uma visão e análise objetiva da realidade. Para isto conseguir, deverá a Sociologia Educacional, abster-se de divagações teóricas e vetustas em torno de temas tais como: "educação e estado"; "educação e igreja"; educação e família", etc... A Sociologia da Educação, terá sentido de ser quando, partindo de sua natureza de ciência positiva e das características de seu método, procede a uma interpretação do contexto social, político, econômico, cultural e religioso da escola. Pois, todos estes aspectos da realidade são condicionantes do fato educacional. Desta forma, o essencial num programa de Sociologia aplicada à Educação, será a pesquisa social.

O tema abordado pelo professor Isidoro Zorzi clama pela importância da Sociologia como proporcionadora de crítica alicerçada na ciência, e da necessária aproximação da mesma ao contexto social em que a escola está inserida, tendo a pesquisa como elemento necessário no processo de significância educacional, sendo que a *preparação sociológica dos educadores*, através de uma visão crítica, permite a *sociologia da mudança cultural*. Sobre a sociologia no período, Liedke (2005, p.396) afirma.

O entendimento dessa fala é possível quando contextualizado no Brasil e na América Latina, onde a sociologia defendia sua atuação. O impacto negativo da instauração do regime autoritário sobre a evolução sociológica brasileira está relacionado diretamente com o golpe de 64 e com o "golpe dentro do golpe" de 1968 que tem no AI-5 seu marco principal. O fechamento do ISEB, em 1964, os IPM e as cassações pareciam indicar que as ciências sociais brasileiras estavam entrando em um período recessivo.

Situado histórica e sociologicamente, o texto ganha significado também na defesa das ciências sociais como um todo, uma vez que estas tiveram diminuição da carga horária nas escolas.

Uma das justificativas dadas para a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi a necessidade de formação de professores para a região, apontada também no volume 1, assim, atendendo a essa prerrogativa, no ano de 1969, foi publicado o Suplemento Chronos 1, apresentando o resultado de uma pesquisa feita pelos professores Paulo Luiz Zugno e Isidoro Zorzi, sob o título “Subsídios para um estudo do mercado de trabalho do magistério do ensino médio Região Nordeste do RS” associando as necessidades e funções da universidade na região e demonstrando a validade da justificativa.

O tema universidade voltou a ser abordado em 1971, pelo Prof. Virvi Ramos, reitor da UCS. Intitulado “Em torno de uma Política Educacional”, é o primeiro do volume nº 4, e relaciona a universidade, o tempo presente e futuro,

Mas, em se tratando de uma Universidade, os seus objetivos não são apenas de ordem temporal; a eles estão ligados também os graves problemas de ordem social. Então ela é vista como uma coletividade que se insere na própria humanidade em ser duplamente universal, tanto no espaço como no tempo. Assim colocado o problema, o intérprete deve assumir pessoalmente uma posição não pessoal. Consequentemente, ele passa a ver os interesses e aspirações, não só da sociedade relativamente à Universidade, mas também da sociedade que é a própria Universidade. (1971, p. 5)

Os objetivos da Universidade são salientados pelo então reitor, que enfatiza a sociedade como elemento essencial da e na universidade. Está presente também o tema liberdade, o qual não pode ser desvinculado com o contexto político nacional marcado pelo regime militar e o autoritarismo que o caracterizou.

Compreender, fortalecer, desenvolver a liberdade e a solidariedade do indivíduo e da própria sociedade é tornar o indivíduo e a sociedade aptos para fixar objetivos mediante a interpretação de interesses e aspirações e para orientar a conquista ou manutenção desses objetivos; em síntese: fazer política. Aqui radicaria a função política da universidade brasileira. Todavia, na interpretação da política, a Universidade de Caxias do Sul, no concerto de universidades latino-americanas, aspira fazer política em sentido mais amplo, preparando, também, seus jovens na arte de bem governar. (1971, p.6)

Se a liberdade foi tema do primeiro objetivo da universidade a ser tratado pelo autor, a questão função política é relevante por associar-se à ação dos que pertencem à comunidade acadêmica. Ação no sentido crítico, que insere a reação ao ato e que, portanto, considera que a universidade através de seu fazer, de suas ações exerce papel político *no sentido mais amplo*, para além da questão política partidária, por exemplo. O saber e a coletividade foram abordados com propriedade na perspectiva da *função política da universidade brasileira*, permitindo a relação com a ideia de regionalidade. Assim escreveu

Para a consecução destes objetivos deve a Universidade “corresponder às exigências do mercado de trabalho em confronto com as necessidades do desenvolvimento regional e nacional”. Porém, não se pode esquecer que “cabe à Universidade manter o elenco de estudos que correspondam à amplitude do saber, bem como o seu trabalho ao nível das mais altas exigências intelectuais”, e que, “sendo imprevisíveis – dentro de certos limites as oportunidades profissionais futuras, a atividade de ensino não se deve subordinar exclusivamente às flutuações aleatórias do mercado de trabalho”. (...) A Universidade de Caxias do Sul, inserida no contexto de um país em desenvolvimento, ao lado dos grandes problemas acima apresentados, deverá vir a ser o fulcro de todas as aspirações da população da Encosta Nordeste do Rio Grande do Sul. (1971, p. 8)

A territorialização da UCS aponta para o seu envolvimento regional, sendo que o ensino não deveria estar vinculado apenas ao mercado de trabalho, mas sim à constituição do conhecimento e à formação de lideranças, pois na percepção do professor, o desenvolvimento do país se daria através de concepções amplas, associadas às várias áreas do saber, sendo a universidade responsável pelo aprimoramento das mesmas em consonância com as necessidades.

Ao tratar de formação não apenas ao mercado de trabalho, o que pressupõe também a formação de lideranças, é importante ressaltar que alunos e professores que exerceram e exercem funções políticas e administrativas em comunidades da região e mesmo a nível nacional<sup>127</sup> tiveram passagem pela Universidade, alguns como alunos e outros como professores.

---

<sup>127</sup> Para exemplificar com nomes recentes: Pedro Simon, senador, e ex-professor da UCS; professor Ruy Pauletti, deputado estadual e federal, ex-reitor da UCS; Pepe Vargas, deputado federal, ex-prefeito de Caxias do Sul, ex-aluno da UCS; Victor Faccioni, vereador, deputado

Outro apontamento que se relaciona ao movimento de pensar e repensar-se enquanto instituição de ensino superior é o texto “A origem e o Ideal Histórico das Universidades” do professor Armindo Trevisan, aponta:

Podemos afirmar que o ideal histórico concreto das Universidades constitui na busca autônoma da Ciência, de maneira a não subordinar este propósito a pressões de espécie alguma, tanto religiosas como políticas, num ambiente de intensa solidariedade e amizade entre os interessados. (1971, p. 20)

Liberdade para a ciência e autonomia universitária são temas recorrentes. A liberdade e a concepção de verdade na ciência tem sido um paradigma constante, também na década de 1970 buscava-se a afirmação das demais áreas como ciência. Essa era uma discussão antiga, mas que necessitava estar sendo retomada para, por exemplo, demonstrar que a área humana e não apenas as exatas, se constituem como ciência.

Assim como a liberdade a autonomia tem sido constantemente debatida, pois, dela depende as decisões e os encaminhamentos institucionais. Naquele momento, a autonomia não afastava o estado como provedor das instituições públicas, mas desejava que as decisões e encaminhamentos pudessem ser feitos por quem vivenciava o cotidiano, ou seja, a instituição. Ao abordar temas referentes à universidade, SANTOS (2008, p. 17) afirma

Em países que ao longo das últimas três décadas viveram em ditadura, a indução da crise institucional teve duas razões: a de reduzir a autonomia da universidade até ao patamar necessário à eliminação da produção e divulgação livre de conhecimento crítico; e a de pôr a universidade ao serviço de projectos modernizadores, autoritários, abrindo ao sector privado a produção do bem público da universidade e obrigando a universidade pública a competir em condições de concorrência desleal no emergente mercado de serviços universitários. Nos países democráticos, a indução da crise esteve relacionada com esta última razão, sobretudo a partir da década de 1980, quando o neoliberalismo se impôs como modelo global do capitalismo. Nos países que neste período passaram da ditadura à democracia, a eliminação da primeira razão (controle político de autonomia) foi frequentemente invocada para justificar a bondade da segunda (criação de um mercado de serviços universitários). Nestes países, a afirmação da autonomia das universidades foi de par com a privatização do ensino superior e o aprofundamento da crise financeira das universidades públicas. Tratou-se de uma autonomia precária e até falsa: porque obrigou as universidades a procurar novas dependências bem mais onerosas

que a dependência do Estado e porque a concessão de autonomia ficou sujeita a controles remotos estritamente calibrados pelos Ministérios das Finanças e da Educação.

A análise feita por Santos remete à necessidade constante de retomar os debates sobre a autonomia universitária e liberdade, pois mesmo em universidades públicas ou privadas, ela representa a possibilidade de produção do conhecimento e sua extensão ou, por outro lado, a redução dos serviços das universidades. Quando associada ao financeiro, pode restringir os recursos, e quando associada ao acadêmico, estabelecida via mercado, pode priorizar ações para determinados setores. O autor historiza os últimos 30 anos, demonstrando como as questões de autonomia e dependência, se entrecruzam e têm se mantido no ensino superior brasileiro.

O “Discurso proferido por ocasião da posse do Reitor da Universidade de Caxias do Sul” configura o primeiro capítulo da CHRONOS, volume 5, 1973. Ao aprovar a publicação da Revista, lhe confere certo status pois o reitor se manifestou no ano de maior crise institucional verificada até o momento. Inicia o discurso apontando que a universidade no Brasil, difere-se das demais universidades uma vez que, estas foram sendo construídas ao longo do tempo e por influências culturais. Faz-se necessário não desvincular o discurso do contexto local, ou seja, permeado pela crise interna e, também do contexto político nacional, marcado pelo autoritarismo do regime militar. Também é importante salientar que, este trecho do discurso difere da literatura existente sobre a universidade brasileira, que aponta sua característica elitista e não popular. Na percepção do reitor

A Universidade, no Brasil, entretanto, foi uma lenta, indormida, exaustiva, e por vezes cruenta, conquista da própria nação, do próprio povo, e ela se confunde com a nossa própria emancipação política, e o nosso amadurecimento intelectual ao longo do tempo. (1973, p.7/8)

A fala do reitor sobre a universidade brasileira afirma ser ela resultado da conquista da nação e demonstra amadurecimento intelectual, sua afirmação difere das interpretações de estudiosos sobre o tema, que apontam tardio estabelecimento da universidade no Brasil e que foi reflexo de intenções políticas e econômicas das elites que visavam à manutenção de suas práticas

na sociedade. Segue com relato histórico das universidades em várias partes do mundo, estabelecendo um dos objetivos do governo brasileiro, ao afirmar que “vem lutando o governo por uma escola para a formação do homem brasileiro, politizado para que ela seja a morada permanente e calorosa dos ideais da pátria” (p.10). Manifesta-se dessa forma dentro das premissas do governo da época que, também através da educação, buscava a expansão de um patriotismo exacerbado e marcado pelos interesses governamentais.

Ao referir-se especificamente à UCS, relaciona-a com a região e seus aspectos culturais. Diante da crise pela qual passa a universidade, observa

Aqui, nesta escola de ensino superior, onde se transmite o conhecimento e se procura ajustar as personalidades ao meio social – aperfeiçoando-as – verifica-se um desafio transcendente. Caxias do Sul, terra de homens e mulheres que acreditaram e acreditam no futuro e nas recompensas do trabalho e da perseverança, não permitirá que a grandeza desta Universidade, semente de infinitas possibilidades, se perca sem cumprir sua excepcional finalidade. (1973, p.10).

Demonstra, mais uma vez, a busca de pertencimento à Instituição, através de uma fala positiva em relação aos desafios

Esta Universidade é, e deve sempre ser: um baluarte nesse esforço que abrange a todos, porque se relaciona com o todo da estrutura social. Joga-se aqui o futuro não só de milhares de jovens, mas também de parcelas ponderáveis da vida do estado e do país. Tudo o que se faça para a melhoria do engrandecimento da Universidade de Caxias do Sul estará se somando aos outros inúmeros esforços e sacrifícios que, neste momento se realizam, para permitir que o Brasil atinja a plenitude da sua destinação histórica. (1973, p11).

Os dois trechos fazem a aproximação com a região e o futuro. Dentro da perspectiva populista, o reitor tece elogios aos grupos interessados na manutenção da UCS, ao mesmo tempo em que aproxima a comunidade regional e a responsabiliza sobre o futuro da instituição. Ao elogiar o trabalho, a comunidade, a perseverança resgata características da cultura local, que são valorizadas pelas comunidades.

Iniciando com a frase “nenhum conceito de universidade satisfaz o princípio clássico da universidade”, o Professor Jayme Paviani reflete sobre seu entendimento acerca do tema. Acrescenta sua percepção sobre o momento pelo qual a UCS passava,

Por isso, na comunidade universitária deverá existir pessoal capacitado a conceituar, com a colaboração de todos os membros, a natureza da universidade, sua estrutura e funcionamento. Na elaboração do conceito de universidade distinguem-se dois aspectos embora possam existir mutuamente: a) o de caráter técnico-científico; b) o de caráter filosófico. O primeiro é próprio dos técnicos em assuntos acadêmicos e administrativos. O segundo investiga a origem, a essência e os fins da universidade, num domínio mais vasto e profundo. (1973, p.13)

Os dois aspectos correspondem ao momento pelo qual passava a instituição. O caráter técnico-científico é verificado na nova formatação administrativa da universidade com a substituição da Associação Universidade de Caxias do Sul pela Fundação Universidade Caxias do Sul, com o ingresso de representantes do setor produtivo no Conselho Diretor. O caráter filosófico acentua a concepção do “grupo pensante” da UCS desde 1967, demonstrado pela retomada do tema sobre a universidade, tema recorrente nos volumes anteriores. Como o momento, 1973, representa outra organização, o diretor da revista, estabelece novo diálogo sobre a universidade fazendo um resgate histórico desde os séculos XII e XIII, ao afirmar:

A universidade do presente caracteriza-se pela universidade do passado, e também do futuro. O presente encontra-se determinado pelo passado e pelo futuro. O modo como esta determinação se opera a examinaremos a universidade ideal (futuro), a atual (presente) e tradicional (passado). (1973, p, 14).

Embora sejam importantes as considerações feitas sobre a universidade do futuro e a do passado, interessa, neste estudo, a reflexão sobre a universidade do presente; o que possibilita compreensões a respeito do que o “grupo pensante” defendia.

Uma das primeiras missões da universidade atual é a de conservar, promover e prover a cultura. A cultura do passado, quando guardada em sua autenticidade, torna-se motivação de novas criações e herança indispensável da vida humana. Exerce seu papel cultural ao estimular a criatividade, ao reelaborar a experiência, ao fornecer à inteligência métodos científicos de investigação e ao formar a consciência moral e política do cidadão e da sociedade. É tarefa da universidade atual desenvolver a ciência, as letras, as artes e a tecnologia sem perder a unidade do saber e do espírito de investigação. (...) Outra das metas principais da universidade atual é a profissionalização. O verdadeiro objetivo é formar profissionais eficientes e conscientes. (...) A relação dialética universidade-sociedade merece atualmente destaque especial. A extensão universitária, com seus múltiplos e variados programas, através da publicação e da divulgação, tanto escrita como oral, tem a missão de

tornar mais acessível ao homem contemporâneo à ciência, às letras, à arte e à tecnologia, bem como ao saber e à cultura. Além do ensino e da pesquisa a universidade deve estender à comunidade seus serviços especializados: conferências, cursos especiais, seminários, congressos, projetos de pesquisa, assessoramento técnico (p. 17).

A universidade, para o autor, deve estar presente na comunidade através das suas funções: ensino, pesquisa e extensão. Desta forma, estabelece uma relação próxima entre a comunidade e a academia, com a percepção dos contextos e mesmo das necessidades da sociedade. Essas concepções estão de acordo com o que se pensava acerca da universidade no país. Trazendo a defesa do reitor para o contexto do século XXI, SANTOS (2008, p. 29), afirma que

As ideias que presidem à expansão futura do mercado educacional são as seguintes: 1) Vivemos numa sociedade de informação. A gestão, a qualidade e a velocidade da informação são essenciais à competitividade econômica. Dependentes da mão-de-obra muito qualificada, as tecnologias de informação e de comunicação têm a característica de não só contribuir para o aumento da produtividade, mas também de serem incubadoras de novos serviços onde a educação assume lugar de destaque. 2) A economia baseada no conhecimento exige cada vez mais capital humano como condição de criatividade no uso da informação, de aumento de eficiência na economia de serviços e ainda como condição de empregabilidade, uma vez que quanto mais elevado for o capital humano, maior é a sua capacidade para transferir capacidades cognitivas e aptidões nos constantes processos de reciclagem a que a nova economia obriga. 3) Para sobreviver, as universidades têm de estar ao serviço destas duas ideias mestras – sociedade de informação e economia baseada no conhecimento – e para isso têm de serem elas próprias transformadas por dentro, por via das tecnologias da informação e da comunicação e dos novos tipos de gestão e de relação entre trabalhadores de conhecimento e entre estes e os utilizadores ou consumidores.

Quase quatro décadas depois, os debates em torno das missões da universidade continuam presentes, apenas diferindo significados temporais, uma vez que, no século XXI a informação e o conhecimento ganham novos significados, e a universidade deve estar conectada com o tempo presente e ser a emanadora de conhecimentos.

O chamamento para o reinício das atividades letivas, em 1974, associado a um ato de fé relacionado à difícil circunstância em que estava inserida a UCS e, ao mesmo tempo, a necessidade de apoio à ação do reitor que representava a intervenção do MEC na instituição, estiveram presentes na

abertura do nº 6<sup>128</sup> da Revista CHRONOS. Também o texto intitulado “Breve Apresentação da Atual Estrutura da Universidade de Caxias do Sul”, escrito pelo professor Jayme Paviani<sup>129</sup>, resgata o momento anterior e busca tranquilizar a comunidade acadêmica sobre as mudanças. Ambos demonstram a afirmação positiva sobre a UCS, pois era necessário salientar estes aspectos para creditar a Instituição.

Na mensagem inicial, o reitor *pro-tempore*, Airton Santos Vargas desejava um ano letivo próspero e esclarecia sobre ações tomadas durante o ano anterior, escreve (p.7)

Como reitor “pro-tempore” da Universidade de Caxias do Sul, desejo, neste reinício das atividades de professores e alunos, reafirmar minha confiança e o meu respeito pelo corpo docente e discente desta universidade. Representam a cultura e a dignidade de uma região do Rio Grande do Sul que se firmou pelo progresso, dinamismo e ampla visão do futuro. Esta Universidade não irá falhar negando o talento e a capacidade de luta do povo que tornou próspera e poderosa nesta área do território gaúcho. O reinício das aulas deve servir como um ato de fé nos destinos da Universidade de Caxias do Sul, confirmando a certeza de que aqui, onde se criou riqueza, existem todas as condições para também criar cultura, dimensionando com maior generosidade o sentido da vida e da obra do povo desta região.

As afirmações sobre a região e a sua produção econômica servem de aproximação junto aos setores produtivos, os quais passaram a integrar o Conselho Diretor da UCS com a substituição da Associação Universidade de Caxias do Sul pela Fundação Universidade Caxias do Sul.

A revista assumiu o papel de divulgar e esclarecer os resultados da reorganização pela qual passou a universidade e a sua adequação à legislação vigente, dessa forma, atenuar as dúvidas oriundas de um processo de transição.

Transcorridos 18 anos e convidado a escrever na CHRONOS, em comemoração aos 25 anos da UCS, Vargas (1992, p. 24) afirma:

---

<sup>128</sup> Reitor: Prof. Dr. Aiton Santos Vargas; Superintendente Administrativo: Dr. Iraní P. Rosa; Superintendente Acadêmico: Profa. Ana Íris do Amaral; Superintendente do Planejamento: Prof. Lyra M. B. Corsetti. Chronos – direção: Jayme Paviani; comissão de redação: Prof. Guy Paulo Bisi, Prof. José Clemente Pozenato, Profa. Cleodes M. P. Júlio Ribeiro.

<sup>129</sup> Licenciado em Filosofia, 1964. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, 1969. Atualmente está concluindo o Mestrado em Letras, PUCRS. Autor de diversos artigos e do livro “Estética e Filosofia da Arte”. Membro do Gabinete de Planejamento, 1970. Primeiro Diretor da Faculdade de Educação da UCS. Ex-Superintendente acadêmico, 1972. Professor de Estética, de Filosofia Geral e de Sociologia Jurídica na UCS.

Coerente com um conjunto de normas que estabeleci, o programa visava a assegurar nova imagem da UCS, determinada por fatores de desempenho técnico, confiabilidade e flexibilidade, garantir a conservabilidade do processo de reestruturação organizacional; implantar um sistema de manutenção, com a presença do Governo Federal, Estadual, Municipal e a empresa privada, que assegurassem continuidade econômica e política à Instituição; dinamizar o processo de planejamento, criando condições para melhor aproveitamento do processo e tecnológico; consolidar o sistema de administração, de forma a torná-lo rápido e racional; reestruturar o sistema acadêmico, a fim de atender a critérios de eficiência e interesses da comunidade, cada vez mais ávida de profissionais capazes, de técnicos, de cientistas, de professores, de pesquisadores.

Os desafios encontrados pelo novo reitor se transformaram em soluções que determinaram a continuidade da instituição e, sobretudo, seu crescimento e presença regional.

Mais uma vez, a revista é caminho para apresentação da Universidade. Em 1975, no número 7, ano VII<sup>130</sup>, o reitor, Abrelino Vicente Vazatta, escreve o primeiro artigo na revista número, sob o título “A Missão da Universidade”<sup>131</sup>. Ao discursar sobre a outorga do título ao governador do estado, o reitor apresenta razões sobre a intervenção do MEC, no período anterior, e a participação do governo do estado na solução dos problemas da UCS

Não vai longe a fase difícil que a nossa Universidade viveu, fruto, inclusive, do gigantismo que se apossou, pois é uma instituição que há poucos dias completou o seu 7º ano de vida, com uma matrícula, para este ano, superior a 5 mil alunos.

O governo de V. Excia, não titubeou em participar da solução sugerida para o momento e para a situação, inicialmente com apoio moral, posteriormente com a participação do próprio estado na administração universitária<sup>132</sup>, o que proporcionou também a participação financeira oportuna e expressiva para que o jovem continuasse a estudar. (1975, p.11)

A entrega do título ao governador do Estado estabelece vínculo com a UCS, ou seja, o poder político. Esse elemento já se fez presente em outros momentos como na fundação da Universidade, homenageando o deputado

<sup>130</sup> Teve como temas: “O fragmento 40 de Heráclito” de Antônio Carlos Kroeff Soares; “Introdução ao Iluminismo” de Luiz A. De Boni; “Insuficiência Vascular Cerebral Intermitente” por Ernani Lopes Pedone; “Lei, Indivíduo e Justiça” por Lia Rosa Reuse; “Da Educação e do Desenvolvimento Social” de Marisa V. Formolo Dalla Vecchia e “Barcas e Arcas para um novo Ulisses” de Cleodes M. P. J. Ribeiro; compõem a publicação de 1975, ano VII.

<sup>131</sup> Discurso proferido por ocasião da outorga do grau de *Doutor Onoris Causa* da UCS ao governador do RS, Eng. Euclides Triches.

<sup>132</sup> Desde a transformação da Associação Universidade de Caxias do Sul em Fundação Universidade de Caxias do Sul, o governo estadual mantém cadeira no Conselho Diretor.

Tarso Dutra, agora o governador, assim como os prefeitos. Sem deixar de mencionar as pessoas que estudaram ou foram professores da UCS e exerceram ou exercem cargos políticos atualmente. Ou seja, a composição do “citoplasma” obedece, nessas circunstâncias, às necessidades de estabelecimento de vínculos com várias instâncias de poder: cultural, social, religioso, político.

Aponta ainda que o governador enviou ao Poder Legislativo projeto de doação à Fundação, de uma área de terra para que a Universidade estabelecesse a Cidade Universitária. Demarcando desta forma a presença do poder público estadual na nova organização da UCS. Participação essa que também contribui para caracterizar a instituição como comunitária, pois, contou e conta com esta parcela da sociedade em sua constituição física e administrativa no Conselho Diretor da FUCS.

Se no discurso do Reitor Airton Vargas fica evidenciado a participação e importância do setor empresarial, devido à nova configuração do conselho diretor a partir da FUCS, no discurso do Reitor Abrelino V. Vazatta fica presente a aproximação junto ao governo estadual que também passou a ser membro da Fundação Universidade de Caxias do Sul. Ambos os setores ajudam a compor elementos da universidade que, resgatando a ideia de núcleo, se situam no citoplasma.

Observar o desenvolvimento da instituição, até 1976, atesta seu significado regional. A importância pode ser detectada pelo número de alunos: em 1973 foram 4427 matriculados, em 1976 os alunos matriculados eram 4624, distribuídos nos 20 cursos oferecidos pela instituição: Medicina, Enfermagem, História, Ciências Sociais, Comunicação, Estudos Sociais, Geografia, Letras, Filosofia, Educação Artística, Música, Desenho, Engenharia, Ciências, Matemática, Administração, Direito, Ciências Contábeis, Economia, Pedagogia, distribuídos nos Centros de: Ciência e Tecnologia; Humanidades e Artes, Estudos Sociais Aplicados, Ciências Biológicas e da Saúde.

“Trabalho e Conquistas – 25 anos da Universidade de Caxias do Sul”, é o título da capa do único volume 25, números 1 e 2, de janeiro a dezembro de 1992, foi comemorativo. Dele participaram os ex-reitores<sup>133</sup>, através de

---

<sup>133</sup> Virvi Ramos, Sérgio Almeida de Figueiredo, Airton Santos Vargas, Abrelino Vicente Vazatta, João Luiz de Moraes.

depoimentos. O reitor da época, professor Ruy Pauletti, também contribuiu com seu depoimento, mais dois depoimentos de professores da Instituição: Lino Casagrande e Valter Romeu Casara, e o professor Jayme Paviani escreviam sobre a História da Revista CHRONOS. Nessa edição foi divulgada a relação artigos já publicados pela revista.

O professor Paulo L. Zugno escreveu o editorial, lastimando a impossibilidade de contar com o depoimento “do falecido Dom Benedito Zorzi, um dos principais, se não o principal, idealizadores da Universidade de Caxias do Sul”. A presença e atuação do bispo foram atestadas desde a criação dos cursos isolados, sendo suas ações determinantes para o processo de fundação e consolidação da UCS.

Os ex-reitores foram convidados a manifestar suas impressões sobre a Universidade. O primeiro reitor da Instituição agradece, em seu texto, a participação das inúmeras pessoas que contribuíram para a criação da UCS e em especial, ao então Deputado Federal Tarso Dutra. Não faz menção de outros nomes e toma uma atitude diplomática ao agradecer de forma geral, concluindo que os resultados dos 25 anos de existência da UCS mostram que estavam corretos.

Com o título “mensagem”, o ex-reitor Sérgio Almeida de Figueiredo traçou um paralelo entre as universidades e a UCS, demonstrando que, embora jovem, ela guarda características que compõem todas as universidades. De seu discurso extraio a aproximação que faz com a fundação da UCS

Vamos aos fatos geradores desta saga que continua abrindo seu caminho no cipoal das dificuldades dos dias que correm. Pessoas físicas, uma entidade particular, uma entidade pública e uma entidade eclesiástica. Diríamos representados a comunidade, a iniciativa privada, o poder público e o poder religioso, formando a primeira Associação Mantenedora. (1992, p.20).

Ao se referir à juventude da UCS, menciona que ela deve estar sempre se renovando, “ela conta os anos, jubileus, centenários, mas tem a grande tradição de jovem” (p.21).

O ex-reitor Airton Santos Vargas, *pro-tempore* indicado pelo MEC para exercer a função, acolheu o espaço “depoimentos”, para fazer uma síntese de

sua atuação no período de maio de 1973 a abril de 1974. Seu depoimento caracteriza-se por uma justificativa de porque assumiu a UCS, como estava, quais as ações desenvolvidas e como a entregou ao seu sucessor.

Com o título “Universidade de Caxias do Sul – 25 anos de sacrifícios e conquistas”, o ex-reitor Abrelino Vicente Vazatta relembrou o desejo de pessoas e entidades que lutaram pela criação da UCS, apontando que talvez o desconhecimento sobre a universidade tenha favorecido às crises vividas pela instituição nos seus primeiros anos

Nas circunstâncias atuais, há que se fazer uma reflexão especial, respondendo às seguintes questões: as faculdades existentes vinham cumprindo eficazmente o papel de formadoras de profissionais? A sociedade sabia realmente o que é uma universidade? Ou só os dirigentes sabiam? Quem estava preparado para assumir o ônus do custo social para realizar plenamente os seus fins? Ou admitia-se que, alcançada a conquista, todas as aspirações seriam atendidas naturalmente, sem nada exigir em troca? Não terá sido essa visão e esse comportamento social uma das causas das dificuldades vividas pela novel Universidade nos anos subsequentes? (1992, p.20)

Em avaliação sobre o tempo presente, e em tom desafiador e mesmo provocativo, ressalta a necessidade de avaliação constante, pois

Mais do que nunca a Universidade vem tendo a sua performance contestada e o rendimento considerado insuficiente por vários segmentos da sociedade, sendo isso, aliás, fruto de um corporativismo pernicioso e sem compromissos com a Instituição. Uma reação sadia e idealista precisa voltar a presidir as ações de todas as partes que compõem a Universidade para atrair a compreensão, o apoio e o amor da sociedade, sem os quais tudo fica mais difícil. A Universidade de Caxias do Sul, ao completar 25 anos de atuação, precisa valer-se das experiências vividas para acelerar a busca da qualidade como resposta às necessidades de uma sociedade angustiada e insegura. (1992, p.20)

Com tom de descontentamento, uma vez que, foi em seu período administrativo que ocorreu a maior greve da Instituição, mas, ao mesmo tempo, em tom de alerta, o ex-reitor convocava todos a lutarem pelo desenvolvimento da Instituição.

João Luiz de Moraes através do título “A UCS e a Tecnologia” para depor sobre a Universidade. Também faz menção às crises, dificuldades e críticas recebidas pela instituição e aponta que um dos maiores desafios que se apresenta é a tecnologia associada e parceira da e na UCS, pois o momento apresenta esta característica tecnológica, projetando o século XXI.

“Jubileu de Prata da UCS: marco para uma nova arrancada” é o título do depoimento do professor Ruy Pauletti, que exercia as funções de reitor no ano da comemoração dos 25 anos. Apresenta os quatro desafios da UCS: reforma institucional; retomar de forma concreta e irreversível a ideia de ser uma universidade regional; buscar a integração cada vez maior com segmentos da sociedade e de se colocar em outro patamar de qualidade. Declarou sobre as realizações efetivadas

A Universidade já vem dando os primeiros passos em direção ao futuro. Abrimos a Universidade para a comunidade e para a região. Estamos estabelecendo vínculos de cooperação com grandes universidades do país e do mundo inteiro. Atuamos em mais de cinquenta projetos de pesquisa, alguns deles com reconhecimento da comunidade científica internacional. Já estamos entrando com programas permanentes de Mestrado e pensando em Doutorado. Estamos criando cursos inéditos dentro da nova realidade nacional. (1992, p.41)

Foi durante sua gestão que a Universidade tornou-se, de fato, regional expandindo-se para municípios da região.

Através das falas dos ex-reitores ficam evidentes as situações de crescimento, as crises e os desafios presentes na Instituição. A reflexão sobre as ações desenvolvidas levaram a avaliações positivas, para outros a sensação de que ainda há muito para ser feito, ressalta a importância de estar conectado com o contexto e suas necessidades.

Professores que acompanharam a trajetória da UCS também se manifestaram no volume comemorativo. As palavras do professor Lino Casagrande<sup>134</sup> fazem uma reflexão profunda a partir de sua visão filosófica utilizando-se de teóricos como Sartre e Hiedegger, para situar sua condição de professor. Ao tratar especificamente da UCS e sobre a imagem nem sempre positiva da mesma, escreve

Da visão que alguns têm da UCS, considerando-a uma universidade provinciana, devo dizer como Heráclito de Éfeso: “Aqui também há deuses”. Se ela não alcançou o nível ideal de grande universidade, convém lembrar que só uma grande nação pode aspirar-se a esse ideal. A máxima segunda a qual “cada povo tem o governo que merece” pode ser aqui aplicada. Por outro lado, à pergunta formulada por um jornalista da imprensa local sobre o que fez ou faz a

---

<sup>134</sup> Professor do Departamento de Filosofia desde 1974.

Universidade, devo opor uma outra, qual seja, o que a sociedade como um todo fez pela Universidade?

É claro que para os gênios a Universidade não faz nenhuma falta. Mas ela tem como compromisso procípuo servir à medianidade. Além do mais, não seria nada mal perguntar o que seria Caxias se não tivesse existido uma instituição de ensino superior. (1992, p.46)

As reflexões propostas mesclam ironia e trazem à tona questionamentos sobre os desafios, como a qualidade, a formação profissional, o ensino e a investigação científica. É, portanto, uma declaração não simplesmente comemorativa ou de justificativas de ações efetivadas ou não, configura-se em um texto de reflexão sobre a universidade, sobretudo a UCS.

O professor Valter Romeu Casara, professor do Departamento de Administração, ingressou na UCS em 1959, fez um breve histórico elogioso à instituição. Porém, o mais significativo de sua declaração foi a lembrança de nomes de pessoas que lutaram pela implantação da Faculdade de Ciências Econômicas: Olinto de Rossi, Ulisses De Gasperi, Pedro Paulo Zanatta, Dalci Fontanive, liderados por dom Benedito Zorzi. Também é importante sua percepção de que a composição dos grupos fundadores da UCS, com objetivos em comum, mas com orientações diversas, representaram desafio ao primeiro reitor da Instituição, desafios que também se converteram em crises.

Como o ano marcou também os 25 anos da Revista CHRONOS, o professor Jayme Paviani se referiu sobre a importância da mesma na Instituição

Aqui, cabe destacar, passados vinte e cinco anos, a permanência da Revista Chronos como um das características da Instituição. Os que possuem conhecimento e experiência universitária sabem avaliar a importância de publicações dessa natureza. (1992, p.58)

A CHRONOS representava a publicação da Universidade, a que desde o início acompanhava a instituição.

As falas presentes na comemoração dos 25 anos da UCS remetem ao contexto atual, quando o ensino superior brasileiro passa por interpretações sobre sua missão. Ao escrever sobre o tema, POCHMANN, aponta a dimensão técnico-produtiva, da educação superior, para a diminuição das desigualdades e ressalta o papel das universidades

Por outro lado, segue ainda com destaque a dimensão técnico-produtiva do subdesenvolvimento brasileiro, dada a frágil e diminuta autonomia nacional em gerar e propagar o progresso técnico. Inegavelmente, o Brasil tem setores tecnológicos de ponta e de referência internacional, como na exploração de petróleo, na aviação civil, na agricultura tropical, no segmento bancário, entre outros, mas prevalece na maior parte do sistema produtivo o contido investimento em inovação técnica. Esse parece ser um dos principais resultados da recente pesquisa do IBGE sobre inovação técnica (Pintec), cuja dependência às importações e às grandes corporações transnacionais tende a postergar o aprisionamento na condição de subdesenvolvimento. Não obstante os avanços obtidos pelas políticas de desenvolvimento produtivo e de inovação tecnológica, há ainda muito que ser feito, especialmente quando se observa o movimento em curso em países não desenvolvidos como China e Índia. Uma aliança estratégica entre a geração do conhecimento (universidades e centros de pesquisa) e o mundo produtivo está por ser consolidado. (2011, p. 2)

Para o autor, a superação das desigualdades sociais passa também pelo papel a ser desempenhado pelas universidades, enquanto fomentadoras de conhecimentos que possam produzir tecnologias, saberes que sejam capazes de desempenhar funções na sociedade.

O desenvolvimento regional e a necessidade de consolidação de um novo projeto para a UCS foi justificada por POZENATO (1995, p. 97), “a região apresentava, em 1993, o número de 9,7 estudantes do ensino superior por mil habitantes, enquanto o padrão médio do Rio Grande do Sul era de 15 estudantes de nível superior por mil habitantes”. Esses dados foram considerados para um dos projetos mais significantes desenvolvidos pela universidade, na década de 1990. Para o período 1994-1998, a Universidade teve como diretrizes: qualificação institucional, integração com a comunidade, consolidação da regionalização, intercâmbio nacional e internacional, diversificação de fontes de recursos.

Neste período a sociedade brasileira debateu os desafios do ensino que foram apresentados por Paviani

O ensino hoje depende ao mesmo tempo da renovação de condutas e procedimentos e da revisão de alguns temas tradicionais como, por exemplo, o da avaliação. As novas formas de acesso ao conhecimento deslocam as tarefas do professor tradicional e, de certo modo, permitem que as escolas e as universidades, localizadas em pontos distantes do país, possam competir com os grandes centros na busca da atualização científica. O novo perfil do professor e do ensino superior exige novos comportamentos científicos e docentes. Este número da revista CHRONOS descreve, analisa e interpreta

algumas ações necessárias e possíveis para enfrentar a situação do ensino atual. (1996, p.5)

A publicação de um número voltado à reflexão sobre educação está em consonância com os debates oriundos da publicação da nova LDB, 1996, que propôs um olhar diferente sobre a educação e suas práticas. Desta forma, a CHRONOS estabelece diálogos com a comunidade educativa refletindo sobre os novos aspectos educacionais e os antigos desafios da educação nacional.

Obedecendo à característica de estar condizente com os temas do tempo presente, e em um contexto pautado por práticas econômicas neoliberais que, conforme Anderson (1996, p.23)

Economicamente, o neoliberalismo fracassou, não conseguindo nenhuma revitalização básica do capitalismo avançado. Socialmente, ao contrário, o neoliberalismo conseguiu muito dos seus objetivos, criando sociedades marcadamente mais desiguais, embora não tão desestatizadas como queria.

O tema da revista, volume 32, número 1 e 2, de janeiro a dezembro de 1999, que ocupa a capa é: “Universidade e Humanidade”<sup>135</sup>. A relação com a crítica estabelecida pelo autor a necessária reflexão sobre a universidade e a sociedade no cenário macro-econômico. Também voltado aos temas relativos à universidade o volume apresenta, após o editorial de Jayme Paviani, dois artigos referentes à Instituição: “Universidade de Caxias do Sul – uma instituição forte e respeitada” e “Administração acadêmica, um compromisso com o conhecimento e com a sociedade”, ambos de Ruy Pauletti.

Os dois textos mencionados merecem especial atenção, pois, o primeiro trata de relatório das ações desenvolvidas pelo reitor, apontando os resultados na área do ensino, pesquisa e extensão, aplicação de recursos em infraestrutura, laboratórios, novos serviços. Ao final apresenta as metas para a sua próxima administração, através de cinco itens que incluem: participação da comunidade universitária; descentralização administrativa; qualificação institucional; interação e integração com a comunidade; intercâmbio com instituições nacionais e internacionais. O texto tem a data de 5 de maio de 1998.

---

<sup>135</sup> Foi retirado o nome da secretária da revista, permanecendo apenas do coordenador e do coordenador/associado, bem como do conselho editorial e da composição da reitoria.

O segundo texto corresponde ao discurso proferido em 2 de março de 1999, quando da posse da administração acadêmica da UCS. Apresenta os desafios acadêmicos e financeiros que a universidade deverá enfrentar. Sobre os aspectos acadêmicos aponta a necessidade de indissociabilizar a pesquisa, o ensino e a extensão, bem como a necessária busca de formação de profissionais qualificados para as exigências da realidade presente. “No que tange à Universidade, uma nova instituição precisa ser construída: ágil, criativa, competente e comprometida com a sociedade” (p.14). As falas do reitor estabelecem relação com a regionalização da universidade, assim como o contexto econômico, político nacional e mundial pautado pelo discurso da qualidade, a qual era buscada, por exemplo, através de selos de qualificação, índices de aprovação, tão em voga naquele período. Também é significativa a meta de interação com outras universidades nacionais e internacionais, que está envolvida no *slogan* “Pés na região e olhos no mundo”, publicizado durante sua gestão.

Sete anos separaram as duas últimas publicações da revista. O volume 34, número 1, de janeiro a junho de 2007, contou com tamanho diferenciado, capa também diferente (fotografia de vitrais) e foi uma edição comemorativa aos 40 anos da UCS<sup>136</sup>. Sua nova fase é assim explicada,

Agora em sua nova fase editorial, ela assume a tarefa de divulgar as atividades de gestão acadêmica e de promover o aprofundamento do diálogo sobre a universidade em geral e, em especial, sobre o comunitário e regional da UCS. Entre outros objetivos, a *Chronos* pretende registrar os momentos importantes da experiência universitária, suscitar o debate sobre os rumos presentes e futuros da universidade, examinar os desafios e os novos objetivos a serem alcançados diante das necessidades sociais, do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, da formação científica de profissionais no atual processo de transformação e de globalização do mundo. (2007, p. 2)

---

<sup>136</sup> Presidente da Fundação Universidade de Caxias do Sul: Nestor Perini, vice-presidente: Roberto Vitorio Boniatti. Reitor: Prof. Isidoro Zorzi, Vice-Reitor: Prof. José Carlos Avino, Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional: Prof. João Ignácio Pires Lucas, Pró-Reitora de Graduação: Profa. Nilva Lúcia Rech Stedile; Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Prof. José Clemente Pozenato; Pró-Reitor de Extensão: Prof. Alexandre Viecelli; Pró-Reitor Administrativo: Prof. Gilberto Henrique Chissini; Chefe de Gabinete da Reitoria: Profa. Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro. Comitê Editorial: Jayme Paviani, José Carlos Köche, Cleodes Maria Piazza Julio ribeiro, Claudio Dal Bosco (UPF), Luiz Carlos Bombassaro (UFRGS), Ricardo Timm de Souza (PUCRS), Luiz Carlos Sturtz, Francisco Kury, Renato Henrichs (editor).

O “grupo pensante” permaneceu apoiando e participando da revista. Nomes foram substituídos e outros agregados, mas mantiveram em todos os volumes, representantes do grupo, o que denota seu comprometimento e ação junto à universidade. A revista buscou identidades: mudou sua apresentação, nem sempre houve editorial, alterou seções, dedicou-se a mostrar em períodos de mudanças administrativas bem como em momentos de crise, sua estrutura como uma forma de justificar as alterações e as medidas tomadas. Logo, foi um instrumento de diálogo entre os seus editores e colaboradores e a comunidade.

Por outro lado, sua importância sobre o pensar a UCS esteve mais presente nos números iniciais, quando se percebe reflexões a cerca da educação e da universidade, do tempo presente e das necessidades sociais. Aproximou a escola através de textos voltados à reflexão sociológica, pedagógica e das demais áreas educacionais. Atendendo á necessidade de formação de mais educadores, elaborou subsídios e pesquisas para justificar suas ações neste contexto.

O “grupo pensante” da UCS permite, através da CHRONOS, identificar permanências e mudanças na instituição e na forma de pensar e repensar a universidade como um movimento permanente. O pensar e o construir da UCS passou por momentos peculiares. Inicialmente os professores, escreveram sobre o que pensavam a respeito de universidade, através de textos com apontamentos teóricos na perspectiva de conceituar e estabelecer a Instituição que surgia. Os textos foram baseados em apontamentos, não conceituando definitivamente a Universidade.

Com a crise administrativa e financeira, os ideais do princípio foram reestruturadas pelas amarras burocráticas administrativas através da intervenção oficial do MEC, que com recursos financeiros permitiu a consolidação da universidade e que, com aparato administrativo adequou a UCS aos preceitos da Reforma Universitária. A CHRONOS traduz este momento em textos explicativos sobre a Universidade e sua nova organização e permite através de depoimentos de seus ex-reitores perceberem as peculiaridades e a avaliação sobre a instituição.

O crescimento físico, administrativo, de alunos, professores e funcionários associado ao desenvolvimento econômico e urbano regional,

incentivaram a criação de novos cursos, muito dos quais atendendo às demandas crescentes da indústria, Neste mesmo período, o processo de redemocratização no país se reflete na instituição que tem em seus segmentos a manifestação de dois desejos, a federalização e a democratização da universidade. Os textos publicados pela Revista CHRONOS, neste período, demonstram a ideia de interdisciplinaridade presente no pensar educacional, através de textos de diversas áreas do conhecimento. Também são publicados textos que retomaram o pensar sobre a universidade e o contexto social, político do Brasil e do Mundo.

A UCS alcança a maturidade promovendo a regionalização, abrangendo 69 municípios e participando das entidades que representam as universidades comunitárias: COMUNG e ABRUC. Chega a sua última publicação resgatando olhares, através dos discursos e dos documentos, sobre si mesma, numa busca permanente de identificação e formação de identidade própria. As palavras do Reitor Isidoro Zorzi, em seu discurso de posse, caracterizam a Universidade -“Estaremos atentos para que a UCS continue sendo uma instituição útil para a cidade e à região” (2007, p.9), objetivo ao qual a presente tese buscou pensar a universidade na perspectiva do seu caráter comunitário e regional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese, demonstrei o processo de criação, fundação, consolidação e expansão da Universidade de Caxias do Sul/RS, ocorrido, sobretudo, durante os anos de 1950 e 2002, tendo como agentes grupos da comunidade regional ligados aos setores religioso, empresarial, político e intelectual, dentre outros.

Durante a feitura do estudo desafios estiveram presentes. Angústias próprias das circunstâncias que envolvem os estudos de doutoramento. Desafios, associados a um olhar diferente da área de formação, que embora tenha aspectos em comum, me levou a leitura de novos e antigos autores com outras perspectivas. Desta experiência ficou a certeza da gratificação em cruzar perspectivas teóricas dentro de uma mesma proposta em torno de um estudo de história cultural. Tanto o ofício de historiadora como de educadora, através dos diálogos estabelecidos, revelaram aspectos interessantes e inusitados de perda e de criação de nova identidade como historiadora da educação.

Além dos desafios, a paixão pela História da Educação ficou evidente e se transpôs à prática de sala de aula, socializando com os alunos as descobertas e dúvidas. Também nos caminhos da tese, reencontrei traços adormecidos da vida estudantil quando escrevi sobre as questões relativas ao acesso ao ensino superior, foi rememorado o percurso da graduação. Neste reencontro, a postura sobre a defesa do ensino superior alcançou a necessidade de estudar o ensino superior privado, o qual oferece a maior parte das vagas e gradua o maior número de alunos no Brasil, bem como a necessidade de diferenciar as IES, especificando a UCS como comunitária e regional, pois não há um modelo único de universidade.

A história de uma instituição não pode estar desvinculada do contexto temporal, social, histórico. Desta forma, a UCS foi estudada como a primeira universidade da Serra Gaúcha, teve e tem papel importante no processo regional, nacional, com “os pés na região e os olhos no mundo”, é uma das maiores universidades do estado do Rio Grande do Sul. Não apresenta cenários que a diferenciam das demais universidades brasileiras, mas possui traços específicos em seu processo de criação e consolidação.

Tendo nos cursos isolados já existentes seu embrião, assim como muitas universidades criadas no mesmo período, as mantenedoras destes cursos é que a particulariza: a mantenedora do primeiro curso, de Belas Artes, foi o poder público municipal; do curso de Enfermagem, as Irmãs da Ordem São José, único cuja mantenedora está associada historicamente a do curso, uma vez que as ordens religiosas dedicavam-se à educação e à saúde; a Mitra Diocesana foi criadora do curso de Economia, enquanto a Sociedade Hospitalar Fátima foi mantenedora do curso de Direito. Tem-se desta forma segmentos da sociedade representados, no entanto, os grupos tornam-se mantenedores de cursos que não estão associados às suas funções essenciais como no caso do curso de Direito e no curso de Economia. O estudo sobre os cursos e suas mantenedoras foram estruturando o que denominei como grupo pensante da universidade.

A escolha pelo marco temporal também foi determinado pela existência destes cursos, 1950, e o limite foi o ano de 2002, que efetiva o processo de regionalização. Embora dados sobre contextos posteriores tenham sido apresentados na busca de configurar a instituição, o estudo centrou-se no período citado.

Estudar os cursos pré-existent não foi suficiente, fez-se necessário compreender o ensino superior brasileiro, a região e a cidade, significando as palavras de Peter Burke “quem quer que argumente que o conhecimento é socialmente situado certamente vê-se obrigado a situar a si mesmo(a)” (2003, p.18). Assim deu-se o reencontro da estudante de graduação, da educadora, da historiadora com o contexto das IES e, principalmente da UCS, aportando para as experiências e necessidades do local onde está inserida.

Contextualizando a história da educação brasileira, sobretudo das universidades, busquei na história da educação nacional, através da revisão bibliográfica, dados necessários ao entendimento da criação e fundação da UCS, num cenário marcado pelo processo de interiorização das universidades. No contexto do desenvolvimentismo, a sociedade brasileira, sobretudo através da classe média em expansão e do processo de urbanização, passou a desejar acesso a este nível de educação, o estado permitiu a expansão do modelo privado, no qual está inserida a UCS. Modelo que surgiu da fusão de cursos superiores pré-existent. O capítulo inicial permitiu ao leitor situar-se

historicamente no cenário macro, para no momento seguinte ser introduzido ao micro, a Universidade de Caxias do Sul.

O estudo sobre aspectos territoriais, culturais, políticos, econômicos, educacionais da região, esclareceram a importância de setores da comunidade, como representante de coletivos sociais, na criação do ensino superior, em uma próspera região do Estado do Rio Grande do Sul, que não era assistida por este nível educacional. O crescimento urbano e econômico, assim como a necessidade de profissionais qualificados para os diversos setores, como saúde, comércio, indústria, bem como para a educação primária e secundária que se expandia, foram justificativas do processo de criação da universidade.

Entre os setores que se destacaram na fundação da UCS, a Igreja Católica desempenhou papel fundamental na criação das faculdades de economia, filosofia, ciências e letras que geram as demais faculdades relacionadas à área educacional e foram propulsoras de novos cursos. A atuação da Igreja Católica no setor educacional era presente desde o final do século XIX, com as ordens religiosas que se instalavam no Brasil e na região. Também a atuação desenvolvida pelos poderes públicos, municipal com a criação do primeiro curso superior, Belas Artes, estadual e federal que doaram espaços, materiais e empréstimos nas situações mais delicadas da instituição, foi determinante para a consolidação e expansão da universidade. O setor empresarial iniciou sua participação mais efetiva a partir da transposição da Associação Universidade de Caxias do Sul para a Fundação Universidade de Caxias do Sul, quando passou a ocupar duas cadeiras no Conselho Diretor. Também é importante mencionar que cursos relacionados à área empresarial foram sendo oferecidos pela instituição: engenharias, cursos relacionados à área administrativa e prestação de serviços.

“Com os pés na região e olhos no mundo” a UCS teve no Conselho pró Faculdades de Caxias do Sul, 1956, o início e organização das metas e ações tomadas no sentido de criação da universidade. Em 1967, surgia a Universidade de Caxias do Sul, significando as palavras de Santos (2008, p. 59) “ao falarmos de futuro, mesmo que seja de um futuro que já sentimos a percorrer, o que dele dissermos é sempre produto de uma síntese pessoal.” Estudar a UCS foi buscar no passado entendimentos presentes e futuros.

Com a consolidação da universidade desafios foram sendo transpostos e momentos foram determinantes, nesse sentido, a *síntese pessoal* foi demarcar a criação da FUCS, pois, com ela a instituição passou a ter nova configuração administrativa, a qual é presente e sobre a qual permanecem debates sobre a necessidade de repensar continuamente seu processo, no sentido de demarcar o presente e o futuro. Fruto da primeira crise pela qual passou a instituição e resultando na nova organização administrativa, através da intervenção do MEC, a UCS cresceu numérica e qualitativamente no período, porém a necessidade de discussão sobre autonomia e democracia, presentes também no setor macro nacional, ocasionaram a paralisação das atividades em 1986.

As questões de autonomia buscaram estar refletidas na idéia de que “o grau de autonomia de um campo tem por indicador principal seu poder de refração, de retradução” (BOURDIEU,2004, p.22). Momento de debate interno levado à comunidade através também dos jornais, cuja análise foi importante para a percepção da sociedade acompanhando a universidade, e ao mesmo tempo, a universidade se fazendo perceber na comunidade através de suas ideias e ações, se retraduzindo e buscando a sua refração no sentido de refletir, pensar e construir a Universidade de Caxias do Sul.

Os caminhos percorridos pela UCS estiveram inseridos na configuração de uma universidade comunitária e regional, que passou a ser pensada e construída na década de 1980, quando ocorreu a reunião sobre o comunitário, na própria UCS, reunindo representantes de outras instituições que também buscavam caminhos e conceitos para estabelecer marcos de orientação e construção destas universidades, que surgidas das ações de segmentos de suas comunidades, nelas desenvolvem suas ações de ensino, pesquisa e extensão, na realização de suas funções sociais e acadêmicas, mas que carecem do estabelecimento de marco legal capaz de lhes garantir caminhos administrativos e financeiros próprios e mais seguros.

A característica regional da universidade remete às extensões universitárias, criadas ainda na década de 1960, mas que apenas nos anos 1990 teve o estabelecimento do conceito e ação própria com os estudos realizados pelo professor José Clemente Pozenato, “toda sociedade humana, além de ter um espaço e uma história, tem também um projeto que a

impulsiona para o futuro” (1992, p.10). O projeto de regionalização da UCS buscou, nas raízes históricas locais e temporais, estabelecer com a coletividade regional seu presente e seu futuro no cenário nacional e internacional.

Tendo por objetivo o estudo da criação, consolidação da UCS como primeira universidade da região que a levou ao conceito, ainda em construção, de comunitária, a Revista CHRONOS foi outro componente importante para a compreensão do “grupo pensante” da Universidade. Foi através da revista que percebi a atuação de grupos internos no processo de pensar e criar a universidade, ou seja, a partir das contribuições de seus professores, que editaram e colaboraram com a CHRONOS no período de 1967 – 2007. Estabelecidas as relações entre quem produzia, para quem produzia e em que momento ocorreu a produção, foi possível compreender a produção interna que buscou pensar e repensar continuamente a UCS.

Desta forma, a opção sobre quem produzia, se deu sobre dois professores que tiveram relação permanente com a revista e que também fizeram parte do grupo que pensou e construiu a universidade, desde seu início. Os professores Jayme Paviani e José Clemente Pozenato, além de educadores e pesquisadores, desempenharam funções de gestão na universidade assim, sua contribuição permitiu que os caracterizasse como representantes intelectuais no processo.

A CHRONOS acompanhou o desenvolvimento da UCS sendo inicialmente um instrumento que refletia sobre universidade e sobre a própria instituição, em outros, foi importante para conhecer historicamente as configurações administrativas internas, sobre o que se produzia por área nos diversos cursos da universidade. Significativos foram os números sobre acontecimentos contemporâneos, e, principalmente as datas comemorativas da instituição. Nestes volumes, seus colaboradores, sobretudo, reitores avaliaram a universidade, rememorando através dos discursos aspectos positivos e também de preocupação sobre o futuro da instituição.

Os diálogos estabelecidos entre ensino superior nacional, a região, a cidade de Caxias do Sul através dos setores que criaram e mantiveram os cursos isolados permitiram a percepção sobre a fundação da Universidade. A UCS, como primeira universidade da região estendeu seus serviços a 69

municípios e se constituiu e constitui em importante instituição educacional que no presente conta com outras Instituições de Ensino Superior na cidade de Caxias do Sul. E conforme a imprensa nacional e local, há a possibilidade de instalação de uma extensão da UFRGS em Caxias do Sul ou em outra cidade, a ser definida, da região.

O cenário político, econômico, cultural, social se alterou ao longo destes 45 anos, a UCS acompanhou muitas das transformações e no tempo presente, permanece buscando sua identidade como instituição regional e comunitária, para fortalecer sua posição dentro dos cenários presentes e futuros.

Sendo uma instituição comunitária e regional, que busca desempenhar papel central no desenvolvimento humano, técnico e científico, a UCS está inserida nos debates nacionais e internacionais sobre educação e especificamente engajada nas discussões sobre a necessidade de estabelecer uma filosofia, um conceito de comunitária capaz de garantir sua permanência e atuação. Busca construir permanentemente sua identidade para desempenhar as funções de ensino, pesquisa e extensão com o desafio de ser autônoma e democrática. Como instituição presente nas comunidades, permitindo o acesso ao ensino superior a cerca de 32.800 alunos, não pode ser visualizada de forma isolada, por isso, a percepção histórica a significam em cenários de constantes alterações.

Os desafios futuros estão inseridos no contexto de educação nacional, mais especificamente das IES, num cenário que acompanhou, nos últimos anos, a expansão numérica das mesmas. Também fazem parte do cenário futuro, as dificuldades econômicas e administrativas, reafirmadas nos debates nacionais e estaduais das instituições comunitárias. Especificamente à UCS, os desafios de gestão democrática interna têm sido presentes e debatidos entre as associações representativas das categorias acadêmicas. Também a preocupação com a qualidade do ensino, pesquisa e extensão é constantemente reavaliada na instituição.

O estudo propôs novos olhares, novas interrogações, através dos documentos, entrevistas, periódicos. É contributo ao pensar e repensar continuamente o ensino superior brasileiro, sobretudo o regional e comunitário com suas especificidades locais e inserido no contexto nacional e mundial. Não é conclusivo, mas objetiva incentivar outros estudos e olhares sobre as

universidades do interior do Brasil, desconstruindo a idéia de que o ensino superior brasileiro obedece a uma formatação única.

Uma instituição não é uma, mas várias, dependendo dos interesses e olhares a ela voltados. A UCS foi analisada a partir de sua fundação, consolidação, expansão e como universidade comunitária e regional, sem a pretensão de ser um estudo conclusivo, sinaliza outros enfoques para o entendimento destas e de outras características, como por exemplo: aprofundamento sobre os movimentos internos que procuraram de certa forma resistir às pressões (estudantes, professores, funcionários), análise dos processos de escolhas dos gestores e critérios utilizados (eleições, indicações), que permitem melhor compreender o debate interno sobre a democratização da instituição, assim como trabalhos sobre a expansão, qualificação do ensino e dos quadros profissionais nos últimos anos. Outros e necessários estudos se fazem necessários para a compreensão da trajetória da Universidade da Serra, hoje, Universidade de Caxias do Sul.

## Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABBUD, Maria Luiza Macedo. “Investigando o Ciclo Básico da PUC/SP por meio da História Oral”. IN: **QUAESTIO: Revista de Estudos em Educação**. Sorocaba, vol,8, nº 1, 2006.

ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul (educação) 1877-1967**. Porto Alegre: ESTSLB, 1981. Tomo III, Edição Póstuma.

ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul 1864-1962**. Caxias do Sul: São Miguel, 1963. Primeiro tomo.

AMARAL, Nelson Cardoso. “Expansão-avaliação-financiamento: tensões e desafios da vinculação na educação superior brasileira.” In: MANCEBO, Deise e outros (org). **Reformas da educação superior: cenários passados e contradições do presente**. São Paulo: Xamã, 2009.

ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In: SADER, Emir. Pós-neoliberalismo- as políticas sociais e o estado democrático. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ARAPIRACA, José Oliveira. **A USAID e a Educação no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1982.

ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - ASPHE; FaE; UFPel. **História da Educação**. Pelotas: ASPHE, n. 27, jan./abr. 2009.

ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - ASPHE; FaE; UFPel. **História da Educação**. Pelotas: ASPHE, n. 28. maio/ago. 2009.

ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - ASPHE; FaE; UFPel. **História da Educação**. Pelotas: ASPHE, n. 29. set./dez. 2009.

BARROS, C. M. **Ensino Superior e Sociedade Brasileira: análise histórica e sociológica dos determinantes do ensino superior no Brasil (décadas de 1960/70)**. Dissertação de Mestrado – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

BASTOS, Maria H. C. “A imprensa periódica educacional no Brasil: 1808 a 1944”. In: CATANI, d. B. & BASTOS, M. H. C. (org). **Educação em Revista: A imprensa periódica e a História da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

BASTOS, Maria Helena C.; BENCOSTTA, Marcus Levy A.; CUNHA, Maria Teresa S. **Uma cartografia da produção em História da Educação na**

**Região Sul – Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul (1980-2000).** Pelotas: Seiva, 2004.

BASTOS, Maria Helena Câmara e STEPHANOU, Maria Helena. **Histórias e memórias da educação no Brasil.** vol. III: século XX. Petrópolis: Vozes, 2005.

BASTOS, Maria Helena Câmara. “Pense Globalmente, Pesquise Localmente? Em busca de uma mediação para a escrita da História da Educação.” Projeto de Pesquisa “Educação Brasileira e Cultura Escolar: análise de discursos e práticas educativas (séculos XIX e XX)”, 2009. (CNPQ/PUCRS).

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BERGOZZA, Roseli Maria. **Escola complementar de Caxias: histórias da primeira instituição pública para formação de professores na cidade de Caxias do Sul (1930-1961).** Universidade de Caxias do Sul, dissertação de mestrado/Educação, 2010.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea.** São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

BOMENY, Helena Maria Bousquet. Os intelectuais da educação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas. In: ORTIZ, Renato (Org). *Pierre Bourdieu.* São Paulo: Ática, 1983. p. 156-183. (Grande cientistas sociais, 39).

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento – de Gutenberg a Diderot.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2003.

CARNEIRO,

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro de Sombras: a política imperial.** 2. ed. rev. Rio de Janeiro: UFRJ, Relume Dumará, 1996.

CATANI, Afrânio Mendes. **Reformas da educação superior: cenários passados e contradições do presente.** São Paulo: Xamã, 2009.

CONSELHO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA SERRA - COREDE. **Diretrizes estratégicas para o desenvolvimento dos municípios da região de abrangência da Universidade de Caxias do Sul.** Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, Agosto 2004.

CONSÓRCIO DAS UNIVERSIDADES COMUNITÁRIAS DO RIO GRANDE DO SUL - COMUNG. Seminário do consórcio das universidades comunitárias gaúchas. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

CUNHA, Luiz Antônio Cunha. **A Universidade crítica: o ensino superior na República Populista.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

CUNHA, Luiz Antonio. Rodrigo. O público e o privado no ensino superior brasileiro: fronteira em movimento. Revista da rede de avaliação institucional de Educação Superior. Campinas, v.2, n 4 (6), p. 13 – 24, dez. 1997.

CUNHA, Luiz Antônio Cunha. “Reforma universitária em crise: gestão, estrutura e território.” IN: TRINDADE, Hélgio (og) **Universidade em ruínas.** Petrópolis: Vozes, 2000.

Dal Moro, Selina M. **Escola, Igreja e Estado nas colônias italianas.** Revista educação e Realidade, 1987, volume 12, n<sup>o</sup> 2, p. 57-79.

DELGADO, Lucilia de A. N.; FERREIRA, Jorge (org.). **O Brasil Republicano: o tempo da ditadura - regime militar e movimentos sociais em fins de século XX.** RJ: Civilização Brasileira, 2007.

DESLAURIERS, Jean-Pierre e KÉRISIT. “O delineamento da pesquisa qualitativa.” In: **A pesquisa Qualitativa Enfoques Epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis. Vozes, 2010, 2ª edição.

ELLSWORTH, Elizabeth. “Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também.” In: SILVA, Tomaz Tadeu da(org). **Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FALCON, Francisco. **História Cultural uma nova visão sobre a sociedade e a cultura.** Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A. **Universidade e Poder: Análise crítica/ fundamentos históricos: 1930-45.** RJ: Achimé, 1980.

FREITAG, Bárbara. **Política educacional e indústria cultural.** SP: Cortez, 1987.

FREITAS, Marcos Cezar de. “Educação brasileira: dilemas republicanos nas entrelinhas de seus manifestos.” In: BASTOS, Maria H. C. e STEPHANOU, Maria. **Histórias e Memórias da educação no Brasil. Vol. III – Século XX.** Petrópolis: Vozes, 2005.

GASPARI, Elio. **A ditadura derrotada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GASPARI, Elio. **A ditadura encurralada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GERMANO, José Willington. **Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 1993.

GIOLO, Jaime. A República Riograndense e as Novas Condições para a Educação, 1997, Campinas. **Anais do IV Seminário de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"**. Campinas: Unicamp, 1997.

GIRON, Loraine S. **As Sombras do litório: o fascismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

GIRON, Loraine S. **Caxias do Sul: evolução histórica**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1977.

GOERTEL, Ted. **MEC-USAID Ideologia de Desenvolvimento Americano Aplicado à Educação Superior**. Porto Alegre: ADUFRGS, Documento, ano 1, n. 1, outubro 1988.

GOMES, Angela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena (coord.). **A República no Brasil**. São Paulo: Nova Fronteira, 2003.

GRAZZIOTIN, Roque Maria Bocchese. **Pressupostos da prática educativa na Diocese de Caxias do Sul: 1934 a 1952**. Universidade de Caxias do Sul, dissertação de mestrado/Educação, 2010.

HERMANN, Nadja. *Pluralidade e ética em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HERMANN, Nadja. "Nietzsche: crítica e transvaloração da educação". IN: Fávero, Altair e LAGO, Clenio. *Leituras sobre Nietzsche e a Educação*. Passo Fundo: IMED, 2010.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. **Processo de Industrialização da Zona colonial Italiana**. Caxias do sul: EDUCS, 1997.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL - IAM (org.). **Municípios da regionalização**. Caxias do Sul: Gráfica da UCS, 2009.

INSTITUTO DE GESTIÓN Y LIDERAZGO UNIVERSITÁRIO - IGLU. Uma Publicación Semestral Del instituto de Gestión y Liderazgo Universitario de a organización Universitária Interamericana. Canadá, octubre 1994.

ISAIA, Artur Cesar. **Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

JORNAL de Caxias, 11/04/1986.

JORNAL Pioneiro, 01/03/1950.

JORNAL Pioneiro, 03/03/1956.

JORNAL Pioneiro, 21/04/1956.

JORNAL Pioneiro, 03/01/1959.

JORNAL Pioneiro07/03/1959.

JORNAL Pioneiro03/04/1959.

JORNAL Pioneiro, 11/02/1967.

JORNAL Pioneiro, 18/02/1967.

JORNAL Pioneiro, 03/02/1974.

JORNAL Pioneiro, 09/03/1974.

JORNAL Pioneiro, 22/02/1986.

JORNAL Pioneiro, 27/02/1986.

JORNAL Pioneiro, 14/03/1986.

JORNAL Pioneiro, 25/03/1986.

JORNAL Pioneiro, 11/04/1986.

JORNAL Pioneiro, 17/04/1986.

JORNAL Pioneiro, 29/04/1986.

JORNAL Pioneiro, 01/05/1986.

JORNAL Pioneiro, 20/05/1986.

JORNAL Zero Hora, 25/02/1986.

JORNAL Zero Hora, 08/04/1986.

KANT, Immanuel. *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1997.

KANT, Immanuel. *Sobre a Pedagogia*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2004.

KREUTZ, Lúcio. **Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio**. Revista Brasileira de educação, Dezembro 2000, p. 159-176.

LAMARRA, Norberto Fernández. **Universidad, Sociedad e Innovación - una perspectiva internacional**. Caseros: EDUNTREF, 2009.

LIEDKE, Enno D. Filho. **A Sociologia no Brasil: história, teorias e desafios**. IN: Sociologias, Porto Alegre, ano 7, nº 14, jul/dez 2005, p. 376-437.

LINDO, Augusto Pérez. *Para qué educamos hoy? Filosofía de La educación para um nuevo mundo*. Buenos Aires: Biblos, 2010.

LOPES, Sônia de Castro. "Flagrantes da profissão docente na cidade do rio de Janeiro nas páginas da revista *O Ensino Primário (1884-1885)*". In: **Revista Brasileira de História da Educação, SBHE**. São Paulo/Campinas: Autores Associados, 2010.

LONGHI, Solange Maria. **A face comunitária da universidade**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

LONGHI, Solange M.; FRANCO, Maria E. D.; ROCHA, Aline. **Ultrapassando a dicotomia público-privado: a identidade jurídica pública não estatal reivindicada pelas IEScomunitárias**. Disponível em: <[www.anpae.org.br/congressosantigos/simpósio2009/329](http://www.anpae.org.br/congressosantigos/simpósio2009/329)>. Acesso em: 5 jun. 2010.

LUCHESE, Terciane Ângela. **O processo escolar entre imigrantes da região colonial italiana do RS - 1875 a 1930**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

MACHADO, Ana Maria N.; MENDES, Vitor Hugo. **Universidades Comunitárias do Sul do Brasil no cenário e na história da(s) Universidade(s): a centralidade do problema da autonomia e os processos de interiorização e universalização da Educação Superior**. In: NUNES, Ana Karin (org.). **Universidade Comunitária e avaliação: os quinze anos do PAIUNG**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

MARTINS, Carlos Benedito. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. **Educ. Soc. Campinas**, v. 30, n. 106, p. 15-35, jan./abr. 2009.

MOCELLIN, Maria Clara. **Trajetórias em rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MORAIS, João Luiz de. **Perfil das Universidades comunitárias: coordenadoria das universidades comunitárias**. SP: Edições Loyola, 1989.

MORHY, Lauro (org). **Universidade no Mundo – Universidade em Questão**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para o além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

NÓVOA, Antonio. *A Imprensa de Educação e Ensino: concepções e organização do Repertório Português*. In: BASTOS, Maria Helena Camara e CATANI, Denice Barbara. **Educação em Revista – a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997

NÓVOA, Antonio. Apresentação. IN: Histórias e memórias da educação no Brasil Vol. I Séculos XVI-XVII. Petrópolis: Vozes, 2004, p.9-13.

NÓVOA, Antonio. Por que a História da Educação? In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. V. II, Século XIX. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

OLIVEN, Arabela Campos. **A Paroquialização do Ensino Superior: classe média e sistema educacional no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1990.

OLIVEN, Arabela Campos. “Arquipélago de competência: universidades brasileiras na década de 90”. In: Cad. Pesq., São Paulo, n.86, p.75-78, ago. 1993.

PADRÓS, Enrique Serra; HOLZMANN, Lorena; (org.). **1968: contestação e utopia**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

PAES, Maria Helena Simões. **A década de 60: rebeldia, contestação e repressão política**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

PAVIANI, Jaime. Universidade Comunitária - um modelo alternativo de universidade. **Enfoque**. Bento Gonçalves: Fundação educacional da Região dos Vinhedos, ano 13, 1985.

PAVIANI, Jayme. “História da Revista CHRONOS”. IN: REVISTA CHRONOS, vol. 25, nº 1 e 2, jan. jun, 1992.

PAVIANI, Jayme e POZENATO, José Clemente. **Introdução à Universidade**. Caxias do Sul; UCS, 1977.

PAVIANI, Jayme e POZENATO, José Clemente. **A Universidade em Debate**. Caxias do Sul: EDUCS, 1980.

PAVIANI, Jayme. "Os Desafios da Universidade Comunitária." IN: Revista CHRONOS. Caxias do Sul: EDUCS, 2007.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

POCHMANN, Marcio. **Superar o subdesenvolvimento**. In: Jornal Valor Econômico, 16/02/11.

POZENATO, José Clemente. **A Regionalização da Universidade – Conceitos e Perspectivas/ Assessoria de Planejamento da universidade de Caxias do Sul**. Caxias do Sul, 1992.

POZENATO, José Clemente. **A Regionalização como Estratégia de Acesso no Conhecimento**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Carlos, 1995.

PRESTES, Gelça R. L. **Universidade de Caxias do Sul - Pés na região, olhos no mundo. 1990-2002**: uma trajetória de qualidade e conquistas. Caxias do Sul: São Miguel, 2002.

PRÓ-REITORIA de Planejamento e Desenvolvimento Institucional. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2007-2011**. Caxias do Sul: UCS, Março 2007.

Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Desenvolvimento Tecnológico, 2011.

Pró-Reitoria acadêmica, 2011.

RAWLS, John. *História da filosofia moral*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **O golpe e a ditadura militar**: quarenta anos depois (1964-2004). Bauru: EDUSC, 2004.

REVISTA CHRONOS, vol. 1, 1967.

REVISTA CHRONOS, vol. 2, 1968.

REVISTA CHRONOS, suplemento, 1969.

REVISTA CHRONOS, vol 3, 1970.

REVISTA CHRONOS, vol. 4, 1971.

REVISTA CHRONOS, vol. 5, 1973.

REVISTA CHRONOS, vol. 6, 1974.

REVISTA CHRONOS, vol. 7, 1975.

REVISTA CHRONOS, vol. 8, 1976.

REVISTA CHRONOS, vol. 9, 1977.

REVISTA CHRONOS, vol. 10, 1977.

REVISTA CHRONOS, vol. 11, 1977.

REVISTA CHRONOS, vol. 12, 1978.

REVISTA CHRONOS, vol. 13, 1979.

REVISTA CHRONOS, vol. 14, 1980.

REVISTA CHRONOS, vol. 15, 1980.

REVISTA CHRONOS, vol. 16, 1981.

REVISTA CHRONOS, vol. 17, 1981.

REVISTA CHRONOS, vol. 18, 1981.

REVISTA CHRONOS, vol. 19, 1981.

REVISTA CHRONOS, vol. 20, 1981.

REVISTA CHRONOS, vol. 21, 1986.

REVISTA CHRONOS, vol. 22, n° 1, 1989.

REVISTA CHRONOS, vol. 22, n° 2, 1989.

REVISTA CHRONOS, vol. 23, n° 1, 1990.

REVISTA CHRONOS, vol. 23, n° 2, 1990.

REVISTA CHRONOS, vol. 24, n° 1, 1991.

REVISTA CHRONOS, vol. 24, n° 2, 1991.

REVISTA CHRONOS, vol. 25, n°1 e 2, 1992.

REVISTA CHRONOS, vol. 26, n°1 e 2, 1993.

REVISTA CHRONOS, vol. 27, nº 1 e 2, 1994.

REVISTA CHRONOS, vol. 28, nº 1, 1995.

REVISTA CHRONOS, vol. 28, nº 2, 1995.

REVISTA CHRONOS, vol. 29, nº 1, 1996.

REVISTA CHRONOS, vol. 29, nº 2, 1996.

REVISTA CHRONOS, vol. 30, nº 1, 1997.

REVISTA CHRONOS, vol. 30, nº 2, 1997.

REVISTA CHRONOS, vol. 31, nº 1, 1998.

REVISTA CHRONOS, vol. 31, nº 2, 1998.

REVISTA CHRONOS, vol. 32, nº 1 e 2, 1999.

REVISTA CHRONOS, vol. 33, nº 1, 2000.

REVISTA CHRONOS, vol. 33, nº 2, 2000.

REVISTA CHRONOS, vol. 34, nº 1, 2007.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio; POZENATO, José Clemente (org.). **Cultura, imigração e memória: percursos & horizontes: 25 anos do ECIRS.** Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

RISTOFF, Dilvo e GIOLO, Jaime. "A educação Superior no Brasil – Panorama Geral". In: **Educação Superior Brasileira: 1991-2004.** Brasília: Instituto Nacional de estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930/1973).** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

ROSSATO, Ricardo. **Universidade nove séculos de História.** Passo Fundo: EDIPUF, 1998.

SAMPAIO, Helena Maria Sant'Ana. **O ensino superior no Brasil. O setor privado.** São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2000.

SANFELICE, José Luis. "O Estado e a política educacional do regime militar." IN: SAVIANI, Dermeval (org). **Estado e políticas Educacionais na História da Educação Brasileira.** Vitória. EDUFS, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no Século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da universidade.** [www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf](http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf), acesso 30/11/11.

SANTOS, Valdir dos. **Solenidade de Outorga da Medalha Dom Benedito Zorzi/ Mérito UCS ao Dr. Virvi Ramos**. Caxias do Sul, jun./set. 2002.

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 12. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **Estado e Políticas Educacionais na História da Educação Brasileira**. (org.) Vitória: EDUFES, 2010.

SCHMIDT, João Pedro e CAMPIS, Luiz Augusto A. **“As instituições comunitárias e o novo marco jurídico do público não-estatal.”** In:

SCHMIDT, João Pedro (org.). **Instituições comunitárias: instituições públicas não-estatais**. Santa Cruz do SUL: EDUSC, 2009.

SCHMIDT, João Pedro (org.). **Instituições comunitárias**: instituições públicas não-estatais. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

SCHMIDT, João Pedro. “ O comunitário em tempos de público não estatal.” IN: **Avaliação**. Campinas; Sorocaba, SP, 2010.

SILVA, Franklin Leopoldo e. Universidade: a idéia e a história. In: STEINER, João E.; MALNIE, Gerhard (org.). **Ensino Superior**: Conceito & Dinâmica. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Maria Gorete Rodrigues da. **Labirintos de Espaços e Tempos no Cotidiano Universitário**: o Acadêmico de Administração/ Universidade de Caxias do Sul/ Canela. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**, v. III. Petrópolis: Vozes, 2005.

STURTZ, Luis Carlos. **Origem da UCS - de 1967 a julho de 1996**. Caxias do Sul: UCS, 2007.

TISOTT, Ramon Victor; OLIVEIRA, A. N. C. Política de formação de mão de obra e amparo a meninos pobres na Escola Elementar Industrial de Caxias. In: Seminário Internacional - Migrações: Mobilidade Social e Espacial XIX/Simpósio de Imigração e Colonização, 2010, São Leopoldo. Seminário Internacional - Migrações: Mobilidade Social e Espacial XIX/Simpósio de Imigração e Colonização. São Leopoldo: OIKOS, 2010. p. 824-835.

TRINDADE, Héglio (org.). **Universidade em ruínas**: na república dos professores. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Relatório de Atividades 1974-1977**. Caxias do Sul: UCS, 1980.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Universidade de Caxias do sul – Uma presença na comunidade. Relatório 1982-1986.** Caxias do Sul. UCS, 1987.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **“Universidade com Qualidade” Proposta de ação 1994-1998.** Prof. Ruy Pauletti (reitor) A universidade da integração regional. (Caderninho)

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. Assessoria de Planejamento. **A regionalização da Universidade:** conceitos e perspectivas. Caxias do Sul: UCS, 1992.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Plano de desenvolvimento institucional 2007-2011.** Caxias do Sul: UCS, abr. 2007.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Relatório de Autoavaliação Institucional UCS-SINAES: Universidade de Caxias do Sul - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior.** Caxias do Sul: UCS, mar. 2010.

VÉCCHIA, Marisa Formolo Dalla; HERÉDIA, Vânia B.M.; RAMOS, Felisberta. **Retratos de um saber - 100 anos de História da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul.** Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes, 1998.

[www.abruc.org.br](http://www.abruc.org.br)

[www.comung.org.br](http://www.comung.org.br)

[www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)

[www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)

[www.ucs.br](http://www.ucs.br)

XERRI, Eliana Gasparini; BASTOS, Maria Helena Camara. **Docência:** uma tradição familiar. In: **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 66-81, ago./dez. 2009.

ZORZI, Isidoro. “Universidade de Caxias do Sul: um exemplo do modelo de universidade comunitária.” In: SCHMIDT, João Pedro (org). **Instituições Comunitárias – instituições públicas não-estatais.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

## ANEXOS

### 1. Reitores da Universidade de Caxias do Sul

Reitores	Mandato
Virvi Ramos	1967 – 1972
Sérgio Almeida de Figueiredo	1972 – 1973
Airton Santos Vargas	1973 – 1974
Abrelino Vicente Vazatta	1974 – 1987
João Luiz Morais	1987 – 1990
Ruy Pauletti	1990 – 2002
Luiz Antônio Rizzon	2002 – 2006
Isidoro Zorzi	2006 -

### 2. Revista CHRONOS, publicações (artigos e autores)

#### Volume 1, nº 1, 1967

CHRONOS 1		
Título do texto	Autor	Referências do autor – 1967
“Aristóteles, Peri Hermeneias c. 1, 16 a 3-8”	Antonio Carlos Kroeff Soares	Bacharel em Filosofia na PUCRS. Licenciado em Filosofia na Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul. Professor de História da Filosofia e titular de Introdução à filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Caxias do Sul.
“Condições e Origem do Filosofar”	Ernildo Jacob Stein	Formado em Filosofia e Direito pela UFRGS. Curso de pós-graduação na Alemanha, na PUC e na UFRGS. Professor titular de Ética e Filosofia da Religião na Universidade de Caxias do Sul, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Professor de Filosofia Geral e Filosofia Contemporânea na Faculdade de Filosofia de Viamão. Professor de Filosofia e Teologia da história na PUCRS. Livros publicados: Introdução ao pensamento de Martin Heidegger, O Transcendental e o Problema de Deus em Heidegger, Hermenêutica e Historicidade.
“Introdução ao Pensamento de John Dewey”	Jayme Paviani	Bacharel em Filosofia na Faculdade de Filosofia de Viamão. Licenciado em Filosofia na Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul. Professor de Filosofia Geral e Filosofia da Arte na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UCS. Tem publicado um livro de poemas em parceria.
“Banquetes Fúnebres”	Mário Gardelin	Licenciado em História pela Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul. Professor assistente de História do Brasil na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na UCS.
“O Cultivo da Música nas Reduções dos Índios Guaranis”	Ottmar Haab	Licenciado em Letras Anglo-Germânicas pela Faculdade de Filosofia da UFRGS e em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia de Ijuí. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Caxias do Sul. Professor de Administração Escolar na Faculdade

		de Filosofia, Ciências e Letras da UCS. Atualmente com bolsa de estudos na Universidade de Wisconsin, USA.
“A Crise Vinícola Brasileira poderá ser equacionada?”	Ulysses de Gasperi	Professor na UCS, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e na Faculdade de Ciências Econômicas. É titular da cadeira de geografia. Tem publicado o livro Elementos de Economia.
“Breve Estudo Sobre o Clima de Caxias do Sul”	Loraine Slomp Giron	Licenciada em Geografia e História pela PUCRS. Titular de História da América no curso de História e professora assistente de Geografia Física no curso de geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
“Situation de Baudelaire Dans La Litterature Française” e “LeSpleen Et L’Ideal Dans L’Oeuvre de Baudelaire”.	Madre Maria da Eucaristia Daniellou	Ex-diretora da Faculdade de Filosofia Santa Úrsula no Rio de Janeiro. Professora de Francês e professora catedrática de Grego. Atualmente professora titular de Língua e Literatura Francesa, Didática, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na UCS.
Universidade e Política	Pedro Miguel Cinel	Licenciado em Filosofia na PUCRS. Professor na faculdade de Filosofia da PUC, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Caxias do Sul. Professor no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Inspetor do Ensino Normal. Ex-assessor da sub-secretaria do ensino médio.
“A Crítica da Religião”	José Clemente Pozenato	Bacharel em Filosofia pela Faculdade de Viamão. Formado em Teologia. Professor de Introdução à Filosofia e de Teologia no Curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UCS. Tem publicado um livro de poemas em parceria.

## Volume 2 (1968)

CHRONOS 2	
“Aristóteles, Peri Hermeneias, c. 1, 16 a 9-18”,	Antônio Carlos Kroeff Soares
“A Filosofia e a Tarefa da Verdade”	Ernilo Jacobstein
“Perspectivas para uma Filosofia da Arte”	Jayme Paviani
“Dois Contos em Literatura”	José Clemente Pozenato
“Invenção de Orfeu, Uma Ilha”	José Clemente Pozenato
“Síntese das Pesquisas Arqueológicas no Planalto Rio-Grandense – Casas Subterrâneas”	Fernando La Salvia
“Região Polarizada: Caxias do Sul”	Igor Antonio Gomes Moreira
“Para uma Sociologia Aplicada à Educação”	Isidoro Zorzi

Volume/Ano	Título	Autor
3/1970	Perspectivas para uma filosofia da arte	Jayme Paviani
	Sartre e a dialética da liberdade	Guy Paulo Bisi
	A minha visão da história	Loraine Slomp Giron
	Elementos para um estudo da marginalização urbana em Caxias do Sul	Isidoro Zorzi
	Comunicação na empresa	Paulo L. Zugno
4/1971	Em torno de uma política educacional	Virvi Ramos
	A origem e o ideal histórico das	Armindo Trevisan

	universidades	
	Teoria das proposições em lógica quantificacional e ponto de partida de uma hermenêutica quantitativa	Antônio Carlos Kroeff Soares
	As ciências que estudam a obra de arte	Jayme Paviani
	Evolução do conceito de região	Igor Antonio Gomes Moreira
	Une région rurale em mutation: le centre du plateau rio grandense	Raymond Pébayle e colaboração de Daniela Marioni
	Tendências do pensamento contemporâneo ocidental (1)	Guy Paulo Bisi
	A profissionalização da mulher em nível universitário	Nélcia M. Eberle Tomé
5/1973	Discurso proferido por ocasião da posse do reitor da Universidade de Caxias do Sul	Airton Santos Vargas
	Esboço de elaboração de um conceito de universidade	Jayme Paviani
	Motores rotativos de combustão interna	Roberto Bressiani
	Embolectomias	Vicente G. Gallicchio
	Perspectivas de desenvolvimento econômico do Brasil em relação ao resto do mundo	Ennio Cruz da Costa
	Tempo e espaço na cultura maia	Guy Paulo Bisi
	A linguagem da nova música	Lino Casagrande
	Machado de Assis e o sentido da universidade	José Clemente Pozenato
	Cecília ou a proximidade essencial das coisas	Cleodes M. P. Júlio Ribeiro
6/1974	Breve apresentação da atual estrutura da Universidade de Caxias do Sul	Jayme Paviani
	Reflexões sobre a crise epistemológica atual	José Clemente Pozenato
	A influência social	Luiz Rizzon
	A influência da imigração no processo de modernização	Loraine Slomp Giron
	Diferentes realizações do morfema in em português	Régis Ivan Trentin
	Semântica: uma ciência universal dos significados?	Ary Nicodemos Trentin
	A ideia da pintura e a referência ao problema identidade-método	Elyr Ramos Rodrigues
	A figura do coreógrafo	Ilse Gruber
7/1975	A missão da universidade	Abrelino Vicente Vazatta
	O fragmento 40 de Heráclito	Antônio Carlos Kroeff Soares
	Introdução ao Iluminismo	Luiz A. de Boni
	Insuficiência vascular cerebral intermitente	Ernani Lopes Pedone
	Lei, indivíduo e justiça	Lia Rosa Reuse
	Da educação e do desenvolvimento social	Marisa V. Formolo Dalla Vecchia
	Barcas e arcas para um novo Ulisses	Cleodes M. Pe. J. Ribeiro
8/1976	Conceito de justiça	Sérgio Almeida de Figueiredo
	Hume e a origem do governo	Antônio Carlos Kroeff Soares
	Jefferson e a Independência Americana	Iara Petrucci
	Ligeiras observações sobre execução da pena privativa de liberdade	Marino Kury

	Concessão e permissão-qualificada de serviços públicos	Bolivar Pedrotti Melgaré
	Kant e os fundamentos do direito internacional público	Jayme Paviani
	O contrabando e o direito das gentes	José João de Oliveira Freitas
9/1977	Turismo na sociedade industrial - a função estética da paisagem -	Ernilo Stein
	Turismo e meio ambiente	Geraldo Castelli
	O ensino do turismo e a realidade contemporânea	Lourdes Fellini Sartor
	Aspectos econômicos do turismo	Renato Batista Masina
	Turismo e saúde	Jair de Oliveira Soares
10/1977	Algumas figuras femininas na literatura grega	Maria da Eucaristia Daniellou
	O romance: um esquema didático	José Clemente Pozenato
	Florbela Espanca, equilíbrio no desequilíbrio	Antônio Hohlfeldt
	O crime do padre Amaro - Crítica a uma sociedade decadente -	Valentin Ângelo Lazzarotto
	Figuras de linguagem	Jocelia Pizzamiglio
	Uma interpretação de Tristão de Athayde	Ivoni Nor
	Graciliano Ramos segundo Álvaro Lins	Roselene Lúcia Perondi
11/1977	A educação como fator de desenvolvimento	Victor Faccioni
	O método no ensino de línguas	Régis J. Berthi e Waldyr L. Prévidi
	Aconselhamento psicopedagógico: embasamentos psicológicos	Amélia Dolores Berthi Rodrigues
	As comunicações de massa no Brasil de hoje	Maurício Sirotsky
12/1978	À procura da tradição greco-romana	Antônio Carlos Kroeff Soares
	A fantástica metafísica do super-homem	Décio Osmar Bombassaro
	Considerações acerca da imagem poética	Neires Maria Soldatelli Paviani
	Estudo do Prelúdio e Fuga em Dó Maior de J.J. Bach	Maurien Argia Chiarello Gauer
	Estudo da III Estação da Via Sacra de Aldo Locatelli	Kenia Maria Menegotto Pozenato
	O sentido do desenvolvimento	Marília Martta Kuhn
	A arte e a busca da realidade	Naira Soares Plentz
13/1979	Algumas tendências no ensino de ciências	Ubiratan D'Ambrósio
	A expressão poética na obra "Onze Horas Úmidas"	Magda Elisabete Scotta
	Atitudes como expressão de valores	Marília Martta Kuhn
	Comunidade e habitação	Seno A. Cornely
	Saudação pelo Prof. Jayme Paviani ao Pe. Plínio Bertelle, primeiro Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Caxias do Sul, por ocasião da entrega do título de Professor Emérito em 20.11.79	Jayme Paviani
14/1980	Cultura e Civiltà di Venezia	Feliciano Benvenuti
	Nanetto Pipetta - do texto escrito à história oral	Cleodes Piazza Julio Ribeiro
	Jorge de Lima e a modernidade	José Clemente Pozenato

	A lírica dramática de Murilo Mendes	Ary Nicodemos Trentin
	Sugestão Didática para análise do poema	Lisana Bertussi
	O desenlace nos contos de Carlos Carvalho	Neires Maria Soldatelli Paviani
	Resenha	Lígia Cademartori Magalhães
15/1980	Tumor de Wilms - uma revisão	Norberto Tonietto, Celso Piccoli Coelho e Neuro Motta
	Parede Abdominal - Trígono Inguinal	Alaor Teixeira
	Estado Atual das Hepatites por Vírus	Milton Bertelli
	Nutrição Parenteral Prolongada	Francisco Karkow
	Neoplasia Trofoblástica Gestacional	José Mauro Madi
	A etiologia e o conjunto intersecção entre as Ciências Biológicas e as Ciências Sociais	Juan L. Carrau
16/1981	Sobre a necessidade de uma extensão para o Teorema de Fubini	Circe Mary Silva da Silva
	Silogística assertória simples e algumas de suas ampliações	Antônio Carlos Kroeff Soares
	Describir y valorar (Una reconsideración del comportamiento de las oraciones valorativas dentro de la critica literaria)	Júlio Cabrera Alvarez
17/1981	Finitude e ideologia	Antônio Carlos Kroeff Soares
	A prática da educação e a reflexão crítica	Jayme Paviani
	Educação escolar hoje: submissão e privilégio	Marisa Virgínia Formolo Dalla Vecchia
	Necessidade de pensar a Educação	Maria Eugênia Turra Gastaldello
	Sondagem de aptidões e opção do aluno para 2º grau	Bertha Irma Sulzbach
18/1981	Concreto celular autoclavado a partir das cinzas volantes das termoelétricas do Rio Grande do Sul	José Luiz Piazza e Jorge Vergara Diaz
	Influência do revenido na deformação plástica de aços 8620 cimentados e temperados	Miguel Algel Nardelli e Francisco Catelli
	Análise fotocrimétrica de antomônio	N. M. R. Leygue Alba e M. H. Comerlato
	Determinação espectrofotométrica de molibdênio (V) com tiocianato na presença dos redutores cloreto estano e hidroxilamina e determinação direta em fase orgânica. (álcool amílico - benzeno)	N. M. R. Leygue Alba e J. W. Martins
	Extração líquido-líquido por fase única, estudo da separação de molibdênio com tiocianato e água-etanol-álcool amílico	N. M. R. Leygue Alba e J. W. Martins
19/1981	O general Alípio Virgílio di Primio e o serviço geográfico do Exército	Henrique Oscar Wiedersphan
	A penetração do capital urbano nas áreas rurais de Lageado Grande	Jane Maria de Lucena Perini
	O valor da terra em Caxias do Sul	Gracinda Clara Pereira Ramos
	O capital urbano e as zonas rurais	Irene Maria Leitão Damin
20/1980	Democracia, educação e literatura	Regina Zibermann
	O texto sequestrado	Donaldo Schüler
	O objeto estético e suas propriedades	Jayme Paviani
	O estudo de Letras no Brasil	José Clemente Pozenato
	Pozenato: lirismo e ironia	Dilá Vial Mincatto

	Bertholdo: a serviço da palavra	Cecília Dall'Alba
	Paviani: espírito e sobriedade	Ana Maria Bergossa e Cecília Dall'Alba
	Trentin: da solidão à euforia	Dilá Vial Mincatto
	Poetas do Rio Grande I - II - III e IV	Antônio Hohlfeldt
21/1986	Da inconstitucionalidade	Agostinho Oli Koppe Pereira
	A Lei dos registros públicos: histórico e importância do Código Civil Brasileiro	Antônio Charles S. Flores
	O "habeas corpus" e o mandato de segurança no Direito Brasileiro	Bolívar Pedrotti Melgaré
	Mudança no conceito de sanção: do Estado Liberal ao Estado Social	Clarice Mezzomo
	Constitucionalidade: vigência e eficácia dos Decretos Salariais	Cláudio Gilberto Aguiar Hoehr
	Apontamentos sobre a noção de Serviço Público	Luiz Carlos Souza Leal
	Considerações sobre a filiação e o reconhecimento dos filhos ilegítimos no Direito Brasileiro	Rubens Cantarini Guimarães
	Uma introdução ao estudo da criminologia	Marino Kury
22 n° 1/1989	Mito e Música - O que os gaúchos cantam?	Sérgio Ivan Gil Braga
	Holografia	Francisco Catelli
	A História da Modernidade Segundo Foucault	Francisco Ricardo Rüdiger
	Presença de Nietzsche no Pensamento Estético Contemporâneo	Ana Maria Spadari
	Ecologia, Macrociótica e o Câncer de Mama	Luiz Andreolla
	O Dicionarizante Indicionarizado	Normelio Zanotto
	Sem arrumação	José Clemente Pozenato
	So Long, really	Dhynarte de Borba e Albuquerque
22 n° 2/1989	Trabalho em Grupo: A Posição do Professor	Paulo Natalício Weschenfelder
	O Ensino Noturno em Busca de Identidade	Eunyce Maria Amoretti Zanoni
	O Escravo e o Processo de Produção	Lorraine Slomp Giron
	Reflexões Acerca do Método de Historiar a Arte	Naira Rossarolla Soares
	Aspectos da Teoria da Racionalidade em Habermas: (Das Categorias da Filosofia da Consciência ao Paradigma da Ação Comunicativa)	Delamar José Volpato Dutra
	Novas Leveduras para Uso Industrial	Juan L. Carrau
	Hiperprolactinemia Induzida por Medicamentos por Mecanismos Não Dopaminérgicos - Enfoque em Cimetidine	Mauro Sérgio Beiló Bertelli
	Perícias em Documentos: Determinação da Ordem Cronológica de Traços que se Cruzam	Carlos Guido da Silva Pereira
	Dimensões e Postura do Educador	José Carlos Monteiro e Graciela Ferré Monteiro
	Natação como Meio de Integração e Reabilitação do Deficiente Auditivo e Visual	Paulo Eugênio Gedoz de Carvalho
	Primavera	Carmen Faggion
	Velhas Paixões	Giselle Mantovani
23 n° 1/1990	Nutrição e Cirurgia	Francisco Juarez de Almeida

		Karkow, Lúcio André Cavinato e Silvana Cattani
	O Real Significado da Liquidez no Balanço Patrimonial	Eduardo Viecelli
	Gráficos Tridimensionais: Recurso Didático para o Ensino de Química	N. M. Rodrigo Leygue-Alba, Vânia Slaviero e Cláudio A. Perettoni
	O Registro Como Forma Preventiva de Direitos	Valdemar Pereira da Luz
	Contribuições Teórico-Metodológicas para o Estudo das Culturas Musicais do Brasil	Sérgio Ivan Gil Braga
	Isquemia Miocárdica Silenciosa: A Intrigante Inimiga Oculta	Francisco Michielin e Francisco Michielin Filho
	A Fixação de Preços	Lorides Tamagno
	O Pêndulo	Josemar Cortese da Silveira
23 n° 2/1990	Beleza e Complexidade: Fractais e o Conjunto de Mandelbrot	Cláudio Antônio Perettoni
	Perfil Ocupacional do Estudante de Engenharia da Universidade de Caxias do Sul	Roberto Itacyr Mandelli
	Risco Cirúrgico: Mortalidade Operatória	Francisco Juarez de Almeida Karkow, João da Risa Michelin, Lúcio André Cavinato e Silvana Cattani
	The Representation of Daughters in Greene's Fiction	Thomas Bonnici
	O Nascimento da História	Francisco Ricardo Rüdiger
	A Formação de Palavras: um Exemplo em Guimarães Rosa	Neires Maria Soldatelli Paviani
	Laboratório de Matemática	Angela Gomes Bortolotto, Marília de Azambuja Corsetti e Solange Galiotto Sartor
	O Estado Nutricional como Fator de Risco na Aquisição de Infecção Hospitalar em Pacientes Pediátricos	Oldemar Weber, Aderaldo Luiz Krause Chaves, Bernardo Dal Ponte Descovi, Élio José Freisleben e Mariliana Geimba de Lima
	Floração de Algumas Espécies Vegetais na Região da Encosta Superior do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul	Rubens Alberto Longhi
	Problemas da Filosofia da Matemática Kantiana	Darlei Dall'Agnol
	Influência da Repicagem em Mudas de <i>Hovenia dulcis</i> Thun. (uva-do-japão)	Léo Seger, Anarisa Fátima Caminatti, Raquel Ruffato e Silcia Adriana Gemin
	Movimento de Erradicação à Verminose - MEV - 89 Um estudo na comunidade do Bairro Cohab - Caxias do Sul	Barbara Catarina De Antoni Zoppas, Rute Terezinha da Silva Ribeiro, Ana Beatrís Saldanha Ramos Pereira, Balduino Luis Thomazi Júnior, Carlos Casagrande, Luciano Neto Santos, Luísa Helena Toss e Siluê Zanetti Franzoni
	Quando Lenin Virou Sino	Ary Nicodemos Trentin
	Porta sem Tranca	Julio Cesar de Almeida
24 n° 1/1991	Para Repensar o Socialismo	Giuseppe Staccone
	Pressupostos Filosóficos da Perestroika	Antonio Sidekum

	Liberdade: Necessidade Insubstituível	Loraine Slomp Giron
	História e Liberdade em Hegel e Marx	Delamar José Volpato Dutra
	Leste Europeu e Enfrentamento de Totalidades	Ricardo Timm de Souza
	Reflexões sobre a Perestroika	Paulo Luiz Zugno e José Carlos Monteiro
	Rimas de Petrarca	José Clemente Pozenato
24 n° 2/1991	O Bem-Estar Social e a Integração da América Latina	Jorge Gilberto Krug
	MERCOSUL - Uma Tentativa de Integração	Maria Conceição Abel Missel Machado
	Reflorestamento, Solo e Recursos Naturais Hídricos no Cone Sul	Leo Seger e Anarisa Fátima Carminatti
	Notas sobre o Processo de Integração no Cone Sul	Hoyêdo Nunes Lins
	O Escritor Latino Americano	José Clemente Pozenato
25 n° 1 e 2/1992	Decreto de Fundação da Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul	
	Decreto de Constituição da Universidade de Caxias do Sul	
	Depoimentos dos ex-Reitores da Universidade de Caxias do Sul	Virvi Ramos, Sérgio Almeida de Figueiredo, Ailton Santos Vargas, Abrelino Vicente Vazatta e João Luiz de Moraes
	Depoimento do Reitor da Universidade de Caxias do Sul	Ruy Pauletti
	Outros Depoimentos	Lino Casagrande, Valter Romeu Casara
	História da Revista CHRONOS	Jayme Paviani
	Relação dos Artigos Publicados na Revista CHRONOS	
26 n° 1 e 2/1993	Falseabilidade e Demarcação - Uma Introdução à Leitura da Lógica da Pesquisa Científica	Júlio Cesar R. Pereira
	Ciência e Mudança Conceitual: Notas Sobre Thomas Khun	Luiz Carlos Bombassaro
	A Ciência Entre Razão e História: Lakatos e a Proposta de um Novo Racionalismo	Luiz Carlos Bombassaro
	A Teoria da Identidade Funcional dos Estados Mentais e o Problema de Putnam	Luiz Milman
	O Método e os Modos Básicos de Conhecer	Jayme Paviani
	Sobre o Problema de Pesquisa	Sérgio Vasconcelos de Luna
	A Elaboração de Revisões de Literatura: Notas de Aula	Sérgio Vasconcelos de Luna
27 n° 1 e 2/1994	Ciência, Universidade e Sociedade ou Informações, Domesticação e Ativismo Rotineiro?	Silvio Paulo Botomé
	Conhecimento: Acesso e Acessibilidade	Fátima Jeanette Martinato
	Perguntar: Magia, Aprendizagem ou Ciência?	Lenita Binelli Catan
	Ciência, Universidade e Sociedade: Uma Relação Complexa e Delicada	Ivete Ana Schmitz Booth
	As relações entre Ciência, Universidade e Sociedade: O Papel da Linguagem	Vitalina Maria Frosi
	Universidade: Agência de Conhecimento ou Agência de Emprego	Neires Maria Soldatelli Paviani
	Prestação de Serviços como Extensão	Naira Rossarolla Soares

	Universitária: Problemas Conceituais e Possibilidades de Superação	
	O Ensino das Letras com Selo de Qualidade	Marcia Maria Cappellano dos Santos
28 n° 1/1995	O Ensino da Língua Portuguesa no Primeiro Ciclo: Avanços e Alternativas	Neires Maria Soldatelli Paviani
	Ensino de Línguas para Fins Específicos: o que É e como se Faz	Niura Maria Fontana
	Breve Incursão nas Relações entre Pensamento e Linguagem Verbais	Marcia Maria Cappellano dos Santos
	O Ensino Instrumental da Língua: uma Perspectiva Pedagógica	Marcia Maria Cappellano dos Santos
	Processos de Redução de Informação de Base Textual	Heloísa Pedroso de Moraes Feltes
	Estratégias Eficazes para Resumir	Niura Maria Fontana
	O Artigo Acadêmico: Notas Preliminares para Fins Pedagógicos	Niura Maria Fontana
	Língua Portuguesa Instrumental no Terceiro Grau: uma Descrição de Experiência	Adelaide Maria Martins, Andriane Teresinha Sartori e Isabel Maria Paese Pressanto
	A Expressão Oral como Conteúdo Programático em Língua Portuguesa Instrumental no Terceiro Grau: uma Sugestão Pedagógica	Walkyria Wetter Bernardes
28 n° 2/1995	Lógica e Existência	Antônio Carlos Kroeff Soares
	Formalização e intuição no contexto do conhecimento, do ensino e da atuação social	Eliana Maria do Sacramento Soares
	Introdução à teoria dos conjuntos difusos - Fuzzy sets	Eliana Maria do Sacramento Soares
	Regularity of submartingales	Oclide José Dotto
	Uma aplicação da álgebra linear: resolução de um sistema de equações polinomiais	Oclide José Dotto
	Regra dos sinais de Descartes	Oclide José Dotto
	As relações da matemática com outras áreas do conhecimento	Circe Mary Silva da Silva
	Sistema hierárquico de simulação matemática dos objetos tecnológicos	Vladimir A. Lounev
	Métodos de inteligência artificial no planejamento do processo auxiliado por computador	Vladimir A. Lounev
	Sistema de portas virtuais para ensaio de algoritmos	Alexandre Ermolaev e Delfim Torok
	Aquecimento controlado com gradiente térmico constante para tingimento dos produtos têxteis	Nikolai V. Belov
29 n° 1/1996	A mulher migrante e o trabalho	Loraine Slomp Giron - Heloísa D. Eberle Bergamaschi
	O percurso da re-significação de uma cultura	Corina Michelin Dotti
	Provérbios dialetais italianos	Vitalina Maria Frosi
	A vila operária de Galópolis	Vania Beatriz Merlotti Herédia
	O olhar do poder: A imigração italiana no RS, de 1875 a 1914, através dos Relatos Consulares	Luiza Horn Iotti
	A incorporação do trabalho feminino na indústria de Caxias do Sul - 1900/1950	Maria Abel Machado

	Itália: o elo rompido agora reatado	Maria Clara Mocellin
	O pronome Ético: uma característica dialetal	Neires Maria Soldatelli Paviani
	Diversidade na unidade: história e educação para os italianos de Bento Gonçalves	João Paulo Pooli
	A cultura da imigração italiana	Cleodes Maria Piazza Júlio Ribeiro
	Imigração Italiana, minha paixão de cada dia	Rovílio Costa
	20 nos de trabalhos sobre imigração italiana - uma retrospectiva	Luis Alberto de Boni
	Depoimento	Assunta de Paris
	De San Rocco di Tretto, uma longa caminhada	Mário Gardelin
	Preservar: uma antiga preocupação	Maria Clary Frigeri Horn
29 n° 2/1996	Processo ensino-aprendizagem: a construção dos saberes em Enfermagem	Roseana Medeiros
	O repensar pedagógico em Enfermagem de terceiro grau: as implicações da Neurofisiologia e da Neuropsicologia no processo ensino-aprendizagem	Roseana Medeiros
	Limites da atuação profissional do enfermeiro: "camisa de força" ou ponto de partida?	Nilva Lúcia Rech Stedile e Suzete Marchetto Claus
	Formação profissional na saúde: determinantes históricos, mudanças conceituais e perspectivas	Lenita Binelli Catan
	Prevenção em saúde: a terminologia utilizada e a distorção do conceito no exercício profissional	Nilva Lúcia Rech Stedile, José Rubens Rebelatto e Sílvio Paulo Botomé
	Dermatite irritativa de fraldas	Vânia Declair
	Ácidos graxos essenciais (AGE): protetor celular dos mecanismos agressivos da lesão hipóxica	Vânia Declair, Monica Piai Carmona e Joana Angelica Cruz
	Mecanismos das lesões celulares	Vânia Declair
30 n° 1/1997	Medida de desempenho ou avaliação da aprendizagem em um processo de ensino: práticas usuais e possibilidades de renovação	Sílvio Paulo Botomé e Luiz Antonio Rizzon
	Processo de avaliação e juízo reflexivo: a busca de critérios na sociabilidade humana	Jayme Paviani
	Processos comportamentais básicos em metodologia de pesquisa: da delimitação do problema à coleta de dados	Sílvio Paulo Botomé
	Integração dos processos comportamentais de intervir em situações e de produzir conhecimento, como objeto de estudo e como objetivo de intervenção profissional	Ana Lúcia Cortegoso, Antonio Carlos C. Tonca e Sílvio Paulo Botomé
30 n° 2/1997	Relação pedagógica: um espaço para a transformação	Olga Araujo Perazzolo e Siloe Pereira
	Fobia, neurose e fetichismo	Marília Martta Kuhn
	Pulsão: diferentes abordagens	Rosita Steves Lampert
	Problemas de aprendizagem: uma nova leitura	Siloe Pereira
	Sublimação: vicissitude ou derivação	Margane Stumpf Mazzochi
	Aprender: sempre é possível	Amélia Dolores Berti
	Uso da Metodologia Kohlberguiana na análise do desenvolvimento moral em	Karen Homsí Dâmaso e Maria Lucia Tiellet Nunes

	programa televisivo	
	Transtorno na aprendizagem: uma abordagem psicanalítica	Valesca Czamanski Nora
	A Psicologia e seu diálogo com a Filosofia da Ciência: uma difícil mas possível e necessária interação	Alice Maggi
31 n° 1/1998	E o Show não Pode Parar: o Velho Duelo entre a Tradição e a Contemporaneidade	Ana Elísia Costa
	Um Balanço do Urbanismo Contemporâneo no Brasil: de Curitiba ao Rio de Janeiro	Vicente del Rio
	Diretrizes Urbanísticas para os Conjuntos Urbanos Tombados de Belo Horizonte	Flávio de Lemos Carsalade e outros
	O Ateliê de Projeto como Laboratório de Arquitetura	Edson Mahfuz
	Recursos Minerais Utilizados na Construção Civil do Município de Caxias do Sul/RS: Estágio Atual do Conhecimento	Pedro Antonio Roehe Reginatto
	Limites Técnico-Científicos da Computação Gráfica Mainstream	Suely Fragoso
	A História da Arte e a Prática Interdisciplinar: Algumas Considerações Metodológicas	Naira Rossarolla Soares
	Arte como Técnica Social do Sentimento	Flávia Zambon Tronca
	Arte e Artesanato - Considerações Preliminares	Véra Stedile Zattera
31 n° 2/1998	Educação e Ciência no novo milênio: uma reflexão sobre suas condições de possibilidade	Ricardo Timm de Souza
	O cientista e a dúvida	Heliete Castilhos Karam
	A utopia de Wim Wenders no filme "O céu sobre Berlim"	Muriel Maia-Flickinger
	O que é comunicar e pensar? Aportes para uma dialética da alteridade	Sérgio A. Sardi
	Sentimento da situação: aspectos da constituição existencial do aí	Sonia Maria Maciel
	Hipótese da imortalidade da alma a partir de Platão	Aldo Francisco Migot
	Informatização de bibliotecas universitárias: subsídios para um sistema de acesso ao conhecimento disponível	Sílvio Paulo Botomé, Gelça R. L. Prestes, Antonio C. K. Soares
	Ecoturismo: uma revisão em torno da questão	Deise Mara Battirola e Vladimir Stolzenberg Torres
32 n° 1 e 2/1999	Universidade de Caxias do Sul - uma instituição forte e respeitada	Ruy Pauletti
	Administração acadêmica, um compromisso com o conhecimento e com a sociedade	Ruy Pauletti
	O conhecimento das línguas e culturas dos países-membros do Cone Sul, como elemento fundamental de integração	Luiz Antonio Rizzon
	Humanismo latino na cultura brasileira	Jayme Paviani
	A influência do humanismo latino na cultura brasileira: uma visão sociológica	Vania Beatriz Merloti Herédia
	Bilinguismo e variação linguística no ensino	Neires Maria Soldatelli Paviani
	Gêneros poéticos, estilo y verdad - banquete e república	Beltrán Rodríguez
	O descrédito da razão universal: a alternativa de Habermas	Carlos Eduardo da Cinha Pinent

33 n° 1/2000	Instrumentos de marketing à imagem da enfermeira	Ana Maria Dyniewicz
	Fitoterapia: uma alternativa para a saúde	Anileda Luiza Basso
	A prática semiológica em enfermagem: resgate conceitual	Anileda Luiza Basso - Maria Teresa Orizola de Ugarte
	Subsídios para o planejamento de ações de saúde em comunidade	Anileda Luiza Basso - Julia Teresa Barasuol Flores - Nilva Lúcia Rech Stedile
	O alcoolismo e sua relação sociocultural	Antonio Jacó Zanatta
	Ruídos hospitalares internos - causas e efeitos	Antonio Jacó Zanatta - Marice Michelin Boeira - Marly Ignês Missaglia - Elizete T. Schmidt Colognese - Elizângela Zago da Luz - Nívia Fernanda Nicola
	Home care (cuidado domiciliar)	Cleciane Doncatto Simsen
	Ferramentas analisadoras de processos de trabalho como condição de ensino na disciplina de administração aplicada à enfermagem	Flavia Raquel Rossi
	Acidentes na infância: importância e fatores de risco associados	Maria de Jesus Castro Sousa Harada
	A criança, a família, a equipe eo ambiente da unidade de cuidados intensivos pediátricos	Maria de Jesus Castro Sousa Harada - Mevilde da Luz Gonçalves Pedreira
	Violência doméstica contra a criança e o adolescente	Maria de Jesus Castro Sousa Harada
	Assistência ambulatorial interdisciplinar ao paciente hipertenso	Maria Teresa Ortizola de Ugarte
	Cuidados com lesões de pele	Patrícia Noronha - Maria Berra de Mello - Marice de Lima Michelin Boeira
33 n° 2/2000	Opressores e oprimidos: a questão do poder na América Latina	Lorraine Slomp Giron
	Literatura precolombiana - historia de un tesoro perdido	Milton Hernán Bentacor
	Fausto gauchesco: um motivo de prosa nos pagos do sul	Lisana Bertussi
	La literatura folclórica argentina	Alicia Lidia Cisca
	Black is beautiful: o processo de conscientização da mulher negra em Alice Walker	Giselle Mantovani
	Aspectos da imagística em Sula	Flávia Gisele Saretta
	Figuras femininas e literatura na imprensa sensacionalista carioca: 1954-1984	Anna Maria Barbará Pinheiro
	O dialogismo em São Bernardo	Flávia Brocchetto Ramos
	A ficção portuguesa pós-revolução: Cardoso Pires e José Saramago	Maria Luiza Ritzel Remédios
	Organização de um acervo literário: o caso Erico Veríssimo	Maria da Glória Bordini
	Literatura, história e sociedade na perspectiva do ensino	Ana Mariza Ribeiro Filipouski
	Literatura no ensino médio	Cecil Jeanine Albert Zinani
	A formação do profissional de letras	Maria da Glória Bordini
34 n° 1/2007	Discurso de posse	Isidoro Zorzi
	Carta-compromisso	Isidoro Zorzi
	Universidade, economia e sociedade: notas	Thomas Kesslerling

	sobre o desenvolvimento atual das universidades europeias	
	Os desafios da universidade comunitária	Jayme Paviani
	30 minutos que fazem a diferença	Jean El Andari
	Discursos de instalação da UCS	Dom Benedito Zorzi, Hermes Weber, Virvi Ramos
	Fatos e Pessoas: Os primeiros passos da Universidade de Caxias do Sul	Luiz Carlos Sturtz

### 3. Revista CHRONOS: Categorias

<b>Revista CHRONOS: Volume/ Pertencimento</b>	<b>Data</b>	<b>Categorias</b>
Volume1 número 1 Revista da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras	Janeiro 1967	Universidade UCS Educação Filosofia Noticias
Volume2 número 2 Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Caxias do Sul	Janeiro1968	Educação Filosofia Área de humanas Notícias
Suplemento Chronos 1 Universidade de Caxias do Sul Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Subsídios para um estudo do mercado de trabalho do magistério do ensino médio Região Nordeste do RS	1969	Educação
Volume 3 Número 3 Revista do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Caxias do Sul	Janeiro 1970	UCS Filosofia Área de humanas Noticias
Ano IV Número 4 Revista do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Caxias do Sul	1971	Universidade UCS Educação Área de Humanas Área de Exatas
Ano V Revista da Universidade de Caxias do Sul Número 5	1973	Universidade UCS Área de Humanas
Ano VI Revista da Universidade de Caxias do Sul Número 6	1974	Universidade Área de Humanas
Ano VII Revista da Universidade de Caxias do Sul Número 7	1975	Universidade UCS Filosofia Área da Saúde Área de Ciências Jurídicas Área de Humanas
Ano VIII Revista da Universidade de Caxias do Sul Número 8	1976	Ciências Jurídicas Filosofia
Ano IX Revista da Universidade de Caxias do Sul Número 9	Mai 1977	Turismo
Ano VIII Revista da Universidade de Caxias do Sul Número 10	Agosto 1977	Literatura
Ano VIII Revista da Universidade de Caxias do Sul Número 11	Dezembro 1977	UCS Educação

		Área de Humanas
Ano IX Revista da Universidade de Caxias do Sul Número 12	Dezembro 1978	Área de Humanas
Ano X Revista da Universidade de Caxias do Sul Número 13	1979	UCS Área de Humanas
Número 14 Revista da Universidade de Caxias do Sul	Agosto 1980	Área de Humanas
Número 15 Revista da Universidade de Caxias do Sul	Dezembro 1980	Área da Saúde
Número 16 Revista da Universidade de Caxias do Sul	Março 1981	Área Exata Área Humana
Ano 15 Número 17 CHRONOS	Maio 1981	Filosofia Educação
Ano 15 Revista da Universidade de Caxias do Sul Número 18	Agosto 1981	Área Exatas
Ano 15 Revista da Universidade de Caxias do Sul Número 19	Dezembro 1981	Área Humanas
Número 20 Revista da Universidade de Caxias do Sul	Março 1980	Filosofia Educação
Número 21 Revista da Universidade de Caxias do Sul	Abril 1986	Ciências Jurídicas
Número 22 Revista da Universidade de Caxias do Sul - Volume 1	Jan-Jun/1989	Filosofia
Número 22 Revista da Universidade de Caxias do Sul - Volume 2	Jul-Dez/1989	Educação Área de Humanas
Número 23 Revista da Universidade de Caxias do Sul - Volume 1	Jan-Jun/1990	Área da Saúde Área Exatas Área Humanas
Número 23 Revista da Universidade de Caxias do Sul - Volume 2	Jul-Dez/1990	UCS Área saúde
Volume 24 Revista da Universidade de Caxias do Sul - Número 1	Jan-Jun/1991	Área Humanas
Volume 24 Revista da Universidade de Caxias do Sul - Número 2	Jul-Dez/1991	Área humanas
Volume 25 Revista da Universidade de Caxias do Sul - Número 1 e 2	Jan- Dez/1992	UCS
Volume 26 Revista da Universidade de Caxias do Sul	Jan- Dez/1993	Filosofia Educação
Volume 27	Jan- Dez/1994	Universidade UCS
Volume 28 Revista da Universidade de Caxias do Sul	Jan-Jun/1995	Área de Humanas – Língua Portuguesa
Volume 28 Revista da Universidade de Caxias do Sul	Jul-Dez/1995	Área Exatas – Ciências e Tecnologias
Número 29 Revista da Universidade de Caxias do Sul	Jan-Jun/1996	Área de Humanas
Volume 29 Revista da Universidade de Caxias do Sul	Jul-Dez/1996	Área da Saúde
Volume 30 Revista da Universidade de Caxias do Sul	Jan-Jun/1997	Educação
Volume 30 Revista da Universidade de Caxias do Sul	Jul-Dez/1997	Educação Psicologia
Volume 31 Revista da Universidade de Caxias do Sul	Jan-Jun/1998	Área de Exatas – arquitetura
Volume 31 Revista da Universidade de Caxias do Sul	Jul-Dez/1998	Educação Filosofia Área de Humanas

Volume 32 Revista da Universidade de Caxias do Sul	Jan-Dez/1999	Universidade Filosofia Área de Humanas
Volume 33 Revista da Universidade de Caxias do Sul	Jan-Jun/2000	Área da Saúde
Volume 33 Revista da Universidade de Caxias do Sul	Jul-Dez/2000	Área de Humanas
Volume 34 CHRONOS	Jan-Jun/2007	Universidade UCS

Fonte: Revista CHRONOS (1967 – 2007).

#### **Cursos criados na UCS/Caxias do Sul (1988 – 2010)**

Arquitetura e Urbanismo	4/3/1996
Artes Visuais	1/3/2007
Artes Visuais	3/1/2011
Artes Visuais (REGESD)	20/8/2008
Automação Industrial	3/1/2010
Automatização Industrial	5/8/1991
Ciência da Computação	7/8/2000
Ciências Biológicas - Licenciatura	8/1/2011
Ciências Biológicas (REGESD)	20/9/2008
Ciências Contábeis, vespertino	25/2/2002
Ciências, Física	8/8/1988
Com. Social, Publicidade e Propaganda	2/8/1999
Comércio Exterior	3/9/1992
Comércio Internacional	3/3/2008
Computação	5/8/2002
Comunicação Social, Jornalismo	9/3/1992
Design	3/1/2010
Design de Moda	3/9/1991
Design de Moda	3/1/2011
Educação Física	25/2/2002
Eletrônica Industrial	8/2/2010
Engenharia Ambiental	28/2/2000
Engenharia Civil	3/1/2010
Engenharia de Alimentos	1/3/2001
Engenharia de Controle e Automação	1/3/2007
Engenharia de Materiais	24/3/2003
Engenharia de Produção	28/2/2000
Engenharia Mecânica	4/8/2008
Espanhol	8/1/2011
Farmácia	28/2/2000
Fisioterapia	1/3/2011
Formação Pedagógica	1/3/2004
Formação Pedagógica	2/3/2009
Formação Pedagógica	2/3/2009

Formação Pedagógica	3/8/1998
Fotografia	8/2/2010
Geografia (REGESD)	20/9/2008
Gestão Comercial	8/2/2010
Gestão Comercial	9/11/2010
Gestão da Qualidade	8/1/2011
Gestão de Recursos Humanos	8/2/2010
Gestão de Recursos Humanos	9/11/2010
Gestão Financeira	8/2/2010
Gestão Financeira	9/11/2010
Inglês	8/2/2010
Letras Espanhol	5/5/1997
Letras Inglês	20/9/2008
Letras Italiano	2/8/1999
Letras Português	3/1/2000
Letras Português	4/8/2008
Logística	9/11/2010
Marketing	8/2/2010
Marketing	9/11/2010
Matemática	3/1/2000
Matemática	5/3/1990
Matemática	19/12/2008
Moda e Estilo	9/3/1992
Música	3/1/2010
Negócios Imobiliários	3/1/2011
Nutrição	2/8/2004
Pedag. Mag. Ed.Infant. e MSIEF, EAD	10/6/2006
Pedag. Mag. Ed.Infant., Educ. Distân.	21/5/2005
Pedag. Mag. MPEMéd. e MSIEFund.	3/4/1991
Pedag. Mag. Series Iniciais Ens. Fundamental	3/1/2000
Pedag. Mag. Series Iniciais Ens. Fundamental	13/5/2004
Pedagogia Magistério da Educação Infantil	2/8/1999
Pedagogia	6/8/2007
Pedagogia	8/1/2011
Pedagogia, Licenciatura	1/3/2007
Pedagogia, Licenciatura	6/8/2007
Polímeros	4/3/1996
Processos Gerenciais	9/11/2010
Processos Gerenciais (MPE)	8/2/2010
Processos Gerenciais (MPE)	9/11/2010
Química	2/8/1999
Química (ênfase em Química Industrial)	3/1/2011
Secretariado	3/1/2010
Secretário Executivo Bilíngüe	5/3/1990
Sistemas de Informação	4/8/2003

Sociologia	8/2/2010
Tecnologias Digitais	28/2/2005

#### **Cursos criados na UCS/Antônio Prado – EAD**

Pedagogia	6/8/2007
Pedag. Mag. Ed.Infant. e MSIEF, EAD	10/6/2006
Pedag. Mag. Series Iniciais Ens. Fundamental	13/5/2004
Pedag. Mag. Ed.Infant., Educ. Distân.	21/5/2005

#### **Cursos criados na UCS/Bento Gonçalves**

Administração	3/1/1993
Ciências Biológicas	1/3/2006
Ciências Contábeis	7/3/1994
Ciências Econômicas	7/3/1994
Ciências, Biologia	2/3/1998
Ciências, Matemática	2/3/1998
Comércio Exterior	8/4/2003
Comércio Internacional	3/3/2008
Design	3/1/2010
Design de Produto	1/3/2001
Design Gráfico	1/3/2007
Direito	2/8/1993
Educação Física	1/3/2007
Engenharia de Produção	25/2/2002
Engenharia Elétrica	24/2/2003
Engenharia Eletrônica	8/2/2010
Engenharia Mecânica	1/3/2006
Geografia	25/2/2002
Geografia – Bacharelado	3/1/2011
Geografia (REGESD)	20/9/2008
Gestão Comercial	9/11/2010
Gestão de Recursos Humanos	9/11/2010
Gestão Financeira	9/11/2010
Letras Inglês	20/9/2008
Letras Português	7/3/1994
Logística	9/11/2010
Marketing	9/11/2010
Matemática	19/12/2008
Pedag. Mag. Ed.Infant. e MSIEF, EAD	10/6/2006
Pedag. Mag. Ed.Infant., Educ. Distân.	21/5/2005
Pedag. Mag. MPEMéd. e MSIEFund.	2/3/1998
Pedag. Mag. Series Iniciais Ens. Fundamental	1/3/1993
Pedagogogia Magistério da Educação Infantil	28/2/2005
Pedagogia	6/8/2007
Pedagogia, Licenciatura	1/3/2007

Processamento de Dados	6/3/1995
Processos Gerenciais	9/11/2010
Processos Gerenciais (MPE)	9/11/2010
Produção Moveleira	8/8/1994
Sistemas de Informação	25/2/2002
Turismo	7/8/2000

#### **Cursos criados na UCS/Canela**

Administração	8/4/1997
Análise e Desenvolvimento de Sistemas	4/8/2003
Ciências Contábeis	3/1/2011
Direito	28/2/2000
Eventos	3/1/2011
Gestão Comercial	9/11/2010
Gestão de Recursos Humanos	9/11/2010
Gestão Financeira	9/11/2010
História	2/8/1999
Hotelaria	1/3/2006
Letras Português	2/3/1998
Logística	9/11/2010
Marketing	9/11/2010
Matemática	2/8/1999
Pedag. Mag. Ed. Infant. e MSIEF, EAD	10/6/2006
Pedag. Mag. Ed. Infant., Educ. Distân.	21/5/2005
Pedag. Mag. Series Iniciais Ens. Fundamental	13/5/2004
Pedagogia Magistério da Educação Infantil	20/10/2000
Pedagogia	6/8/2007
Processos Gerenciais	9/11/2010
Processos Gerenciais (MPE)	9/11/2010
Turismo	7/3/1994

#### **Cursos criados na UCS/Farroupilha**

Administração	8/2/1993
Comércio Exterior	8/2/1993
Gestão de Recursos Humanos	3/1/2011
Estudos Sociais	1/2/1994
Pedag. Mag. Series Iniciais Ens. Fundamental	1/3/1999
Direito	1/3/2004
Ciências Contábeis	3/3/1997
Análise e Desenvolvimento de Sistemas	4/8/2003
Letras Espanhol	6/8/2007
Processamento de Dados	7/8/1995
História	15/7/1997
Letras Português	28/2/2000

**Cursos criados na UCS/Guaporé**

Administração	3/1/2004
Ciências Contábeis	2/8/1993
Direito	4/8/1997
Gestão Comercial	9/11/2010
Gestão de Recursos Humanos	9/11/2010
Gestão Financeira	9/11/2010
Logística	9/11/2010
Marketing	9/11/2010
Matemática	19/12/2008
Pedag. Mag. Ed.Infant. e MSIEF, EAD	10/6/2006
Pedag. Mag. Ed.Infant., Educ. Distân.	21/5/2005
Pedag. Mag. Series Iniciais Ens. Fundamental	1/3/1999
Pedag. Mag. Series Iniciais Ens. Fundamental	13/5/2004
Pedagogia	6/8/2007
Processamento de Dados	6/3/1995
Processos Gerenciais	9/11/2010
Processos Gerenciais (MPE)	9/11/2010
Produção Joalheira	24/2/2003

**Cursos criados na UCS/Montenegro – EAD**

Pedagogia	6/8/2007
Pedag. Mag. Ed.Infant. e MSIEF, EAD	10/6/2006
Pedag. Mag. Series Iniciais Ens. Fundamental	13/5/2004
Pedag. Mag. Ed.Infant., Educ. Distân.	21/5/2005

**Cursos criados na UCS/Nova Prata**

Administração	3/7/1994
Ciências Contábeis	1/3/2004
Direito	17/8/2009
Gestão Comercial	9/11/2010
Gestão de Recursos Humanos	9/11/2010
Gestão Financeira	9/11/2010
Letras Português	13/8/2001
Logística	9/11/2010
Marketing	9/11/2010
Pedag. Mag. Ed.Infant. e MSIEF, EAD	10/6/2006
Pedag. Mag. MPEMéd. e Super. Escol.	2/8/1993
Pedag. Mag. Series Iniciais Ens. Fundamental	1/3/1999
Pedag. Mag. Series Iniciais Ens. Fundamental	10/10/2000
Pedagogia	6/8/2007
Processos Gerenciais	9/11/2010
Processos Gerenciais (MPE)	9/11/2010

**Cursos criados na UCS/Porto Alegre – EAD**

Gestão Comercial	9/11/2010
Gestão de Recursos Humanos	9/11/2010
Gestão Financeira	9/11/2010
Logística	9/11/2010
Marketing	9/11/2010
Processos Gerenciais	9/11/2010
Processos Gerenciais (MPE)	9/11/2010

#### **Cursos criados na UCS/São Sebastião do Caí**

Gestão Comercial	9/11/2010
Administração	8/7/2000
Ciências Contábeis	3/3/2008
Direito	1/3/2007
Gestão de Recursos Humanos	9/11/2010
Gestão Financeira	9/11/2010
Letras Portugêses	13/8/2001
Logística	9/11/2010
Marketing	9/11/2010
Matemática	7/8/2000
Matemática	19/12/2008
Pedag. Mag. Ed. Infant. e MSIEF, EAD	10/6/2006
Pedag. Mag. Ed. Infant., Educ. Distância	21/5/2005
Pedag. Mag. Series Iniciais Ens. Fundamental	13/5/2004
Pedagogia	8/1/2011
Pedagogia	6/8/2007
Processos Gerenciais	9/11/2010
Processos Gerenciais (MPE)	9/11/2010

#### **Cursos criados na UCS/São Marcos – EAD**

Pedagogia	6/8/2007
Pedag. Mag. Ed. Infant. e MSIEF, EAD	10/6/2006
Pedag. Mag. Ed. Infant., Educ. Distância	21/5/2005
Pedag. Mag. Series Iniciais Ens. Fundamental	13/5/2004

#### **Cursos criados na UCS/Terra de Areia –EAD**

Pedagogia	6/8/2007
Artes Visuais (REGESD)	20/9/2008
Pedag. Mag. Ed. Infant. e MSIEF, EAD	10/6/2006
Pedag. Mag. Ed. Infant., Educ. Distância	21/5/2005
Pedag. Mag. Series Iniciais Ens. Fundamental	21/5/2005

#### **Cursos criados na UCS/Vacaria**

História	7/1/1993
Administração	3/6/1995
Ciências Contábeis	3/3/1997

Ciências, Biologia	15/1/2001
Ciências, Matemática	20/4/2001
Direito	4/3/1991
Educação Física	28/2/2005
Enfermagem	3/1/2010
Filosofia, Licenciatura	3/3/2008
Fruticultura Clima Temperado	2/8/1993
Gestão Comercial	9/11/2010
Gestão de Recursos Humanos	9/11/2010
Gestão Financeira	9/11/2010
Letras Português	4/8/2008
Logística	9/11/2010
Marketing	9/11/2010
Matemática	19/12/2008
Matemática	20/10/2000
Pedag. Mag. Ed. Infant. e MSIEF, EAD	10/6/2006
Pedag. Mag. Ed. Infant., Educ. Distância	21/5/2005
Pedag. Mag. MPEMéd. e MSIEFund.	2/8/1993
Pedag. Mag. Series Iniciais Ens. Fundamental	20/10/2000
Pedagogia Magistério da Educação Infantil	2/8/1999
Pedagogia	6/8/2007
Pedagogia, Licenciatura	1/3/2007
Processamento de Dados, Tecn.	6/3/1995
Processos Gerenciais	9/11/2010
Processos Gerenciais (MPE)	9/11/2010
Serviço Social	3/1/2011
Sistemas de Informação	1/3/2001

#### **Cursos criados na UCS/Veranópolis**

Enfermagem	8/2/2010
Gestão Comercial	9/11/2010
Gestão de Recursos Humanos	9/11/2010
Gestão Financeira	9/11/2010
História	1/3/2004
Horticultura	4/3/1996
Letras Português	2/8/2004
Logística	9/11/2010